



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Myllena Araujo Gomes

**Entre Mapas e Mundos Virados:
O olhar fotográfico do jovem morador da Baixada Fluminense**

Duque de Caxias

2021

Myllena Araujo Gomes

**Entre Mapas e Mundos Virados:
O olhar fotográfico do jovem morador da Baixada Fluminense**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção ao título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Leticia de Luna Freire

Duque de Caxias

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CEH/C

G633 Gomes, Myllena Araujo
Tese Entre Mapas e Mundos Virados: o olhar fotográfico do jovem morador da
Baixada Fluminense / Myllena Araujo Gomes – 2021.
240 p.; Il.

Orientadora: Leticia de Luna Freire

Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de
Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Fotografia – Baixada Fluminense (RJ) - Teses. 2. Jovens – Aspectos sociais -
Teses. I. Freire, Leticia de Luna. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. II. Título

CDU 77(815.3)

Bibliotecária: Lucia Andrade CRB 7 /5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Myllena Araujo Gomes

**Entre Mapas e Mundos Virados:
O olhar fotográfico do jovem morador da Baixada Fluminense**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas.

Data de aprovação: 16 de Dezembro de 2021.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Leticia de Luna Freire (Orientadora)
Faculdade de Educação – UERJ

Prof.^a Dra. Ana Paula Alves Ribeiro
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof. Dr. Felipe Berocan Veiga
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dra. Maria Cristina Miranda da Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Duque de Caxias

2021

DEDICATÓRIA

Com todo o meu amor, dedicado à memória de minha irmã Karyna Araujo Gomes.

AGRADECIMENTOS

Demorei desenvolver o texto por medo de esquecer alguém em especial, logo, começo desde já me desculpando com você que fez e faz parte da história da minha vida e não teve o seu nome diretamente citado, deixo aqui o meu muito obrigada!

Uma pesquisa nunca é feita de forma isolada e individual, por aqui tive vários braços me apoiando e acreditando na potência do presente trabalho. Durante o meu processo de escrita, fui percebendo onde estavam os pilares para que hoje esse projeto pudesse estar aqui sendo apresentado de forma estruturada, por isso, não poderia deixar de iniciar agradecendo ao meu primeiro professor de artes, Leandro Souza, incentivador e entusiasta da arte-educação que provocou em mim a gana de ver, ler e produzir imagens ainda na antiga sétima série, já são mais de 10 anos dizendo obrigada, obrigada e obrigada!

Agradeço imensamente todos os projetos e cursos gratuitos que cursei e ainda curso, em especial a ONG Spectaculu nas pessoas de Carla Vilardo, Wallace Cardia, Daniel Evangelista, Anita Sobar, Luiz Lima e Gringo Cardia, obrigada pelas oportunidades e por se dedicarem em promover possibilidades de mundos através da arte para tantos outros jovens.

Agradeço também a Claudia Elias, professora de fotografia que tive a honra de ser monitora na UFRJ, obrigada por compartilhar tanto saber, obrigada pela sua generosidade e amizade, você é parte disso. Ainda falando de pessoas que marcaram minha jornada enquanto aluna da graduação, não posso deixar de agradecer aos meus queridos colegas de trabalho da Coordenadoria de Comunicação da UFRJ - COORDCOM, ao Alexandre que me contratou como fotógrafa, possibilitando um saber fotojornalístico na prática e possibilitando também a minha permanência na universidade. Agradeço imensamente os anos que passei como bolsista do projeto Investigações Fotográficas, nas figuras das queridas professoras e amigas Maria Cristina Miranda e Verônica Soares, vocês me ensinaram o que é extensão universitária, como se planeja um projeto, como submeter propostas em editais, como trabalhar com diversos públicos, como pesquisar e escrever um artigo, como conduzir um curso, enfim, como ser professora. Isso não tem preço! Minha total admiração à vocês e vida longa, sempre!

Uma peça fundamental para me fazer entender que eu tinha um pré projeto em andamento se fez presente na pessoa de Iris Barcelos, deixo aqui registrado o meu muito obrigada por todo apoio motivacional, emocional, braçal, financeiro e intelectual que você se propôs a fazer acreditando no projeto e na minha pessoa. O fato da minha classificação para

cursar o mestrado ter acontecido logo após eu me formar na graduação tem muito do seu investimento, muito obrigada por me proporcionar isso.

Partindo para os agradecimentos de pessoas que estiveram participando ativamente durante meu processo de pesquisa no mestrado, inicio agradecendo ao Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, que abriu as portas para a minha pesquisa e me acolheu com muita parceria e afeto. Me ver estudando em Duque de Caxias, realizando uma pesquisa sobre a Baixada Fluminense com os meus foi extremamente gratificante, me sinto parte de uma conquista muito maior.

Agradeço imensamente aos jovens que aceitaram e compraram a minha primeira implementação no campo, meus queridos vizinhos e parentes, as crianças que eu vi crescer ali na rua estão enormes e colaboraram de uma forma linda com o projeto, muito obrigada pela disponibilidade e empenho, recorrer para o meu lar e ser recebida por vocês foi muito especial. Agradeço também a minha querida colega de trabalho, professora do CAP-UFRJ Ana Luiza Faro, que em uma conversa de corredor me presenteou com a maior riqueza que um pesquisador em processo de inserção no campo pode ter: um contato! Obrigada por me ouvir e lembrar do seu sobrinho, articulador cultural de Jardim Primavera, essa troca fez toda a minha pesquisa se desdobrar! Muito obrigada!

E isso me leva a agradecer ao jovem Fabrício que me apresentou a batalha de MCs e as rodas culturais de rima que acontecem nas praças públicas da Baixada que também me apresentou ao projeto de Movimento Jovem de Políticas Públicas e a pessoa da Dayse que encaminha esse projeto de forma maravilhosa e que de certa forma me colocou de volta para o projeto Luar, ONG que fiz parte ao longo da infância, foi uma honra estar agora enquanto pesquisadora contribuindo com a população jovem do meu bairro, conexões fabulosas que a pesquisa me proporcionou, muito obrigada pela colaboração de todos vocês.

Dentro do processo de pesquisa e escrita a gente recebe muitos conselhos, ouve histórias, depoimentos, palavras de incentivo e de pesar também, gostaria de agradecer a paciência da querida Camila Franquini, professora de Letras que além de me acalmar nos momentos iniciais da escrita, me deu uma dica de ouro que deixo aqui registrado para a posteridade: “Quando você interromper sua escrita, nunca termine ou conclua a frase/pensamento. Deixe sempre em aberto para que assim você consiga voltar com mais facilidade.” E assim eu fiz ao longo da minha jornada, só posso te agradecer.

Entrando no contexto em que a pesquisa precisou se adequar aos moldes do isolamento social, agradeço ao Fundo Municipal de Cultura de Duque de Caxias que propôs através de um edital um caminho para repensar a minha abordagem e desenvolver os

encontros a partir do virtual. Ter sido aprovada no Prêmio Paulo Ramos deu o gás necessário para continuar. Agradeço também aos encontros virtuais que realizei a partir de então, neste primeiro momento, agradeço especialmente à jovem Emanuelle que esteve presente durante todos nos encontros, colaborando imensamente para a pesquisa. Agradeço a feliz troca que foi estabelecida com o Coletivo Baixada Cruel, onde as jovens Esther e Gisele mobilizaram de forma voluntária pessoas interessadas em participar. Trocamos saberes, imagens, depoimentos e momentos especiais ao longo dos encontros. Agradeço também ao parceiro Daniel Marins, fotógrafo e professor de iluminação que se propôs a contribuir com a pesquisa e principalmente com os jovens interessados em ouvir e aprender mais sobre fotografia.

Mais uma vez gostaria de enfatizar o meu agradecimento ao programa de mestrado que possibilitou realizar a presente pesquisa, em especial a minha orientadora Prof^a. Leticia de Luna Freire, uma profissional super competente e dedicada em promover aos seus orientandos a melhor experiência possível dentro do mestrado, sempre me aconselhando, desde a nossa primeira conversa, fomos caminhando juntas, superando diversos obstáculos, perdas pessoais e profissionais que não nos deixaram sucumbir. Agradeço e admiro demais sua força e sua calma para conduzir tudo, muito obrigada! Agradeço também a professora Ana Paula Alves Ribeiro, que eu tive a felicidade de ser aluna ao longo do curso e também a honra de ter minha pesquisa lida e avaliada por um olhar tão atento e doce para direcionar, muito obrigada! Agradeço também ao professor Felipe Berocan que contribuiu demais para a minha pesquisa com autores e referências dentro da pesquisa na fotografia de rua, seu olhar foi valioso para a construção deste trabalho, muito obrigada.

Por fim, não menos importante, agradeço imensamente meus pais, Deraldo Araujo Gomes e Mirian Araujo Gomes, que mesmo sem entenderem a dimensão e a imersão que eu precisava para concluir o trabalho, foram e são peças fundamentais na minha vida e na minha pesquisa, agradeço por cada copo de água, suco, prato de almoço, biscoito e chocolate colocado na mesa enquanto eu me debruçava na escrita. Sem vocês eu não seria.

Agradeço às minhas irmãs, Rafaela e Elisa por me resgatarem da tela, por me lembrarem que existia um mundo acontecendo lá fora e que tinham duas crianças em casa precisando de carinho e cavalinho. Obrigada por me lembrarem que eu não sou apenas a irmã adulta que só estuda e trabalha, mas que eu sou a irmã de vocês e que a gente tem que brincar também. Eu amo muito vocês e é por vocês que eu tanto estudo, tanto trabalho e tanto me dedico. No mais, deixo registrado que essa dissertação foi construída à base de muito Fofura, Torcida, amendoim, Guaravita, chiclete e chocolate, nada patrocinado, espero ter saúde para continuar pesquisando depois de altas doses de combustível alimentício sintético.

A arte não reproduz o visível, mas torna visível.

Paul Klee

RESUMO

ARAÚJO, Myllena. **Entre Mapas e Mundos Virados: o olhar fotográfico do jovem morador da Baixada Fluminense**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2021.

A presente pesquisa buscou, a partir da fotografia, dialogar com jovens moradores da Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro, sobre suas vivências, saberes e desejos de mundo enquanto habitantes de periferias urbanas. A proposta se desenvolve diante de proposições semanais apresentadas para o grupo interessado em conhecer mais sobre fotografia, a metodologia dialoga com o conceito de Abordagem Triangular da artista-educadora e pesquisadora Ana Mae Barbosa, que no contexto do ensino de artes visuais, tem como pilar a tríade da observação, contextualização e prática artística. A partir dos encontros, das trocas e das análises de obras de grandes nomes da história da fotografia nacional e mundial, além de projetar e refletir sobre a realidade na qual os jovens estão inseridos, foi possível obter registros imagéticos e relatos que, a cada encontro, abordaram uma temática com o objetivo de direcionar semelhanças, contextos e vivências entre os que ali estavam se propondo observar o bairro, a cidade e o seu próprio deslocamento. Diante da atenção para o olhar, mundos e possibilidades, suas falas foram se tornando campo de investigação e potência, o sentimento de não pertencimento enquanto corpo dissonante gerou raiva, desconforto e orgulho. Odiar aquilo que se vive e amar aquilo que se é enquanto corpo que atravessa fronteiras e barreiras, físicas e sociais, é o que constitui ser e estar na Baixada Fluminense, e no final, é o que fica na fotografia.

Palavras-chave: Baixada Fluminense. Jovens. Fotografia. Pertencimento. Periferia.

RESUMEN

ARAUJO, Myllena. **Entre mapas y mundos convertidos:** la mirada fotográfica del joven vecino de la Baixada Fluminense. 2021. Disertación (Maestría en Educación, Cultura y Comunicación) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2021.

La presente investigación buscó, a través de la fotografía, dialogar con jóvenes residentes de la Baixada Fluminense, región metropolitana de Río de Janeiro, sobre sus vivencias, conocimientos y deseos del mundo como habitantes de las periferias urbanas. La propuesta se desarrolla a partir de propuestas semanales presentadas al grupo interesado en conocer más sobre fotografía, la metodología dialoga con el concepto de Enfoque Triangular de la artista-educadora e investigadora Ana Mae Barbosa, quien en el contexto de la enseñanza de las artes visuales, tiene como pilar la tríada de observación, contextualización y práctica artística. A partir de los encuentros, intercambios y análisis de obras de grandes nombres de la historia de la fotografía nacional y mundial, además de proyectar y reflexionar sobre la realidad en la que se insertan los jóvenes, fue posible obtener registros e informes de imágenes que, en cada encuentro, abordó un tema con el objetivo de orientar similitudes, contextos y vivencias entre quienes se encontraban allí con la intención de observar el barrio, la ciudad y su propio desplazamiento. Frente a la atención a la mirada, los mundos y las posibilidades, sus discursos se convirtieron en un campo de investigación y potencia, el sentimiento de no pertenencia como cuerpo disonante generaba rabia, malestar y orgullo. Odiar lo que vives y amar lo que eres como un cuerpo que traspasa fronteras y barreras, físicas y sociales, es lo que constituye el ser y el ser en la Baixada Fluminense, y al final, es lo que queda en la fotografía.

Palabras clave: Baixada Fluminense. Joven. Fotografía. Pertenencia. Periferia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Primeiro registro do Bairro: Feira da Rua 2.....	16
Figura 2 - Distância entre minha residência e os projetos no bairro de Jardim Primavera.....	18
Figura 3 - Distância entre minha residência e o Programa de Democratização da Informática.....	19
Figura 4 - Distância entre minha residência e a FUNDEC Parque Beira Mar.	21
Figura 5 - Distância entre minha residência e a ONG Spectaculu.....	22
Figura 6 - Distância entre minha residência e a Universidade.	23
Figura 7 - Percurso.....	24
Figura 8 - Transitu.....	27
Figura 9 - O Mundo Virado na Praça da Rua 2, Jardim Primavera.	29
Figura 10 - O Mundo Virado na Praça do Pacificador, Duque de Caxias	29
Figura 11 - O Mundo Virado na Aldeia Ipatse, Mato Grosso.....	30
Figura 12 - Diário visual de mapas afetivos aos domingos.	32
Figura 13 - Construção de mapa afetivo.....	32
Figura 14 - Mapa afetivo da Aldeia Ipatse, Xingu.....	32
Figura 15 - Mapa da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.....	39
Figura 16 - Mapa Regiões Turísticas do Rio de Janeiro.....	41
Figura 17 - Caminhos de casa.....	42
Figura 18 - Piquenique no "Morrão".....	43
Figura 19 - Subida da rua Maturim.....	45
Figura 20 - Descida da Maturin.....	45
Figura 21 - Mapa afetivo dos jovens.....	58
Figura 22 - Ocupação da rua.....	60
Figura 23 - Desânimo, 1990.....	61
Figura 24 - Dorminhocos: Córdoba, Espanha, 1935.....	62
Figura 25 - Cocheiro e seu tálburi, 1931.....	63
Figura 26 - Paraty, 2011.	64
Figura 27 - Sombra de Eduardo	66

Figura 28 - Sombra de Raissa.....	67
Figura 29 - Caos de Estefane	68
Figura 30 - Caos de Gabrielle	69
Figura 31 - Batalha de MC's da Rua 2	70
Figura 32 - Jovens da batalha de MC's da Rua 2.....	72
Figura 33 - Reunião MJPOP	73
Figura 34 - Desenho coletivo, Rio de Janeiro.....	87
Figura 35 - Desenho coletivo, Duque de Caxias.....	88
Figura 36 - Pixinguinha e seu saxofone.....	90
Figura 37 - Relacionando as palavras.....	91
Figura 38 - A bicicleta	92
Figura 39 - Lugar no mundo.....	93
Figura 40 - Demarcando um lugar no mundo	94
Figura 41 - Nuvem de palavras	96
Figura 42 - Recordação	97
Figura 43 - Lembrança.....	98
Figura 44 - Encantamento	99
Figura 45 - Momento	100
Figura 46 - Som	101
Figura 47 - Corpo em deslocamento.....	103
Figura 48 - Praça do Pacificador.....	104
Figura 49 - Outlet Premium.....	105
Figura 50 - Museu de Arte do Rio.....	107
Figura 51 - Pardo é Papel.....	109
Figura 52 - Flor	113
Figura 53 - Peixe	113
Figura 54 - Família.....	114
Figura 55 - Afeto	115
Figura 56 - Destaques no olhar de Emanuelle.....	116

Figura 57 - Desenho coletivo, Baixada Fluminense	122
Figura 58 - Nuvem de palavras.....	127
Figura 59 - Ativação Palavra-Imagem.....	129
Figura 60 - Coincidências no olhar.....	131
Figura 61 - Sobre se locomover	132
Figura 62 - Chão e pele.....	133
Figura 63 - Lugar de afeto.....	134
Figura 64 - Imagem como denúncia.....	135
Figura 65 - Ramal Vila Inhomirim.....	136
Figura 66 - Imagem de silêncio e som.....	137
Figura 67 - Ausência	138
Figura 68 - Família e afeto	139
Figura 69 - Cartier Bresson, Itália, 1933	139
Figura 70 - Mapa da desigualdade: Cultura	147
Figura 71 - Pintura “Tão saudável quanto um carinho”.....	148
Figura 72 - A HISTÓRIA DA RTE	150
Figura 73 - Nuvem de Palavra-Imagem.....	152
Figura 74 - Movimento	153
Figura 75 - Arquitetura	154
Figura 76 - Momentâneo, movimento e imperfeito.....	155
Figura 77 - Paisagem, Lembrança, Sentimentos.....	156
Figura 78 - Olhar, Paisagem, Sentimentos.....	157
Figura 79 - Moldura, Sentimentos, Lembrança.....	158
Figura 80 - Fotografia é registro de momentos	159
Figura 81 - Memória é autoconhecimento.....	160
Figura 82 - Memória é afeto.....	161
Figura 83 - Se ver no outro	164
Figura 84 - Ser e Estar	165
Figura 85 - Horizonte finito	166

Figura 86 - Horizonte blindado	167
Figura 87 - Mãe-Flor	168
Figura 88 - Transitando pelo mundo.....	169
Figura 89 - Peito aberto	170
Figura 90 - Bastidores mobgrafia.....	171
Figura 91 - Capa da revista TIME realizada com o celular	171
Figura 92 - Mostra dos trabalhos no Coletivo Baixada Cruel	174
Figura 93 - Relato.....	179
Figura 94 - Dados de participação do projeto.....	182
Figura 95 - Fotografias de Eduardo.....	190
Figura 96 - Fotografias de Estefani	193
Figura 97 - Fotografias de Gabrielle	195
Figura 98 - Fotografias de Raissa	198
Figura 99 - Fotografias de Emanuelle	201
Figura 100 - Fotografias de Davi	207
Figura 101 - Fotografias de Esther	208
Figura 102 - Fotografias de Flávia.....	214
Figura 103 - Fotografias de Gisele.....	219
Figura 104 - Fotografias de Larissa	223
Figura 105 - Fotografias de Leonardo.....	227
Figura 106 - Fotografias de Luís.....	231
Figura 107 - Fotografias de Melissa	234
Figura 108 - Fotografias de Ronald	236

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	16
1	APRESENTAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO.....	35
1.1	Olhar de dentro.....	41
1.2	Olhar fotográfico.....	46
1.3	Em campo.....	51
1.4	Na rua.....	56
2	DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE UM MUNDO VIRADO.....	73
2.1	Metodologia dos encontros.....	76
2.2	Em curso.....	83
3	MAPEANDO MEMÓRIAS, IMAGENS E IDENTIDADES.....	118
3.1	Desenvolvimento.....	120
3.2	Desdobramentos.....	172
3.3	Análise do perfil dos participantes.....	178
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
	REFERÊNCIAS	185
	ANEXO - Entre mapas e mundos virados.....	189

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca investigar o olhar do jovem morador da Baixada Fluminense para o seu entorno, tendo a fotografia como meio de poética visual, levantando as questões estruturais, culturais e sociais de suas vidas enquanto moradores de periferias. Antes de dar início aos desdobramentos da pesquisa, realizada enquanto mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, retorno minha trajetória de vida artístico-pessoal enquanto moradora de Duque de Caxias, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

A primeira vez que fui desafiada a observar ao meu redor foi em uma aula de artes pelo professor Leandro Souza, aos 14 anos de idade, quando ainda era estudante do nono ano do ensino fundamental. Leandro propôs que fosse realizada uma série de fotografias pelo bairro, e eu, que já era uma entusiasta da disciplina, busquei de imediato reservar o domingo para ir à feira livre fotografar. A partir deste dia e da janela que se abriu com o simples gesto de parar para observar a minha própria realidade, tornou-se um hábito registrar os caminhos pelos quais andei. A rua e o fato de ser e estar no mundo, vem sendo trabalhado por mim desde então, tendo como meio de linguagem a fotografia, esta que se faz campo de investigação, questionamento, registro e pesquisa.

Figura 1 - Primeiro registro do Bairro: Feira da Rua 2.



Fonte: A autora, 2007.

O bairro no qual eu passei 24 dos meus 28 anos de vida é conhecido como Jardim Primavera, localizado no segundo distrito da cidade de Duque de Caxias, do Estado do Rio de Janeiro. Com o decorrer dos anos e a necessidade de circular para além das ruas locais, comecei então a perceber e questionar as dificuldades enquanto moradora da Baixada Fluminense. Entendendo o desafio que era se fazer presente fisicamente e socialmente para além do meu bairro e da minha cidade. Aprendendo como funcionava para circular, lembro de minha mãe explicando:

Se você precisa estar pontualmente no centro de Caxias às oito horas da manhã, deve sair de casa pelo menos às seis e meia. Você vai descer a rua até o ponto, pegando o ônibus verdinho das 07:00 horas, contando que não vai ter nenhum engarrafamento na Washington Luiz, chegará no horário, isso se não precisar andar muito em Caxias, ou pegar outro ônibus. E se o verdinho não servir, sabe que o ônibus Petrobrás só passa às 07h15min, e se ele não passar, já era... aí só o trem e para isso, tem que sair de casa mais cedo¹.

Toda essa programação acerca dos horários dos ônibus e de como se faz para conseguir chegar pontualmente em qualquer lugar é repassada e inserida dentro do cotidiano de maneira natural, sem nenhum tipo de drama, reclamação ou pesar. Nunca foi uma questão sair de casa três horas antes do compromisso. Quando não se conhece outra forma de se viver e se locomover, não existe problema.

Ao longo da minha vida, sempre busquei formas de me expressar artisticamente. Ocupar espaços públicos se tornou um hábito frequente desde muito cedo. Durante a adolescência e início da juventude, busquei formas de me expressar artisticamente, diante das possibilidades apresentadas até então e inserida no contexto evangélico, participei ativamente de grupos de teatro, dança e canto realizando apresentações em praças e escolas públicas. Em paralelo à minha formação escolar regular, dos nove aos dezenove anos (2002 - 2012), participei de nove cursos e projetos populares diferentes ofertados gratuitamente à população.

O incentivo em casa passava por dois requisitos: o primeiro era se precisaríamos pagar alguma coisa e o segundo era o incentivo aos estudos, independente da atividade escolhida, então se estava indo estudar de graça, tudo bem. E foi assim, que, ao longo desses dez anos de construção, da infância até o início da juventude, fui aprendendo e apreendendo todas as oportunidades que estavam ao meu alcance. Dos nove projetos, apenas um não aconteceu dentro da cidade de Duque de Caxias.

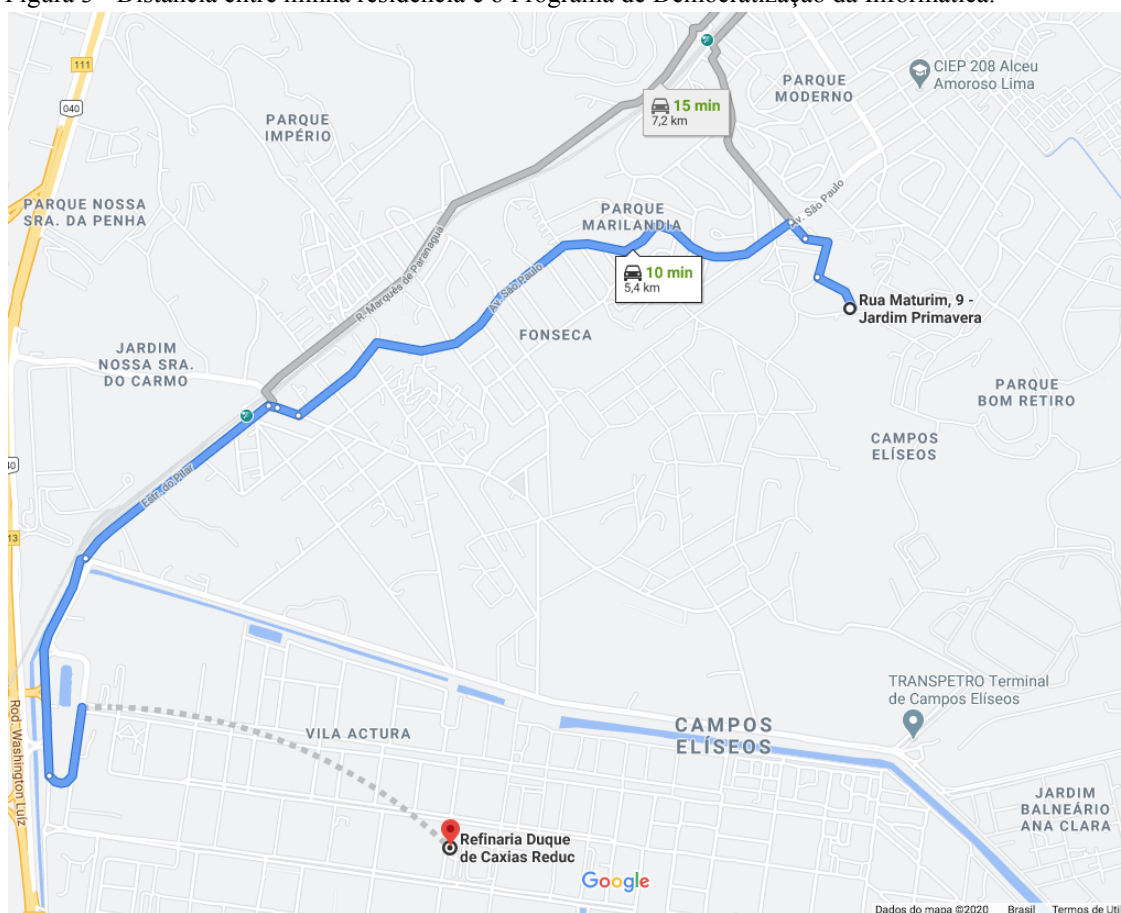
O primeiro curso foi no Projeto Luar de Dança, uma organização sem fins lucrativos (ONG), que iniciou em 1990 nos fundos da Igreja Católica de Sant'Anna em Jardim

¹ Registro de narrativa oral passado de mãe para filha.

Aos 14 anos ingressei no Programa de Democratização da Informática oferecido pela PETROFLEX, nome do complexo petroquímico à época localizado em Campos Elíseos, bairro vizinho de Jardim Primavera. Um ônibus de viagem passava pontualmente e ao cruzar as vias principais dos bairros de Saracuruna, Jardim Primavera e Campos Elíseos, ia recolhendo as crianças com a camisa do projeto até o pólo industrial.

O programa oferecia aulas de informática, inglês, espanhol e teatro. Desejei e tentei muito entrar na turma de teatro mas pela grande concorrência, não foi possível. Cursei informática e pela primeira vez aprendendi a acessar a internet e fazer uso de programas básicos como *Word*, *Paint* e *Excel*. O ônibus devolvia as crianças ao final do dia, lembro que para além dos cursos eram feitas atividades diversas como jogos coletivos no gramado da indústria, vale destacar também a hora do lanche que se tornava marcante pelo momento coletivo.

Figura 3 - Distância entre minha residência e o Programa de Democratização da Informática.



Legenda: Rua Maturim, Localização de casa.

Distância via automóvel estimada em minutos.

Fonte: MAPS, 2020.

Com a inauguração de um prédio da Fundação de Apoio à Escola Técnica, Ciência, Tecnologia, Esporte, Lazer, Cultura e Políticas Sociais de Duque de Caxias - FUNDEC em Jardim Primavera, aproveitei todas as possibilidades ofertadas, realizando cursos de Espanhol, Inglês e Informática. O prédio, localizado em frente à igreja de Sant'Anna, se tornou referência para cursos gratuitos no bairro.

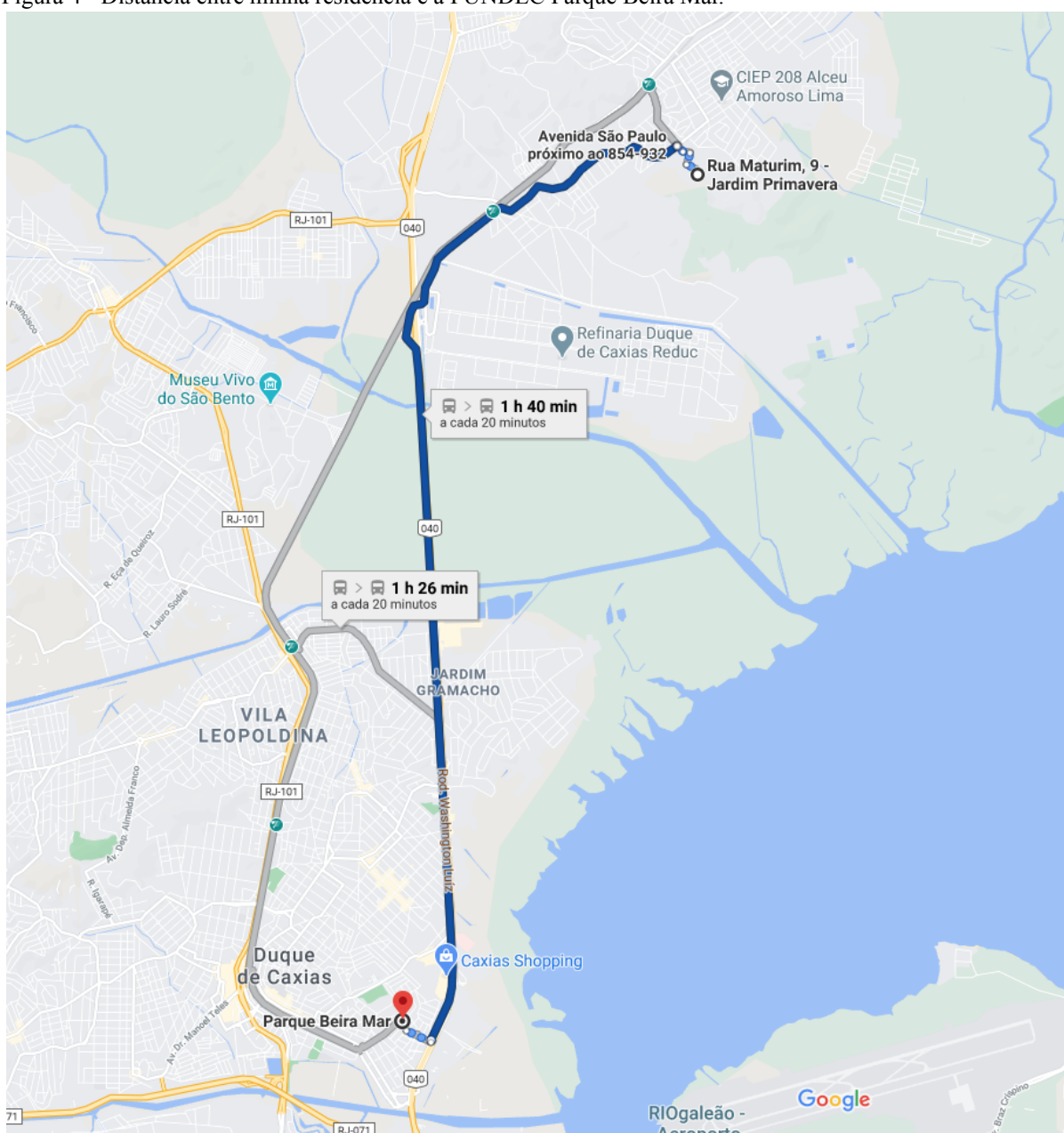
Tendo cada vez mais certeza do desejo de trabalhar com arte e fotografia, com 16 anos chegou até mim um papel de divulgação de um curso gratuito de produção de vídeo e roteiro. No dia seguinte já estava com todos os documentos em punho, na secretaria da PROFEC realizando a minha inscrição. Esse projeto foi um divisor de águas na minha vida e carreira. Foram seis meses aprendendo a decupar, gravar, editar, entrevistar e criar um roteiro. Fizemos isso sempre pautando a perspectiva do bairro, circulando por Jardim Primavera, filmando e entrevistando os moradores locais.

No ano seguinte, realizando uma busca na internet e percebendo o quão caro era fazer um curso de fotografia, aos dezoito anos descobri que existia uma unidade da FUNDEC oferecendo curso gratuito de fotografia. Essa foi a primeira vez em que meus pais titubearam com a minha inscrição, a resistência se deu pelo fato da unidade ser no bairro Parque Beira Mar, em Duque de Caxias, mas há 12 km de distância de Jardim Primavera.

Outros fatores agravantes eram o fato do curso terminar no início da noite. Eu precisaria atravessar uma passarela deserta e mal sinalizada da Rodovia W. Luiz tanto na ida quanto na volta, além do custo de passagem que precisaria ser investido e a escassez de condução que se dá naquele ponto, apenas uma linha de ônibus faz o trajeto até Jardim Primavera e essa frota não possui muitos ônibus circulando muito menos em horário regular.

Muitos fatores foram postos à mesa e, pela primeira vez, ouvi dos meus pais que não precisava fazer esse curso. Ali, a primeira camada social começou então a se apresentar a partir de um discurso desmotivador, mas de alguma forma, eu sabia o quanto era importante começar a romper com essa narrativa desde então. Insisti no curso apresentando aos meus pais os valores de uma escola de fotografia particular, pedi para que minha mãe fosse comigo realizar a inscrição para conhecermos juntas o bairro e os desafios em questão. Por fim, ingressei no curso e pela primeira vez conheci um equipamento fotográfico profissional, aprendi como regular a luz realizando saídas fotográficas pelo bairro Parque Beira Mar.

Figura 4 - Distância entre minha residência e a FUNDEC Parque Beira Mar.



Legenda: Rua Maturim - Localização de casa.

Distância via transporte público estimada em horas.

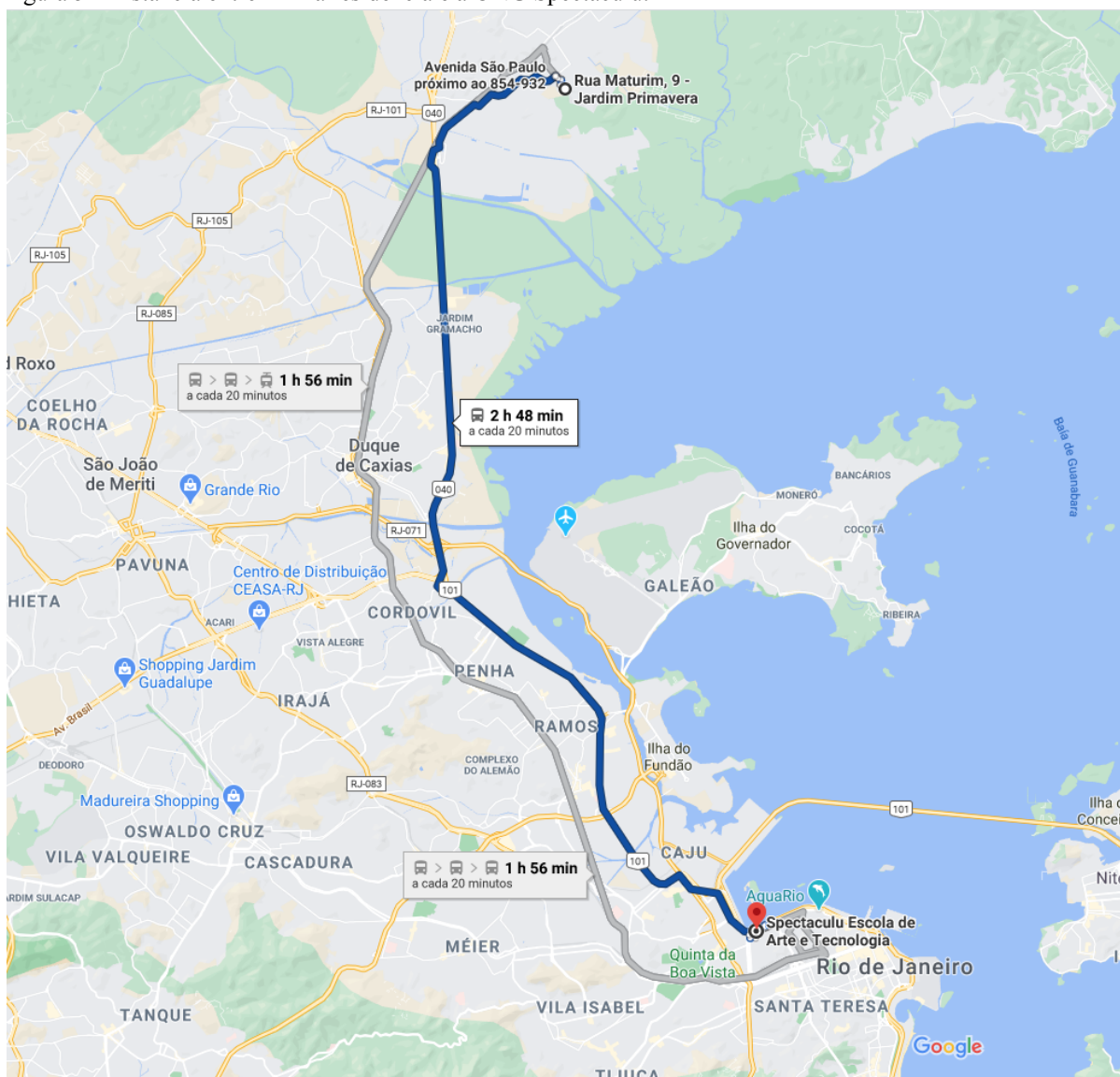
Fonte: MAPS, 2020.

No final do mesmo ano, o meu ex professor de vídeo, Lizandro Miranda, me indicou a escola em que ele havia se formado em filmagem. Foi então que conheci a Spectaculu - Escola de Arte e Tecnologia, uma ONG que oferece cursos gratuitos para jovens da periferia visando a sua inserção profissional na área do entretenimento. São cursos de Adereço de cena, Iluminação, Vídeo, Fotografia, Maquiagem, Montagem de cenários e Contrarregragem.

"Mãe, é uma escola de arte, de graça. Eles oferecem café da manhã, almoço e uma bolsa de 200 reais." Foi assim que convenci os meus pais a realizarem a inscrição na escola, o

suporte da instituição amorteceu as barreiras pressupostas e, a que restou foi o fato de precisar pegar o ônibus às 05:30 da manhã todos os dias, rumo à Av. Brasil.

Figura 5 - Distância entre minha residência e a ONG Spectaculu.



Legenda: Rua Maturim - Localização de casa.

Distância via transporte público estimada em horas.

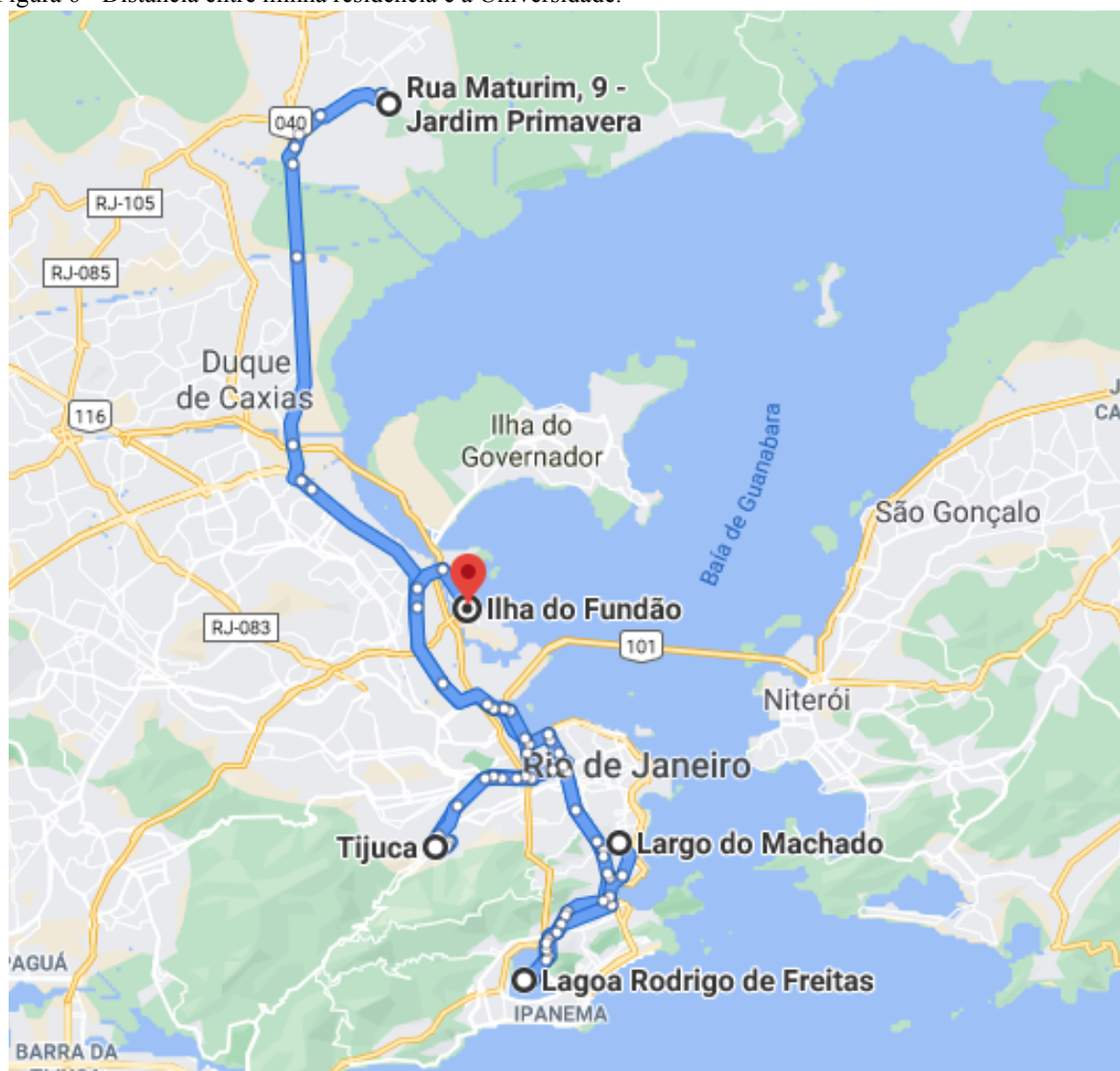
Fonte: MAPS, 2020.

Em 2012, cursando a tão inimaginada escola de fotografia, com dezenove anos comecei a me dedicar também para o vestibular. Já havia tentado ingressar em artes pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) sem sucesso, me inscrevi então em dois programas sociais gratuitos de pré-vestibular. Durante a semana cursava a FUNDEC de Jardim Primavera e aos sábados estudava em tempo integral no pré-vestibular social (PVS) do Centro de Ciências e Educação Superior a Distância

do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), oferecido no CIEP 369 de Jardim Primavera. Após muito estudo e dedicação, no final de 2012, concluindo o curso de fotografia na Spectaculu, ingressei na tão sonhada Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

As aulas aconteciam inicialmente no campus da Ilha do Fundão, na Zona Norte, e em seguida com disciplinas também no centro da cidade, na Praia Vermelha e Lagoa (ambas na Zona Sul). Concomitantemente, comecei a fazer cursos e projetos de pesquisa em bairros como Largo do Machado, Tijuca e Botafogo. As distâncias se multiplicavam e, com isso, o planejamento era ainda maior para não perder o primeiro trem que saía do Ramal Saracuruna, além do tempo, o dinheiro investido para circular diariamente se tornava cada vez mais alto.

Figura 6 - Distância entre minha residência e a Universidade.



Legenda: Rua Maturim, Localização de casa.

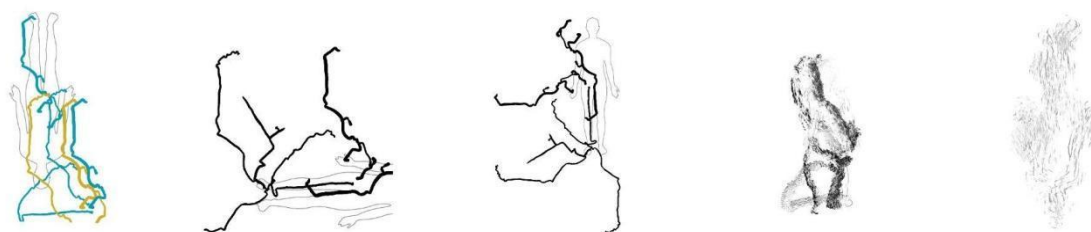
Circulação variada na cidade do Rio de Janeiro.

Fonte: MAPS, 2020.

Enquanto estudante da graduação, desenvolvi meus trabalhos artísticos e minha linguagem autoral, tendo como tema de pesquisa principal a cidade, seus deslocamentos e as possibilidades e impossibilidades do transitar. Estar disposta a ultrapassar as fronteiras geográficas da periferia é estar propensa a enfrentar as barreiras sociais, físicas, políticas e emocionais. É encarar o drama do cheio, do coletivo, é ter seu corpo todos os dias lançado numa grande máquina de moer gente.

Após realizar essa análise do meu desenvolvimento pessoal, atrelado aos percursos que foram realizados dos meus nove até os dezenove anos de idade em busca de oportunidades de estudos importantes para a minha realização profissional, pessoal e cultural construí um trabalho denominado Percurso (2020-2021). Este trabalho é uma colagem digital onde podemos observar um corpo em cinco estágios de suspensão, envoltos e imersos em linhas de mapa. Essas linhas foram extraídas diretamente das figuras 2, 3, 4, 5 e 6 acima, mescladas e entrelaçadas entre si. Elas suspendem esse corpo que, conforme cresce, absorve suas trilhas se tornando parte daquilo que constitui aquele ser: Conforme eu crescia, o caminho também crescia mas crescia o dobro, o triplo sempre desproporcionalmente maior. Linhas de vida - de via - que se cruzam e constituem quem eu sou hoje.

Figura 7 - Percurso.



Legenda: Colagem digital de trajetos em papel vegetal A3.
Fonte: A autora, 2020-2021.

A obra Percurso é parte integrante da mostra artística Poéticas Femininas da Periferia, que aconteceu no museu do Paço Imperial na cidade do Rio de Janeiro, entre os meses de Julho e Agosto de 2021. Essa exposição é fruto de uma residência artística que selecionou, por meio de edital, artistas visuais para elaborarem coletivamente produções visuais a partir de suas vivências enquanto mulher, artista e moradora de periferias do Estado do Rio de Janeiro. O edital de mentoria artística foi coordenado pelo projeto Artistas Latinas e a exposição tem curadoria de Andrea Hygino, Isabel Carvalho, Paulo Farias e Emmanuele Russel.

Retornando para 2015, após três anos enfrentando uma rotina hercúlea para atender as demandas de ser uma estudante da UFRJ enquanto moradora da Baixada Fluminense, meu corpo começou a somatizar em deslocamento: mãos dormentes, coração acelerado, falta de ar, boca torta, paralisia. Todos esses sintomas ocorreram pela primeira vez em pé, sustentada por outros corpos que preenchiam de forma maciça o ônibus verdinho em direção ao centro de Duque de Caxias, às 07:00 horas da manhã.

Quando a tontura tomou conta de mim, aqueles outros corpos que seguiam adormecidos para suportar a viagem, despertaram de seus tranSES e prontamente começaram a me socorrer. Eu que acreditava estar tendo um infarte ou derrame, mal conseguia falar meu nome, nessa hora todos já estavam alertas, meu corpo foi alocado meio sentado meio deitado em um lugar cedido por uma senhora enquanto alguém gritava: "Tá passando mal aqui motorista!" Ninguém sabia lidar muito bem com aquela situação. Meu corpo só piorava, se recolhia e tremia, eu já não respondia mais, apenas babava com as mãos e a boca torta, pálida e fria.

Sem pensar duas vezes, o coletivo, essa grande massa que abarrotava o ônibus, que é feita de gente e que vive o drama do deslocamento diário, decidiu parar no meio do caminho. Todos desceram em Gramacho, bairro muito antes do destino final, restando no ônibus apenas o motorista, a trocadora e eu. Enquanto a trocadora me acalmava e tentava se comunicar comigo, o motorista seguia em alta velocidade atravessando o viaduto, refazendo completamente a sua rota diária e seguindo para o outro lado da cidade, onde habitualmente o ônibus verdinho não circula. Meu corpo em choque foi socorrido por um coletivo, chegou na emergência de ônibus. Um corpo que não se fez dormente diante de tanta violência, entrou em colapso em trânsito, agonizou no meio do caminho.

"Você precisa descansar", disse o médico. Quinze dias de atestado, encaminhamento para psicólogo e psiquiatra. Nunca mais deixei de ter crise, meu corpo desencadeou um sistema de defesa, que ataca com uma bomba de adrenalina todas as vezes que me coloco em trânsito, indo e voltando para casa, parada na Avenida Brasil, em pé no trem sem ar condicionado e sem janela, sentada num ônibus lotado no calor, presa no trânsito por mais de três horas por causa da chuva. O caos urbano fez meu corpo adoecer.

Viver no fluxo é saber que nada flui, tudo para, tudo trava, pesa, cansa, aperta, sufoca, demora e não cede. Enquanto arte-educadora, artista visual e fotógrafa passei a utilizar minhas fronteiras e barreiras como forma de expressão: o corpo que passa quatro horas diárias no trânsito, e transcende uma dezena de coletivos diários, é o mesmo que fotografa, performa e questiona artisticamente essa trajetória.

Os programas de estágio e bolsas dentro da Universidade foram essenciais para a minha manutenção ao longo da graduação, revertido para a compra de materiais de desenho, pintura, impressão de trabalhos e principalmente na passagem que custava em torno de 400 reais ao mês. Meu primeiro estágio foi como fotojornalista na Coordenadoria de Comunicação da UFRJ, durante dois anos trabalhei para a reitoria, registrando eventos, obras, reuniões e palestras da universidade. Na sequência, em 2015, iniciei como bolsista no projeto de extensão Investigações Fotográficas do Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp-UFRJ), organizado pela Prof.^a Dra. Maria Cristina Miranda, em parceria com a professora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio - Fundação Oswaldo Cruz, Mônica Soares.

O Investigações Fotográficas é um projeto voltado para professores da rede pública de ensino, estudantes de artes, e os demais interessados na produção artística e fotográfica, se propõe a organizar um campo de investigação de procedimentos fotográficos e sua relação com o ensino da arte. Destina-se também à reflexão sobre a relação entre o processo educativo e a fotografia, a arte, as tecnologias e a produção e circulação da imagem fotográfica na contemporaneidade. Tem sua sede no CAp-UFRJ localizado no bairro da Lagoa, Zona Sul do Rio de Janeiro, em turno noturno de forma gratuita.

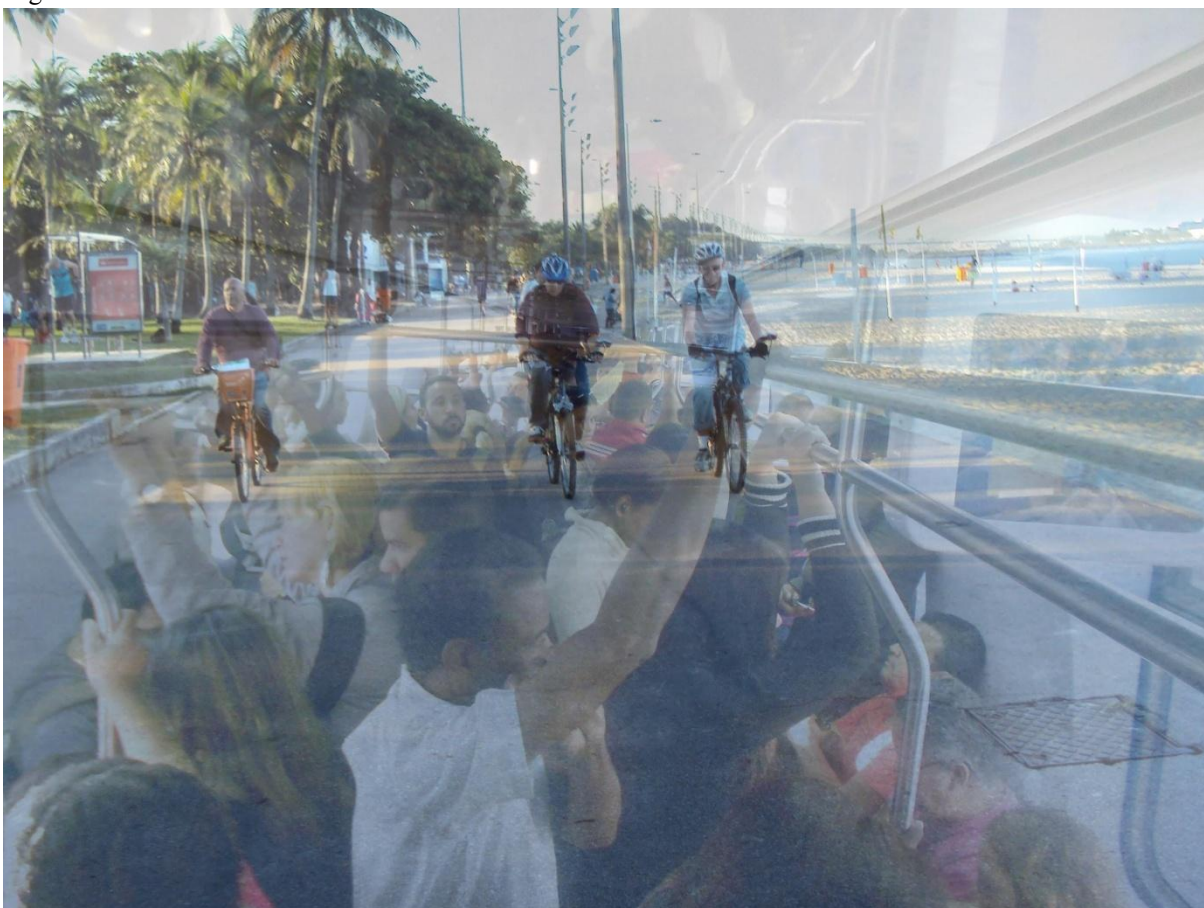
Enquanto moradora de Duque de Caxias, sentia o quão sacrificante era permanecer no curso devido à distância geográfica. Durante os três anos (2015-2017) que ali trabalhei como monitora percebi esse mesmo esforço que era realizado pelos que também residiam nas regiões periféricas do Rio de Janeiro. Uma prática recorrente do projeto era realizar oficinas aos sábados, gratuitamente no Parque Lage ou no bairro da Urca, Zona Sul do Rio.

Sempre busquei divulgar amplamente as oficinas nas minhas redes sociais, indicando pessoalmente para amigos que, assim como eu, estavam em regiões mais afastadas da capital carioca e gostavam de fotografia, mas os mesmos não se faziam presente. Era frustrante e compreensível, esse deslocamento físico e social não é tão simples assim.

A partir destes caminhos e percursos que meu corpo ocupava na cidade, no ano de 2016 o projeto "Transitu" de minha autoria em colaboração com o fotógrafo Bruno Guimarães e curadoria de Claudia Elias foi selecionado por meio de um edital para expor no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). A mostra surgiu a partir da nossa troca enquanto fotógrafos e a descoberta sobre como se dava o deslocamento até a cidade do Rio de Janeiro: enquanto eu, moradora de Duque de Caxias, precisava de três conduções para chegar a Cidade Universitária, Bruno que morava na cidade de Niterói, Região Oceânica do Estado, fazia seu percurso até o bairro de Botafogo utilizando uma bicicleta e a barca. Esse projeto de fotografia buscou estabelecer uma relação diferente com a imagem fotográfica das ruas

enquanto um documento de caráter fotojornalístico, em *Transitu*, as paisagens se mesclam e a imagem final enquanto resultado estético é uma cena em suspensão, as ruas ganham curvas com um misto de cor, poesia e contradição.

Figura 8 - *Transitu*.



Fonte: A autora; GUIMARÃES, 2016.

Transitu, do latim, significa "cruzamento, travessia, estar de passagem", mas também poderia ser um jeito de falar informal de falar, uma acentuação local ou, ainda, um neologismo que incorpora o vocábulo tu ao verbo transitar. Todos estes sentidos entre estar parado e em movimento, entre ver ou fazer parte da paisagem - ser parte dela -, exprimem a relação das imagens: "Se fotos são mensagens, a mensagem é a, um só tempo, transparente e misteriosa" (SONTAG, 1977).

A fotografia sobreposta torna-se um fluxo de cores e formas camaleônicas, expande a paisagem, somando caminhos e locais distintos em sua transparência. A "Cidade Invisível" se mostra mais ainda pela escolha de um suporte não convencional, justamente por ser translúcido, que é uma característica da impressão em voil, quebrando com o compromisso da fotografia com a captura do real e ao mesmo tempo denunciando sua invisibilidade. Neste

sentido, quanto maior o esforço feito pelo observador para “ligar os pontos” mais potente é a imagem pois revela a transparência do nosso próprio cotidiano e da nossa própria rotina.

Claudia Elias, curadora da exposição destaca:

Este trabalho tem algo de especial, algo que não se vê com frequência, que é uma verdade pulsante. Como é morar no Rio de Janeiro agora? Como é transitar por aqui hoje? O que passa em suas veias? Que coração bate neste lugar cantado por Chico, por Vinícius e tantos outros. Como respira? Quem é? Imagens em movimento, imagens que escapam, imagens que sobrepõem a clássica panorâmica da Baía de Guanabara. É preciso, de algum modo, apagar a imagem de uma cidade que já não existe, para deixar brotar sua maravilhosa novidade. Na velocidade e na transparência de um novo lugar, um lugar de passagem e em transformações, e em meio a longas distâncias e novos trajetos, é onde a fugacidade do fotográfico abre brechas. Neste deslocamento, que é do próprio olhar, o olhar de Myllena Araujo e Bruno Guimarães. (ELIAS, 2016)

Partindo da necessidade de compartilhar com aqueles que assim como eu moravam em regiões não centrais, e trabalhando a fotografia nessa perspectiva e com o apoio do projeto Investigações Fotográficas (CAp-UFRJ) decidi, no ano de 2017 criar o projeto “O Mundo Virado na Praça” oferecendo oficinas de montagem de câmera escura em praças públicas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A câmera escura ou câmara de visualização, consiste em um aparelho óptico, uma caixa preta que ao receber um pequeno feixe de luz, projeta a cena externa na parte interior da câmera. Utilizado em um período anterior ao momento no qual se fazia possível congelar as imagens fotográficas no papel, a câmara escura se tornou uma ótima ferramenta de apoio para pintores, projetando suas composições e retratos (HOCKNEY, 2003).

Mesmo que temporária, a caixa preta apreende aquele micro instante de vida e tempo que passa em uma imagem que é projetada espelhada e de cabeça para baixo. Pensar neste objeto como ferramenta para a observação da cidade, é possibilitar olhar primeiro para dentro, percebendo através da sensibilidade o que há lá fora e como o que faz parte da paisagem é fruto de uma construção social, política, econômica e cultural que, através da arte e das diferentes possibilidades do ver, constrói outros olhares. A maneira na qual se deu a construção das câmaras se baseou na construção metodológica iniciada por Miguel Chicaoka (2002), onde sentados num círculo, em silêncio, por meio da repetição do gesto a caixa vai se formando até que os participantes experienciam pela primeira vez olhar sua dobradura virar imagem.

A realização das oficinas propiciou a um conjunto de jovens residentes de áreas periféricas do Rio de Janeiro a possibilidade de experimentar a fotografia de forma diferenciada, assim como promoveu uma reflexão sobre a experiência vivida. Foram

produzidas, inicialmente, oficinas em São Gonçalo, Duque de Caxias e na Ilha do Governador. Ocupar uma praça pública com uma oficina não é algo simples, não basta apenas chegar no espaço e iniciar a atividade. Foi necessário mobilizar a população local, tanto via internet, divulgando a atividade pelos grupos da região, quanto no próprio dia da oficina com o convite às crianças e aos jovens da localidade.

Figura 9 - O Mundo Virado na Praça da Rua 2, Jardim Primavera.



Fonte: BARCELLOS, 2017.

Figura 10 - O Mundo Virado na Praça do Pacificador, Duque de Caxias.



Fonte: A autora, 2018.

O Mundo Virado participou do Sarau Integrartes, projeto de extensão “Vila em Dança” da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ, que oferece oficinas gratuitas para os moradores da Vila Residencial da Cidade Universitária, região onde Leticia de Luna Freire, autora do livro "Próximo do saber, longe do progresso" aborda a sua imersão e olhar sobre a Vila Residencial:

Se considerarmos o seu raio de extensão, abrangendo todo o entorno da rótula, percebemos que esse é um dos espaços que mais promovem encontros na localidade, não somente entre aqueles que embarcam e desembarcam do ônibus, mas também entre os clientes dos estabelecimentos comerciais ali situados e entre as crianças que brincam até a noite na praça. (FREIRE, 2014, p.129)

Neste projeto, trabalhamos com crianças de 4 a 12 anos e realizar toda a montagem da câmera escura de forma silenciosa foi o maior desafio encontrado, mas a reação ao se depararem com a imagem dentro da caixa foi equivalente à animação e agitação na hora da montagem.

Além das praças, a atividade foi realizada também em uma residência artística promovida pela Universidade Britânica Queen Mary na aldeia indígena Ipatse no Alto Xingu, Mato Grosso. Assim, O Mundo Virado também aconteceu na comunidade indígena Kuikuro.

Havia entre os jovens uma grande imersão no mundo da imagem, todos com seus respectivos celulares registravam diariamente tudo o que ocorria no cotidiano da aldeia. A cultura visual e cinematográfica também era parte da vida dos Kuikuros, muitos deles são cinegrafistas e cineastas, como o premiado nacionalmente e internacionalmente, Takumã Kuikuro, idealizador de diversos curtas e longas produzidos por ele e pelos próprios membros da comunidade. A experiência se deu principalmente com os jovens homens da aldeia, que com muita atenção e concentração realizaram a montagem das caixas e se surpreenderam com o resultado compartilhando as projeções e olhares curiosos por toda a comunidade, onde todos e todas puderam enfim desfrutar da caixa preta.

Figura 11 - O Mundo Virado na Aldeia Ipatse, Mato Grosso.



Fonte: ROSE, 2018.

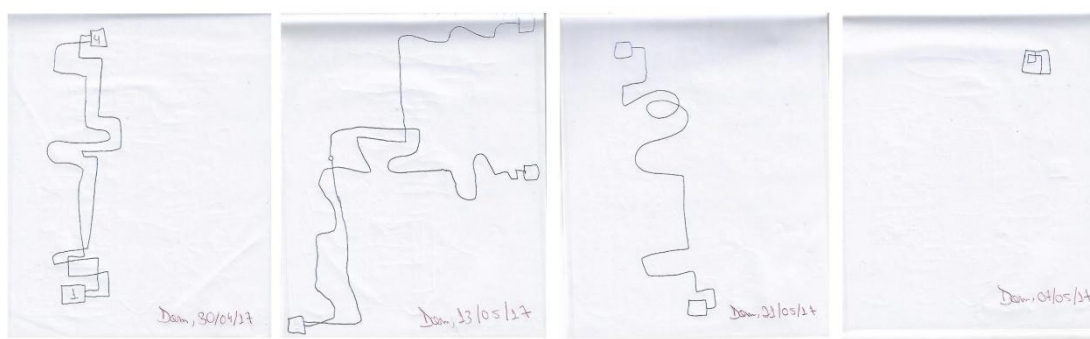
Além da produção imagética na qual venho percebendo e propondo ao longo dos anos, pensar o deslocamento a partir do desenho também se tornou uma prática comum em meu cotidiano. Elaborando algumas marcações em uma folha em branco, proponho ali traçar um diário de rotas onde, diferente do mapa cartográfico, as questões levantadas não são meramente físicas, mas parte de uma projeção individual para quem o desenhou, que saberá exatamente do que se trata cada ponto ali traçado na folha em branco, onde é o seu Sul e o seu Norte, sua casa e estrada.

Realizar mapas afetivos é uma maneira de acessar o corpo social que atravessa a cidade, que sente os pontos de contato, potência e exclusão nos espaços, acionados então através de linhas, curvas e pontos de destaque. Um mapa é uma representação social, por muitas vezes ideológica e hierárquica de mundo, ao transferir para o indivíduo a capacidade de se construir mapas, subverte-se também a lógica dos mapas oficiais, que são, segundo Ana Paula do Val (2013, p. 129), “uma visão de mundo hegemônico e autoritário, realizado pelos jogos das relações de poder e violência do Estado - Capital opressor - mapas do poder e da exclusão”.

Logo, mapear faz parte desse processo de reconhecimento e pertencimento, diferente da imagem de satélite, um mapa afetivo percorre a cidade que passa dentro: uma rua indicada no mapa de maneira impessoal, a partir do desenho, ganha outra compreensão ativando então práticas de vida cotidiana e real com a rua.

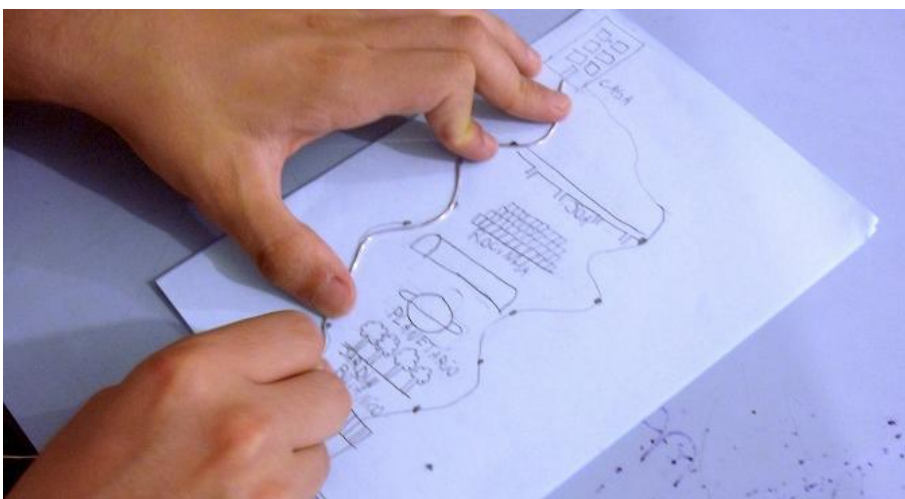
Iniciei meus mapas afetivos com o objetivo de demarcar o número de voltas e deslocamentos que meu corpo dava na cidade, pensar esse trânsito a partir da linha, deixando percorrer de acordo com as sensações daquele dia corrido. Foram 29 dias retratados diariamente a partir da minha experiência em deslocamento, 29 formas de perceber a cidade, a rotina, o trajeto de maneiras distintas. Nos desenhos pode-se perceber que por mais que a minha rotina semanal em 2017 fosse bem regrada, os dias da semana não se fazem representados de forma uníssona. Em algumas Segundas-Feiras as linhas se alongam mais que outras. Domingos vividos sem sair de casa, lidam graficamente com um percurso interno.

Figura 12 - Diário visual de mapas afetivos aos domingos.



Fonte: A autora, 2017.

Figura 13 - Construção de mapa afetivo



Legenda: Aula realizada com alunos do primeiro ano do Ensino Médio no CAp-UFRJ.

Fonte: A autora, 2017.

Figura 14 - Mapa afetivo da Aldeia Ipatse, Xingu.



Fonte: KUIKURO, 2017.

A partir dos apontamentos levantados acerca de minha trajetória de vida enquanto artista visual, educadora e moradora da Baixada Fluminense, a presente pesquisa tem como objetivo refletir acerca do olhar do jovem sobre o seu entorno e contexto local, tendo como suporte a fotografia e suas possibilidades enquanto documento e objeto de arte, atrelada à construção de sentido interpessoal realizadas a partir da construção das imagens. Assim, será proposta uma reflexão sobre as condições, possibilidades de acesso e perspectivas de presente e futuro que estes jovens moradores da Baixada possuem, além de refletir a posição do jovem enquanto propositor de suas relações sociais, culturais e políticas, tendo a fotografia como um meio de valorização da cultura local.

A pesquisa consistiu em trabalhar a partir do viés metodológico da pesquisa-ação, no qual o pesquisador não analisa o campo apenas enquanto observador, mas propõe ações e provocações que, diante das respostas, o trabalho se faz presente. Logo, o objetivo era propor oficinas com jovens de 17 a 26 anos de idade, moradores da Baixada Fluminense. As atividades visavam explorar questões sociais, espaciais e políticas da cidade enquanto território público, debatendo acerca do deslocamento, distâncias percorridas e ainda não acessadas, projetando tais elaborações na fotografia e no desenho.

A diversidade de sujeitos e sua individualidade exteriorizada na construção de suas imagens promoveu uma apropriação do espaço pelos jovens, revelando suas limitações, problemas e belezas. A partir do olhar, esta pesquisa propiciou outras formas de se perceber a Baixada, ampliando o repertório visual e conceitual através da imagem fotográfica, criando outras possibilidades de mundo, subvertendo a lógica social imposta.

No primeiro capítulo vamos compreender a dimensão da Baixada Fluminense enquanto campo empírico na perspectiva da autora enquanto moradora. Também será apresentada a imersão no campo, juntamente com as primeiras oficinas e encontros com a juventude local, e o desenvolvimento da abordagem metodológica da pesquisa nesta configuração inicial.

No segundo capítulo, apresento algumas mudanças sofridas pela pesquisa de campo diante da pandemia do novo coronavírus que atingiu o mundo e o Brasil. Trago o desenvolvimento remoto do projeto diante do contexto pandêmico, o relato dos quatro encontros virtuais, a apresentação dos autores, artistas e fotógrafos elencados para o debate em cada encontro, além de uma análise dos relatos e produções visuais dos jovens durante o projeto.

A partir dos resultados obtidos dentro do campo virtual, partimos então para o terceiro capítulo, que aborda a segunda edição do projeto Entre Mapas e Mundos Virados, também realizado online, mas agora recebendo o apoio de um coletivo jovem da Baixada Fluminense. Diante de todo o processo de pesquisa, material de repertório e análises, aponto para os resultados obtidos nos encontros presenciais e remotos, com base nas produções fotográficas e textuais realizadas pelos grupos durante e após os encontros.

1 APRESENTAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO

As relações espaciais entre a Baixada Fluminense e o Rio de Janeiro são pensadas pela academia a partir de contextos sociais, geográficos e políticos desde ao menos o início do século XX. As remoções higienistas promovidas pelo prefeito Pereira Passos inauguraram as grandes avenidas, como a Avenida Rio Branco, a fim de aproximar a arquitetura da cidade do Rio de Janeiro da Paris da *Belle Époque*².

O que nos interessa sobre a questão é pensar: para onde os moradores da cidade foram compulsoriamente realocados após todo esse processo de remoção? Para tal, é bem vinda a leitura do livro *O rapto ideológico da categoria subúrbio* (2011), do geógrafo Nelson da Nobrega Fernandes, em que ele reflete sobre o conceito de *subúrbio* no Rio de Janeiro entre os anos de 1858 e 1945.

A ideia de subúrbio carioca que conhecemos hoje advém de uma divisão geográfica que tem como principal demarcador a linha ferroviária. Mesmo assim, existe um debate sobre quais bairros são suburbanos. O que podemos afirmar a partir de Fernandes (2011) é que a categoria subúrbio carrega consigo o sentido de região adjacente ao centro, mas diferente das zonas periféricas mais próximas dele a construção que conhecemos hoje se deu a partir da expansão ferroviária do Rio de Janeiro. O conceito inicial, porém, surgiu muito antes da própria construção da cidade segundo Fernandes:

O que predominou foi a imagem de que os subúrbios foram reservados para as classes médias e altas, enquanto o núcleo urbano poluído, degradado e inseguro foi deixado para os imigrantes, trabalhadores braçais, a criminalidade, a prostituição e a indústria. (FERNANDES, 2011, p.31)

A partir da citação, podemos apreender que, diferente do tom segregador que hoje ainda é empregado, no século XX quem possuía uma casa no subúrbio eram os que detinham o poder aquisitivo suficiente para ir e vir, e ainda assim morar em uma região distante do centro insalubre.

Com a Revolta da Vacina em 1904, os cortiços e as moradias dos operários que viviam e trabalhavam na região central foram extintas. A proximidade geográfica, social e afetiva para com o espaço de convívio e trabalho foi desfeita. Sem haver um planejamento para com

² Termo francês para definir a “era de ouro” na França em meados do século XIX, período de grandes movimentos artísticos e do surgimento de novas tecnologias como o telefone e o cinema.

a população desabrigada, foi estipulado uma proposta de alocação da população para o subúrbio, proposta estritamente negada pelo então prefeito Pereira Passos:

Contribuindo para esta não-solução, o prefeito Pereira Passos, através do Decreto 39, de 10 de fevereiro de 1903, criou uma série de normas construtivas que dificultam mais ainda a construção de habitações populares nos subúrbios, cuja consequência foi a formação de favelas por toda a cidade, inclusive no subúrbio e a promoção de loteamento além do território do Distrito Federal, na Baixada Fluminense, Nilópolis, que surgiu na década de 1910, foi um de seus pioneiros. (FERNANDES, 2011, p.148)

Como é possível observar, essas remoções afetaram diretamente as relações de circulação e poder dentro da cidade do Rio de Janeiro, além de fomentar a segregação socioespacial, reafirmando a dicotomia entre o centro e a periferia.

É importante deixar claro que a não contribuição do Estado para com os moradores da cidade e o não investimento em políticas públicas para uma condição de vida digna contribuíram para a estigmatização das favelas como um problema social e moral na cidade. O cerceamento das fronteiras que alargavam os horizontes dessa nova Paris tupiniquim fez com que aqueles que fizeram parte ativamente da construção da cidade, seja os que foram expulsos para que as vias fossem abertas ou aqueles que abriram as vias com a força do trabalho, se tornassem bem vindos apenas para empregar suas funções laborais.

Hoje, com uma construção de cidade expandida, é possível ter dentro de um mesmo quadrante espacial a Gávea (região classificada como de classe média/alta do Rio de Janeiro) e a Rocinha (região classificada como favela do Rio de Janeiro), coabitando em uma mesma cidade, logo, a segregação geográfica entre centro e periferia se torna menos acirrada, e o que se instaura no quesito segregador são as relações de poder, circulação e acesso dentro da cidade.

A partir dos movimentos de representatividade e luta para que sejam retomados a voz e os direitos dos moradores das periferias cariocas, começou a acontecer uma inserção diferente da imagem da favela na mídia. Por mais que agora haja uma representatividade maior, o produto midiático favela é questionável, já que por vezes é repleto de reprodução de preconceitos e estigmatização dos corpos e dos modos de viver de quem é favelado e também quem é suburbano, já que com o passar dos anos, o subúrbio carioca também rebaixou no seu título de nobreza.

Quando nos referimos à Baixada Fluminense, essa relação dicotômica e segregadora ainda se reafirma de maneira visceral, seja pela distância geográfica, seja pelo afastamento social que pode ser percebido a partir da análise do movimento destes moradores dentro dos

espaços da cidade. A Baixada Fluminense em 1910, por sua vez, como afirma Fernandes, também recebeu os trabalhadores da até então região central, capital do país, Rio de Janeiro.

Para refletir sobre as questões de acesso social, político, educacional e cultural na Baixada Fluminense, no século XXI, ainda se faz necessário questionar as relações de poder que se estabelecem entre os centros e as periferias. É importante destacar a importância de se trabalhar com a palavra centro no plural, já que as cidades da Baixada são pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro e possuem também seus próprios centros comerciais.

Por mais que a representação de “cidade dormitório” tenha ficado para trás, como afirma André Tenreiro em seu livro: “Duque de Caxias: a geografia de um espaço desigual” (2015), a cidade de Duque de Caxias, por exemplo, ainda carrega nos trens e nas linhas de ônibus um grande volume de pessoas para a cidade do Rio de Janeiro, deixando evidente que ainda existe uma necessidade de se galgar trabalho, educação, cultura, lazer e/ou outras possibilidades de vida para além dos limites geográficos da Baixada Fluminense. De acordo com o site oficial da Supervia³, empresa de trens urbanos do Rio de Janeiro, estima-se uma média de 4.400 passageiros transportados diariamente, apenas no Ramal Saracuruna, linha que atravessa Duque de Caxias em direção ao Rio de Janeiro.

Mas a questão é que, para além da necessidade de se deslocar, esse movimento não é dado de maneira simples. As relações de poder estabelecidas dentro da cidade se manifestam a partir das necessidades e da afinidade social e cultural do indivíduo na urbe.

O antropólogo José Guilherme Cantor Magnani (1992) analisou, em um artigo, as relações espaciais, sociais e afetivas dos transeuntes do centro da cidade de São Paulo. Partindo do centro, um ambiente que foi constituído como lugar de trabalho e passagem, Magnani investigou se haveria ali alguma relação afetiva e de pertencimento, apresentando as categorias de *Pedaço*, *Mancha*, *Trajeto* e *Pórticos*. É importante destacar a importância da categoria *Pedaço*, que evoca essa sensação de pertencimento, de ser parte, ser *do pedaço*, conhecedor da área, e essa liberdade é que constrói o *Trajeto*, caminho este que será percorrido cotidianamente de acordo com a necessidade de cada indivíduo dentro do centro urbano:

O que se queria saber é se por ocasião dessas práticas, num território heterogêneo e acessível a todos como é o centro da cidade, estabelecem-se vínculos, sinais de reconhecimento e delimitação de espaço - de forma que aí também seja possível definir quem é e quem não é “do pedaço” (MAGNANI, 1992, p.192)

³ Disponível em: <https://www.supervia.com.br/pt-br/quem-somos> Acesso em: 12 de Agosto de 2019.

Por mais que se tente delimitar cada campo - Baixada Fluminense, Subúrbio, Região Metropolitana - é importante compreender como as relações espaciais e sociais para com a cidade partem de uma relação interpessoal, social, temporal e local. Os espaços de circulação, de convívio social, de trabalho e de vida do indivíduo permitem uma classificação e uma leitura de mundo diferente da que possivelmente o seu vizinho de porta possui. É de suma importância deixar claro que não há consenso entre a sociedade e sequer entre os pesquisadores acerca de uma definição fechada sobre os rótulos que cada pedaço da cidade recebe: um mesmo bairro pode ser considerado subúrbio, zona norte, periferia e favela.

A definição exata do que é considerado Baixada Fluminense também é complexa. O livro *Duque de Caxias: a geografia de um espaço desigual*, organizado pelo geógrafo André Tenreiro (2015), apresenta as contradições e as lutas do município de Duque de Caxias, além de pontuar as relações que são estabelecidas entre os distritos com o centro da cidade de mesmo nome. Vale destacar que, segundo Tenreiro: “A Baixada Fluminense, como a conhecemos hoje, não existe oficialmente, ela é uma construção de quem mora nela e de quem fala sobre ela” (TENREIRO, 2015).

Isso afirma o que Magnani aponta quando trabalha com a classificação de *Mancha*, que são grandes áreas de interesse comum e de sociabilidade coletiva. Logo, ser Baixada Fluminense perpassa pelo desejo e pela identificação com tal mancha que além de geográfica, é também social. Compreendendo a definição de *Mancha* como um conjunto de trajetos que traçam dentro do território a narrativa de vida do indivíduo, evidenciando quem ele é socialmente a partir do seu movimento e da sua circulação dentro da cidade. Magnani (1992, p. 197) define que: “Faculdades, livrarias, bibliotecas, papelarias, xerox, cafés são, entre outros, equipamentos que delimitam uma área na cidade marcada pela atividade de ensino; (...) Como se verá, uma mancha é recortada por trajetos e pode abrigar vários pedaços.”

Refletindo acerca da relação entre centro e periferia e entendendo que dentro de um espaço urbano central onde todos possuem supostamente livre acesso de circulação, como entre as cidades de Duque de Caxias e do Rio de Janeiro, o cerceamento se faz no campo simbólico do pertencimento. Pode-se então delimitar dentro de um mesmo recorte espacial, o pedaço de quem mora na Baixada Fluminense e precisa circular diariamente pela Central do Brasil, pelas estações de trem, os que só conhecem o trajeto do fluxo, do trânsito e dos transportes cheios.

Será que os espaços de lazer, cultura e educação fazem parte do cotidiano, do trajeto e do pedaço do jovem morador da Baixada Fluminense? Como que se estabelece essa sensação de pertencimento no indivíduo que corta a cidade e é diariamente cercado por esses limites

invisíveis do social, que permeiam historicamente, desde muito antes das remoções, o imaginário cultural de quem é livre mas não é liberto para ir e vir dentro da cidade.

Para uma melhor compreensão de como se estabelecem algumas relações internas entre as cidades da baixada e a cidade do Rio de Janeiro, é importante apresentar alguns conceitos, que, mesmo não possuindo uma definição uníssona, ajuda a entender e sistematizar melhor como acontecem algumas divisões territoriais e consequentemente sociais dentro das cidades.

De acordo com o IBGE, a definição de Região Metropolitana se constitui por agrupamentos de municípios limítrofes, com o objetivo de integrar e organizar melhor questões de interesse comum. O IBGE classifica as regiões metropolitanas do país semestralmente. Em 2019.1, 21 municípios faziam parte dela: Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Belford Roxo, Cachoeiras De Macacu, Guapimirim, Itaboraí, Itaguaí, Japeri, Magé, Maricá, Mesquita, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, Rio Bonito, São Gonçalo, São João de Meriti, Seropédica e Tanguá.

Figura 15 - Mapa da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.



Fonte: Laboratório Integrado de Geografia Física Aplicada - UFRRJ, 2020.

É importante destacar que algumas cidades são flutuantes dentro dessa classificação. Maricá e Petrópolis, por exemplo, são cidades que ora aparecem ora não são citadas como parte integrante da região metropolitana. Independente das variações na composição, a Região Metropolitana é composta por diversas cidades da Baixada Fluminense, da Região Oceânica e da Costa Verde, mas segundo a Secretaria de Estado de Turismo - SETUR, a divulgação sobre a região metropolitana no site oficial do Estado conta com a seguinte informação:

A região é composta por duas cidades: Rio de Janeiro e Niterói, que sintetizam em suas ruas, praças e magníficas construções, importantes capítulos da história do país. (...) O visual da Baía de Guanabara, contornada por cadeias de montanhas e morros como o Pão de Açúcar, causa impacto no viajante ao cruzar a entrada da barra. Com uma paisagem composta por praias emolduradas pelas montanhas e pelo verde das florestas, que se estende pelo litoral pontilhado de ilhas, a Região Metropolitana é um destino extraordinário. (SETUR, 2019, Disponível em: <http://www.cidadesmaravilhosas.rj.gov.br/metropolitana.asp>).

Fica evidente como as informações sobre a cidade são cerceadas pelos interesses sociais, políticos e econômicos das regiões. A exclusão da definição clara dos bairros que compõem a região metropolitana do Rio de Janeiro é apenas um dos exemplos do apagamento que é realizado e institucionalizado para com os que vivem para além do que é considerado cartão postal. Na chamada principal do site da SETUR, é possível ver o seguinte *slogan*⁴: “Cidades Maravilhosas”. A tentativa de trazer uma pluralidade e a ideia de que dentro do Estado do Rio de Janeiro também existem outros pontos de turismo e lazer, só faz efeito no campo simbólico com o uso do plural, já que, na prática, o que observamos ao analisar a página da internet é que diversos locais do Estado foram completamente apagados. Esse apagamento reforça a ideia de que, na prática, a segregação socioespacial é um projeto de exclusão, silenciamento e negação dos que vivem para além da orla carioca.

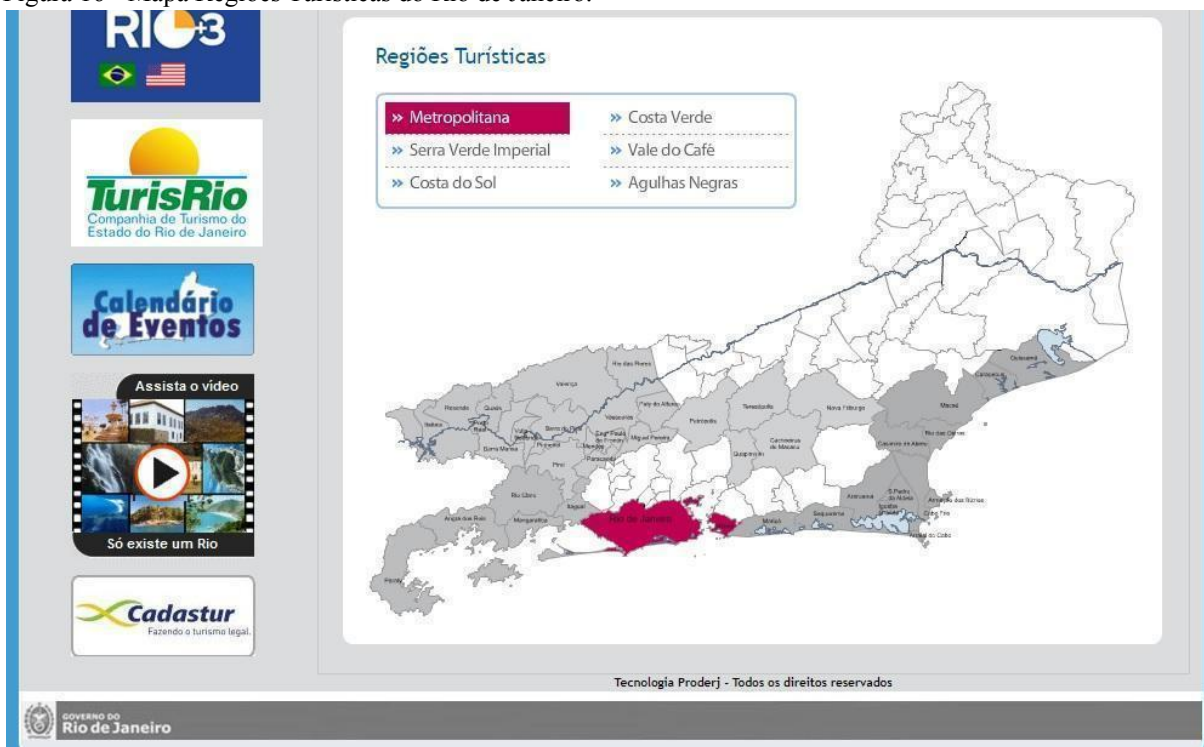
Lamentavelmente, Duque de Caxias não se tornou o pomar, mas o quintal de despejo da República, onde foram instaladas indústrias poluentes e o maior aterro sanitário da América Latina, que por mais de trinta anos recebeu os resíduos sólidos da cidade do Rio de Janeiro e municípios vizinhos. (TENREIRO, 2015, p. 90)

Como é declarado por Tenreiro na citação acima, essa relação de isolamento foi e se mantém desde a formação da cidade e dos primeiros processos de remoção. Isso porque estamos tratando como exemplo a cidade de Duque de Caxias, que é a que possui maior proximidade geográfica da capital carioca e é estrada para a cidade turística de Petrópolis. Por mais que hoje na sociedade o trânsito entre os lugares e o acesso a alguns direitos básicos de

⁴ Slogan em tradução livre significa frase publicitária ou de propaganda, breve e incisiva.

qualidade de vida vêm sendo proporcionados, por exemplo, a um maior número de jovens moradores da Baixada Fluminense que se formam em universidades públicas, ainda é uma conquista que, para ser possível de concluir, é necessário muito enfrentamento, atravessando as pressões e os limites que não impostos a quem não faz parte do *pedaço*.

Figura 16 - Mapa Regiões Turísticas do Rio de Janeiro.



Fonte: Secretaria de Estado de Turismo, 2019.

Sentir-se parte deste ambiente, seja ele universitário, artístico, empresarial, financeiro, cultural, social e circular em diferentes espaços dentro do Estado do Rio de Janeiro enquanto morador da Baixada Fluminense, é por vezes encarar os olhares e as dúvidas acerca da capacidade daquele indivíduo que ali se faz presente, logo, ultrapassar os limites geográficos das cidades é também adentrar em camadas sociais que por vezes são classificadas como de todos e para todos, o que acaba acontecendo na maioria das vezes é que não há acolhimento. O estranhamento e a invisibilização afasta a sensação de pertencimento que o indivíduo enquanto transeunte busca construir dentro da cidade.

1.1 Olhar de dentro

Minha casa, localizada na esquina da Rua Maturim do Parque Marilândia, faz um borrão diante de tantas nomenclaturas, identidades e classificações locais no segundo distrito. A rua, situada há menos de 2 km da rua Cunhampumba, apresentada anteriormente, é uma

região que possui saída para três bairros identitários distintos: A via principal desemboca na Av. São Paulo, ponto de conexão com Campos Elíseos e Jardim Primavera. A segunda rua leva até o Parque Bom Retiro, região mais residencial que possui um pequeno núcleo comercial com igrejas, farmácias, padarias e mercadinhos. A terceira rua, encontra-se com a refinaria, mais precisamente com os tanques de reserva de água da Petrobrás, uma área muito verde, com pouquíssimas casas e sem nenhuma iluminação de rua. Vale destacar que essas três entradas e saídas até o presente momento da pesquisa (2019-2020) não possuíam nenhum tipo de saneamento básico, linha de transporte público, água encanada ou asfalto. Inclusive, a rua Maturim sequer se encontra no Google Street View.

Figura 17 - Caminhos de casa.



Legenda: Quatro imagens de ruas que dão acesso à rua Maturim o mais próximo que o mapeamento registrou.

Fonte: MAPS, 2020.

Os autores Marco Antonio da Silva Mello e Soraya Silveira Simões, dialogam diretamente com essa questão de localidade, moradia e pertencimento quando em seu texto, “*Onde você mora?*” : *propósitos e implicações do endereço* (2013), apontam para a relação que existe entre o indivíduo e a sua posição geográfica no espaço urbano enquanto morador:

E isso porque as *coordenadas*, como dizem os franceses, ou seja, um endereço na cidade, falam não só de uma localização no espaço físico, mas também de uma designação no espaço social. Com esse ponto de partida - as “*coordonnées*” - podemos muitas vezes conhecer até mesmo o tipo de experiência que pode impor-se ao cidadão que habita um determinado espaço (Mello, Simões & Freire, 2010) e também elucubrar sobre os processos de normatização da vida na cidade que visam instaurar entre seus habitantes certa *urbanidade*. (MELLO & SIMÕES, 2013)

Logo, saber exatamente de qual região eu faço parte sempre foi uma questão. Existiam de três a quatro respostas diferentes, dependendo de quem perguntava, em qual contexto ou situação. Mesmo a minha casa sendo localizada dentro dos limites de Jardim Primavera, enquanto moradora nunca me identifiquei como uma figura pertencente ao bairro. Mesmo sem acreditar, de fato, durante a adolescência nessa vinculação, fazia uso do nome para não ser marcada socialmente como moradora de Campos Elíseos, uma parte mais pobre e favelizada.

Para além das aparências, quando era preciso explicar onde fica a minha casa, acessava algumas explicações e referências distintas, dependendo de quem estava ouvindo a rota. Caso a explicação fosse dada a alguém que conhece pouco os bairros de Duque de Caxias, a referência da refinaria Reduc era um ótimo ponto de referência, já que a indústria, com suas grandes torres que lançam chamas, se faz perceptível da Rodovia W. Luiz. Caso a pessoa soubesse melhor o funcionamento interno do Bairro, falava que morava no Parque Marilândia ou "eu moro lá perto dos tanques", também era uma forma de se fazer entendida e isso era por vezes motivo para espanto: "Caramba! Longe, hein?".

Figura 18 - Piquenique no "Morrão".



Legenda: Eu e meus amigos de infância na área de passagem de dutos de gás da refinaria, lugar de diversão e visitação dos moradores locais.

Fonte: CARRILHO, 2005.

Uma observação que faz com que ainda se torne mais confuso essa questão de pertencimento dentro bairro se dá a partir das nomenclaturas dos transportes públicos, que tradicionalmente em Duque de Caxias não são identificados pela numeração e sim pelos nomes de cada linha e itinerário.

Para aqueles que desejavam chegar na minha casa de trem, precisavam descer na estação Jardim Primavera, mas caso precisassem vir de ônibus, nenhuma linha com esse nome correspondia ao meu endereço. Saindo da Central do Brasil, era preciso pegar o ônibus Saracuruna, nome de outro bairro vizinho onde a linha corta Campos Elíseos e uma parte de Jardim Primavera. Caso a explicação saísse de Duque de Caxias, o ônibus João Pessoa, vulgo Verdinho era o transporte mais utilizado, mas caso a pessoa estivesse no bairro 25 de Agosto, deveria esperar pacientemente o ônibus Petrobrás.

Não foram poucos os episódios onde os não moradores da Baixada Fluminense acreditassem que pegando um ônibus escrito "Duque de Caxias" chegaria até minha residência, ou onde os próprios moradores da cidade citavam equivocadamente que eu pegava trem na estação de Campos Elíseos. A rota até esse lugar que não parece ser nem uma coisa, nem outra não é e nunca foi tão simples assim de se compreender.

Minha rua, uma descida de morro composta por casas com grandes quintais, farto de árvores, onde todos os meus vizinhos da rua são membros da minha família. Minha bisavó, mãe de dez filhos, se instalou naquela região vinda da cidade de Campos, interior do Estado do Rio de Janeiro. Acostumada com a vida na roça, se estabeleceu naquela rua que não ofertava nenhum tipo de condição de moradia. Mesma rua onde minha mãe nasceu, cresceu e se instalou na fase adulta, três casas acima.

Meus pais que cercaram o terreno que até então era um campo de futebol, levantaram o alicerce, furaram o poço de água, nove metros de profundidade que abastece a casa até os dias de hoje. Cresci em uma vida em comunidade, muito familiar. Minha mãe, que viveu até 1982 em uma casa alimentada por lamparina, já que não havia rede de energia elétrica na rua, presenciou também no início dos anos 2000, agora junto comigo, a troca dos antigos e primeiros postes de energia elétrica feitos de madeira por novos feitos de concreto.

Brincar na rua, subir em árvore, tomar banho de lama na descida do morro, ter frutas disponíveis de toda sorte o ano todo: banana, manga, jaca, jambo, jabuticaba, jamelão, acerola, cana, laranja, limão, cajá, ingá, cacau, caju, amora, abacate, coco, abiu... eram bolsas e baldes partilhados entre a vizinhança. Um dos benefícios de se morar afastado do centro comercial do bairro era o silêncio, junto do som dos bichos quando anoitece e o ventinho fresco das árvores. O calor nunca era tão quente como era no asfalto. Mas as dificuldades

eram a própria distância, todas as manhãs na minha casa, existia o dilema de quem é que ia comprar o pão, quando acabava algum item dentro de casa, era necessário pegar a bicicleta e recorrer ao centro comercial mais próximo, na Avenida Vicente Celestino, cerca de 10 minutos pedalando com direito a duas subidas de morro que carregando as sacolas de compras cansava bastante.

Figura 19 - Subida da rua Maturim.



Fonte: A autora, 2013.

Figura 20 - Descida da Maturim.



Fonte: A autora, 2021.

Em dias de chuva também não era agradável circular, sapatos com sacolas de plástico e sair com a barra da calça dobrada até o joelho para não sujar de lama era regra. A expertise de saber andar de chinelo sem respingar a batata da perna também é uma habilidade especial, adquirida com a prática.

Outro fator curioso era a noção de cedo e tarde, na minha casa pelo menos, a partir das 20 hrs da noite, quando o escuro já estava instaurado no céu, tudo se fazia breu e silencioso, somente as chamas da Reduc pulsavam feito vela, em vermelho no céu, gerando a sensação de que o mundo todo parou de funcionar. Por diversas vezes quando saímos para a Praça da Rua 2 após esse horário eu me sentia muito impressionada de que a vida e a circulação de pessoas aconteciam e era ainda maior, com bares abertos, música alta e crianças na praça brincando.

Esse atravessar noturno sinalizava como algumas barreiras se davam através do invisível, ou, pela localização geográfica. Pelo fato da minha casa se encontrar distante do centro comercial, meu corpo não acreditava que era possível transpor a barreira do silêncio que ali a noite fazia.

1.2 Olhar fotográfico

A fotografia, então, cumpre esse papel de interlocução na minha busca de sentido entre o meu corpo e o espaço no qual eu ocupo enquanto moradora de Duque de Caxias. Mas, de um modo geral, fotografar hoje parece que se tornou um ato tão banal que por vezes esquecemos os motivos pelos quais a humanidade buscou por tantos anos executar essa prática com primazia e excelência. Estamos no futuro: carregamos no bolso um objeto capaz de armazenar um milésimo de segundo do tempo no espaço da cena de forma mimética, centenas de vezes, sem precisar de filme, a imagem se revela no mesmo instante, em cor.

Mas, nem sempre foi assim, é possível acompanhar o desejo de registro da humanidade desde as primeiras civilizações, com os seus desenhos em cavernas. A pintura rupestre aponta para essa história, a história daqueles que viveram ali produzindo aquelas imagens, gravando suas práticas ritualísticas, seus registros sobre plantação, colheita, caça, guerra, rotina... um leque de cultura dessa civilização que hoje, milhares de anos depois, temos acesso justamente pela gana humana de imortalizar e preservar seus feitos.

Desde muito cedo, a humanidade compreendeu o poder da imagem. Hoje, completamente afogados em um mundo que consome abundantemente fotografias o tempo todo, sentimos o poder dessa referência imagética quando citamos determinados casos históricos e automaticamente acionamos uma cena para tal narrativa e na maioria das vezes, essa é uma imagem inventada. Como por exemplo, quando é citada a passagem bíblica que

narra o momento da última ceia de Jesus com os seus apóstolos, prontamente acessamos uma cena que remonta um ambiente onde, por mais diferente que seja em cada cabeça, tem em comum alguns elementos, como por exemplo, uma mesa com a figura de Jesus ao centro. Quem nos ensinou a imaginar essa narrativa sempre da mesma forma? Esse acionamento vem de um afresco pintado por Leonardo Da Vinci (1452-1519), realizado entre os anos de 1495 e 1498. Como uma pintura renascentista foi capaz de atravessar os anos, tanto para frente, quanto para trás, já que foi capaz de perpetuar ainda mais uma história construindo uma ilustração para a cena? Walter Benjamin, em seu texto *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* (1955), aponta para esse poder da imagem e principalmente para o poder da reprodução em massa das imagens:

Os pintores queriam que seus quadros fossem vistos por uma pessoa, ou poucas. A contemplação simultânea de quadros por um grande público, que se iniciou no século XIX, é um sintoma precoce da crise da pintura, que não foi determinada apenas pelo advento da fotografia, mas independentemente dela, através do apelo dirigido às massas pela obra de arte. (BENJAMIN, 1955).

Inclusive, com essa grande massificação das pinturas, podemos apontar também para a sua aura, assim como classifica o autor, enquanto valor que se perde quando essa reprodução ganha uma escala absurda. Podemos perceber que por vezes, ocorre uma distorção em relação à algumas obras de arte e também para a ceia de Da Vinci, mesmo sendo afirmado que a pintura se trata de um afresco, esse dado ainda sim, pode não ser palpável o suficiente para se compreender que se trata de uma obra que ocupa uma parede de mais de quatro metros de altura e oito de largura em um convento em Milão. Essa distorção da imagem se dá justamente por sua infinita reprodutibilidade fotográfica e conseqüentemente, redução de escala, onde as reproduções da santa ceia são colocadas nas paredes das salas de jantar das casas em tamanhos mínimos comparado à obra original.

O conceito de aura permite resumir essas características: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da arte. Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca o domínio da tradição do objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. (BENJAMIN, 1955)

Com menos de 200 anos de existência a fotografia não foi descoberta, foi inventada. Essa afirmação vem acompanhada de documentos que remontam a construção da câmara escura sendo elaborada em estudos do imperador Chinês Mozi, há mais de 400 a.C. Por isso,

não é fácil afirmar como, quando e de que forma a fotografia aconteceu. Muitos cientistas, físicos e artistas foram obcecados pelo poder da imagem e o desejo de captação da mesma. Em meados do século XIX, com o advento moderno, iniciou-se uma grande corrida em busca da gravação perfeita, a captação da imagem como uma forma de projeção no fundo da caixa preta, como já citado anteriormente, fazia parte da cultura e da pesquisa de muitos, inclusive as câmaras escuras ganharam um destaque especial nas pinturas hiper realistas do Barroco, com apontam os estudos do artista e pesquisador David Hockney em seu documentário "O conhecimento secreto" (2003), destacando o trabalho de Caravaggio como um grande exemplo de uso de projeção em câmara escura para uma melhor primazia e senso estético de realidade em suas telas, explorando melhor o jogo de luz e sombra.

Diante de tantas pesquisas e anseios para se congelar um ato, é importante destacar alguns nomes que contribuíram para a construção do que hoje compreendemos como fotografia. O primeiro deles é o francês Niépce, responsável em 1826 pelo primeiro registro em sais de prata com o sucesso de se obter uma cena. A imagem é realizada em uma janela, ato que simboliza a possibilidade de mundo se abrindo para tal feito. Na sequência, em 1835, o inglês Talbot também retrata uma janela, essa por sua vez fechada, trata da primeira imagem realizada em negativo.

Importante destacar a importância do Brasil na história da fotografia mundial, já que Hércules Florence, pesquisador francês, desenvolveu seus estudos em fotografia em meados de 1833 na cidade de Campinas, São Paulo, e, desde o início da popularização da imagem fotográfica o Brasil, recebeu na sequência exemplares de câmeras e também de fotógrafos, que retrataram e documentaram as cidades à época.

Daguerre na França, em 1838, aprimorou a pesquisa de seu parceiro já falecido, Niépce e realizou o feito que todos almejavam, elaborou o Daguerreótipo, primeiro instrumento fotográfico amplamente difundido pelo governo francês à população. Esse tipo de fotografia foi realizado ainda com limitações técnicas de elaboração, cor, dimensão e principalmente de reprodução, já que a fotografia de um daguerreótipo é sensibilizada e revelada em uma placa única de metal, assim como enfatiza Walter Benjamin:

A fotografia, em seus anos iniciais, repousava sob a aura do fazer artesanal. O processo técnico para a produção das primeiras imagens em chapas metálicas carregava em si uma dilatação temporal que as aproximava da expressão artística permeada pela modernidade do século XIX. Neste momento, os custos de produção, acabavam por restringi-la às elites, haja vista que as fotografias "eram peças únicas; [...] Não raro, eram guardadas em estojos, como jóias." (BENJAMIN, 1955).

Com o passar dos anos e o avanço nas pesquisas tecnológicas na fotografia, passamos então da Câmara Escura para o Daguerreótipo, seguindo para as câmeras de película em preto e branco até a popularização através das câmeras *Kodak* automática revelando em cor, avançando para os sensores digitais onde os registros se armazenam em cartões de memórias digitais e, por fim chegamos no Smartphone, aparelho responsável pela sua capacidade de absorver um grande volume de imagens fotográficas e informações no geral.

Pensar a produção fotográfica contemporânea é refletir sobre uma realidade pautada pela presença de um dispositivo móvel na mão, capaz de produzir uma infinidade de imagens. Susan Sontag (1977) diz que “as fotos oferecem história instantânea, sociologia instantânea, participação instantânea”. Logo, nada parece sugerir a necessidade da longevidade da fotografia de outrora, sendo a efemeridade uma característica do presente, a fotografia se tornou o mecanismo facilitador para anotações, lembretes e capturas imagéticas imediatas. Também se torna corriqueiro fazer da fotografia um mecanismo de repetição, na intenção de apreender a situação ou coisa da melhor forma possível. Esse registro obsessivo é feito como uma forma de memória? Ou seria um mecanismo de esquecimento? O fotógrafo Fábio Seixo em entrevista à revista Carta Capital em 2013, declara que:

A fotografia, que sempre foi um instrumento de memória, passa a ser um dispositivo do esquecimento. Você fotografa não mais para guardar o momento, mas para poder esquecer. É como se cada vez que você apertasse o botão, aquela imagem fosse para um buraco negro. (SEIXO, 2013)

Esse olhar adormecido para o ato fotográfico é o que compromete a compreensão do poder que passamos a possuir na palma da mão. Susan Sontag define fotografar como “um modo de atestar a experiência, tirar fotos é também uma forma de recusar – ao limitar a experiência a uma busca do fotogênico, ao converter a experiência em uma imagem, um souvenir”. Constantemente reduzimos nossas experiências em imagens, e nos colocamos em uma situação onde o ato de “capturar” se torna mais essencial que a própria vivência.

Como então, podemos reverter esse olhar tão viciado e impregnado do automatismo fotográfico contemporâneo? De que forma se faz possível despertar a imagem fotográfica como um mecanismo de intenção? Acredito que o segredo se faz no olhar, na pausa e na atenção diante do evento que é realizar uma fotografia. Esse tempo de esperar a imagem acontecer por muitas vezes é substituído por disparos contínuos, às cegas, na tentativa de que alguma das dezenas de imagens disparadas aconteça enquanto resultado.

A fotografia de rua possui um aspecto importante enquanto referência nessa produção fotográfica pautada pela responsabilidade do registro, logo, podemos observar que inclusive

os primeiros registros se deram no espaço urbano, retratando para além das janelas a arquitetura que ali se fazia presente. A fotografia surgiu em meio ao acontecimento das ruas, André Rouillé em seu livro *A fotografia entre documento e arte contemporânea* (2009), aponta para esse desenvolvimento mútuo das cidades juntamente com a imagem fotográfica: "A fotografia é urbana primeiramente pela sua origem: surgida no mesmo tempo que as cidades modernas, desenvolveu-se nelas - mais nas grandes do que nas pequenas cidades." Logo, registrar os grandes centros fez parte de um olhar atento e também de uma necessidade de mundo moderno que buscava a partir das máquinas uma evolução social.

Essa evolução se deu ao ponto de hoje estarmos completamente absorvidos em tecnologias que reproduzem em sua máxima, fotografias. Por isso, reafirmo a importância de retornar para o pensamento da construção fotográfica em sua primeira essência. Milton Guran, em sua pesquisa *Linguagem Fotográfica e Informação* (1991), aponta para esse direcionamento do olhar durante a realização da imagem:

O ato de liberar o obturador da câmera é sempre a escolha de um determinado momento, e é a principal escolha do fotógrafo. Uma vez que a realidade está em permanente mudança na sua plasticidade (até no caso das paisagens, onde tudo é aparentemente imóvel), uma mesma cena se organiza, se desorganiza e se reorganiza sucessivamente, e sempre de forma diferente. (GURAN, 1991)

Esse olhar para a cena e o momento de fotografar possui uma relação direta com estar também atento ao maquinário fotográfico, e isso hoje se faz fundamental, ao ponto que necessitamos despertar o olhar, pensar, escolher e enquadrar para finalmente decidir clicar. Vilém Flusser, aponta para uma questão importante dentro dessa relação entre o olho e a máquina, que é a necessidade de uma subversão diante da caixa preta, exatamente para não se deixar levar pelo automatismo mecânico, buscando assim um olhar além do que constitui o aparelho fotográfico, sendo sensível e atento enquanto realizador da imagem:

Uma vez adquirido, o aparelho fotográfico vai se revelar um brinquedo curioso. Embora repouse sobre teorias científicas complexas e sobre técnicas sofisticadas, é muito fácil manipulá-lo. O aparelho propõe jogo estruturalmente complexo, mas funcionalmente simples. Jogo oposto ao xadrez, que é estruturalmente simples, mas funcionalmente complexo: é fácil aprender suas regras, mas difícil jogá-lo bem. Quem possui aparelho fotográfico de "último modelo", pode fotografar "bem" sem saber o que se passa no interior do aparelho. Caixa preta. (FLUSSER, 1985)

Esse corpo no mundo atento, observando e registrando fotograficamente é provocado a partir da sua vivência no espaço, na rua, no trajeto e nos percursos que se tornam motivos para o apontar da câmera, onde ser e estar no mundo provoca e gera a imagem fotográfica.

1.3 Em campo

No final das contas, tudo se resume em parar para observar a movimentação humana e o seu caminhar pela cidade. Produzir uma análise no simples fato de ser e estar no mundo, por si só, pode parecer pouco, mas demanda inúmeras frentes, considerando as mais diversas categorias, classificações sociais, culturais e territoriais de se viver e habitar o mundo.

Quando direcionamos essa máxima da existência humana para grupos sociais periféricos, ser e estar no mundo pode não parecer tão simples assim. A complexidade de se viver em uma sociedade que não acolhe aqueles que estão além do privilégio social, cultural e principalmente territorial se faz evidente quando paramos para observar a movimentação das pessoas nos grandes centros urbanos.

Para tal, antes de adentrarmos nos relatos do campo, é preciso enfatizar uma breve descrição de duas categorias que serão trabalhadas conjuntamente. A primeira é o conceito de Cidade. Afirmo a necessidade de expandir o conceito plural da categoria Cidade, para além da variável que se faz a partir da soma das fronteiras, *as Cidades*, poderia ser colocada simbolicamente desta forma mesmo quando nos referimos a uma, já que ela pode se fazer múltipla e diversa dentro de si.

Como e porque a arquitetura da cidade se torna cidades de uma forma tão distinta? A sua formação maciça, fincada em pilares sólidos é pura contradição: a arquitetura urbana ao mesmo tempo em que acolhe, repele. Se faz estranha e familiar, segura e violenta, são cidades e cidades dentro de um mesmo metro quadrado.

Com isto, o segundo fator importante se faz crucial: o indivíduo e as suas narrativas. Já que a construção estrutural do espaço urbano se faz presente e imponente em sua estrutura física, o personagem principal de toda a relação cidadina é a figura do cidadão, aquele que com o corpo, a cultura e o social constrói, desconstrói e enfrenta diariamente essa relação de ser e estar. Procuro aqui estabelecer um limite entre as várias possibilidades que podem ser aplicadas para um estudo entre pessoas, grupos sociais, culturas, países, estados, bairros e diversos outros demarcadores que constroem tanto a interação quanto a diversidade e segregação.

O relato de campo a seguir se deu a partir de uma primeira conexão onde ir até o local e se deixar fluir entre os modos de vida, as sensações e memórias afetivas. A observação flutuante atravessou o primeiro contato com o campo, essa experiência piloto contou com quatro encontros, que aconteceram entre Outubro e Dezembro de 2019.

O caminho traçado por aqui será feito de trem, entre as cidades do Rio de Janeiro e Duque de Caxias, partiremos da Central do Brasil seguindo pelo ramal Saracuruna até a sua penúltima estação: Jardim Primavera. Lugar onde nasci, cresci e me reconheço enquanto raiz. Logo, o campo da pesquisa passará pelo escopo do familiar, mas isso não impede o ineditismo do olhar.

A percepção e inserção no campo enquanto pesquisadora possibilita uma relação de outra ordem para com o espaço e as pessoas do local. Gilberto Velho, no texto *Observando o Familiar* (1978), apontava para tal estudo, ao tratar da relação entre o pesquisador e seu meio, a rotina, os percursos e as relações do observador com o campo são colocadas em evidência.

Desmistificando a premissa de neutralidade por parte de quem observa, e afirmando que a partir do momento que se questiona o campo no prisma antropológico, o estranhamento para fatos e ambientes ditos como familiares se tornam latentes. Fazer uma leitura acerca das perspectivas que acontecem entre eu, o meio e o outro é um desafio no qual venho trabalhando.

Além das categorias e autores mencionados anteriormente, o trabalho da antropóloga francesa Colette Pétonnet (2008) destaca a Observação Flutuante como uma forma possível de se fazer uma pesquisa no campo. A observação flutuante, de acordo com Pétonnet, consiste em estabelecer um canal onde o pesquisador se permite ser atravessado pelas experiências do campo e acatar as demais sensações, ações, sons e presenças sem se deixar interferir conceitualmente, permitindo uma fruição do tempo presente.

É interessante destacar a maneira como a autora organiza seu texto, a descrição do cemitério do Père-Lachaise em Paris é feita de maneira na qual o leitor é convidado a mergulhar na atmosfera do lugar. Os relatos são apresentados de maneira cronológica, iniciando sempre um novo dia com a data do ocorrido no início do parágrafo.

A análise feita pela autora parte de uma busca que não é a dela. A sua presença se faz para acompanhar o trabalho de outro pesquisador. Com isto, a narrativa e a ambientação do lugar se faz presente de maneira imersiva, para além de uma busca objetiva, a observação flutuante permite uma interação onde o meio, seus acontecimentos e as narrativas cotidianas atravessam os relatos do observador. A partir de então, procuro estabelecer um primeiro contato com o campo enquanto pesquisadora.

30 de Outubro de 2019 - Cheguei na Central do Brasil sem saber ao certo o que se pretende, com um caderno na mão, uma caneta e a estação de Jardim Primavera como certeza de destino final. Me permiti fruir um pouco daquela atmosfera confusa e viva que sempre intriga, fiquei alguns minutos observando o vai e vem que nesse horário de meio dia não é tão

intenso, mesmo assim, uma mesma pergunta insiste em sondar meus pensamentos: Quem tem medo da Central do Brasil?

Olho para o lado, vejo pastéis projetados feito avião de papel para as mãos dos consumidores, resolvo comer uns salgados sortidos e o vendedor muito simpático, animado em vender os salgadinhos, coloca duas bolinhas de queijo à mais na minha embalagem: "ninguém viu" sussurrou ele com uma voz afeminada.

Me encontro com o trem, estação vazia, vagão gelado, o contra fluxo proporciona pequenos luxos. Escolho com calma meu assento e inicio meu "almoço", até que chega o aviso sonoro: "Este trem não fará mais serviço de circulação, favor realizar transferência para a linha L", e saem todos correndo em debandada para o outro lado da plataforma. Eu, destreinada dessas peças que o transporte público prega, levanto com salgado, caderno, celular pendurado pelo fio, tudo a ponto de se perder das minhas mãos que amarravam os objetos enquanto as pernas corriam até o vagão certo.

A viagem tem duração de 45 minutos, informa o maquinista. Iniciamos. E começa a pipocar os vendedores:

Pacotão de alho paga cinco.
Olha a água, cerveja, guaraná... Águaaaaaa, com gás, sem gáaaas...
Água!
Água!
Água!
Coquinhaáguaaaa
Água, água ou cerveja
Cinco reais é o alho, quem mais!?
Águaê, guaranaê, grapette é dois, polvilho, povilhobatata⁵.

É um desarranjo. Um grande e confuso show onde cada um tenta conquistar sua atenção seja pelo volume da voz, a entonação, a melodia, o ritmo ou na história que é contada. Entre microfones, berros e pedaços de papéis com dizeres: "Estou aqui cheio de vergonha", percebo o vagão como um todo, vejo muitas roupas estampadas, senhoras com blusas floridas, homens de camiseta listrada, trabalhadores, alguns jovens estudando, outros no celular, existe um recorte de cor e de classe no vagão e uma infinidade de produtos, dos mais variados tipos... Hambúrguer congelado, empadão, biscoito, bebidas, Torcida, pipoca, batata, polvilho, torta salgada, cuscuz doce, salaminho, escova de dente... No trem você é surpreendido todos os dias por alguma novidade, para quem faz uso diariamente, a distração e a desconfiguração sonora parece não impedir os cochilos de boca aberta ou as leituras compenetradas.

⁵ Reprodução de narrativas de vendedores ambulantes ouvidas no trem Central x Saracuruna.

Chegamos em Gramacho, hora de trocar de trem, a viagem até Jardim Primavera continua. Saio e percebo o ar abafado e quente da plataforma, não demora muito para a chegada do trem sentido Saracuruna. Agora com o vagão mais ocupado, seguimos com os trabalhadores que fazem uso vendendo, indo, dormindo e voltando.

O trem balança mais de Gramacho pra cá, a maciez do trilho se perde em meio a tanto remelexo e bateção. Próxima estação Jardim Primavera, desço enfim na penúltima estação do ramal Saracuruna.

Passarinhos em canto estridente me recebem já na plataforma, mas diferente de algumas estações de metrô da Cidade do Rio de Janeiro, o som não sai de alto-falantes e sim dos pulmões dos moradores da plataforma, que sobrevoam e fazem seus ninhos em meio às pilastras. Fui recepcionada pelos passarinhos e em seguida por duas senhoras com panfletos em punho que diziam: *Jesus te ama*. Tudo parece estar no mesmo lugar, cada som, morro e buraco, mas eu não estou mais, o horizonte daqui parece raso, me sinto gigante, as linhas são finitas e para onde eu olho vejo um limite, como em um globo de natal, uma redoma protege, abafa e limita as minhas possibilidades nesse mini-mundo.

No início do relato, afirmo o fato dessa ser a primeira experiência enquanto mestranda, flanando pelo bairro permitindo-se conectar, encontrar, perder e procurar. Me vi andando até a parte mais central do bairro, a Praça da Rua Dois, e o caminho traçado foi o mesmo realizado por toda a minha vida, segui intuitivamente pelo mesmo lado da calçada, atravessando a rua no mesmo ponto, observando as mesmas casas, o mesmo desnível na calçada, a mesma árvore. Os trajetos podem dizer muito sobre nós, os percursos, os lugares de pausa, o lado da calçada, a sorveteria, a loja de roupas... tudo isso constrói e constitui o indivíduo na sociedade e essas escolhas persistentes e por vezes inconscientes, gera o que Magnani (1992) classifica como “pedaço”, um lugar de domínio, conforto e aceitação, assim como os “trajetos”, que também demarcam as preferências, as relações pessoais e sociais com o bairro.

O antropólogo, no já mencionado texto “Da periferia ao centro: pedaços & trajetos” (1992), aponta para essas variáveis em relação a cidade. Tratando do centro comercial de São Paulo, o autor aplica os conceitos de Mancha, Pedaço e Trajeto, com o objetivo de analisar se de fato é possível traçar camadas espaciais, emocionais e sociais em um ambiente tão diverso e por vezes demarcado pela funcionalidade de ser um espaço de trabalho e passagem.

O que ficou claro é que, independente do centro urbano não ser estruturalmente feito para comportar vínculos, esse espaço central da cidade também tem estabelecido setores sociais, culturais e políticos de acordo com as necessidades individuais, as relações de trabalho e as afinidades emocionais e culturais que também são postas nesse jogo que é

transitar. Se observarmos a movimentação do alto de um prédio, podemos ter a falsa impressão que todos, como formiguinhas, seguem um mesmo caminho, realizam as mesmas funções e percorrem, mesmo por vezes em direções distintas, para um mesmo objetivo traçado.

Na verdade, o que vai direcionar, por exemplo, se uma estudante toma o seu café na padaria da esquina ou em uma confeitaria no shopping parte de uma série de fatores que, de forma consciente ou não, faz com que ela sempre percorra pela mesma rua, seguindo no mesmo lado da calçada, atravessando no mesmo ponto, entrando no mesmo estabelecimento para então tomar o seu café.

Se a sua escolha é o shopping ou a padaria, não cabe aqui, poderíamos confabular diversos motivos para a escolha A ou B, mas o que cabe ressaltar aqui é exatamente o fato de que escolhas são feitas, hábitos são criados e trajetos são traçados em nossas rotinas. E isso vai além de uma simples comodidade do ser humano em movimento. Isso também passa pelo social e pelo sentimento de pertencimento que aquele indivíduo tem na cidade.

Desci na minha estação, passei pela minha escola, andei pela minha calçada, visitei a minha praça, ouvi o passarinho, a carroça, apreciei as pausas silenciosas. Chegando na praça, observo a movimentação, comércio funcionando, carro de som, gente de bicicleta, carroça, moto, ônibus, tudo e todos circulando ao mesmo tempo, em um mesmo metro quadrado, em uma dança muito confusa, que no final das contas funciona.

Lembro que há poucos metros da praça, existia um espaço chamado de PROFEC - Programa de Formação e Educação Comunitária, no qual fui aluna em três momentos da minha vida, na infância, aos nove anos de idade, onde fiz curso de macramê e pintura em tecido, aos doze anos, quando fiz balé na ONG Projeto Luar de Dança, onde as aulas aconteceram no espaço do PROFEC por um determinado tempo, e por último, aos dezesseis anos, quando ali se fundou um ponto de cultura e participei de um curso de Gravação e Edição de Vídeo.

Retornar ao até então PROFEC dez anos após a minha última visita, foi um movimento importante, já que estava ali para perceber um pouco mais de como se dá a vida do jovem morador do bairro, nada melhor do que retornar à um espaço que foi de suma importância na minha formação. Ao me deparar com o prédio, a nostalgia foi longe, por mais que a entrada estivesse um pouco modificada, ele estava lá, intacto, com um banner que dizia “Biblioteca Comunitária Tecendo uma Rede de Leitura”.

Ao entrar, sem saber ao certo o que me esperava, encontrei um espaço muito familiar: a mobília, a luz, a escada de madeira, o cheiro de umidade e a Shirley, uma figura que ao

longo desses anos se fazia presente no meio daquele espaço, mas que eu nunca tinha conversado diretamente. Ela me recebeu sentada em uma sala envolta de livros, todos com temática infantil, um grande tapete colorido com alguns brinquedos se encontravam no centro da sala, juntamente com algumas crianças desenhando.

Desconfiada, sem entender ao certo o que eu pretendia - nem eu mesma sabia - não se recordou de mim, mas lembrou de todos os projetos no qual eu citei ter feito parte. Sem muito entusiasmo me disse que atualmente o que eu conhecia como PROFEC não existe mais, e que ali só funcionava aquela sala de leitura.

Percebi o olhar e a fala de alguém que parece saber o quanto já fez e o quanto poderia fazer enquanto produtora cultural, e aquela salinha não era o suficiente. Enquanto meus olhos estavam marejados ao lembrar de quantas coisas eu vivi e aprendi naquele espaço, ela recordava e lamentava o fato de hoje em dia não ser mais possível realizar tanto. A falta de investimento público e a escassez de editais a colocava em uma situação de lamento e preocupação. “Só tem isso aqui funcionando”, afirmou.

Shirley compartilhou comigo a necessidade de se promover projetos culturais para a juventude local, e apontou o desejo dos mesmos, que sempre estão à procura de cursos. Saio de lá agradecendo a ela pela dedicação em trabalhar por tantos e tantos anos a fim de promover o acesso cultural para a juventude local. A minha presença retornando ali enquanto mestranda, dez anos depois, era prova viva da diferença que o trabalho dela fez e pode continuar fazendo, mesmo estando apenas com uma sala de leitura.

Conversei com gente que faz a cultura rodar no meu pedaço, com quem mobiliza e reivindica seus direitos básicos na marra, na garra, na rua. A violência é um problema. O corte de verbas é um problema. A ausência do Estado é um problema. A passagem é cara.

Retornando, olho para a janela do trem e vejo o pôr do sol, vermelho feito as chamas que saem das torres da Reduc. Lembro que na minha infância, ao ver o céu piscando feito vela em noite de apagão, sempre questionava o porquê daquele fogo no céu, e como resposta, sempre escutava a mesma frase: “se um dia esse fogo apagar, tudo aqui explode”. Minha cor favorita é laranja.

1.4 Na rua

Contamos com a participação de cinco jovens com idades entre 16 e 19 anos, moradores de Jardim Primavera, que realizaram duas oficinas e possibilitaram uma troca de saberes interessante acerca de suas visões de mundo e do bairro. A partir das trocas e somas, os relatos a seguir trazem muito sobre o olhar daqueles que estão construindo seus sonhos e

projetando um futuro. Também carrega muitas impressões e visões daquela que morou, viveu, cresceu e agora pesquisa o seu lugar.

24 de Novembro de 2019 - Após algumas conversas, contactando pessoas próximas do bairro, foi realizada a primeira oficina com três participantes, jovens de 16 a 20 anos. Os três são amigos e vizinhos. Nossa primeira reunião aconteceu no quintal da casa da Raíssa, eles improvisaram uma mesa com tampão de porta e recolheram cadeiras para que pudessemos nos acomodar e conversar. Raíssa, 19 anos, terminou o Ensino Médio e está cursando Técnico de Enfermagem. Eduardo, 16 anos, está cursando o 8º ano do ensino fundamental, fez curso de informática e deseja trabalhar o mais rápido possível. Thuanny, 20 anos, terminou o ensino médio e já fez cursos de informática e inglês. Nessa primeira conversa de apresentação, todos se deram conta que estudaram em escolas públicas do bairro e em algum momento da vida fizeram algum curso no centro de Caxias. Conversamos sobre como funciona a relação deles com o bairro, a cidade e o estado.

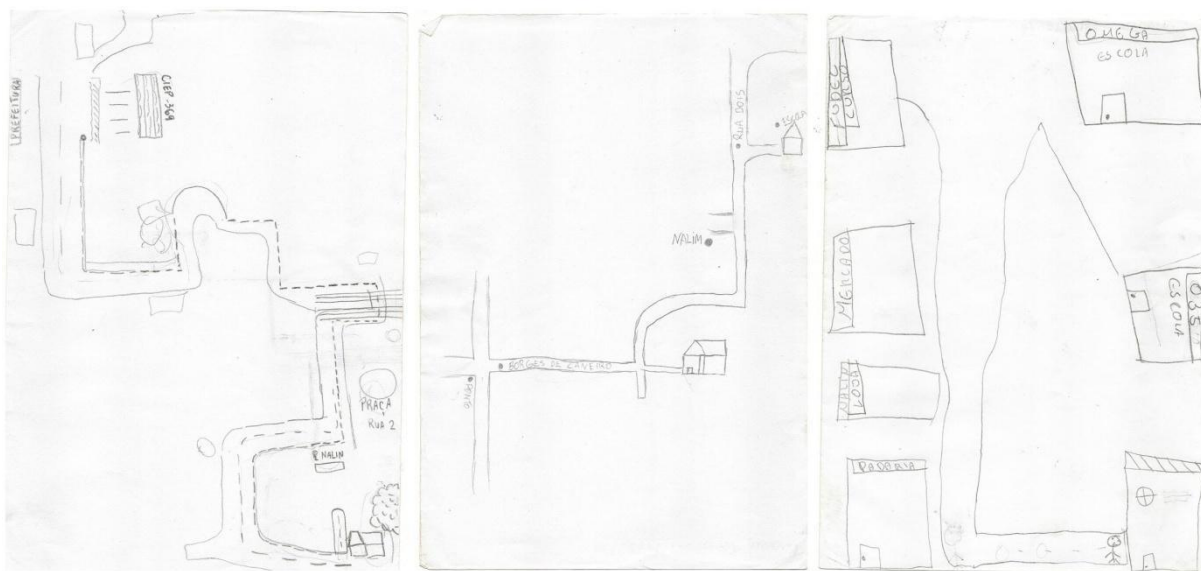
Perguntado a eles sobre a necessidade de se locomover, recebo a resposta que é caro demais e que talvez isso não seja uma opção viável, a não ser por necessidades a nível de estudo ou trabalho. Sobre a relação deles com o bairro, uma apatia percorreu os olhares ao questionar acerca do que seria interessante de se fazer em Jardim Primavera.

Foi proposta então a elaboração de um Mapa Afetivo, pensando no trajeto que eles faziam de casa até a unidade de ensino, marcando nesse mapa os pontos de referência ou áreas que eles consideravam importantes. O resultado foi muito interessante e surpreendeu os jovens ao perceber que por mais que todos morassem na mesma rua, estudassem dentro do mesmo bairro, a forma de representar e perceber este trajeto era distinta para cada um deles. Também foi possível perceber pontos de similaridades entre eles, quando localizaram por exemplo, uma mesma loja de roupas em seus mapas, demarcando como um ponto importante dentro da construção daquele lugar. A praça da Rua Dois também foi um ponto de encontro e a opção de lazer acessível apontada por eles.

Quando foi referido o centro de Duque de Caxias, a conversa se voltou para os cursos, estágio, exames médicos e também o Shopping Caxias foi uma opção citada como um lazer quando se tem dinheiro para tal. A cidade do Rio de Janeiro foi apontada como o lugar onde os familiares vão ao trabalho, e não é atrativo para eles a ideia de trabalhar e viver a rotina que os mesmos presenciam. A cidade do Rio de Janeiro também foi apontada como opção de lazer nas épocas de carnaval, com os blocos da Ludmilla e Anitta e a festa de Ano Novo em Copacabana.

Neste primeiro momento, após a conversa e as apresentações, pensando nas relações afetivas com o bairro, realizamos um desenho no qual cada participante realizou um mapa afetivo que ligava da casa até a escola que eles já estudaram ou estudam. Após a realização dos desenhos, foi possível perceber que mesmo as escolas sendo em locais distintos no bairro, alguns mesmos pontos de referência se apresentaram nos desenhos. Para além das semelhanças, também pôde-se perceber que mesmo os três morando na mesma rua, a representação se fez diferente entre as três, a noção de distância, curvas, ruas e representações gráficas não seguiu um padrão.

Figura 21 - Mapa afetivo dos jovens.



Legenda: Da esquerda para a direita, desenho de mapa de Raíssa, Tuany e Eduardo.
Fonte: A autora, 2019.

Esse primeiro encontro foi uma conversa de apresentação sobre o que se pretendia tratar a pesquisa e uma troca inicial com os participantes. No segundo encontro, houveram quatro jovens presentes e ocorreu uma proposta fotográfica, já que, no encontro anterior foi observado o desejo deles pela fotografia, logo, a proposta foi levar livros de artistas, consagrados como Fotógrafos de Rua. Busquei no meu pequeno e limitado acervo pessoal, livros que pudéssemos desenvolver um debate interessante acerca da fotografia de rua, logo, elenquei os catálogos de Flávio Damm, Horacio Coppola, Vladimir Lagrange e Pierre Verger e assim o grupo pôde observar e selecionar uma imagem que despertasse algum interesse neles. Trocamos contatos e foi criado um grupo virtual de WhatsApp para reunir informações, agendar mais encontros e agregar mais jovens ao projeto.

01 de Dezembro de 2019 - Na semana seguinte, o grupo ganhou mais dois membros. Uma jovem de 20 anos e a outra de 17 anos também decidiram participar das atividades. Pela primeira vez, realizamos nosso encontro na rua, ainda dentro de um perímetro familiar para eles, ocupamos a frente da casa de uma das jovens participantes, onde na calçada havia uma cobertura de telha. Começamos a pensar a relação deles com o bairro e a própria rua, tivemos como disparador da conversa quatro importantes fotografos que documentaram as ruas e os modos de se viver em momentos e lugares distintos, mas mesmo assim, possuem em comum nas suas linguagens a modalidade que é classificada como Fotografia de Rua.

Timidamente, forramos alguns tecidos no chão, espalhando materiais de desenho e livros, prendendo as pontas do pano para não voar com o vento. Sentamos na calçada, em roda e a ocupação se fez presente na rua, somos percebidos e analisados o tempo todo pelos que passam e pela vizinhança. No bar em frente, a música alta que é comum de todo final de semana se fez presente. Percebendo a atividade, ligam o som como sempre é habitual mas diferente de outras tardes de sábado, o volume não estava tão alto. Mesmo que para nós, a concentração por vezes se perdia com o refrão contagiante, ainda era possível estabelecer um diálogo com os participantes. Quando o bar percebeu que a nossa conversa tinha chegado ao fim, as caixas estremeceram e o som do forró tomou conta de toda a rua, estalando os ouvidos e dominando por completo o pedaço. Os corpos presentes, ocupando a rua, inicialmente causou um pequeno desconforto, mas aos poucos a nossa presença foi naturalmente sendo absorvida na paisagem e posteriormente engolida pela música habitual.

Figura 22 - Ocupação da rua.



Fonte: A autora, 2019.

A proposta para o encontro era analisarmos aqueles catálogos com trabalhos de fotógrafos de rua. Cada participante escolheu um catálogo a partir da capa que lhes fosse mais atraente. Após as escolhas, começaram então a folhear os livros e analisar as fotografias, cada um tinha como objetivo escolher uma imagem que se destacasse para eles no livro, para em seguida compartilharmos, justificando a escolha e analisando juntos as fotos selecionadas.

Alguns pontos importantes foram solicitados para a apresentação: nome do artista, ano em que fotografou, lugar onde fez a foto e a justificativa pessoal para tal seleção. A leitura dos catálogos seguiu de maneira fluida e desde o início da avaliação individual, houveram breves comentários compartilhados coletivamente entre eles.

Raíssa ficou com o catálogo do fotógrafo Vladimir Lagrange e a foto escolhida foi retratada em 1990, na imagem intitulada como Desânimo pelo autor, uma jovem se encontra cabisbaixa, sentada no que parece ser um carrossel antigo destruído. Segundo Raíssa, sua escolha se deu justamente pela sensação que o título da imagem evoca, o desânimo. O sentimento de abandono e desânimo na imagem foi o que despertou o interesse pela imagem em questão. Conversamos sobre as possíveis narrativas e contextos em que a cena foi realizada e chegamos a um consenso que a palavra-chave dessa imagem poderia ser Caos, já que parecia ser a causa motivadora do desânimo, a desordem que ocupa a cena.

Figura 23 - Desânimo, 1990.



Fonte: LAGRANGE, 2014.

Gabrielle selecionou o catálogo do fotógrafo Pierre Verger, o livro em questão, denominado como *Dorminhocos* (2018), apresenta uma série de imagens de pessoas e animais dormindo, todas registradas ao longo da carreira do fotógrafo. A imagem selecionada por Gabrielle foi fotografada em 1935 na Espanha. Na imagem, uma senhora dorme sentada ao meio fio, com uma pequena vasilha na mão. A participante destacou a situação precária e o cansaço do trabalhador nas imagens. Conversamos sobre como podemos perseguir um tema ao longo de toda uma vida, como podemos ativar esse olhar mais direcionado a partir da intenção. Chegamos à conclusão que a palavra-chave para aquela imagem era Tema, como uma categoria que podemos perseguir, procurar e encontrar durante um processo fotográfico na cidade.

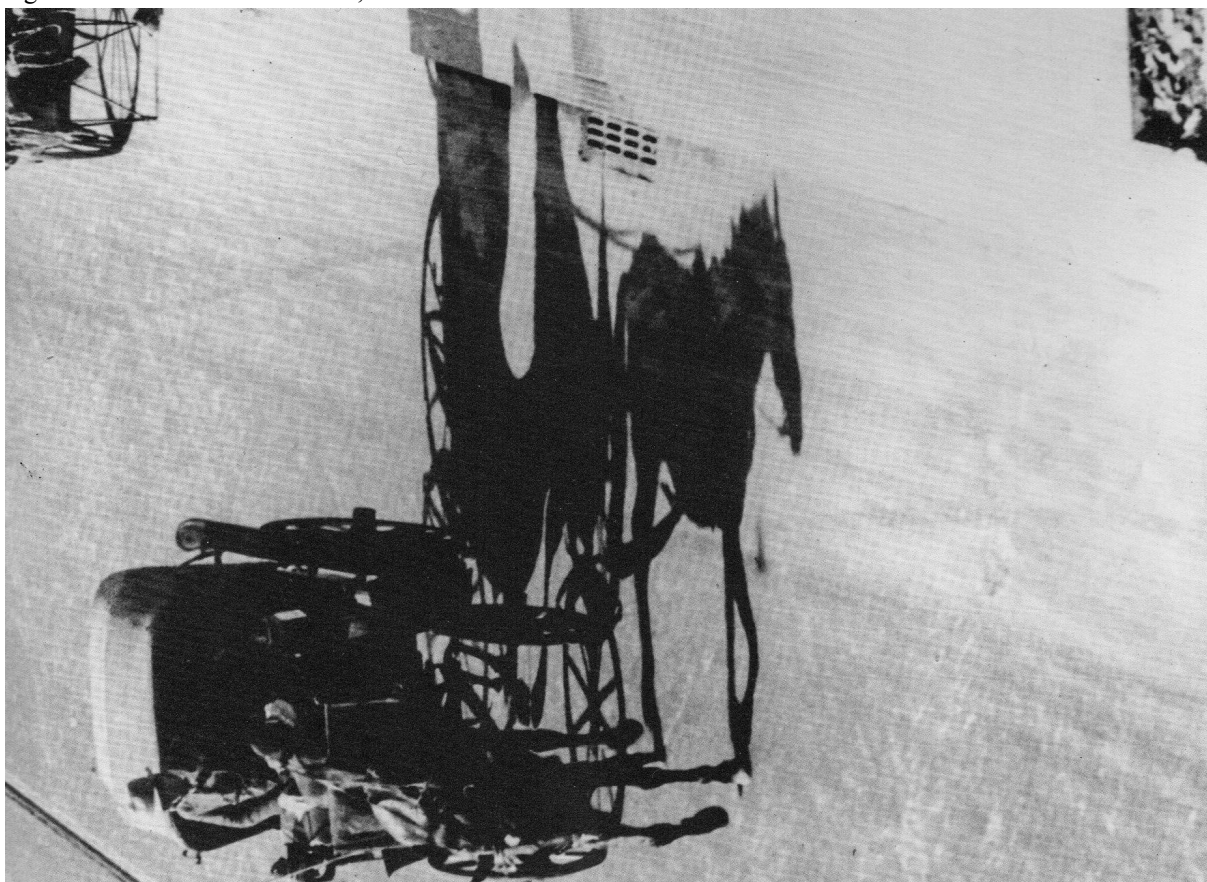
Figura 24 - *Dorminhocos*: Córdoba, Espanha, 1935.



Fonte: VERGER, 2018.

Estefane analisou o trabalho de Horacio Coppola, a imagem selecionada por ela é a de uma carroça que tem a sua sombra projetada na rua, uma foto engenhosa feita em perspectiva aérea e invertida sua posição na apresentação, justamente para que a leitura fosse feita a partir da sombra. A forma como o fotógrafo decidiu apresentar a imagem aumentou a potência da imagem. Conversamos sobre como esse giro na foto fez com que a leitura fosse feita de forma que a sombra fosse personagem principal da cena e chegamos a palavra-chave Duplo sentido, pensando justamente no jogo imagético criado naquela cena.

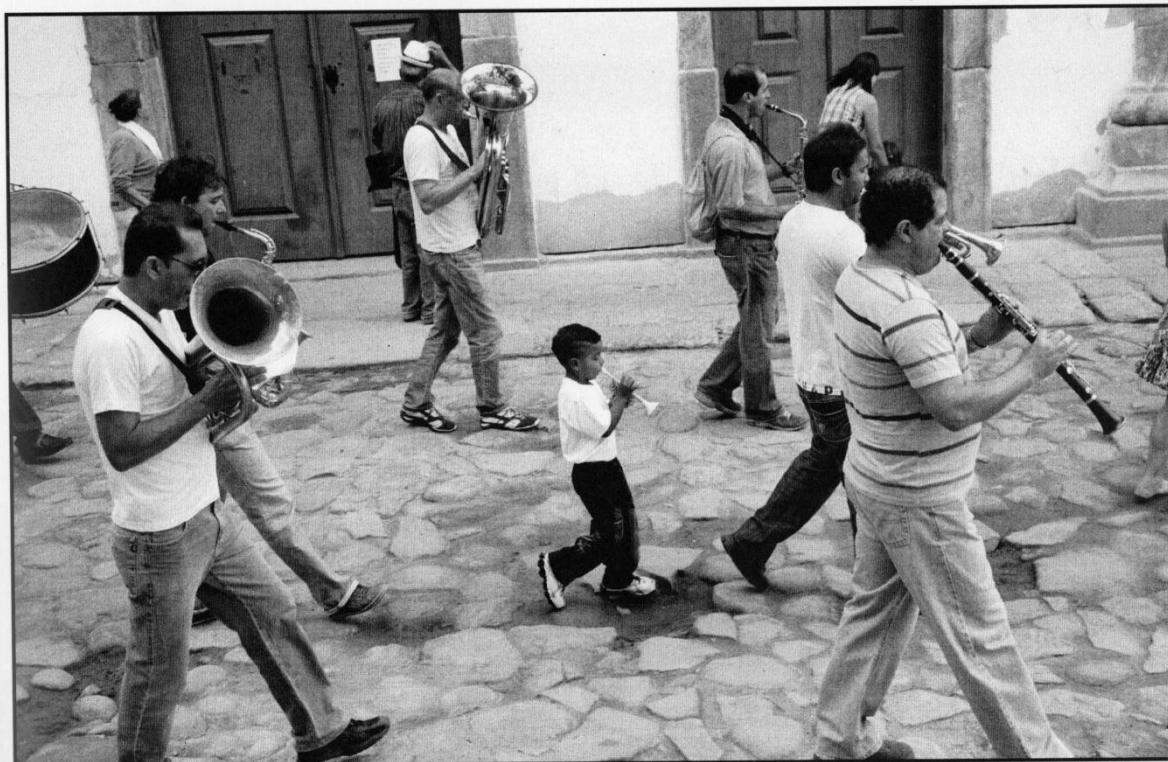
Figura 25 - Cocheiro e seu tílbur, 1931.



Legenda: Imagem invertida por Coppola para valorizar o efeito da sombra no calçamento.
Fonte: COPPOLA, 2007.

Eduardo apresentou o trabalho de Flávio Damm, a imagem de 2011 retratava uma banda marcial nas ruas de Paraty. O jovem deu destaque para um menino negro, personagem central da imagem foi o motivo pelo qual o participante selecionou tal foto. A partir de um sentimento de pertencimento e representatividade, o jovem relatou se recordar de sua própria infância, já que foi integrante de banda enquanto criança. Após conversarmos um pouco sobre o fotógrafo e a cena ali posta, concluímos que a palavra-chave seria Cotidiano, pensando na forma que aquela captura se apresentava para o grupo.

Figura 26 - Paraty, 2011.



Fonte: DAMM, 2012.

A partir das apresentações e dos destaques selecionados, foi possível traçar um paralelo entre os temas das fotografias e as leituras que cada participante deu para a imagem. Com isso, a partir das palavras-chaves, dividimos as análises em quatro grandes grupos: Fotografia do caos, pensando em como podemos construir e registrar e expressar o caos em uma cena e o que eles poderiam classificar uma cena como algo caótico. A segunda proposta foi pensar a imagem como Tema, partindo do catálogo de Pierre Verger, foi possível perceber que podemos perseguir um tema específico durante anos ou a vida inteira, independente do lugar ou das circunstâncias, tal temática tende a se repetir se você estiver atento à ele.

O grupo inicialmente pensou em trabalhar com alguma cor como tema, mas por conta do condicionamento do olhar, começaram rapidamente a perceber as cores selecionadas por eles mesmos no ambiente. Logo que todos começavam a ver demais a tal cor selecionada, trocavam de cor e sucessivamente os olhos se atentaram para tal, deixando para eles, a atividade fácil demais, já que todos percebiam que aquela cor se fazia presente naquela rua. Esse exercício durou um tempo até eles decidirem que seria melhor optar pela temática Gente Fumando, segundo Raissa, era uma coisa muito comum de se encontrar naquela rua, onde todo mundo fuma, mas ironicamente naquele momento não havia ninguém com cigarro aceso.

Outro tema foi a fotografia de dupla leitura, tendo como referência a imagem das sobras de Coppola, a busca deveria se dar com o objetivo de encontrar imagens que possam ter uma leitura diferente por meio da fotografia. Por último escolhemos pensar uma fotografia do cotidiano, refletindo acerca da captura do que é banal, do que passa por vezes despercebido e que pode se tornar um registro potente a partir do olhar fotográfico.

Após a divisão dos temas: Fotografia do caos, Fotografia temática, Fotografia de duplo sentido e Fotografia do cotidiano, cada jovem foi desafiado a registrar pelo menos uma foto que representasse cada um dos temas levantados. Abrir esse momento de prática foi um novo desafio diante daquele espaço tão conhecido por eles. Movimentar os corpos, ocupar a rua com um outro sentido, de celular em punhos, investigando, observando e fotografando atentamente cada detalhe coloca esses jovens em uma situação inédita.

Aquele espaço tomava um desenho diferente do que lhe era habitual e isso foi sentido tanto pelos jovens, tímidos ao iniciar a atividade e inaugurar esse outro movimento, quanto pelos que ali passavam ou observavam de suas calçadas. Após alguns minutos fotografando, o gesto começa a ser absorvido pela paisagem e eles já não se sentem tão deslocados assim em suas ações fotográficas. Percebo como circulam e se aplicam para encontrar seus objetos e cenas, observando a luz do sol, buscando sombras e realces, agachando para realizar um clique específico, circulando e enquadrando aquela rua que mesmo sendo tão familiar, se apresenta quase que inédita para eles.

Os resultados das fotografias foram múltiplos, evidenciando o olhar de cada participante, conversamos e avaliamos tecnicamente como cada um realizou sua composição, jogo de luz e cor, como pensaram no enquadramento das fotos e quais foram suas leituras pessoais sobre as mesmas. Destaco aqui um registro de cada jovem para observarmos como cada um deles resolveu solucionar fotograficamente, na mesma rua, em um mesmo momento esse tema em comum levantado para a proposta, os demais registros fotográficos dos jovens nessa atividade se encontram na íntegra no anexo.

Eduardo em seu registro da temática "sombra" procurou na rua encontrar a si mesmo a partir da projeção de sua sombra no espaço, podemos perceber que o jovem decidiu centralizar o seu corpo na cena, de maneira sutil ele se insere em um espaço aberto, sem grandes interferências gráficas mas com um degradê enorme de cores em cinza. A opção de entregar a foto em preto e branco partiu dos próprios jovens, inspirados pelas referências apresentadas aos mesmos, já que todos os fotógrafos do catálogo possuíam seus registros em filme fotográfico preto e branco.

Figura 27 - Sombra de Eduardo



Fonte: EDUARDO, 2019.

Seu corpo é inserido de forma sutil em meio à textura de cinza que se forma no espaço delimitado por Eduardo, sua presença é evocada em segundo plano, quando o olho já percorreu as camadas do fundo, se depara com a leveza de sua imagem projetada em uma crescente de tons. Interessante perceber como acontece uma moldura natural de forma circular nas margens da fotografia a partir da textura mais escura na fotografia. Seu olhar quando procurou o tema sombra, encontrou a si mesmo, se fazendo presente e pertencente ao espaço.

Quando a Raissa decide registrar a temática "sombra", diferente do Eduardo, ela não realiza uma pós-produção para deixar a sua imagem monocromática, mas evoca isso no ato do próprio registro ao trabalhar uma cena com um jogo de cores bem delimitado. Interessante perceber como a jovem decide abordar o mesmo tema, apresentando aqui uma outra narrativa e relevância para o mesmo objeto de registro.

Figura 28 - Sombra de Raissa



Fonte: RAISSA, 2019.

Como podemos perceber, Raissa buscou criar uma composição a partir de elementos de cor e textura para a sua imagem. De acordo com o seu relato, ela desejava fotografar o gatinho que estava à sombra, embaixo do carro, mas como era muito arisco não colaborava para um registro mais aproximado. A jovem então percebendo que ali perto havia folhas secas de uma amendoeira no chão, que eram da mesma cor do gato, decidiu encaixar a mesma na imagem, segurando a folha em uma das mãos enquanto registrava com a outra e chamava o gato para fora da sombra. O que podemos perceber na imagem, é o grande esforço da jovem em construir uma cena na qual sua mente elaborou, inclusive decidindo compor com cores, enquadramento e textura sua fotografia. A forma como ela decide enquadra a foto, deixando apenas o carro e o chão como pano de fundo para esses dois elementos, cada qual em uma ponta da imagem, que dialogam em cor, apresenta um olhar minimalista e muito gráfico em sua análise fotográfica na rua.

Segundo a mesma linha de sutileza de Eduardo e de Raissa, a jovem Estefane decide retratar a temática "caos" evocando um silêncio na imagem que se dá justamente pelo jogo de composição simples e direto, com formas gráficas bem definidas, pontos de textura e mais uma vez um tratamento em preto e branco que reforça essa necessidade de uma estética simplificada da construção da imagem.

Figura 29 - Caos de Estefane



Fonte: ESTEFANE, 2019.

Com um enquadramento na horizontal, Estefane se abaixa para conseguir formar essas linhas de construção da cena de forma tão bem alinhadas e centralizadas. A divisão entre o chão e o muro divide a fotografia em dois de forma quase perfeita, outra simetria interessante é a centralidade na qual a planta é direcionada, até os buracos no muro, de certa forma, estão fazendo parte de jogo simétrico de linhas e formas delimitado por Estefane. Em sua narrativa, a jovem destaca o simbolismo do caos na imagem a partir do crescimento de plantas na calçada que acabam estourando a construção cimentada, seu olhar então se direciona para este tema a partir dessa narrativa e constrói a cena de forma a transmitir o caos a partir dos detalhes da cena.

Diferentemente do caos apresentado acima, Gabrielle evoca o mesmo tema a partir de uma imagem tumultuada. Por mais confusa que a imagem se apresenta inicialmente, seu caos acontece dentro de muita textura e formas que são apresentadas de forma ordenada, incluindo uma forma em L que ocupa o centro da imagem, atravessando as bordas da fotografia.

Figura 30 - Caos de Gabrielle



Fonte: GABRIELLE, 2019.

Gabrielle então decide retratar o seu caos de forma vertical, trazendo uma profundidade de campo na imagem que até então não havíamos concebido nas escolhas de cenas anteriores. Sua composição tem textura, formas, profundidade e muitos elementos de informação, o caos se faz literal na queda, cena principal evocada pela jovem ao trazer para o primeiro plano a árvore caída atravessando a foto. No mais, ao fundo, percebemos que a rua como um todo é tomada por árvores e esse conflito entre o natural e o construído se faz presente ao longo da paisagem.

Importante destacar que essas quatro fotografias foram realizadas em um mesmo diâmetro, as imagens de Eduardo, Estefane e Gabrielle na mesma calçada, enquanto o registro do gatinho em cor foi realizado na calçada oposta a essa, do outro lado da rua. Logo, a diversidade do olhar, da investigação, da relação com a própria rua e com a fotografia se faz única e evidente para esses jovens que se propuseram a registrar em um mesmo espaço, tempo e tema de forma simultânea.

No terceiro e último encontro com eles seria realizada a proposta de confeccionar a Câmera Escura, ocupando a praça da Rua 2, analisaríamos o bairro a partir desse aparato. Mas o grupo foi criando impedimentos para fazer um outro encontro. Já estávamos no mês de Dezembro, entraram as festas de fim de ano, logo, pararam de responder virtualmente e foram saindo do grupo do whatsapp até não restar mais ninguém, a não ser eu.

Após essa primeira relação com o campo e com os jovens do bairro, continuei buscando formas de me inteirar de projetos e ações locais e com isso, conheci um outro jovem que organiza batalhas de Mc's em praças públicas de Jardim Primavera e região, entrei em contato com ele e fui convidada para conhecer a batalha de Mc's.

Figura 31 - Batalha de MC's da Rua 2



Fonte: DIVULGAÇÃO, 2020.

Chego na praça da Rua 2 pontualmente às 19 hrs, busco o Fabrício, jovem organizador que me avisa que se atrasará, pois está vindo do trabalho na van e pegou um engarrafamento na Av. Brasil. Fico então na praça observando a movimentação à noite, procuro por mais jovens, tento buscar onde é que acontecerá o evento, mas não encontrei nenhuma informação.

É uma noite fria e chuvosa, a Rua Dois durante a semana não se faz tão movimentada como nos dias de sábado e domingo à noite. Entre sombrinhas e casacos, vejo um grupo de 5 a 6 jovens do outro lado da calçada, em frente ao novo restaurante do bairro, em contato com Fabrício, descrevo o grupo e ele me informa que podem ser eles sim, mas quando digo a localização exata na praça (em frente ao restaurante) ele enfaticamente afirma que não são seus amigos, e que provavelmente era para eu olhar no "China" que seus amigos estavam por lá.

Essa divisão de territórios ficou óbvia quando Fabrício chegou e disse: "aquele restaurante é de miliciano, ninguém para ali não." O estabelecimento denominado como China, que já estava fechado, é o ponto da praça onde historicamente acontece o baile, onde os jovens se reúnem aos finais de semana para beber e socializar, com isso, essa parte da praça não tem iluminação que é retirada justamente para que durante a noite haja uma fronteira social de quem circula naquele determinado espaço. Os jovens começam a chegar, mesmo com uma chuva forte o evento acontece, na marquise do China, com cerca de aproximadamente 15 jovens.

A batalha de MC's acontece a partir de uma lista de inscrição que acontece na hora do encontro, os duelos acontecem em dupla selecionadas por sorteio, cada jovem tem 45 segundos para batalhar, ou seja, fazer sua rima ao som do beat que toca ao fundo de uma caixinha de som. O público decide quem conseguiu fazer o melhor jogo de palavras e assim, o jovem vencedor avança para outra rodada, até a grade final. Algumas orientações são dadas antes da batalha começar, não é permitido rimar ofendendo o adversário, realizando discursos preconceituosos, machistas, racistas ou homofóbicos.

A batalha começa e é incrível perceber como aquele encontro ganha vida e calor mesmo na chuva. A caixinha de som não amplia a base musical tão alto como deveria e eles não possuem aparelho de microfone, então a roda precisa ser feita de forma aproximada, em silêncio, para que todos possam ouvir e reagir aos versos. Assim como no futebol, a torcida impulsiona os repentistas que improvisam sobre sua realidade em versos rápidos que fluem ao ritmo do rap.

Figura 32 - Jovens da batalha de MC's da Rua 2



Legenda: Em primeiro plano de Azul a articuladora cultural Dayse, ao centro de branco, Myllena Araujo junto dos jovens MC 's.

Fonte: DAYSE, 2020.

Ao final da batalha, fui apresentada à Deyse, mobilizadora do Monitoramento Jovem de Políticas Públicas (MJPOP) do Projeto Luar, trocamos contato e a mesma me convidou para integrar o grupo do MJPOP no qual o jovem Fabrício também participava.

A primeira reunião de planejamento para 2020 aconteceu em Março, na sede do Projeto Luar de Dança e contou com um grande número de jovens interessados em promover e participar de projetos no bairro, nessa ocasião conversamos sobre a possibilidade de fazer com eles a oficina de fotografia, desenvolvendo a presente pesquisa com o grupo. Estávamos começando a desenhar a parceria, até que, na semana seguinte, veio a pandemia.

Figura 33 - Reunião MJPOP



Fonte: MJPOP, 2020.

2 DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE UM MUNDO VIRADO

Agora, como ficamos em meio ao caos? Duque de Caxias vem sofrendo com os altos índices de contaminação e mortes por COVID-19⁶, fruto de uma gestão negligente e genocida. A cidade vive o engodo da "gripezinha". No início da pandemia, em Março, sob o tempo suspenso, o meu corpo se encontrava resguardado e muitos dos meus familiares e amigos não. Diante do que muitos têm chamado de “novo normal”, estar trabalhando em casa há mais de 100 dias é angustiante, cansativo, confuso, sufocante e entre telas. Mas o trem segue carregando a mão de obra trabalhadora, e o baile não vai acabar na praça. Eu, sigo não seguindo.

Com o trabalho e os estudos acontecendo de forma virtual e a não perspectiva de melhora para a doença global contagiante, precisei me mudar, voltar a morar com os meus pais, eles que, há dois anos se mudaram de Duque de Caxias para Unamar (Cabo Frio), um bairro não turístico à beira-mar, ainda não muito explorado como grandes lugares da chamada Região dos Lagos. Meu corpo hoje, há mais de 3 horas de distância do meu campo, se faz ainda mais isolado. Sem conhecer uma vírgula não saio no portão, habito um lugar inexplorado, sigo girando em telas, me teletransportando para diversas situações-lugares, por hora, perco a materialidade.

Busco nas imagens o refúgio para tantas variáveis. As entranhas da desigualdade social em tempos de pandemia estão mais do que expostas. O corpo periférico adoecido só é problema quando desfalca na escala de trabalho. A linha de frente está à frente não é de hoje. A linha de frente, que é feita por aqueles que acordam antes do sol, eles abrem os espaços, limpando, carregando, organizando e recepcionando você está perecendo. E não é de hoje, e não seria hoje que essas vidas teriam alguma importância. Me vejo nessas estruturas, meu corpo circula dentro e fora.

A minha produção e leitura de mundo se faz no limiar, entre fronteiras: O meu corpo hoje super habita a casa, a cidade que o meu corpo nega, continua. O que vamos aprender com tudo isso? “Vamos fazer de acordo, o mundo não pode parar.” E quando foi mesmo que o mundo parou de fato? Para quem mesmo? Como na fotografia que grava o gesto, sigo em movimento-parado. A linha de frente segue em plano sequência, como no cinema, repete diariamente o mesmo gesto, percorrendo o mesmo caminho continuamente, sem pausa.

⁶ Fonte: <http://painel.saude.rj.gov.br/monitoramento/covid19.html> Acesso em: 07/07/20.

Nesse contexto, diante de uma pandemia, algumas ações e editais foram criados para apoiar artistas e pesquisadores. O presente projeto foi aprovado pelo Edital Prêmio Paulo Ramos da Secretaria Municipal de Cultura de Duque de Caxias e, a partir deste apoio, foi delimitado o campo de pesquisa, que precisava ser realizado em Duque de Caxias, para o bairro que anteriormente estava sendo fisicamente trabalhado na pesquisa. Logo, a oficina "Entre Mapas e Mundos Virados - O olhar do jovem morador de Jardim Primavera" aconteceu em Setembro de 2020. Foram quatro encontros on-lines nos quais dialogamos sobre fotografia e cidade.

Foram 26 inscritos via Formulário Google, com idades de 16 a 25 anos. A partir do levantamento de dados realizado no ato da inscrição, foi possível acessar algumas informações sobre o perfil dos jovens que estavam interessados na proposta das oficinas: 57,7% dos interessados eram de gênero masculino, apenas uma das jovens declarou ter filho. Mais da metade se declararam pessoas negras e pardas, 90% dos jovens declararam estar cursando ou concluindo o ensino médio, dentro desse grupo, quatro pessoas declararam que trabalham. Mais da metade se declararam como moradores de Jardim Primavera, outra parte do grupo se demarcou em bairros vizinhos como Saracuruna, Cangulo, Bom Retiro e Campos Elíseos, mas também tiveram jovens interessados em regiões mais distantes como Nova Campinas, Xerém, Santa Cruz da Serra e Chácara Rio-Petrópolis.

O objetivo dos encontros era, mesmo que virtualmente, localizar o lugar, os trajetos e os modos de vida do jovem morador de Jardim Primavera, entender como a fotografia é um mecanismo potente de construção de mundo. Debater acerca do bairro, da realidade social e cultural da região e promover encontros visuais do jovem para o seu próprio bairro e com outros jovens com interesse em comum, levantando lugares, ruas, histórias e leituras de mundo a partir da fotografia.

O projeto se desenvolveu dentro do prazo de um mês, de acordo com o período estipulado pelo edital para a realização, com encontros semanais de duas horas, via plataforma Zoom⁷. A cada semana, teriam encontros de 2 horas, com apresentação de artistas, vídeos, leituras de mapa e discussão. Ao final de cada encontro, uma nova atividade seria solicitada para o encontro seguinte. Os encontros seriam gravados e o direito de imagem seria solicitado e cedido, sem fins lucrativos, para a presente pesquisa acadêmica.

A inscrição foi feita virtualmente, solicitando o preenchimento de informações básicas para a participação no projeto. Todos os 26 jovens inscritos foram selecionados.

⁷ Disponível em: <https://zoom.us/pt-pt/meetings.html>

Importante avaliar que, na mesma medida que esse contexto virtual possibilita uma maior conexão, ele também limita. Enquanto a facilidade do encontro remoto proporciona uma adesão mais diversa no quesito geográfico, já que o deslocamento não se faz necessário, uma outra barreira se levanta para aqueles que possuem dificuldade de acesso e conexão à internet.

O edital não previu uma colaboração em divulgação, a mesma aconteceu de forma orgânica a partir da minha rede social pessoal, juntamente com o apoio de colegas moradores da região, além do compartilhamento entre os grupos locais no qual estava começando a me inserir presencialmente antes da pandemia.

Um jovem interessado em fazer parte de um grupo de pesquisa em fotografia precisava ter minimamente acesso à internet para antes mesmo de pensar em participar das reuniões, conseguir encontrar o material de divulgação do projeto nas redes. Logo, para além do interesse prévio, existia uma camada que tange diretamente a condição do indivíduo e suas buscas em rede. A informação, por mais que difundida virtualmente em diferentes redes sociais, ainda se fazia segmentada.

Do outro lado da conexão, em quem propõe o encontro, existia apreensão. Planejar um projeto onde não se sabia precisamente quem seriam os participantes e quais seriam seus interesses era um desafio, mas ver que o número de inscritos aumentava a cada dia foi gratificante. Para abrir um primeiro espaço de comunicação, foi inserido dentro do formulário de inscrição um espaço aberto para perguntas e comentários. Destaco duas que chamaram a minha atenção.

A primeira veio de um jovem de 17 anos: "Primeiramente, gostaria de elogiar o projeto que dará a oportunidade à vários jovens de entrar no mercado de trabalho, e ressaltar que minha residência atual fica na Figueira, próximo ao Outlet Premium, mas eu passo boa parte do meu tempo em Jardim Primavera, na casa do meu pai."

Esse dado sobre o mercado de trabalho nunca foi apontado em nenhum material de divulgação do projeto, mas é importante destacar como o jovem associa o conhecimento à atividade laboral. Analisando o elogio, é possível perceber como o saber e a pesquisa de um modo geral não parecem ter uma finalidade em si mesmas, mas se tornam apenas um meio para que se chegue em um objetivo final. O que faz muito sentido quando essa é uma necessidade real e por vezes primeira dentro de grande parte das famílias moradoras da Baixada. Em algum momento da vida, já escutamos que é preciso estudar para ser alguém na vida. O ser que acompanha esse ser alguém está diretamente associado ao ter. Em outras

palavras, é preciso estudar para se ter um trabalho, um salário para poder ajudar em casa, fazer compras, pagar as contas, logo, ser alguém na vida.

Um alguém que acorda cedo, que caminha trinta minutos até o ponto de ônibus, que pega o trem lotado, que precisa de duas ou três conduções somente na ida, que precisa pedalar, carregar peso, que chega de madrugada, trabalha no turno da noite e que faz a roda do capital girar. Que sonha ter uma vida melhor justamente para romper com esse círculo, mas será que é possível? Esse é o caminho? Ao invés de estudar para ser alguém na vida, poderíamos estudar para ser alguém com vida, senso crítico e autonomia.

A segunda pergunta foi feita por um jovem de 22 anos: "O curso é gratuito?" Essa não foi a única vez que esse mesmo questionamento apareceu. Quando enviados os e-mails para a confirmação dos inscritos, momento em que no corpo do texto eu respondi os comentários feitos no formulário, inclusive a pergunta sobre a gratuidade, uma jovem de 16 anos, questionou de forma mais imperativa: "Vou ter que pagar depois não, né? É tudo gratuito?"

Mesmo com a informação de que o projeto era totalmente gratuito estampado no material de divulgação e no texto de apresentação, essa preocupação vem junto de uma desconfiança que parte mais uma vez do que move e não sobra no contexto periférico: o dinheiro. Arcar com um curso por muitas vezes significa um luxo, algo supérfluo, difícil de caber no orçamento familiar. Receber essa oferta de forma gratuita gera um estranhamento justamente pela falta de investimento em ações similares na região.

Realizar um projeto ou uma oficina gratuita é um desafio, depende-se totalmente da responsabilidade do outro diante daquela proposta, permanecer e colaborar não se faz obrigatório como acontece dentro do sistema escolar formal, muito menos quando se está pagando por aquilo, onde essa costuma ser a justificativa maior para se ter um compromisso.

São muitos medos, responsabilidades e anseios que são colocados à prova desde o processo de preparação dos encontros até o momento em que alguém aparece na sala virtual. Infelizmente, por todo um mecanismo já evidenciado anteriormente, é comum uma certa displicência e desvalorização das atividades que são oferecidas de forma gratuita, vistas como algo menor, em uma realidade onde nada vem de graça, muito menos projetos onde a fotografia e a arte são pauta principal do assunto.

2.1 Metodologia dos encontros

Para a construção desses encontros foi necessário reformular a abordagem com os jovens, já que agora estamos entre telas, distantes da rua. Nossos corpos não ocupam mais o meio fio, não temos o bairro como meio direto de interação e olhar para uma prática

fotográfica coletiva como realizado inicialmente. Agora, busco não mais na minha estante de livros referências impressas para levar até à mão dos jovens, com o contexto virtual, além de buscar recursos e referências online, passo a procurar um público de interesse nas redes sociais, pesquisando páginas de coletivos sobre a Baixada Fluminense. O antropólogo Daniel Miller, em seu artigo sobre como conduzir uma etnografia durante o isolamento social, aponta para a importância de estarmos atentos às necessidades da pesquisa ao longo do curso e como a metodologia vai se adequando às variáveis virtuais ou reais:

Acho que o ponto principal da Antropologia é que, diferentemente de outras disciplinas, não esperamos consistência na metodologia. A razão é que, para nós, o método também é algo que você aprende no curso da etnografia. Na verdade, tudo se baseia na sensibilidade, na compreensão de como uma população em particular funciona. (MILLER, 2020)

Diante de um contexto virtual, se torna possível ampliar as possibilidades de repertório e também de apresentação. Já que se faz possível além de apresentar imagens diversas, transmitir links de sites, vídeos, músicas e interações virtuais que antes não estavam previstas para serem realizadas. É evidente que perde-se e limita bastante o que anteriormente havíamos planejado enquanto proposta, já que a rua, o corpo e o contato com o outro e com o bairro nos foi tirado, contudo, ganha-se na possibilidade de um registro integral dos encontros, a partir da gravação dos mesmos.

Como indicado anteriormente, os encontros foram realizados durante um mês, com duração de 2 horas por encontro, uma vez por semana, totalizando quatro encontros e 8 horas de conteúdo. Para cada encontro, tivemos ao menos, duas referências sendo essas de artistas, fotógrafos, autores e pintores para elaborarmos os debates e as produções visuais. Os temas buscavam levantar questões sobre a cidade enquanto território, focando no social e no contexto político de ser e estar na Baixada Fluminense, questionando as questões de localização, acesso, transporte e qualidade de vida.

Para isso, as referências utilizadas nos encontros eram de grandes nomes da fotografia de rua, artistas visuais contemporâneos e projetos que promoviam mapeamentos em periferias, evidenciando uma realidade que por vezes não entra em museus. A intenção da narrativa durante os encontros era de provocar um olhar atento para as possibilidades de mundo que se faz diante de cada jovem morador da Baixada, oferecendo a fotografia como munição para abrir caminhos.

Durante os encontros era amplamente estimulada a participação ativa dos jovens, tanto na produção de atividades práticas, quanto nas análises e contextualizações ao longo do

processo. Destaco como base estrutural utilizada enquanto método de pesquisa e ação durante a pesquisa a abordagem triangular, elaborada por Ana Mae Barbosa, pesquisadora em Arte/Educação. A abordagem triangular visa estimular os participantes para percorrer três pilares durante o processo de ensino-aprendizagem em Artes. O primeiro momento parte da apreciação e leitura da obra, momento onde podemos então atribuir perspectivas pessoais, sociais e circunstanciais para estabelecer um caminho de leitura crítica e análise sensorial da imagem. O segundo pilar, como estabelece a autora, parte da contextualização da obra ou assunto, no qual são apresentados dados históricos, motivações do artista e análises formais do trabalho. Após os dois momentos, partimos então para uma prática visual, que tem como objetivo explorar as análises e leituras que até então foram estabelecidas para a proposta através do fazer artístico, respeitando o repertório e o universo de cada um diante da obra.

Ana Mae afirma que essa elaboração triangular não possui uma ordem fixa para ser executada, logo, não existe uma regra para elencar os pontos da proposta triangular. Em entrevista realizada para a revista *Atos de Pesquisa em Educação*, Ana Mae aponta para a importância do ensino de artes e principalmente para a aplicação da abordagem triangular para aprender imagens:

Através de uma boa aprendizagem de Arte que inclua o fazer, a leitura de imagens e contextualização, você está preparado para interpretar todas as imagens, a imagem da televisão, a imagem do vídeo, a imagem do cinema, e para botar uma imagem em movimento também. Até para ser segurança de aeroporto é preciso ler imagens. As embalagens dos produtos nos dizem muito acerca deles também. (BARBOSA, 2016)

Além do processo de relação com as imagens, é importante destacar que a intenção diante dessa aproximação através da arte e da fotografia é de provocar e promover um fortalecimento estético, histórico, político e artístico desses jovens para dentro do seu próprio bairro. A comunicação será elaborada para que possamos então pensar de dentro para fora, valorizando o que faz parte de cada vivência e saber local. A professora de Arte Educação da University of Cincinnati Flávia Maria Cunha Bastos, em seu texto denominado como "O perturbamento do familiar: Uma proposta teórica para Arte/Educação baseada na comunidade", destaca a importância de se estabelecer, enquanto professor, um vínculo com o meio comunitário para que se possa desenvolver propostas que façam sentido para a comunidade.

Frequentemente, a arte que existe em nossa vida cotidiana é invisível. No entanto, quando a arte local é interpretada a partir de seu contexto, essa interpretação aciona não só uma maior compreensão da arte em si, mas também uma análise crítica do sistema de produção e dos valores nela refletidos. Essas interpretações tem tremenda

importância em comunidades fora do eixo das grandes metrópoles e tidas como "sem cultura". (BASTOS, 2005)

O termo levantado pela autora, como um perturbamento do familiar, descreve de forma fiel a proposta da presente pesquisa, que se faz a partir do despertar do olhar para as possibilidades de mundo em regiões não centrais das cidades. Logo, a fotografia torna-se a principal linguagem para executar e exercitar esse outro olhar. Diante de todos os pontos metodológicos já levantados, é construído então o cronograma dos quatro encontros do projeto "Entre Mapas e Mundos Virados: O olhar do jovem morador da Baixada Fluminense".

No primeiro encontro, elabora-se uma prática de desenho coletivo, a fim de instigar a troca e a comunicação entre eles e aquecer os mesmos para o tema inicial dos encontros. Esse desenho acontece de forma virtual, através de um site especializado em gerar salas virtuais de desenho, abrindo a possibilidade de que mais de uma pessoa faça uso da página simultaneamente. A proposta é simples: Pensar imagens que representam, desenhar a primeira imagem que vem à sua cabeça quando se pensa na palavra Rio de Janeiro. Mas, e se eu perguntar sobre a palavra Duque de Caxias? Será que teremos uma imagem uníssona? Será que temos algum símbolo para projetarmos de forma coletiva, assim como quando pensamos em Cristo Redentor, praia e Pão de Açúcar? A intenção central deste primeiro movimento de desenho coletivo era pensarmos sobre o que nos representava enquanto jovens moradores da Baixada Fluminense.

E a partir de então, começamos a entender como é que somos localizados, mapeados e projetados enquanto território. Com isso, o trabalho de vídeo arte denominado "Nunca é noite no mapa (2016)" dialoga perfeitamente com as indagações iniciais, já que o vídeo do artista visual Ernesto de Carvalho trabalha com esses espaços de não pertencimento que são friamente expostos na plataforma Google Maps e como essa viatura age de acordo com a necessidade de um sistema que visa apenas interesses do Estado para a localidade. O artista além de se inserir no mapa, explicita que da mesma forma que nunca se faz noite no mapa, os mesmos corpos são revistados por viaturas, sempre. O artista também acompanha, via Maps, um processo de remoção para que houvesse uma legitimação e inserção de uma rua no mapa.

Além do vídeo arte para tratarmos o território, para o primeiro encontro, acredito ser de suma importância trabalhar com uma referência fotográfica de dentro, trazer alguém de casa, como se faz a figura de Walter Firmo para a fotografia de rua carioca. Um fotógrafo nascido em Irajá, Zona Norte do Rio de Janeiro, que retrata a sua cidade ao longo de sua trajetória, principalmente se dedicando ao subúrbio, as festas populares e as pessoas enquanto moradores e participantes da cidade, dos que ocupam as ruas, dos vendedores e as cores que a

rua apresenta. Inclusive, Walter Firmo é conhecido como o mestre da cor, referência que faz jus às suas imagens repletas de altos contrastes, cores e texturas que só são capturados nos olhos daqueles que vêm de longe, nas barracas dos ambulantes, dentro das estações de trem e nos brincantes de carnaval. Logo, Walter Firmo é um grande nome do fotojornalismo brasileiro e uma primeira referência fundamental para o desenvolvimento de um olhar poético e atento para as ruas da cidade e para um corpo que está inserido no contexto.

No segundo encontro expandimos o horizonte para pensarmos em um clássico mundial da fotografia de rua. O fotógrafo Henri Cartier-Bresson (1908-2004), carrega uma importante relevância no cenário da fotografia do século XX. Fundador da agência de fotojornalismo Magnum, carrega em seus frames a intenção fotográfica, e, ao longo de sua trajetória, fez destaque diante do que a fotografia simbolizava até então como uma simples ilustração de mundo. Cartier-Bresson, com forte referência nas artes e principalmente na pintura, construiu telas fotográficas ao trabalhar nas ruas, o que classificou em 1952 como "o instante decisivo", momento onde o fotógrafo concebe a sua imagem, a captura, e isso acontece a partir de um jogo bem elaborado de paciência, composição e luz. A fotografia então, passa a dialogar esteticamente com o olho, trazendo narrativas e simbolismos que deslocam a cena cotidiana de um lugar comum.

O olho do fotógrafo está sempre pesando e avaliando as coisas. Um fotógrafo pode provocar uma coincidência de linhas ao mover sua cabeça apenas uma fração de milímetro. Pode modificar as perspectivas com um simples dobrar de joelhos. Colocando a câmara mais perto ou mais distante do seu alvo, ele pode realçar um detalhe - e pode subordiná-lo, ou ser por ele tiranizado. Mas compõe uma foto aproximadamente no mesmo tempo exigido para apertar o botão, na velocidade de uma ação reflexa. (BRESSION, 1952)

Para esse encontro, trabalhamos também os conceitos a partir de uma coleta de palavras, expressões e termos que são elaborados pelos jovens diante da análise e leitura das fotografias de Cartier-Bresson. Essa reunião de palavras acontece e é incentivada a partir da reflexão sobre o próprio conceito de fotografia enquanto registro de afeto, catalogação e memória. Esse é um encontro importante para uma reflexão acerca da função social, emocional, artística e histórica que a fotografia pode possuir a partir de uma produção intencional e elaborada, destacando a importância da fotografia como uma construção de passado.

Após a injeção fotográfica do segundo encontro, no terceiro encontro retornamos para o território, tendo como referência o documentário idealizado pela Rede Jovem, em 2013, Todo mapa tem um discurso. Transmitimos o trailer, são 5 minutos que traz um panorama

interessante do projeto wikimapa e levanta discussões acerca desses vazios cartográficos no qual as favelas e regiões não centrais se encontram. Invisibilizados para muitos, a rua é um painel de exaltação para o artista visual Maxwell Alexandre, segunda referência do terceiro encontro, esse artista que em suas pinturas amplia caminhos, histórias, narrativas e vivências de corpos periféricos que se faz em sua maioria preta.

A sua série intitulada como Pardo é Papel, exposta em 2019 no Museu de Arte do Rio de Janeiro, é a grande referência do encontro, onde o artista estabelece essa relação entre pintar corpos negros sob papel pardo, tratar da realidade, da violência, do caos urbano e social, além de trazer para a sua pintura ícones de vivência, violência e prazer popular, como as fardas, os uniformes, os meios de transporte, as piscinas Capri, o Danone e o rap.

Com isso as narrativas foram ganhando complexidade, e meu interesse em manipular símbolos e marcas de status e poder dentro da favela – como as famosas piscinas Capri que marcaram minha infância, o logo da Prefeitura do Rio, a bandeira do estado do Rio de Janeiro, o brasão da Polícia Militar, Danone, Toddyinho, entre outras – foi me permitindo criar uma mitologia própria a partir desses elementos emblemáticos na vivência do morro e da cidade como um todo. (ALEXANDRE, 2019)

Logo, como podemos perceber, no terceiro encontro não temos nenhuma referência direta em fotografia. Acredito na potência das artes visuais como um todo para a valorização do olhar e principalmente para a elaboração de um repertório diverso para os jovens. Trabalhar com um artista tão contemporâneo, nascido em 1990, morador da Rocinha, que se faz ativo nas redes sociais e que ao mesmo tempo está expondo em grande museus nacionais e internacionais, foi capa da Forbes, é atualmente uma estrela do mercado de arte, vive e ostenta esse posto, e mesmo assim, continua morando na sua comunidade; ter o Maxwell Alexandre como referência direta é aproximar um universo que por vezes parece ser tão distante e feito somente para aqueles antigos pintores consagrados.

Para o último encontro, além de uma retrospectiva das conversas e atividades realizadas ao longo das semanas anteriores, também será trabalhada um repertório a partir das fotografias de Vivian Maier, um caso intrigante onde a sua misteriosa história de vida se entrelaça em seu trabalho fotográfico e conseqüentemente na forma que as mesmas foram reveladas ao mundo. Vivian ao longo de toda sua vida foi muito discreta, não teve muitos amigos, nem filhos e também não se casou.

Atuando como babá, tinha sempre uma câmera em punho, uma mulher curiosa, fascinada em registrar a rua, as pessoas e suas situações. De olhos atentos, Vivian acumulou mais de cem mil negativos, registros preciosos que só foram descobertos em 2007, após um

jovem comprar uma de suas caixas de fotos em um leilão de itens. Vivian Maier faleceu dois anos depois, então, a saga do jovem John Maloof se tornou ainda mais complexa até que ele consegue montar ao menos uma parte do enigma que foi essa exímia fotógrafa de rua. Além de revelar ao mundo maravilhosas imagens fotográficas, o trabalho de Vivian gerou um documentário denominado como *Finding Vivian Maier* (2013), que narra exatamente essa busca do jovem entusiasta no trabalho dessa babá-fotógrafa super talentosa.

Interessante trazer essa narrativa para o último encontro com eles, pois, após trabalharmos com tantas referências masculinas, se deparar com uma mulher fotógrafa de rua do século XX, com o renome que Vivian Maier conseguiu se consagrar infelizmente somente após a sua morte, é de suma importância para pensarmos também a figura feminina nesse contexto da fotografia de rua. Além de também apontar para uma inserção do corpo na cena, como são as imagens de Maier, com muita presença e proximidade, por mais discreta que sua vida possa ter parecido ser, o seu olhar fotográfico era repleto de curiosidade e invasão. Suas imagens encaram o expectador que devolvem o olhar diretamente para as lentes, outra forma também de se fazer presente era através dos reflexos e espelhos, Vivian possui inúmeros auto retratos realizados ao longo de sua vida, formas de se fazer presente e de ser presente na cena, de ser e estar no mundo ocupando e eternizando as ruas, os outros e a si mesma com o seu olhar fotográfico.

O presente levantamento de referências na arte e na fotografia teve como objetivo promover um diálogo entre conceitos básicos acerca de análise de imagem e cultura visual em fotografia, a partir de grandes nomes nacionais e internacionais. Essa conexão é fundamental para que possamos obter uma aproximação do jovem com o seu entorno a partir da fotografia. Daniel Meirinho, em seu livro *Olhares em foco* (2016), estabelece o conceito da fotografia participativa como meio de inserção do registro no campo a partir de um olhar atento de quem mora e faz parte do contexto:

A fotografia pode ser vista nos estudos de investigação-ação participativos como um instrumento catalisador de mudanças, justificado através da dupla função que a imagem fotográfica pode assumir: como expressão criativa visual ou como um meio de retratação de realidades e contextos. Neste sentido, a imagem fotográfica foi o instrumento que nos forneceu a oportunidade de aceder distintas realidades, perspectivas, comunicar e sensibilizar jovens para as questões sociais que os rodeiam. Seu relativo baixo custo e facilidade de divulgação possibilitaram o compartilhamento e potencialização de diálogos, facilitando que as discussões ultrapassassem as barreiras culturais e linguísticas de cada contexto. (MEIRINHO, 2016)

O conteúdo programático da oficina "Entre Mapas e Mundos Virados" foi estabelecido a fim de proporcionar um leque de possibilidades na imagem, gerando tanto um repertório

clássico quanto contemporâneo dentro da fotografia e das artes visuais. Além do percurso referencial, também cabe ressaltar a importância de se trabalhar com a autoestima desses jovens para que eles possam se apropriar de seus celulares e olhares para o bairro com autoridade e sensibilidade, revelando assim, suas poéticas e vivências a partir da imagem.

2.2 Em curso

Link enviado, encontro marcado, material preparado, proposta feita. Agora restava saber quantos se fariam presentes. Annelise e Emanuelle entraram pontualmente na sala, duas participantes, um silêncio glacial atravessava o primeiro contato, de um lado levantava perguntas para saber se tecnicamente estava sendo ouvida. Como resposta: silêncio e câmera fechada. Rafael entra na sequência e minha ansiedade avança junto da vontade de ouvir e ser ouvida por eles. Pergunto e eis que escuto um "sim", breve, grave e um pouco abafado. Estão ouvindo! Respiro fundo e percebo que a minha tarefa ali não seria nada fácil, por mais que houvesse o interesse e a disposição prévia, haveria também de se conquistar esses jovens para a conversa.

Diante do virtual, câmeras e microfones fechados não são novidade. Vivendo a saga de ser professora em tempos pandêmicos, venho trabalhando com essa nova forma que os estudantes vêm aplicando para se fazerem indisponíveis diante das obrigações escolares. Mas o espaço ali não era esse, pelo menos eu não queria que fosse. O projeto visava justamente proporcionar um prazer na pesquisa, na troca e no conhecimento, este que eles mesmos buscaram ter a partir do momento que realizaram a inscrição e se fizeram presente.

Enquanto Rafael respondia que me ouvia perfeitamente fazendo uso do Chat, Danilo chega na sala e, ao ser questionado se estava tudo bem, me responde prontamente que sim em alto e bom som. Surge um primeiro diálogo direto, com um pouco mais de vinte minutos de encontro, estamos com cinco jovens on-line então damos início à rodada de apresentações de forma oral. Quem eu sou? Qual é o meu lugar no mundo? Essas duas perguntas, feitas na inauguração do encontro, se complementam quando pensamos que, o que nos constitui parte diretamente daquilo que nos cerca. A nossa realidade e vivência de mundo permeiam nosso horizonte até mesmo quando já acreditamos ter expandido para além da fronteira natal.

Diante das duas perguntas, começo com a minha apresentação, relatando brevemente minha rotina, como me vejo enquanto moradora de Duque de Caxias e o que me atravessa socialmente na cidade. Finalizo, abro espaço para o grupo. Aguardo vinte e cinco segundos de puro silêncio. Pergunto se está tudo bem, se desejam se apresentar, se estão com vergonha, e

deixo em aberto. Caso não queiram falar, passaria para a próxima etapa, sem problemas... Rafael toma a palavra e conseguimos então iniciar um diálogo na sequência.

Rafael, 17 anos. Sempre se mudou muito, mas sempre morou dentro de Duque de Caxias, morou dois anos em Santa Cruz da Serra, um ano e meio no centro de Duque de Caxias até morar em Jardim Primavera onde vive até hoje:

Gosto de algumas partes de Caxias, não gosto tanto de Primavera por não ter boas histórias dentro do bairro. Acho Caxias uma cidade muito bonita, muito grande, tem lugares que nunca fui na vida. Nunca fui ao lote XV, Xerém também nunca fui. Adoro essa estética de algumas partes de Duque de Caxias igual o centro, que é cheio de prédios e que faz lembrar o centro do Rio. Eu amo essa estética de cidade grande com muito prédio. (RAFAEL, 2020)

Danilo, 17 anos, estudante e aspirante a eletricista, tem a vida muito corrida e movimentada. O seu lugar no mundo é onde estiver lhe fazendo feliz. Para ele, em Duque de Caxias tem muita coisa:

Tem prédio, tem comércio... mas o que gosto em Duque de Caxias é a parte comercial, igual o que o Rafael disse, gosto de cidade grande. Acho muito bonito e interessante como a vida das pessoas acontece ali, passa cada um correndo para um lado e para o outro. Eu não gosto da violência, acho que a violência em Duque de Caxias é o que atrapalha muito a vida, andar na rua meia noite me deixa apreensivo, aí evito fazer algumas atividades que podem me colocar em risco e que em outros lugares não colocaria. Acho que a violência é a pior parte de Duque de Caxias. O meu bairro é pequeno mas é um bairro que, tirando a violência, nada me incomoda, tenho boas amizades, pessoas que gosto, que conheço e que fazem parte da minha vida. (DANILO, 2020)

Débora, 16 anos, gosta muito da Baixada. Seu bairro é movimentado, não importa a hora tem sempre gente andando pra lá e pra cá, pode ser de madrugada, pode ser de manhã... tem sempre gente andando:

Eu odeia muito sempre ter que pegar condução para ir para os lugares porque não tem quase nada por perto e sempre fico com aquela preguiça, sem vontade de sair porque tem que ir para longe. Em Duque de Caxias tem muito espaço para visitar, eu moro há 16 anos e sempre tem lugar novo para ir que eu não conhecia, como por exemplo, um lugar no Centro onde você sobe um morro, desce um morro e encontra sei lá, um matagal e você vai para outro lugar e encontra vários prédios que você não conhecia. Eu acho isso muito legal, dá para você sempre ir para lugares novos e conhecer coisas novas. (DÉBORA, 2020)

Sua vida por enquanto está muito parada por conta da pandemia, mas antes era muito corrida, ia para a escola de manhã, chegava em casa à noite, pegava condução lotada... mas agora está realmente bem parada.

Annelise e Emanuelle não quiseram se apresentar, disseram estar com vergonha. Antônio entrou no encontro após 40 minutos, já estávamos no meio da atividade, foi bem recepcionado e rapidamente se alocou ao processo.

Durante a apresentação, me localizo enquanto moradora de uma fronteira entre Jardim Primavera e Campos Elíseos e afirmo que me entendo enquanto moradora de Campos Elíseos, já que a residência fica mais perto da Refinaria REDUC do que da sede da Prefeitura de Duque de Caxias. A partir dessa primeira provocação, Danilo diz que sabe muito bem sobre o lugar de onde estou me referindo. Rafael aponta que no mapa, o lugar citado já é Campos Elíseos e surge um pequeno debate sobre os limites do que poderia ser considerado Jardim Primavera e Rafael destaca:

Pra mim, Primavera é quem mora igual eu, na Rua 2. A gente divide Primavera, porque aqui onde eu moro é a parte mais antiga de Primavera, então chamam de Primavera velha. A parte da Prefeitura, a gente chama de Primavera Nova. Até o design de lá é totalmente diferente do daqui, aqui tem muita casa é tudo muito colorido, lá não. Lá a gente vê um lugar assim pra você visitar, ir em restaurante, morar em prédio. Aqui a gente fala que é a área residencial de Primavera, lá é área comercial.

Entender o seu lugar e como ele é desenhado socialmente é complexo e transitório, depende sempre de quem fala, de onde fala, e qual é a visão de mundo desse indivíduo ou grupo. Conversando sobre como realizamos um discurso para explicar onde se mora, que sempre depende muito de quem está recebendo essa informação, Danilo afirma:

Até os moradores de Caxias, não conhecem Caxias direito. Eu estudo e trabalho lá no Centro de Caxias, na 25. Tem gente lá que não sabe que Jardim Primavera existe. O garoto que trabalha comigo, achava que Jardim Primavera era mato, que tinha plantação. Ele achava que Santa Cruz da Serra e Xerém era agarrado com a Serra de Petrópolis e que era cidade imperial, só colônia. Ele não sabia que tinha cidade e tudo mais. Aí quando ele veio aqui ele falou: coé cara, aqui vocês tem praça, tem um monte de igreja, escola... Eu falei: é cara, aqui é uma cidade como qualquer outra.

Na sequência, Annelise destaca no chat que mora há doze anos em Santa Cruz da Serra e não conhece muito bem o seu bairro.

Uma interação maior aconteceu entre eles a partir da experiência de produzir um desenho coletivo. As risadas e descontração de se perceber desenhando, representando algo a por meio da imagem trouxe leveza para o encontro. Os jovens foram divididos em dois grupos, e fazendo uso de uma plataforma de desenho online conseguiram simultaneamente desenhar juntos numa mesma página.

Cada grupo recebeu uma palavra, a ideia era representar a primeira imagem que lhe sucedesse a partir daquele estímulo. O grupo 1 teve como tema “Rio de Janeiro”, enquanto o grupo 2 levou “Duque de Caxias”. Pensar essas palavras-imagens evocam diretamente o que circunda no imaginário coletivo. Ao analisarmos coletivamente o Grupo 1, percebemos uma iconografia genérica. Ficou evidente que todos estavam falando da cidade do Rio de Janeiro, onde, imediatamente, os participantes do grupo desenharam os três maiores símbolos mundiais da cidade: o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e a praia.

Figura 34 - Desenho coletivo, Rio de Janeiro



Fonte: Grupo 1, 2020.

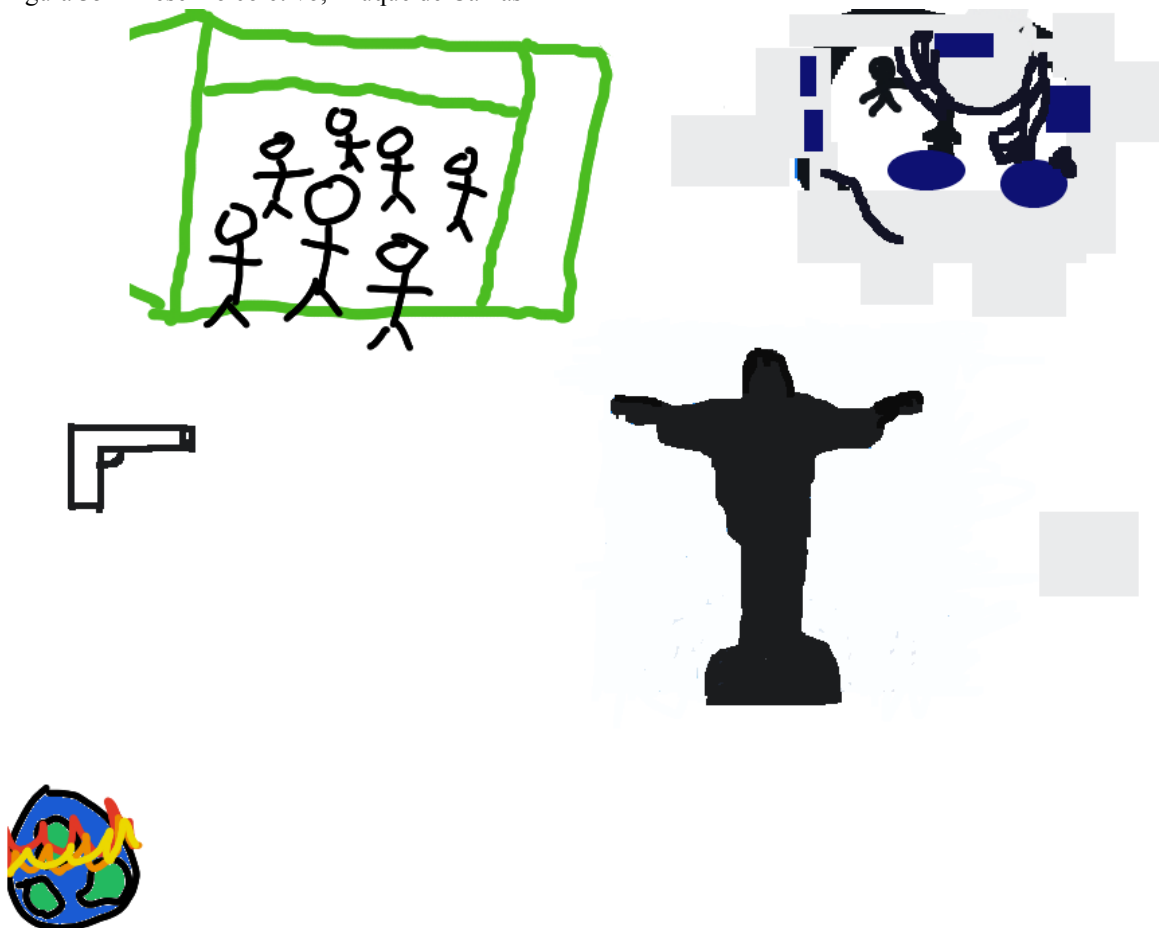
No grupo 2, mesmo a palavra sendo a mesma e todos do grupo podendo ver simultaneamente o que o outro desenhava, o que tivemos enquanto resultado foi heterogêneo, tratando mais acerca do simbolismo da imagem. Quando nos remetemos à cidade de Duque de Caxias, não acontece o mesmo senso comum. Não temos uma identidade massificada, um imaginário do que vem a ser a cidade de Duque de Caxias.

As imagens que são acionadas partem da vivência, da experiência individual de cada um, tanto é que eram três pessoas diferentes e temos como resultado quatro desenhos distintos, um quadrado verde repleto de pessoas dentro, representando o Shopping Ella, uma arma, um planeta terra pegando fogo e um brinquedo de praça pública nas cores azul marinho e cinza. Não há um consenso quando se pensa em Duque de Caxias. O acordo não acontece, o que aparece vai para além de um cartão postal, tange ao pessoal, mas no fim, quando todos

coletivamente avaliam as representações, esses símbolos ali adotados ganham aclamação coletiva:

- Adorei a arminha ali do lado.
- Representa Duque de Caxias, representa, perfeito.
- Brabo.
- Mas arma é meio óbvio né, nossa realidade...
- Aquele verde parece um lugar lotado?
- Eu tentei desenhar o Shopping Ella! (risos)
- Em Duque de Caxias ninguém respeita.
- O Danilo poderia ser prefeito da cidade para colocar um Cristo Redentor em Caxias, né? (Muitos risos, todos concordam)

Figura 35 - Desenho coletivo, Duque de Caxias



Fonte: Grupo 2, 2020.

Diante do diálogo acima, reafirmo o forte simbolismo que o Cristo Redentor tem para a cidade do Rio de Janeiro, questiono o grupo sobre qual seria o simbolismo de Duque de Caxias? Já que o grupo trouxe vários, que iconografia seria a melhor para representar a cidade. "O Cristo Redentor de Duque de Caxias ia ser um cara suado num ônibus, com duas

armas na mão." Todos descontraidamente concordam com a imagem narrada por Rafael. Em seguida, ele aponta para construções e monumentos localizados no centro de Duque de Caxias como grandes símbolos da cidade, como a Biblioteca e o Teatro Raul Cortez, a estátua de Zumbi dos Palmares localizada no centro do calçadão, segundo ele, qualquer pessoa que passar pela estátua reconhece esse símbolo. O grupo afirma o reconhecimento dessa estátua e Débora destaca ser um ponto de encontro na Cidade.

Destaco a posição de Duque de Caxias dentro do Estado do Rio de Janeiro, entre dois grandes pontos históricos entre a antiga capital do Brasil e a cidade Imperial, o que atualmente une esses dois lugares é a BR-04 que corta Duque de Caxias ao meio e este lugar fica como um ponto de passagem no mapa, sem uma identidade sólida. Será que Duque de Caxias é só um lugar que passa para pagar pedágio? Questiono a afirmação feita por um dos jovens durante a conversa.

Na sequência, apresento a imagem de divulgação do projeto, que é uma imagem de satélite, da rua da minha casa, extraída do Google Maps. Débora que é uma vizinha minha, prontamente reconhece, mesmo que do alto, a sua rua e rapidamente também aponta para o fato da imagem estar datada. Já que algumas casas ali apresentadas não existem mais por conta de um processo de remoção financiado pela Petrobrás a fim de ampliar seus terrenos e passagens de dutos subterrâneos na região.

A rua apresentada em questão não se faz presente no mapa de forma imersiva, como nas vias principais da cidade. Ali, a viatura do google não entrou, logo, a rua não está presente no Mapa. Simbolicamente esse apagamento faz com que a nossa existência e permanência assim pareça irrelevante diante do todo. Quando questionado ao grupo se eles já fizeram essa busca de suas casas pelo aplicativo, todos respondem que sim, inclusive diversas vezes, afirmando que já encontraram suas casas e que esse registro é antigo, geralmente datado no ano de 2010, em alguns lugares só conseguiram encontrar mato. Isso atesta como a fotografia tem o poder de eternizar histórias e memórias, mas quando ela não acompanha o decorrer do tempo, aquelas ruas e casas ficam permanentemente presas em um dia que já não é mais real. A cidade, os bairros, as casas se movimentam, a vida corre e percorre esses lugares, acompanhar esse processo é parte fundamental quando pensamos no que queremos ter enquanto registro e patrimônio da cidade.

Pensando no patrimônio que vai além de monumentos instalados na cidade, apresento algumas imagens do fotógrafo carioca Walter Firmo, ao analisar coletivamente as imagens, destaco o momento em que paramos na fotografia do Cantor Pixinguinha. Uma foto

enigmática onde o cantor aparece de costas em uma cadeira de balanço, com seu instrumento musical no colo em um quintal humilde.

Figura 36 - Pixinguinha e seu saxofone



Fonte: FIRMO, 2020.

As suposições criadas a partir da leitura da imagem revelam a importância da fotografia como meio de comunicação, como é importante eternizar momentos e atestar o tempo, um legado, uma história a partir da narrativa visual.

Após as análises conceituais, poéticas e formais das fotografias de Walter Firmo, convido os jovens do projeto a serem fotógrafos caxienses, direcionando esse olhar para o seu entorno e destacando seus afetos. O que os afeta de forma positiva e negativa na sua cidade? No seu bairro? Como construir uma imagem de afeto com a cidade?

Débora, animada, diz que já tem alguns lugares que deseja ir para fotografar, já que mora há muito anos no mesmo lugar, existem muitos lugares que ela gosta e se sente animada com a proposta. Indico ter cuidado com a pandemia, evitar aglomerações e que o processo de fotografia seja feito em segurança, assim, encerramos esse primeiro encontro com a proposta fotográfica para ser entregue na semana seguinte.

No segundo encontro conversamos sobre a relação entre a palavra e a imagem, pensando sobre o que nos afeta e como a palavra Afeto pode evocar diversos significados. O que nos afeta? O que é de meu afeto? Afetar positivamente e negativamente, afeto de memória carinhosa e de atravessamento. Como nosso corpo ocupa a cidade? Como ela nos afeta? Quais são as palavras/temas que surgem a partir do olhar para essa imagem de afeto e que afeta?

Emanuelle foi a primeira a ingressar no encontro, dez minutos depois Carlos Guilherme, um jovem que não participou do primeiro encontro, entrou na sala virtual. Iniciei a conversa com os dois jovens de câmera e microfone desligados, diante disso, joguei a primeira provocação via chat, onde eles precisavam escrever que palavras eram associadas quando se pensava em: Fotografia, Afeto e Memória.

Figura 37 - Relacionando as palavras



Fonte: A autora, 2020.

Diante desse primeiro momento, indico que o encontro será muito pautado pelas palavras e pela troca, analisando as imagens e refletindo sobre elas de forma coletiva, convidando a dupla para uma participação mais direta. Em seguida, foi apresentado o trabalho do fotógrafo Cartier Bresson, relacionando a ideia do Instante Decisivo (BRESON, 1952), da cidade e dos afetos e afetações que suas imagens causam. Importante destacar na conversa sobre a relação entre fotografia e espera: podemos provocar um afeto? Parafraseando

Bresson, basta aguardar o momento certo para registrar o mundo, um fotógrafo antecipado consegue capturar o que deseja.

Qual é o momento que você decide tirar o celular do bolso para registrar algo? Esse gesto é impulsionado por um desejo de capturar algo do mundo e a partir do trabalho de Cartier Bresson, percebemos como esse olhar imediato também pode ser construído.

Figura 38 - A bicicleta



Fonte: BRESSON, 1932.

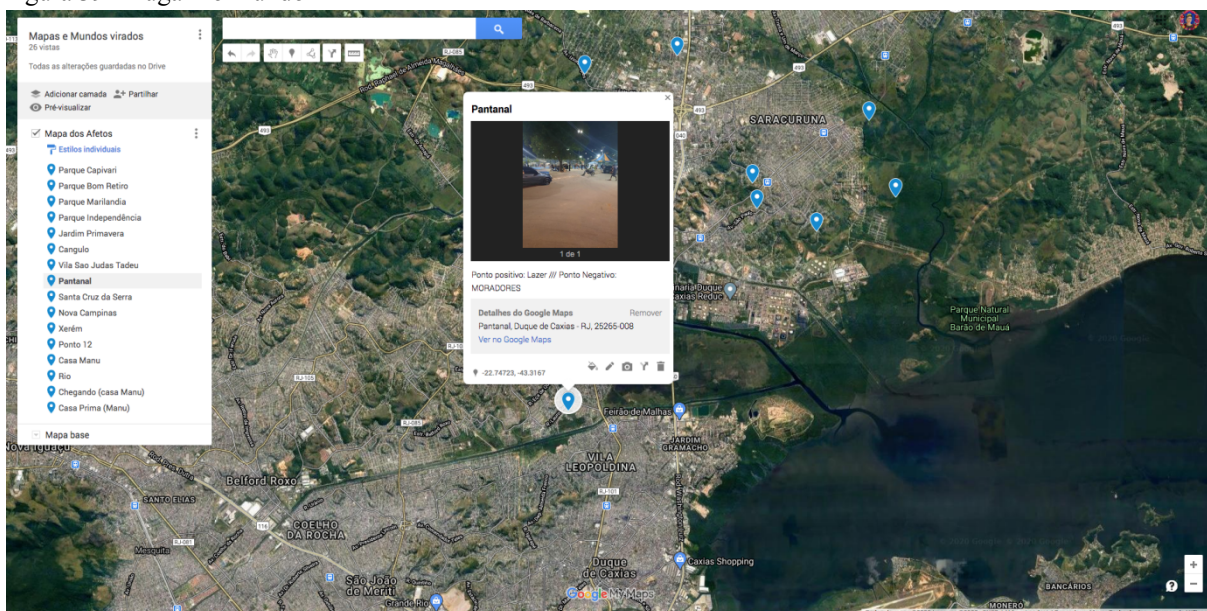
Ao final, apresentamos as produções que foram realizadas por eles ao longo da semana passada. A proposta era para fotografar o que você vê de forma positiva e negativa dentro da cidade. Emanuelle e Carlos trouxeram imagens que foram inseridas no mapa. A primeira imagem é de uma rua que ao final percebe-se ser uma praça pública, a foto é de Carlos e na legenda ele indicou que o lado positivo é o lazer e o lado negativo são os moradores. Buscando entender melhor a leitura do Carlos, pedi para que ele conversasse por áudio, Carlos abriu o microfone justificando estar doente e com a garganta doendo, mas a partir de então, após esse primeiro contato, o diálogo por áudio começou a fluir:

Então, essa foto é de uma praça que tem no meu bairro, sempre tem pagode, toda festa que tem é ali, esse é o ponto positivo, é esse lazer, e o ponto negativo são os moradores porque eles não conservam o local, estão sempre destruindo, não fazem

uma limpeza. Achem que a praça é só deles, eles não conservam o público. Não respeitam nem o Coronavírus. (CARLOS, 2020)

Sinalizei para ele a dualidade na sua linha de pensamento, onde o motivo de prazer e aborrecimento parte de uma mesma entidade, a figura humana. Viver em comunidade nessa perspectiva entrega esse lado positivo e negativo. Carlos, concordou com a observação. Analisando a imagem graficamente, indiquei como o ângulo escolhido para retratar a praça se fez de forma a valorizar um chão vazio em primeiro plano, que adentra para o fundo da foto, em um horizonte ovalado, que indica timidamente uma praça pública. Carlos afirmou que a fotografia foi realizada antes da pandemia e que havia três meses que ele não frequentava a praça.

Figura 39 - Lugar no mundo



Fonte: CARLOS, 2020.

Seguindo nas análises, Emanuelle enviou uma série de quatro imagens para tal. A jovem realizou um percurso onde foi demarcando pontos de destaque para ela, evidenciando fotograficamente e os colocando no mapa:

Eu tirei essa foto pensando mais no que você falou na semana passada, sobre o Google e que a gente podia se inspirar em tirar foto em coisas que o Google não mostrava. Quando eu vou no Google Maps ele não mostra esse caminho até a minha casa, aí eu resolvi tirar a foto. (EMANUELLE, 2020)

Observar, registrar e colocar essa imagem no mapa possui um simbolismo político importante, é sobre despertar o olhar e para se entender naquele contexto. Colocar a casa no mapa é uma forma de se fazer presente. Analisando a fotografia do rio, Emanuelle destaca essa relação entre os moradores com a natureza:

O rio eu tirei uma foto para mostrar uma parte que é bonita porém ruim, porque as pessoas também não respeitam e ficam colocando cano de vaso direto pro rio, ficam jogando lixo no rio, aí quando chove muito forte, acaba subindo muito rápido. (EMANUELLE, 2020)

Mais uma vez a denúncia da falta de saneamento básico e infraestrutura é evidenciada a partir de um discurso de quem ainda não compreende por completo que para além da população, que precisa sim zelar e preservar como corpo coletivo o bairro, existe um mecanismo que deveria funcionar prestando serviços básicos e por muitas vezes é negado.

Figura 40 - Demarcando um lugar no mundo (continua)

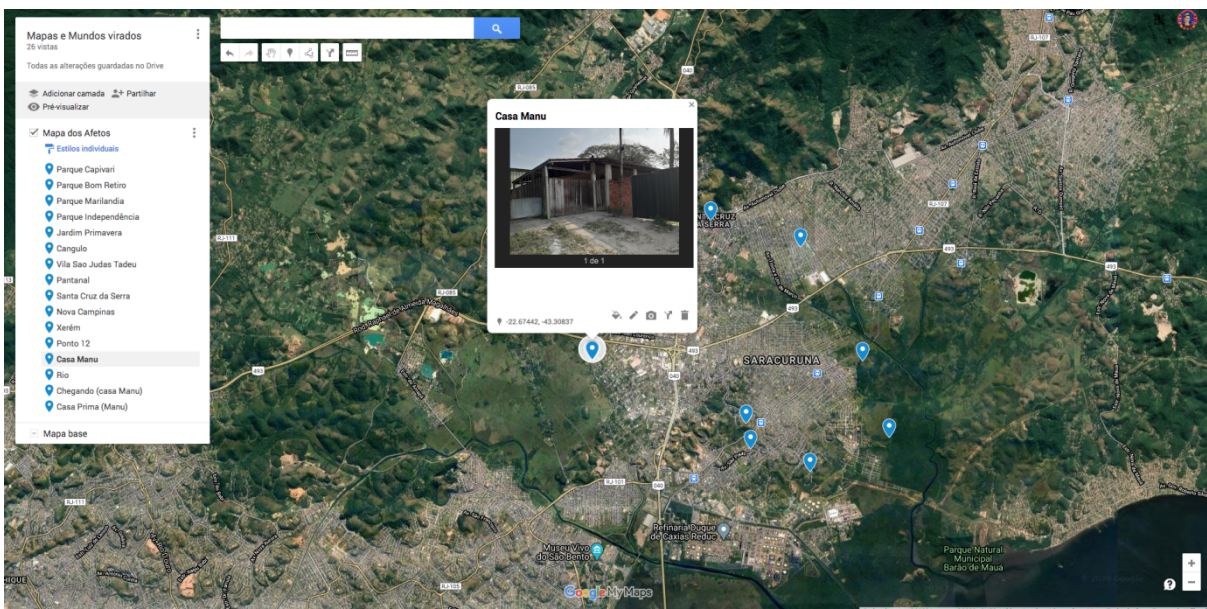
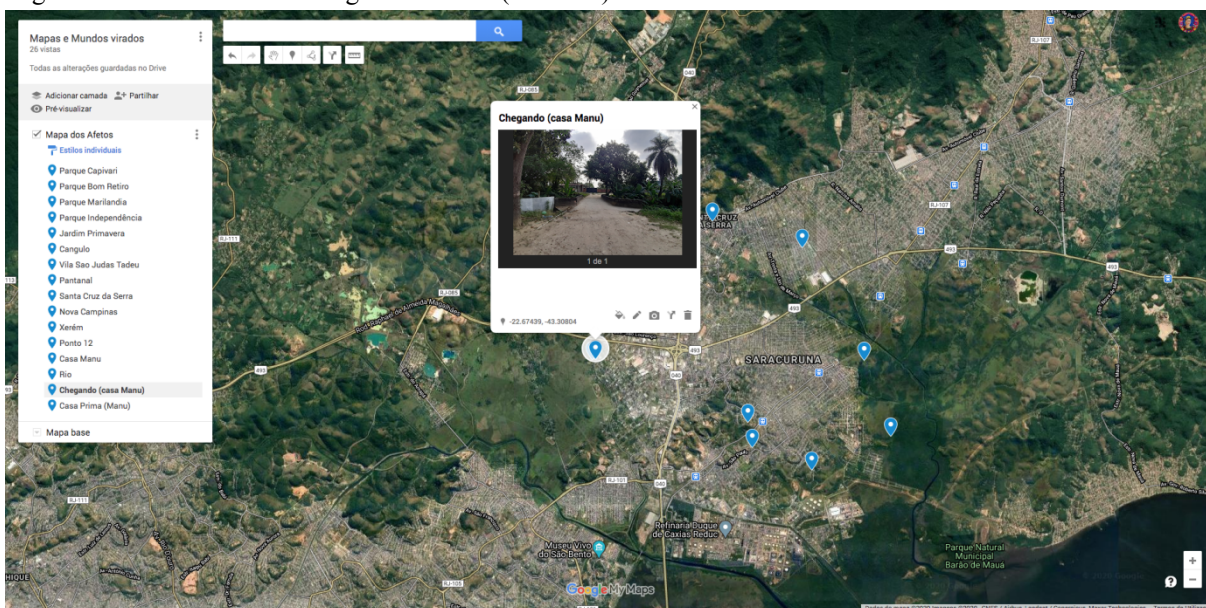


Figura 40 - Demarcando um lugar no mundo (conclusão)



Fonte: EMANUELLE, 2020

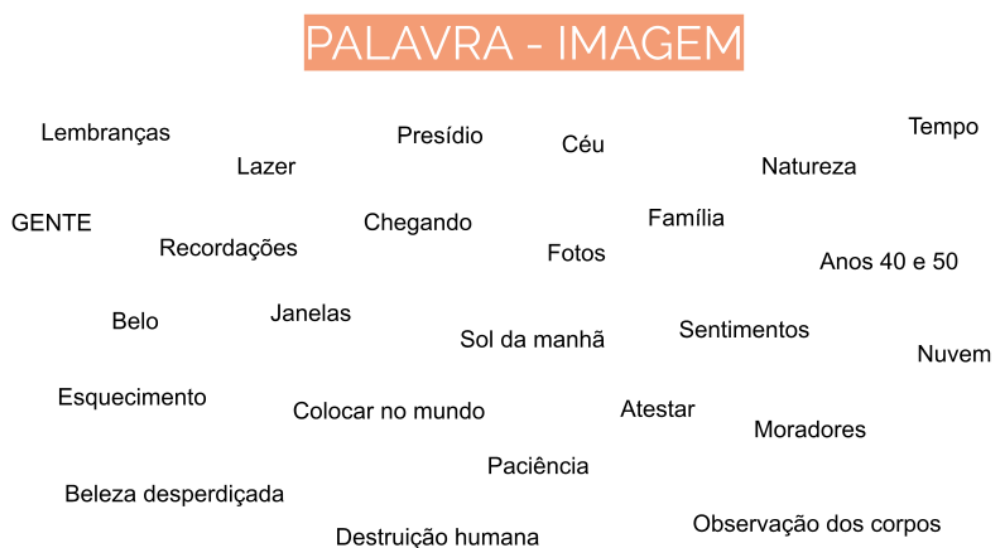
Um discurso em comum na visão dos dois jovens foi a questão da degradação humana e do não cuidado da população para com a sua comunidade. Entender o coletivo e perceber as fragilidades da região também são parte de compreender o sistema no qual eles fazem parte. Porque será que as pessoas precisam desembocar suas fezes no rio? Será que o saneamento básico chegou nesse bairro? Será que existe uma coleta seletiva de lixo?

Na última imagem, Emanuelle traz um pôr-do-sol, uma cena que desperta o assunto sobre fotografar céu e nuvens, pensando nessa observação da natureza e nas cores que a mesma possibilita. Analisamos tecnicamente também a diferença de uma fotografia com

perspectiva como o caminho da Emanuelle e a rua da praça do Carlos, em comparação ao pôr-do-sol onde os planos estão chapados, sem a perspectiva aprofundada na imagem.

Durante a análise do trabalho de Bresson e a troca sobre as imagens produzidas por eles mesmos analisadas, tomamos nota de palavras-chaves que eram lançadas pela dupla, que surgiram a partir da leitura das fotografias e questionamentos sobre a temática. No final, listamos as palavras que surgiram e juntos construímos uma nuvem de palavras/temáticas que viraram temas geradores para a produção de fotos da semana seguinte.

Figura 41 - Nuvem de palavras



Fonte: A autora, 2020.

No terceiro encontro, contamos com a participação de Emanuelle, uma jovem prestes a completar 18 anos, estudante do Ensino Médio e moradora do bairro Figueira, em Duque de Caxias. Iniciamos a conversa retomando a nuvem de palavras produzida na semana anterior. Emanuelle compartilhou suas fotografias e trouxe a leitura para a produção.

A primeira imagem que Emanuelle apresenta é o retrato de um gato, tecnicamente com um foco muito bem feito e um enquadramento também bem solucionado, assim como a fotografia da flor, a paisagem, o pássaro e a foto de uma mulher e uma criança na piscina. Emanuelle então aponta as palavras relacionadas para cada foto: "Na do gato foi mais de recordação, essa gatinha era lá da escola, ela deitou na mochila da minha amiga e ficou me olhando e eu tirei uma foto dela."

Figura 42 - Recordação



Fonte: EMANUELLE, 2020.

Na sequência, Emanuelle apresenta a paisagem:

Essa imagem aqui eu achei ela muito bonita, quando eu fui no lugar. É meio que uma lembrança também porque não faz muito tempo que eu tirei essa foto, que eu fui pro monte que era pra gente orar que ia ter tipo um mini culto ali em cima, aí

quando eu sentei e olhei pro lado eu percebi que até real as nuvens pareciam transparentes, dava para ver o fundo assim e eu achei muito interessante.

Figura 43 - Lembrança



Fonte: EMANUELLE, 2020.

Ao apresentar a flor:

Desde pequena eu sempre fui muito atraída pela natureza, sempre gostei muito de tirar foto de céu de flor, aí quando eu vi essa flor no meu jardim eu fiquei impressionada com a beleza dela. (EMANUELLE, 2020)

Diante da fala, destaquei a importância em se valorizar esse olhar atento para a natureza e como é raro ter essa diversidade de maneira tão próxima, por vezes não nos damos conta do privilégio que é morar rodeados de tanta natureza, do quão raro é ver uma flor, uma borboleta, um passarinho. É entender qual é o seu mundo, qual é a sua realidade faz parte desse processo de observação atenta. Pode parecer ingênuo, mas isso fala sobre um lugar e uma realidade de vida.

Figura 44 - Encantamento



Fonte: EMANUELLE, 2020.

A próxima imagem contém um enredo mais específico em relação ao motivo pelo qual foi selecionada:

Essa foto aqui lembra de muitos momentos, era aniversário dessa criança, meu priminho. Só que bem nessa hora, eu vi eles brincando, ele molhando ela, aí eu fui bem escondidinho porque ela não gosta de tirar foto, eu fui bem escondidinho assim, tirei a foto e eu achei muito bonita essa foto. (Emanuelle, 2020)

Retomando ao encontro onde conversamos sobre a obra de Cartier Bresson, relato para Emanuelle essa especificidade que o fotógrafo possui de estar atento o tempo todo justamente para capturar momentos como este, onde a espontaneidade preenche toda a cena.

Figura 45 - Momento



Fonte: EMANUELLE, 2020.

Na última fotografia, a de um pica-pau, Emanuelle relata que seu registro se deu a partir do som que o mesmo faz enquanto bica a árvore. O som acionou a imagem.

Figura 46 - Som



Fonte: EMANUELLE, 2020.

Dando início ao assunto do terceiro encontro, foi apresentado o trailer do documentário "Todo mapa tem um discurso" (INÁCIO, 2014), produzido pela Rede Jovem e dirigido por Francine Albernaz e Thaís Inácio, e que trata dos estereótipos atribuídos a moradores de comunidades e como isso reverbera na forma de representação da mesma na cartografia. O mapa possui uma função política dentro desse contexto e percebe-se a relação de poder que é a invisibilização de determinados lugares.

A partir de então, aponto para as precariedades que esses espaços possuem, desde princípios básicos de saneamento, saúde, transporte e educação. Que regiões são essas, que não chega uma água encanada, não chega um asfalto, uma linha de ônibus? São várias

camadas de esquecimento e negligência que quando nos inserimos no mapa, se torna um ato de existência e reconhecimento daquele lugar. Colocar a rua, a casa, o bairro no mapa é se afirmar, legitimar e se fazer presente.

Seguindo essa lógica, assistimos também o vídeo "Transitu" (2016), de Myllena Araujo e Bruno Guimarães, que cruza duas rotinas distintas e entre cidades: Duque de Caxias, Niterói e Rio de Janeiro, dialogam a partir de seus deslocamentos e nessa relação com o caminhar na cidade, evidenciando as desigualdades, as distâncias e como o corpo é afetado pela paisagem e as múltiplas formas de circulação e pertencimento nos espaços urbanos. Atestar a presença enquanto jovem morador da Baixada a partir da imagem é uma possibilidade muito valiosa. Ao assistir o vídeo, Emanuelle afirma: "Eu entendi mais a diferença de uma pessoa que mora lá em um lugar que não tem nem asfalto e uma pessoa que mora tipo no centro da cidade."

Essa diferença visual, espacial e social fica evidente a partir dos meios de transportes utilizados pelos artistas. A rotina de quem mora em regiões menos favorecidas da cidade é muito diferente daqueles que possuem uma acessibilidade maior de circulação, e como nossos corpos carregam essa diferença com a gente. Mesmo dentro de Duque de Caxias, essa diferença é grande, por exemplo o trem, em Jardim Primavera é uma opção viável de circulação para um quantitativo expressivo de pessoas do bairro, quando perguntado à Emanuelle, que também mora em Caxias, a resposta não é afirmativa: "Aqui eu tenho que andar um pouco até pegar um ônibus e depois descer no ponto da Figueira para pegar outro ônibus até o Centro de Duque de Caxias."

Ou seja, são outros tipos de desenhos, de trajetos para conseguir chegar em um mesmo lugar, e no que esses corpos são submetidos para tal feito? Quanto custa circular para esses espaços? Como se sentir ocupando a cidade e pertencente socialmente nessas condições?

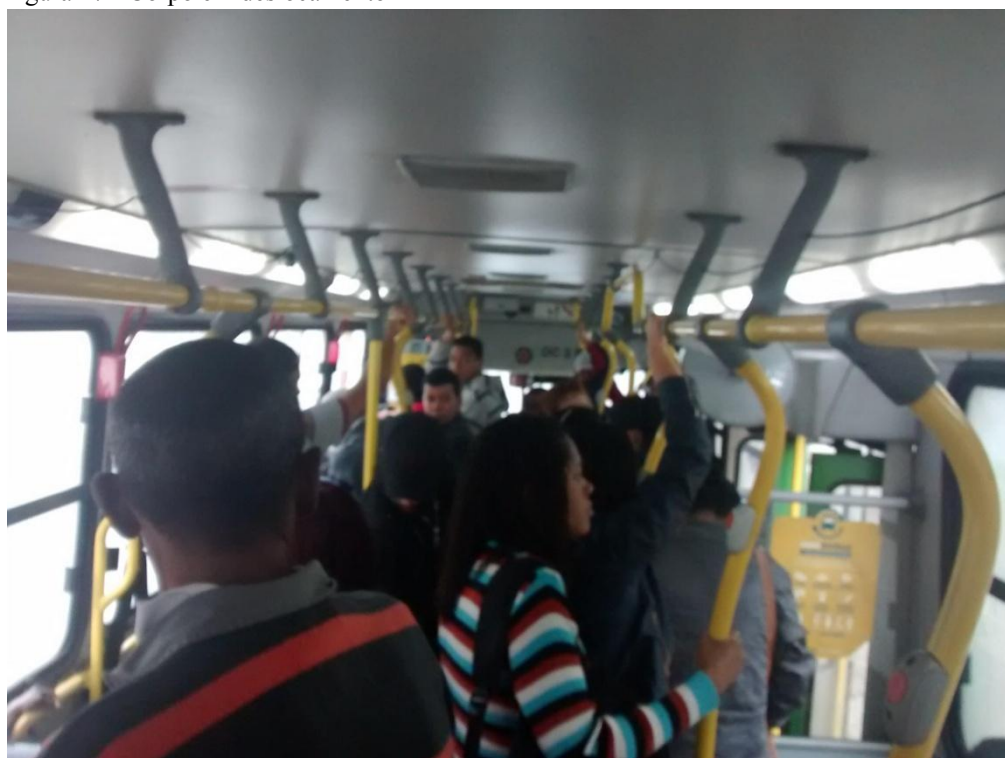
Quando estamos condicionados à tantos sacrifícios em nome do deslocamento se torna impressionante pensar que existem outras maneiras mais simples e rápidas de se viver um deslocamento, que é possível chegar em um cinema a pé, que podemos sair de casa carregando apenas a carteira e o celular, que não precisamos nos preocupar com um casaco, um guarda-chuva, uma marmitta, um remédio, um par de sacolas em caso de chuva e pelo menos vinte reais da passagem. Quando estamos condicionados a tantos sacrifícios em nome do deslocamento, torna-se impressionante pensar que é possível tomar um banho, sair e chegar ainda de cabelo molhado.

Por isso, é importante se colocar no mapa e se fazer presente. Mas de que forma? Será que é preciso que um bairro todo, que todos os jovens moradores da Baixada mudem de suas

casas para a capital a fim de finalmente ter um mínimo de tranquilidade nos acessos e consiga fazer um curso? A solução não está no movimento extremo dos corpos, o contrário deveria ser o óbvio, os recursos precisam chegar, a acessibilidade precisa se fazer presente, os pontos de cultura, os pontos de educação, as universidades são direitos, precisam estar no mapa, precisam existir para os que estão além do circuito central também.

Normatizar e romantizar o sacrifício físico e mental que um jovem morador da Baixada precisa fazer para estudar ou trabalhar não muda em nada sua realidade, pelo contrário, só reafirma aquela posição esta que continua limitando o acesso para mais e mais pessoas, fazendo com que somente aquele que consegue ser resistente, insistente e por vezes insano romper com uma perspectiva que lhe é pressuposta. Desejar ter uma qualidade de vida no lugar onde se vive muitas vezes parece um luxo, um grande prêmio, que quando chega se torna um grande feito, quando digo qualidade de vida, estou me referindo à se ter uma água encanada, uma rede de esgoto, uma pavimentação. Como se sentir pertencente para circular e ocupar um espaço de arte, quando na porta de casa não se tem nem onde pisar sem molhar as meias em dia de chuva? Até onde o meu corpo vai? Quais são os espaços que eu ocupo? Onde eu me sinto à vontade para circular?

Figura 47 - Corpo em deslocamento



Fonte: A autora, 2014.

É muito fácil falar que os espaços, da arte e da cidade, são públicos, gratuitos, abertos

para todos e que certos grupos não estão ali por desinteresse, ignorância e que não adianta tentar oferecer nada para jovens que não querem nada da vida. Mas, como se sentir pertencente a um local quando o pertencimento não lhe é dado, esse corpo que precisa passar por tantas barreiras físicas, sociais e morais para circular minimamente. Como, então, se sentir à vontade para circular em determinados espaços da cidade? Em diálogo com Emanuelle, faço duas perguntas:

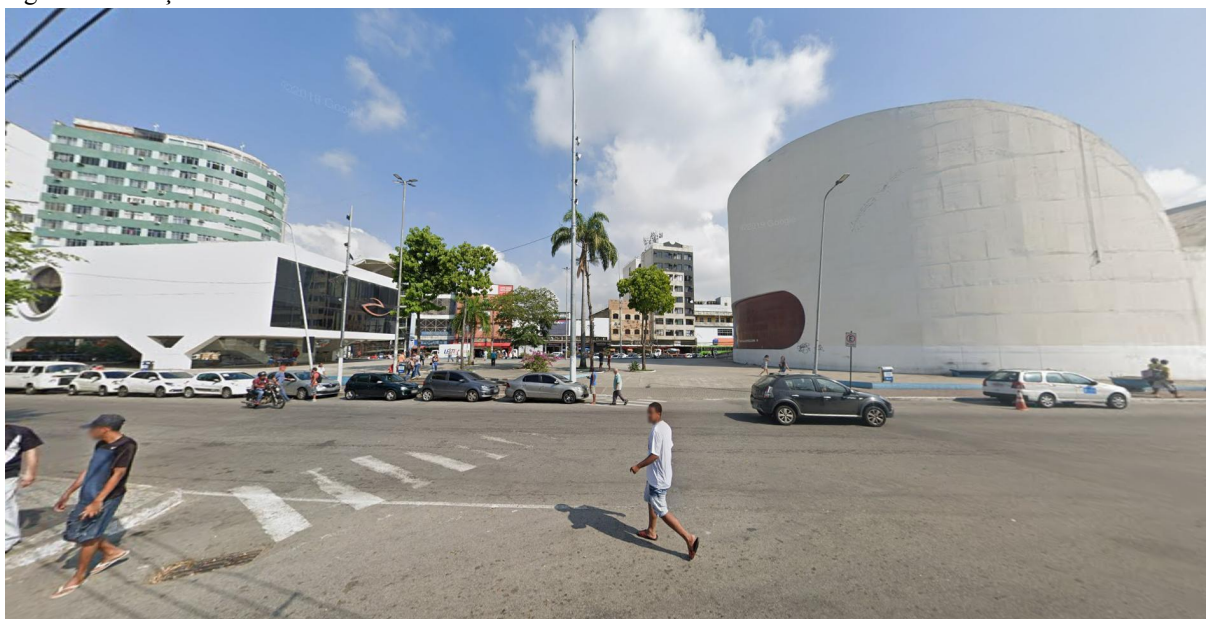
Myllena: Você já entrou no teatro que tem no Centro de Caxias?

Emanuelle: Não, Eu já quis entrar mas não eu consegui.

Myllena: E na biblioteca que tem em frente?

Emanuelle: Não, eu nunca fui. Mas esse ano eu ia começar a ir para visitar pelo menos a biblioteca, mas não dá. Além do vírus, minha mãe se preocupa muito comigo de eu ir sozinha porque é perigoso sair daqui da onde eu moro para ir para Caxias, então é muito perigoso.

Figura 48 - Praça do Pacificador



Fonte: MAPS, 2020.

Essa é a narrativa de uma jovem prestes a completar 18 anos. Fica evidente como esse corpo não se sente preparado, seguro, disposto e livre para circular dentro da cidade. Os limites são impostos e inclusive são por vezes incentivados pelo seio familiar. Até onde, então, esse corpo vai? Sigo na conversa, perguntando sobre um outro espaço de Duque de Caxias:

Myllena: Você já foi ao Outlet Premium, que fica na W. Luiz?

Emanuelle: Já, Infelizmente sim.

Myllena: Porque infelizmente?

Emanuelle: Só tem coisa cara, é shopping de rico. Aquilo não é lugar de pobre.

Myllena: Você se sentiu à vontade para circular? Entrar nas lojas?

Emanuelle: Ah não, você já olha assim o preço na vitrine e já passa reto. Não tem como nem entrar na loja.

O corpo é repellido automaticamente desses espaços, a sensação de não pertencimento aqui se faz evidente pela categoria socioeconômica, existe algo que afasta a jovem desse estabelecimento. Interessante apontar as distâncias descritas por Emanuelle entre a sua casa, o Centro de Duque de Caxias e o Shopping Outlet Premium, neste segundo, ela relata ser muito mais fácil acessar, conseguindo ir de bicicleta enquanto para o centro comercial da sua cidade ela precisa andar e pegar dois ônibus.

Mesmo com um espaço considerado de lazer/consumo instalado bem próximo à sua casa, sendo o shopping um lugar de livre circulação já que ela não precisa pagar para circular, seu corpo não se sente bem vindo, existe um limite, uma barreira que não é imposta fisicamente, ninguém a impede de acessar as lojas, ver as roupas ou tomar um sorvete e mesmo assim seu corpo não se sente convidado para estar ali.

Figura 49 - Outlet Premium



Fonte: MAPS, 2020.

O Teatro Raul Cortez e a Biblioteca Leonel Brizola, ambos com a assinatura arquitetônica de Oscar Niemeyer, localizados na Praça do Pacificador, região central de Duque de Caxias, também a repele mesmo sendo estes espaços construídos para serem áreas de lazer e cultura para a população e localizados na área central central da cidade. O corpo de Emanuelle não alcança com facilidade esse território e quando chega, por algum motivo não

se sente convidado a estar ali.

Quando conseguimos romper com a linha de raciocínio onde se aceita viver cercado dos limites que direcionam as decisões de vida, de estudo e carreira é quando esse indivíduo começa realmente a se fazer presente na sociedade, ocupando e existindo ali enquanto cidadão que também merece ter uma tarde de estudos na Biblioteca Municipal Leonel Brizola. Romper com essa fronteira não é simples, demanda um despertar que pode nunca existir. Falar sobre o bairro, mapas e fotografia para esses jovens é, de certa forma, um modo de acessar essa camada que encobre tantas outras travas corporais e sociais que eles sequer imaginam.

Quem nasce em um ambiente no qual não chega insumos básicos para os moradores, a chance desse jovem nascer, crescer, trabalhar e morrer dentro desse mesmo círculo de escassez é muito grande. Seu trabalho duro e sacrifício de anos pode resultar em algumas conquistas, estas que já deveriam ser parte inicial na vida de qualquer pessoa, como por exemplo, ter uma moradia minimamente digna em uma rua onde se tenha uma pavimentação e água encanada.

Quando digo que se faz necessário romper com essas fronteiras limitantes de vida, não estou apontando para uma lógica glamourizada de consumo desenfreado. Ter dinheiro, ter um carro, consumir uma marca e viver um determinado *status* social é massivamente vendido como o ápice de uma vida plena, mas no final das contas esse jogo social plastificado funciona apenas como combustível para acionar o despertador dos trabalhadores que toca antes mesmo do sol nascer.

O jogo entre o sonho da ascensão e a luta por uma vida melhor é o que também mantém a classe trabalhadora periférica invisível e esquecida dentro de seus bairros precários. Em um lugar onde nada vem fácil e a luta não termina nunca, essa rotina quase mecânica de trabalhar para sobreviver segue perpetuando a precariedade em certos pontos da sociedade.

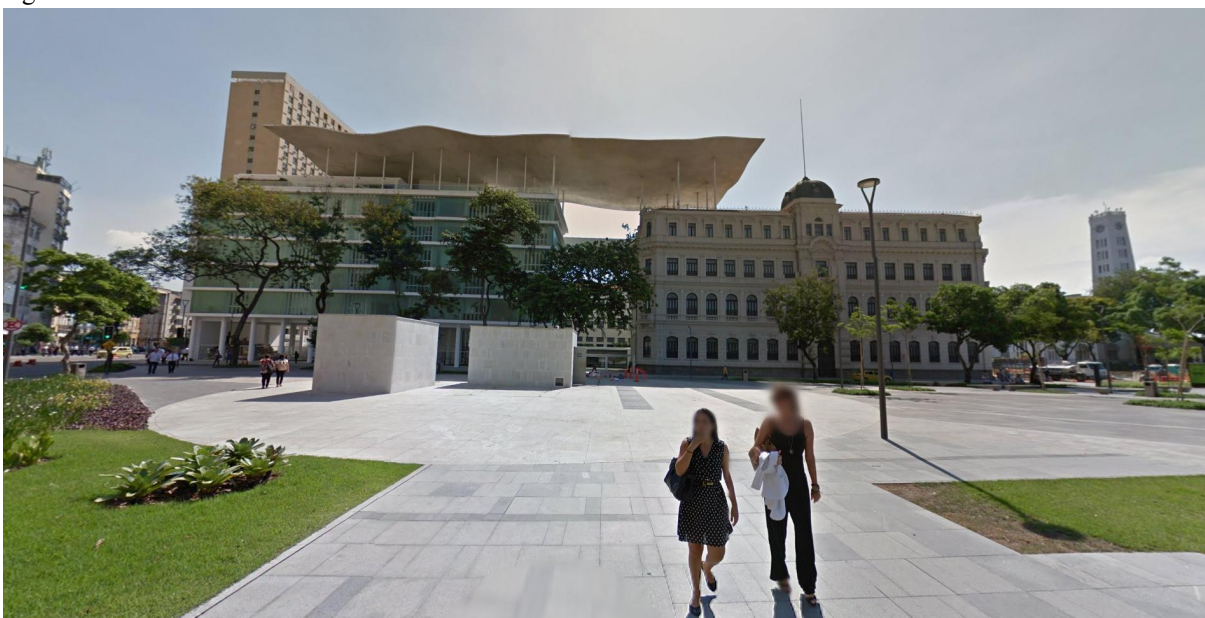
Romper com a lógica do não pertencimento se faz a partir da aproximação, que por muitas vezes é forçadamente feita pela insistência de corpos dissidentes, ocupando na marra o espaço. Mais uma vez retornamos para a complexidade desse sistema, e novamente essa força de querer romper um ciclo fica à cargo do movimento individual, onde o jovem precisa ter muito desejo para enfrentar a distância geográfica, financeira e social a fim de se estabelecer e se fazer presente em uma oficina gratuita que acontece há quilômetros de sua casa.

Logo, a questão não está somente em ocupar, mas além de se fazer presente com a sua existência é necessário reivindicar que esse movimento aconteça de forma contrária, que essas oportunidades, programações e possibilidades socioculturais tenham cada vez mais presença

em bairros periféricos. Enquanto isso não se faz presente na realidade, seguimos enfrentando os limites e fomentando outras perspectivas de mundo a partir das artes visuais.

Conversando sobre espaços e pertencimentos, questionei se Emanuelle já havia visitado o Museu de Arte do Rio, localizado na cidade do Rio de Janeiro, ela disse que nunca tinha ouvido falar e ao ser indicada sobre o Museu do Amanhã, que fica ao lado, e se recordou vagamente deste último. Em seguida, quando apresentada uma fotografia do Museu, a jovem se impressiona: "Olhando assim já até penso que não tenho dinheiro nem para entrar, nem pra pisar ali."

Figura 50 - Museu de Arte do Rio



Fonte: MAPS, 2020.

Mais uma vez a arquitetura e o paisagismo do espaço urbano afasta a possibilidade dessa jovem moradora da Baixada Fluminense de apenas cogitar um esforço para sair de sua residência, tomar pelo menos três meios de transporte, levar algumas horas de deslocamento, gastar uma quantia significativa em dinheiro para enfim, frequentar um museu. Este que publiciza e se orgulha de ter uma prática acolhedora para aqueles que são considerados como um "público diverso", uma das políticas de acesso no qual o MAR se orgulha de oferecer é o programa MAR Gratuito: um dia da semana com entrada gratuita, sendo que esse dia é uma terça-feira, dia útil, iniciando as visitas às dez da manhã com a última entrada às dezesseis horas da tarde. Será que ainda é preciso desenhar o tamanho abismo que existe entre um corpo periférico e esse espaço de arte? Emanuelle então, recorda de um lugar que ela e sua família habitualmente frequentavam:

O museu que eu lembro de ter ido é aquele que fica lá na Quinta da Boa Vista. Eu sempre gostei de história e a minha família também, esse foi o primeiro museu que eu fui e retornamos lá várias vezes. (EMANUELLE)

O Museu Nacional, localizado na Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Espaço de lazer aos finais de semana, frequentado principalmente por moradores de regiões mais populares justamente pelo fácil acesso via trem e metrô. Um museu histórico, lugar de pesquisa que acumulou nos últimos anos grandes achados arqueológicos, artefatos e história, que em 2018 foi completamente tomado pelo fogo por falta de investimento financeiro à essa instituição. Por que não se tinha interesse na preservação de um lugar histórico, de pesquisa acadêmica e altamente frequentado por populares? O sucateamento se torna um grande aliado do Estado, de diversas maneiras e instâncias para a construção dos abismos sociais, impondo a lógica de que tudo que é muito bem cuidado na cidade, que parece ser caro e inacessível não pode pertencer a um jovem periférico.

Quais são os desafios de ser morador da Baixada Fluminense? Como é explicar onde você mora? Como é a reação de quem escuta? Até onde o seu corpo vai? Quais são os espaços que você ocupa? Onde você se sente à vontade para circular? O artista visual Maxwell Alexandre, morador da Rocinha, é um exemplo desse corpo dissidente que busca enfrentar toda uma lógica imposta e expande esses limites a partir de suas pinturas. Seu principal trabalho intitulado como *Pardo é Papel* (2019), retrata a sua realidade enquanto um jovem negro, artista, morador de uma das maiores favelas da América Latina. Com todos os personagens negros, pintados em papel pardo, Maxwell ironiza essa combinação de cores, corpos e suporte, retratando cenas de poder, consumo, ostentação e desejo, além de apontar também para a violência que cerca esses corpos, marcados com o estigma do inimigo. A importância de trazer as pinturas de Maxwell para a pesquisa se faz justamente pelo seu discurso entre fronteiras, e como ele conseguiu atingir um reconhecimento nacional a partir da sua mostra individual que aconteceu no Museu de Arte do Rio em 2019.

O trabalho de Maxwell entrou, e com isto o museu recebeu embalagens de Toddyinho, BRT, Piscina de plástico, cabelo descolorido, Guaravita, dinheiro, ouro, Iphone, Nike, Camisa 10 do Neymar, Rap e também a representação de grandes nomes de pessoas negras da música, da política e da história mundial. Na noite de abertura da exposição, show do *rapper* BK que em uma de suas músicas chamada de Vivos diz:

Minha vez (minha vez)

De ganhar (de ganhar)
 Pretos fazendo dinheiro é tudo que eu vejo (fazendo dinheiro)
 Minha vez (minha vez)
 De ganhar (de ganhar)
 Pretos fazendo dinheiro é tudo que eu vejo (tudo que eu vejo). (BK, 2017.)

O trecho da música é repetido diversas vezes ao fundo do vídeo promocional realizado pelo museu registrando a noite de abertura da exposição Pardo é Papel. Enquanto Maxwell ocupa esse espaço e consegue aproximar essas fronteiras estabelecidas. Uma conquista dessas ao mesmo tempo que rompe com um sistema é engolido por esse mesmo mecanismo que se apropria de sua fala, imagem e ocupação justamente para não perder o poder que ali já exerce.

Tamanha repercussão no mercado da arte rompe e reafirma a importância de se inserir outras vivências e vozes em espaços ainda hegemônicos como os museus, não faz sentido ser privado de uma legalidade. Como pertencer e ocupar esses espaços? Como perceber que existem outras possibilidades de mundo para além dos limites impostos? Assistir o próprio artista falando sobre seu trabalho e exposição traz um pouco mais de direção acerca desses questionamentos.

Após alguns minutos analisando uma das pinturas, a jovem Emanuelle, ao ver a imagem de corpos negros sendo revistados, enquadrados e amontoados em coletivos, destaca a camisa do Neymar, desenhada em um dos corpos que está sendo levado com as mãos para trás. Como é que a coisa que mais chamou a atenção dela na pintura foi essa? A violência que é naturalizada no cotidiano da cidade, mais uma vez se faz dormente diante dos olhos da jovem, que se direciona para o símbolo, uma camisa que imprime o nome de um jogador de futebol que vende o sonho da ascensão social.

Figura 51 - Pardo é Papel



Fonte: ALEXANDRE, 2019.

A comunicação que Maxwell Alexandre, se estabelece por meio de suas pinturas e acontecem por meio de uma linguagem direta com aqueles que vivem essa realidade, ao acionar ícones, logomarcas e grandes referências dentro do contexto periférico popular. Colocar essas existências dentro do museu, por mais que a instituição esteja mais preocupada em exibir para a elite artística cultural e social o quanto aquele espaço é gentil e receptivo com o outro. A importância representativa e significativa diante dessa ocupação deve ser valorizada e destacada, o que o artista faz é genuíno, enfrentar o mercado de arte e inclusive ser absorvido por ele, neste momento, significa muito.

Não estar nos registros não significa não estar no mundo. Rosana Paulino (2016) aponta para essas questões quando evidencia o hiato de vinte e um anos existentes entre a primeira exibição da obra *Parede da Memória* e a sua inserção no acervo da Pinacoteca de São Paulo, desembocando na mostra coletiva *Diálogos Ausentes* (2015). Ao longo de todos esses anos, sua produção enquanto artista visual, que trata de recontar e afirmar sua história e a de seus antepassados por meio da catalogação de imagens, objetos e símbolos, nunca deixou de existir. O seu corpo, a sua existência enquanto mulher negra seguiu e continua seguindo o caminho mais complexo para se fazer presente dentro do mercado da arte.

Assim como na mostra *Pardo é Papel*, onde Maxwell insere a iconografia da periferia carioca em suas pinturas com o objetivo de se fazer existente, pertencente e presente na história e no museu, Rosana Paulino também destaca o valor que uma imagem possui:

Imagens não são elementos mortos. Elas participam ativamente da construção dos locais sociais ocupados pelos indivíduos. Neste caso – analogamente ao preceito homeopático segundo o qual “semelhante cura semelhante” –, podemos pensar que, metaforicamente, “imagens curam imagens”, considerando-se que o olhar que lançamos às pessoas e aos objetos os imbuí de características as mais diversas, boas ou más. Estereótipos são criados ou reforçados quando somos diariamente bombardeados por imagens que corporificam preconceitos e lugares instituídos. Repensar esses lugares implica repensar as imagens que fundaram simbolicamente o país, e isso não é tarefa pequena. (PAULINO, 2016, p. 09)

No trecho acima a artista enfatiza a necessidade de se produzir imagens como um processo de cura e pertencimento. Se encontrar nesse sistema e conseguir se colocar enquanto um corpo que não discursa na mesma sintonia dos que ali já se fazem consagrados é o grande desafio e a virada para que a heterogeneidade de imagens, sons, cores, línguas e histórias sejam contadas e legitimadas.

Abre, abre, abre, abre o caminho (deixa o Exu)

Abre o caminho, deixa o Exu passar

Abre o caminho, deixa o Exu passar
 Ih, que que eu tô fazendo aqui?
 Mais de sete dias sem dormir
 Da lama ao caos, Nação Zumbi
 Não foi pedindo licença que eu cheguei até aqui. (BLUES, 2017)

O trecho Abre caminho de Baco Exu do Blues, retrata essa necessidade de se fazer presente, através de um posicionamento e de um pertencimento que não é dado para a realidade negra e periférica. Mas é preciso se afirmar, enfrentar, ocupar e conquistar esses espaços na cidade. Onde o meu corpo se faz presente no mundo? O que me representa enquanto jovem morador de Jardim Primavera? Pensar o corpo em sociedade fazendo uso da fotografia como meio de evidenciar esses espaços de pertencimento e isolamento na cidade são formas de se inserir esteticamente e politicamente no mundo. Por fim, a sugestão fotográfica solicitada para a semana seguinte foi a de produzir imagens onde o pertencimento fosse a chave para o diálogo, pensar nessa relação de ser e estar no mundo e que mundo é esse que lhe é oferecido, refletindo e afirmando assim uma identidade local.

No nosso último encontro continuamos com a presença e participação da jovem Emanuelle, iniciamos relembrando a conversa da semana passada sobre o corpo na cidade e em quais espaços nos fazemos presentes e pertencentes. Em seguida, vimos o *trailer* do documentário Finding Vivian Vivian Maier (2013) e conversamos sobre como essa fotógrafa passou toda sua vida retratando seu cotidiano e diferente da produção de Henri Cartier-Bresson que em sua maioria fotografava de forma ampla, buscando enquadrar as figuras na arquitetura como um todo, seus registros são aproximados e mais interessados na figura humana, nos retratos, na ação e nos olhares, por vezes suas fotografias eram quase como um registro invasivo, ela se permitia ser vista pelo fotografado, o mesmo encarava de frente esse olhar.

Tento estabelecer uma comunicação com a jovem, por vezes é difícil essa resposta ativa, mas, mesmo que tímida, Emanuelle colabora e participa brevemente dos questionamentos sobre a obra de Vivian Maier. Destacamos bastante como era a forma de olhar e de como a fotógrafa se insere na imagem, sua fotografia é latente no sentido de assinatura e registro. Durante os 45 minutos de apresentação, Emanuelle pouco contribuiu verbalmente, mas se fez atenta enquanto ouvinte.

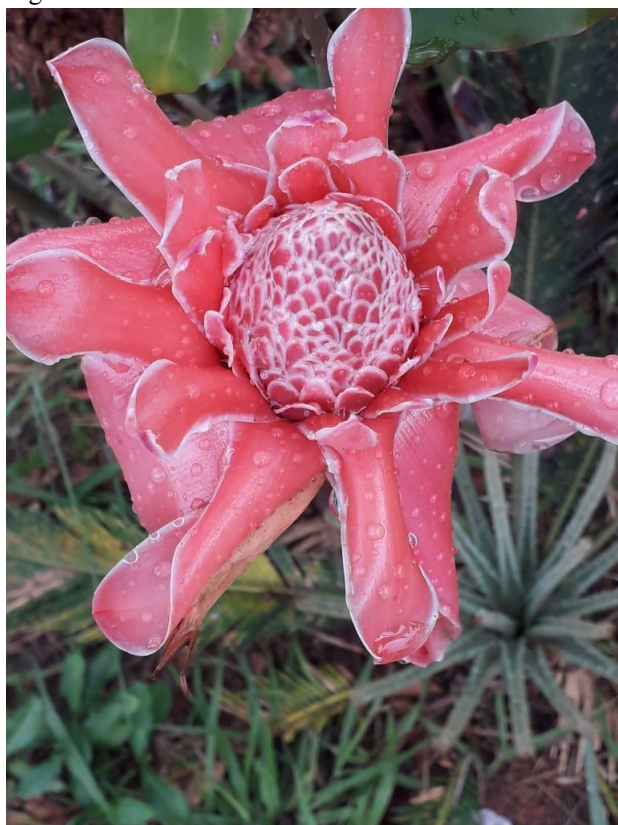
Depois, fizemos uma passagem pelas últimas semanas e encontros executados até então, relembrando e respondendo as questões norteadoras do projeto sobre pertencimento,

registro, narrativa e afeto. Após finalizar a retrospectiva, apresentando inclusive os trabalhos fotográficos como um todo para Emanuelle, como ao longo da semana não havia recebido nenhuma fotografia, pergunto se ela realizou a atividade solicitada para esse encontro, que era fotografar a partir das perguntas: Onde meu corpo se faz presente no mundo? O que me representa no mundo?

Timidamente, Emanuelle relata que fez um passeio no sítio em Capivari (Duque de Caxias), onde foi o aniversário de sua prima e ela fez alguns registros desse momento no qual desejava compartilhar as fotos. No total, foram quatro imagens apresentadas, onde fica evidente o olhar curioso de Emanuelle para o lugar, retratando detalhes, capturando de forma aproximada o que ela encontrava de inusitado no sítio, como por exemplo uma flor ou um peixe no rio. Além disso, ela também retorna o olhar para as relações humanas, nesse caso, relações familiares, onde registra mais uma vez seus avós brincando com o sobrinho.

Em suas duas primeiras imagens, onde Emanuelle registrou uma flor e um peixe, destaco a sua dedicação em se aproximar do elemento principal para o seu registro, trazendo uma evidência a partir da composição fotográfica centralizada, já que por vezes, as pessoas de um modo geral acabam poluindo a imagem com outras informações e elementos desnecessários, quando na verdade estão desejando apenas apontar e apresentar uma figura principal. Por exemplo, na fotografia da flor Emanuelle relata que ela se encontrava próxima ao lago com os peixes, mas que existia uma limitação física para o registro, um cercado a impedia de se aproximar com tranquilidade, logo, ela precisou se curvar para conseguir alcançar o ângulo desejado para a foto. Reafirmo para ela como é importante ter esse olhar organizado para saber de fato o que precisa ser registrado, como podemos limpar a imagem a partir do enquadramento, retirando elementos que não fazem sentido dentro do que se deseja ser apresentado enquanto produto final.

Figura 52 - Flor



Fonte: EMANUELLE, 2019.

Figura 53 - Peixe



Fonte: EMANUELLE, 2020.

Para as duas fotografias seguintes, Emanuelle mais uma vez nos apresenta membros de sua família em um contexto muito harmonioso de seus avós brincando com seu sobrinho. Na primeira imagem apresentada ela traz uma dualidade entre as fases da vida, em um balanço, destaque para ela, além da narrativa explícita no registro, como ela enquadrrou perfeitamente o espaço entre o balanço e a árvore juntamente com o seu reflexo ao fundo da imagem.

Figura 54 - Família



Fonte: EMANUELLE, 2020.

Na fotografia seguinte, um registro muito similar de uma outra fotografia apresentada por Emanuelle (Figura 45). Como uma construção de catalogação fotográfica, a jovem repete suas buscas, insistindo nas temáticas e nos apresentando uma passagem temporal significativa entre os dois retratos. Um dado curioso em relação à cena, foi o imediatismo que a jovem relatou quando viu o acontecimento, logo, precisou ser rápida no gatilho e disparou a fotografia quase como um susto, para não perder o momento de espontaneidade. Relembro como é importante estarmos atentos para anteceder os fatos, assim como Cartier-Bresson e Vivian Maier que fotografavam na rua movimentos e situações espontâneas e por isso

precisavam estar com os olhos apurados para o momento da fotografia. Isso se dá a partir da prática, do exercício recorrente de fotografar de forma atenta e desperta.

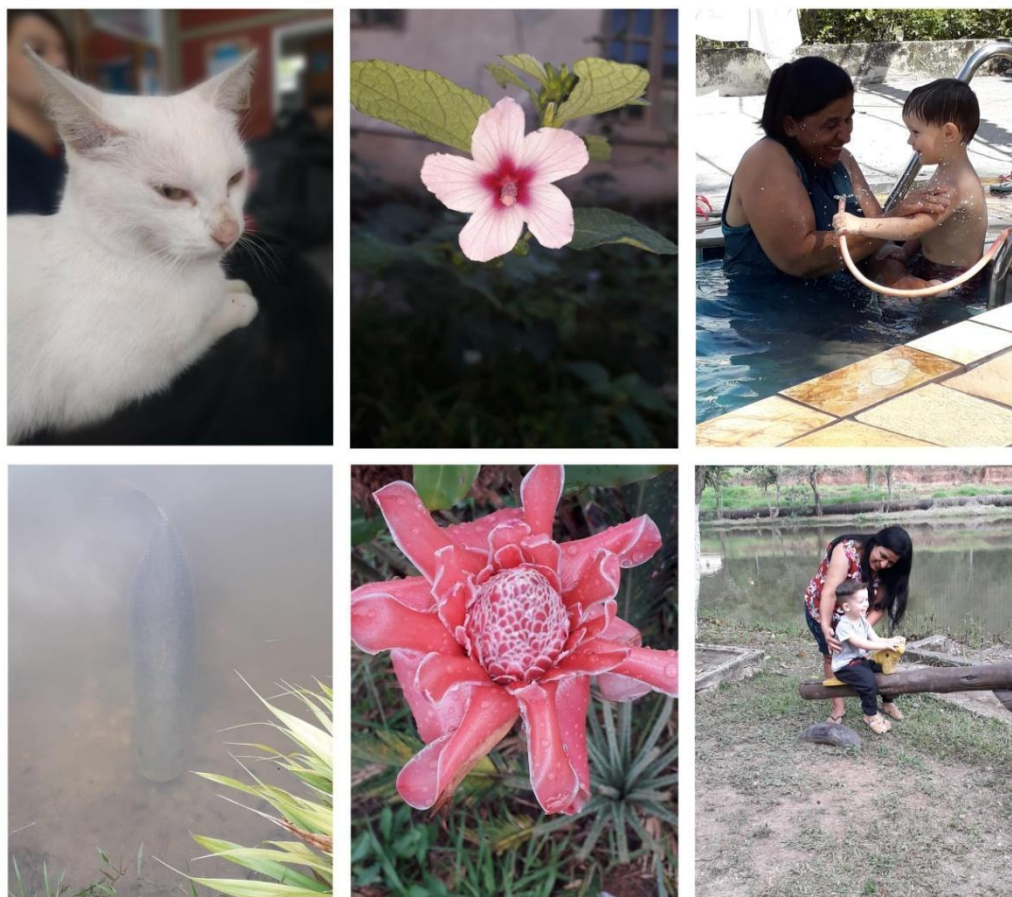
Figura 55 - Afeto



Fonte: EMANUELLE, 2020.

Interessante perceber a constância temática de Emanuelle ao longo de todo o projeto, comparando todos os seus exercícios, ela sempre evoca figuras em repetição, onde a família aparece em seus registros fortemente. Outra linguagem temática que ela também mantém acontece entre as fotografias do terceiro e quarto exercício, onde a jovem traz em seu conjunto de série uma temática constante de fotografias de flores, animais, paisagens e pessoas. Seu universo é muito pautado pelo limiar familiar que aponta para esse olhar dedicado a eles e ao que encontra ao seu redor, ainda com uma vivência muito de dentro do seu cerco interno do lar, Emanuelle faz busca nessas figuras a sua identidade e olhar, já que ela não possui uma expansão de vivência e circulação nas ruas, como foi relatado pela mesma ao longo dos encontros. Ela fica surpresa ao perceber que produziu duas séries que tratavam de três simbolismos em comum (animais, flores e família), indico para ela que nós enquanto artistas e fotógrafos só damos atenção e percebemos aquilo que mais nos interessa e o que comunica com a gente de fato, logo, seria interessante ela provocar mais essa investigação dentro desses temas para que futuramente pudesse entender melhor a sua catalogação fotográfica.

Figura 56 - Destaques no olhar de Emanuelle



Fonte: A autora, 2020.

Analisando essa primeira experiência em um campo remoto, podemos perceber que alguns pontos positivos no sentido de conseguir reunir pessoas em lugares diferentes para dialogar e pensar sobre imagem, mas alguns fatores precisam ser melhor trabalhados para que tenhamos um maior engajamento do grupo. Das vinte e seis pessoas inscritas no projeto, somente sete fizeram parte de ao menos um encontro. Durante as semanas, busquei contato com todos via e-mail e mensagens no WhatsApp, mas não obtive sucesso. Ao final do projeto, desenvolvi um formulário de avaliação para que todos, inclusive quem não participou de nenhum encontro, pudessem apresentar suas razões, justificativas e observações.

Dos vinte e seis inscritos, obtive cinco respostas a esse formulário, sendo três de alunos participantes, e duas respostas de jovens que não vieram em nenhum encontro. Em uma resposta, o jovem alega que o horário batia com outros compromissos e a segunda resposta, de uma jovem, aponta para a falta de acesso à internet para participar dos encontros. Sua resposta: "Não tive acesso a internet, infelizmente 🥰👉", frase acompanhada de dois *emojis*, um coração rachado ao meio e uma mão com o polegar apontando para baixo enfatiza a sua insuficiência diante do online, questão que no momento atual de pandemia é crítica e limitadora para muitas famílias e estudantes em isolamento social.

Apenas a jovem Emanuelle participou de todo o projeto, produzindo e participando sozinha no terceiro e quarto encontro. Seu relato avaliativo dos encontros aponta para essa ausência de outras pessoas no projeto: "Achei muito interessante, pois em todos os encontros a professora mostrou fotografos diferentes e sempre passava um tema pra gente tirar nossas fotos e mostrar para ela. O que eu menos gostei nos encontros foi de não ter tido muitas pessoas, desanima um pouco." Outra justificativa que me chamou a atenção foi a de Carlos Guilherme, participante do segundo encontro que no mesmo relatou estar doente, e infelizmente se manteve assim nas duas semanas seguintes, não conseguindo dar continuidade na participação do projeto.

São muitas barreiras para que um corpo consiga estar diante de uma atividade cultural livre, é preciso entender a situação de mundo caótica que estamos vivendo no presente momento e por mais que não tenhamos a barreira do deslocamento físico, da passagem, da distância para chegar ao encontro, transferimos essa questão do acesso diretamente para a internet, onde não adianta estar disponível para o projeto se não há como se conectar virtualmente para tal.

Enquanto pesquisadora, avalio esse primeiro processo como um passo importante na pesquisa já que pude colocar em prática todo o planejamento para os encontros, ver as

referências levantadas em ação, além de também entender como funciona a questão da sala remota, do tempo de fala e escuta, dos meios de gravação e compartilhamento de tela, pude executar o projeto e entender o seu desenho enquanto corpo.

Assim como Emanuelle, a questão da adesão me desmotivou quando observei que dos cinco participantes do primeiro encontro, somente uma retornou para o segundo. Esse abandono me fez questionar a abordagem dos primeiros temas, me colocou em dúvidas sobre o interesse e as expectativas dos jovens frente ao conteúdo apresentado, mas, como analisamos a partir das justificativas recolhidas, as variáveis são inúmeras, ainda mais em um contexto de mundo onde estamos obrigados a realizar toda e qualquer atividade de forma remota, inclusive eles que são em sua maioria estudantes do ensino médio, logo, é natural se desmotivar diante de mais um conteúdo virtual. Terminei este primeiro ciclo de encontros em 26 de Setembro de 2020, com esperanças de uma normalização sanitária para promover atividades presenciais com jovens interessados.

3 MAPEANDO MEMÓRIAS, IMAGENS E IDENTIDADES

Após a primeira oficina online realizada em 2020 e respectivamente com o avanço da pandemia, senti a necessidade de continuar buscando formas de me conectar virtualmente com jovens moradores da Baixada Fluminense. A partir de uma pesquisa pelas redes sociais, encontrei um perfil denominado como Coletivo Baixada Cruel⁸. O perfil não tinha um grande número de seguidores, mas as postagens e o conteúdo me chamou atenção, principalmente os vídeos dos jovens narrando a história de regiões da Baixada Fluminense. Enviei uma mensagem e agendamos uma reunião online para apresentar o projeto. Foi assim que conheci a idealizadora do Coletivo: Esther Rocha, de 19 anos, moradora do bairro de Saracuruna em Duque de Caxias e também a jovem Gisele Silva, 23 anos, do bairro Pantanal, também em Duque de Caxias.

As duas componentes do coletivo receberam com muita efusividade a proposta da oficina de fotografia e prontamente se disponibilizaram para serem alunas do projeto, e sugeriram que as imagens ali produzidas pudessem ser veiculadas no perfil do Instagram do Coletivo Baixada Cruel. Retomo então, a fala de Daniel Miller sobre a etnografia que acontece de forma remota, em que precisamos interagir com o campo a partir da abertura e linguagem do outro:

Você será convidado a interagir on-line ou nas mídias sociais, pelo Facebook, no WhatsApp e nas demais maneiras pelas quais agora elas mesmas estão interagindo. Assim, você estará participando do engajamento que elas têm com os outros, como com você. É dessa forma que a etnografia se desenvolve naturalmente e, mais uma vez, isso dependerá da população específica em que você está e do melhor jeito de integrar-se a ela, nesse período de convivência on-line pelos próximos 16 meses (ou seja lá o que for). (MILLER, 2020)

O coletivo artístico-político Baixada Cruel surgiu no início da pandemia, em 2020, com objetivo de mobilizar insumos como roupas e cestas básicas para famílias afetadas pela crise social e econômica acarretada pela COVID-19, além de documentar este mesmo momento enquanto moradores da Baixada Fluminense a partir de uma narrativa interna de quem está de fato vivendo e sofrendo as consequências da pandemia. O grupo é composto por dezesseis jovens entre 18 e 25 anos, localizados em diversas cidades que compõem o que se classifica enquanto Baixada Fluminense, lembrando que não há de fato um consenso oficial estruturado para tal denominação. Após essa primeira conversa e proposta, fechamos um dia e

⁸ Disponível em: (www.instagram.com/coletivobxdcruel)

uma data para início dos encontros, as duas jovens entusiasmadas logo se disponibilizaram para divulgar no grupo que elas possuem enquanto coletivo.

Tendo em vista a experiência do projeto anterior e entendendo que, no contexto virtual, é preciso ampliar a divulgação e fortalecer as bases de interesse, me somei ao coletivo para reconfigurar algumas limitações na qual o projeto estava inserido anteriormente. A primeira mudança foi a ampliação da faixa etária, que antes era para jovens de 17 a 23 anos e passou a ser de 17 a 26 anos de idade, tendo como objetivo atingir um número maior de interessados, já que na primeira experiência em grupo, tivemos alguns jovens com mais de 23 anos desejando realizar a oficina.

A segunda e mais significativa mudança foi a ampliação do campo, antes mais focado em moradores dos bairros de Jardim Primavera, Campos Elíseos, Saracuruna, Bom Retiro e arredores, inseridos dentro do segundo distrito de Duque de Caxias. Passamos então a receber inscrições de jovens moradores de qualquer Cidade que compõe a Baixada Fluminense, essa ampliação se deu ao fato de justamente estarmos fechando uma parceria com um coletivo que integra jovens de toda a Baixada e também, pela experiência anterior, onde já tivemos jovens inscritos e participantes de outras regiões, bairros e cidades.

Após duas semanas de ampla divulgação nas redes sociais do coletivo e também entre os amigos e conhecidos que apoiam a iniciativa através das redes sociais, obtivemos 39 jovens inscritos no projeto Entre Mapas e Mundos Virados 2021. Metodologicamente, mantivemos o mesmo formato nos encontros, onde seguimos com o mesmo desenvolvimento de narrativa e referências bibliográficas do primeiro projeto online, mas diferente de antes, neste projeto obtivemos uma melhor adesão e participação, gerando uma maior qualidade nos debates e na produção das fotografias.

O projeto Entre Mapas e Mundos Virados aconteceu entre Abril e Maio de 2021, foram quatro encontros com duas horas e meia de duração, chegando em até três horas devido às necessidades de fala e escuta que esse grupo apresentou ao longo do projeto. Dos 39 inscritos via formulário Google, os interessados tiveram idades entre 16 e 45 anos, sendo 64% do sexo feminino e dentre elas, duas mulheres indicaram serem mães. Um homem apontou ter filho. Dentro da autodeclaração racial tivemos 66% de pessoas negras ou pardas. 35% dos inscritos estão cursando uma graduação e 28% concluíram o ensino médio.

Com o dobro de inscritos da edição anterior, ainda estava incerta sobre a real adesão dessas pessoas ao projeto, a tensão para o primeiro encontro se tornou maior do que quando foi a primeira vez, mas diferentemente da experiência anterior, desta vez, tinha um grupo

como suporte, e sabia que ao menos os membros de Coletivo Baixada Cruel estariam presentes.

Ao abrir a sala, começo a receber os primeiros participantes, logo, me apresento e desenvolvo a proposta do projeto que era para a gente se ouvir, para a gente conversar e para a gente saber um pouco mais sobre a vivência do outro. E essa troca iria acontecer a partir da fotografia, a partir do olhar artístico, a partir da imagem, então, afirmei para os jovens que essa era a maneira que eu encontrei da gente compartilhar e entender um pouco mais sobre que lugar é esse que nos afeta tanto.

3.1 Desenvolvimento

No primeiro encontro, contamos com a presença de sete jovens, e ao se apresentar, cada um deles falou um pouco sobre as suas primeiras percepções acerca de seus respectivos bairros e/ou cidades. Iniciamos com a Flávia, 20 anos, estudante de Licenciatura em Artes Visuais da UFRJ, moradora de Nova Iguaçu: "Em Nova Iguaçu tem gente, mas também tem bicho... o meu bairro é quase rural, é comum você ver um cavalo andando na rua, ou um porco gigante."

Em seguida, contamos com a apresentação de Melissa, estudante de Psicologia, bolsista pelo PROUNI cursando na universidade UNIGRANRIO de Duque de Caxias, também com 20 anos, moradora de Magé e de forma breve relatou que Piabetá possui bastante gente e comércio. O jovem Leonardo, de 21 anos, é morador de Nova Iguaçu e estudante de Licenciatura em Ciências Sociais pelo Colégio Pedro II, em sua apresentação destaca que: "Meu bairro é... talvez esquecido, digamos assim. Em Duque de Caxias eu não sei, mas em Nova Iguaçu tem muita gente, um absurdo, até para o que Nova Iguaçu comporta. Minha vida é simples... não sei!"

Luís, de 19 anos, estudante de Letras na UFRRJ, é de Duque de Caxias e relata que adora frequentar a Biblioteca Municipal Leonel Brizola. Lucas, 21 anos, de Bangu, Vinicius, 26 anos, de Nova Iguaçu, e Larissa, 23 anos, de Nilópolis, não desejaram se apresentar neste primeiro momento. A idealizadora do coletivo Baixada Cruel, Esther e sua parceira de projeto Gisele acabaram não participando do primeiro encontro por ocorrência de uma falta de luz em sua casa, onde ficou por horas aguardando alguma prestação de serviço da companhia de energia elétrica.

Durante o comunicado sobre a ausência, Esther também aproveita para relatar que um dos participantes interessados nos encontros, o jovem Breno, de 18 anos, morador de Duque de Caxias, não conseguiria mais fazer parte por ter sido assaltado e perdido seu único meio de

comunicação e conexão, que era o aparelho celular, onde ele utilizava para realizar seus cursos e acessar as redes sociais. Seja no mundo real ou virtual, esses relatos de ausências marcam as barreiras sociais que por vezes impedem ou desmotivam o jovem periférico em sua jornada.

O que vem na nossa mente quando pensamos na Baixada Fluminense? Essa foi a pergunta levantada para o grupo, e antes de uma conversa como resposta, eles realizaram um desenho coletivo para expressar através de imagens o que para eles simboliza o conceito de Baixada. Como podemos observar na (Figura 57), eles realizaram alguns desenhos, bem elaborados e coloridos e com camadas ricas de significado. Começando a leitura da esquerda para a direita, na parte superior temos a representação de uma feira livre seguida de um desenho dos trilhos do trem com uma cidade ao fundo. Na parte inferior, iniciando pela esquerda, temos a representação quase abstrata, realizada em bloco de cores de uma cidade. Ao lado, percebemos um rio azul com duas casas e um ambiente muito verde ao redor, sem grandes sinais de urbanização.

Figura 57 - Desenho coletivo, Baixada Fluminense



Fonte: A autora, 2021.

Destaco duas reflexões feitas a partir dos desenhos, a primeira do jovem Vinícius, autor do desenho dos trilhos de trem, onde ele destaca os motivos que o levaram a direcionar sua mente para essa imagem ao pensar no termo Baixada Fluminense:

Vários municípios da Baixada possuem ramais de trem da SuperVia, então eu fiz esses trilhos para representar. Aqui mesmo em Nova Iguaçu tem três estações de trem no município, também desenhei esses prédios no fundo para representar esse crescimento vertical e foi isso, simples o desenho. (VINICIUS, 2021)

Interessante o destaque e ele aponta, já que, de acordo com o IBGE⁹, Nova Iguaçu é a quarta cidade mais populosa do Estado do Rio de Janeiro, contando com aproximadamente 823.302 habitantes. Ficando logo atrás de Duque de Caxias, que se encontra em terceira posição com 24.624 pessoas de acordo com a estimativa do IBGE realizada em 2020. Sendo assim, essas duas cidades que se encontram dentro do espectro da Baixada Fluminense, carregam consigo essa alta proporção de habitantes. Interessante perceber como essa observação superpopulosa e verticalizada nos centros urbanos de Nova Iguaçu que foi observada pelo jovem Vinícius, passa também pela leitura de mundo feita pelo desenho do participante Luís, mas, ao invés de remeter às grandes massas populacionais e as construções de prédios, ele narra em seu desenho uma transformação espacial e temporal de um rio em Duque de Caxias, no qual ele enquanto jovem, já conheceu valão:

Era uma vala enorme e super poluída que tinha no meu bairro e eu lembro muito dela porque quando eu era criança eu sempre passava por ela para ir ao colégio com o meu avô, e eu sempre ficava perguntando para ele o que havia acontecido, porque essa vala era assim e ninguém faz nada com ela. Essa vala fica em Saracuruna, só que agora fica uma praça no lugar dela. Meu avô sempre falava antes que nessa vala ficava um rio limpo e bonito... e eu ficava imaginando, nossa! Queria tomar banho nesse rio. (LUÍS, 2020)

Passamos então a refletir em como essas transformações aconteceram em uma escala: o que era um rio, virou uma vala que se transformou em uma praça. Como esses espaços vêm sendo remodelados e transformados ao longo dos tempos? De que forma? Com quais objetivos? Interessante pensar como nossos espaços sociais por vezes mudam de forma abrupta, movido por muitas vezes por interesses políticos, lugares passam décadas sem receber nenhum tipo de infraestrutura básica, assim como é referenciado na introdução do texto acerca do meu próprio lugar de moradia que permanece esquecido, e por vezes surgem promessas de vereadores e prefeitos para tal espaço, como um grande leilão, o saneamento básico é barganhado em troca de votos.

Esses espaços não diagramados da cidade, que ainda não oferecem o básico para se viver, além de serem relegados pelo Estado e por vezes não possuem serviços de correios, coleta de lixo, iluminação pública, se tornam ambiente propício para violências sociais e

⁹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-iguacu/pesquisa/23/25207?tipo=ranking>

urbanas. Mas, neste momento, vamos tratar da não existência dessas ruas nas plataformas de mapeamento online, como a do *Google Maps*, site que hoje é um grande legitimador de circulação em espaços da cidade de forma online.

Para provocar um pensamento sobre as plataformas digitais de mapa e localização para pensar em como somos inseridos ou não dentro dessa narrativa legitimada, que atualmente é a plataforma *Google Maps*, assistimos ao vídeo arte produzido pelo artista visual Ernesto de Carvalho. Como eu me vejo e me localizo nesses espaços? Onde e como fica a Baixada Fluminense descrita no mapa? Em sua produção *Nunca é noite no mapa* (2016), o artista aponta para a frieza esterilizada no qual é realizado os registros das ruas da cidade via *Google Street View*, além do contraponto de entender que a instituição Mapa também é instrumentalizada, logo, estamos tratando de mais uma viatura que percorre as ruas da cidade:

O guarda era como a própria viatura do mapa:
profissional, organizado, diligente.

O mapa sem dúvida percorreria milhares de ruas
sem se preocupar demais de não ter conseguido entrar direito no beco lá de casa.

Todos são iguais perante a lei
e todos são iguais perante o mapa.
As viaturas do mapa percorrem a cidade.
As viaturas da polícia percorrem a cidade.
Todos são iguais perante a lei,
Todos são iguais perante o mapa.

Sempre que a manifestação chega a esta altura da avenida,
já é de noite...

Em 2011 O mapa não podia entrar naquela rua de terra lá no fundo.
Em 2012 O mapa ainda não podia entrar lá.
Em 2013 também não.
Dois anos depois...
A viatura do mapa agora pode percorrer este espaço.
Ao lado dessas outras viaturas...
As viaturas da nova cidade...
viaturas que abrem o caminho para a viatura do mapa, as viaturas da polícia e todas as outras viaturas. (CARVALHO, 2016)

Por ironia, ao olhar com atenção assim como o artista propõe, é possível entender essa grande passada de olho-monitoramento que o carro do mapa faz ao percorrer as ruas, no vídeo, a repetição das frases: "Todos são iguais perante à lei e todos são iguais perante ao mapa" acompanham cenas, retiradas de dentro do mapa, de jovens negros sendo revistados por policiais em diversas ruas e contextos, apontando justamente para essa dicotomia do viver e percorre a cidade enquanto ser.

Nesse contexto, o mapa se torna também uma viatura, um símbolo de autoridade, olho de rastreio e registro que faz com que espaços ainda não inseridos nele, pareça ou realmente sejam, esquecidos ou relegados de possuírem a ilustre força imagética que é ter um registro da sua rua dentro do grande globo terrestre virtual, por outro lado, Ernesto aponta também para a forma pela qual como muitas dessas conseguem então se tornarem ruas dignas de estar no mapa: desmonte, desapropriação, remoção, asfalto e obras. Um interesse maior atropela o que antes não estava no mapa, o que antes não havia sequer saneamento básico, agora possui asfalto, luz, água, mas não possui casas, nem moradores, muito menos passado. O projeto é integrado, não estar no mapa significa não ser importante, logo, não há estrutura mínima de sobrevivência digna, a violência cresce, o mapa não chega, a carta não entra e a chuva alaga tudo.

Quando há interesse, todos saem, casas no chão, asfalto largo, fragmentação e descaso com aqueles que até ali se organizavam sem o menor suporte. Um rio que vira um valão, que vira uma praça... como essa ocupação se deu? Que outras camadas não foram atendidas para que esse processo de apagamento acontecesse? Lembro mais uma vez que eu não consigo chegar na minha casa com o *Google Maps*. E mais uma vez pergunto para os jovens: Como nós estamos e somos invisibilizados dentro desses mecanismos? Como a gente pode através da nossa história, a partir da nossa narrativa, mapear o nosso lugar? Já que sabemos que a viatura do mapa não irá satisfazer as nossas necessidades enquanto moradores da Baixada Fluminense, já que faz uma leitura institucional dos espaços, que façamos nós, a partir da fotografia o nosso mapeamento e registro das cidades.

Logo, Walter Firmo é um grande nome dentro da fotografia carioca e nacional para pensarmos enquanto uma referência de registro afetivo das ruas e das festas populares das cidades. Mestre da cor, Walter Firmo possui um trabalho que olha para os seus, enquanto morador do subúrbio carioca, nascido em Irajá, busca registrar o carnaval a partir do trem, dos ambulantes, das ruas, dos bastidores e da dança. Ele está sempre valorizando uma perspectiva do Rio de Janeiro, diferente da que estamos acostumados a encontrar quando pesquisamos essa palavra na internet. Ele trabalha de forma quase intimista ao realizar seus clicks, fazendo retratos aproximados onde o fotografado conversa diretamente com a lente de Walter Firmo. É sobre falar do que se vive, fotografar o que se conhece, em uma chamada de seu documentário gravado para a revista Folha de São Paulo, vídeo apresentado para o grupo de jovens do projeto, o fotógrafo relata sua visão de mundo:

O Rio de Janeiro tem dois lugares, tem aquele que você chega no Galeão, de avião ou de ônibus na rodoviária e que é vindo para a Zona Sul, Copacabana, Leblon, Ipanema... e tem um outro, onde o Rio é mais carioca, da onde eu vim inclusive,

que é de Irajá, o Rio é mais carioca. (...) Eu quero ser político, quero transmitir pensamentos, eu quero politizar, e foi a partir da linguagem muda, a partir da fotografia que eu consegui trazer esse sentido. (...) A essência do meu trabalho é em cima do bruto, tem uma pedra, tem uma fantasia, tem um céu azul... eu gosto de trabalhar com esses elementos de contingência. (FIRMO, 2012)

Iniciar o projeto com um artista nacional, carioca, registrador das margens e vivo é de suma importância para uma construção de repertório aproximada desses jovens para com a fotografia. O encantamento também se dá a partir da compreensão de que é possível fazer, além de valorizar o olhar de dentro, mapeando as ruas não mapeadas pelas viaturas, trazendo histórias e revelando seus mundos internos a partir da imagem fotográfica.

O grupo de modo geral se manteve nesse primeiro encontro bem silencioso, e diria que de certa forma, pareciam estar condicionados ao contexto de encontros e aulas virtuais onde de forma generalista o professor domina a maior parte do tempo com explicações e a turma se mantém de microfones e câmeras fechadas. Mas já no segundo encontro essa relação foi se estreitando e o grupo se abriu para o diálogo, acrescentando ricamente aos encontros.

Como primeira atividade, foi solicitado duas fotografias para cada jovem, do tema "Imagens que te afetam", pensando na polivalência que a palavra afeto possui eles precisavam fotografar: uma imagem que te afeta positivamente e outra negativamente sobre o seu bairro, rua ou cidade. Como resultado do exercício, obtivemos 15 fotografias no total de 7 participantes: Davi, Esther, Melissa, Flavia, Luís, Leonardo e Gisele. Destes sete, Esther, Davi e Gisele eram novos membros que realizaram seus trabalhos e compareceram para a semana seguinte.

No segundo encontro, contamos com a presença de 8 participantes e iniciamos com a criação de uma nuvem de palavras a partir de três palavras-chaves: Fotografia, Afeto e Memória. A partir delas, solicitei aos jovens que fosse evocado outras palavras e frases que remetem ao determinado núcleo, estes, por sua vez, se propuseram a falar e a construir coletivamente a nuvem de palavras. Durante todo o encontro os jovens foram provocados a soltarem palavras e pensamentos sobre as imagens que eram lhes apresentados, essas palavras, frases e ativações foram devidamente recolhidas e anotadas nas respectivas imagens.

Entendendo a necessidade de expor o que de fato significa o ato fotográfico, ênfase para o grupo a importância do recorte e do eterno na imagem, motivo esse pelo qual a fotografia foi por anos tão desejada, elaborada, alcançada e difundida. Fotografar é elaborar mundos, é permitir que um instante se torne maior que a nossa própria existência, e, acima de tudo, fotografia é recorte. Apontar uma câmera, seja ela qual for, é realizar um corte no tempo e no espaço, esse era o interesse do projeto. Entender o olhar, ativar esse apontar de câmera

racional e intencional, já que por vezes estamos cada vez mais adormecidos com o acúmulo imagético pelo qual estamos abarrotados diante da era digital que se tornou nossas vidas nos últimos anos.

Diante de algumas das frases apontadas pelos jovens, como "a fotografia é um direcionamento de olhar", "construção da minha existência", "um ponto de vista" e "registrar momentos", fica claro apontar para os mesmos o valor e o peso que essas frases possuem a partir do fato de quando se está fotografando, se está eternizando coisas. Fotografar é um ato de responsabilidade, estar com uma câmera na mão e com a consciência de que aquela imagem vai trazer informações, questões e evidências de situações daqui há trinta anos ou após cinco minutos daquela fotografia realizada.

Figura 58 - Nuvem de palavras



Fonte: A autora, 2021.

Fotografar é construir memória. A partir desta afirmação, Esther complementa: "A fotografia é o maior contato que eu tenho com o meu passado", essa afirmação evoca a importância da fotografia e do olhar de quem realiza essa imagem, de quem produz esse passado para aqueles que estão por vir a ver as fotografias no futuro. Leonardo aponta para o fato de que a memória pode trazer um maior entendimento sobre o presente, já que a partir da fotografia, conseguimos observar com calma os detalhes que aconteceram naquela cena, naquele momento: "É sobre entender o meu passado a partir da memória fotográfica e com isso compreender melhor o meu presente." (LEONARDO, 2021).

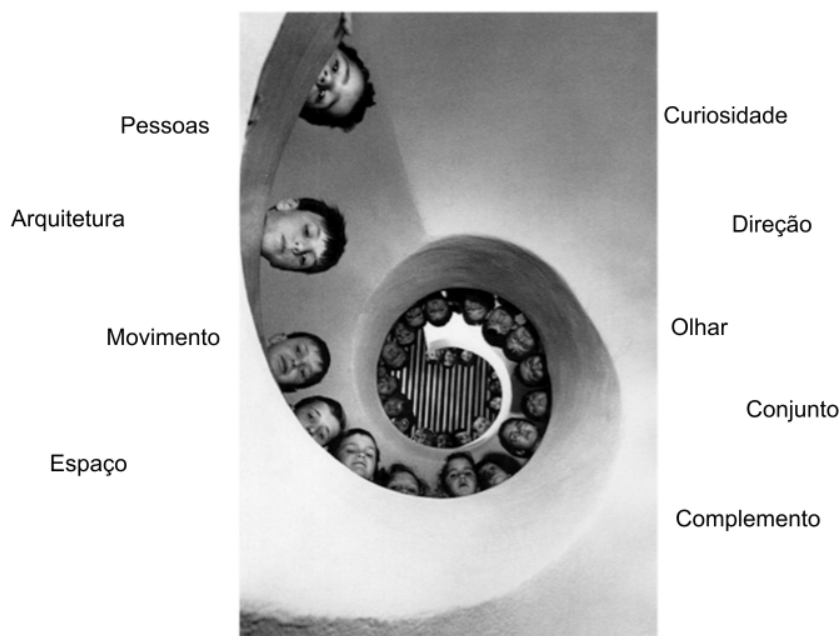
A partir da perspectiva sobre a fotografia e a sua função social de eternizar momentos para a história, começamos a conversar sobre a vida e obra do fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson, considerado um mestre da fotografia de rua, com uma história de vida rodeada de referências clássicas de pintura que foram aplicadas para a realização de suas fotografias, onde o mesmo classificou uma de suas análises como o Instante decisivo (1952).

Ao analisarmos algumas de suas fotografias, os jovens puderam perceber como o jogo de composição é fundamental na hora de realizar uma imagem. Estar com uma câmera em punho e fazer uma boa foto vai além do que esse maquinário pode ou não oferecer enquanto produto tecnológico, ter um olho vivo e atento para a construção da cena se faz fundamental na hora do clique. "Esse instante decisivo é como se fosse a montagem de um quebra cabeça", afirma o jovem Ronald, compreendendo a linguagem bressoniana e entendendo a importância do olhar fotográfico para a construção da imagem.

Ao longo das análises das imagens, faço com eles um exercício de mentalizar como, onde e de que maneira o fotógrafo se encontra posicionado na cena, projetando assim uma ideia para além do enquadramento registrado, buscando um momento anterior a imagem e em uma outra perspectiva. Projetando nos jovens a sensação, mesmo que imaginária, de se encontrar dentro da imagem, vivendo o momento da foto enquanto olho provocador da fotografia.

Procurar pensar em como cartier-bresson se posicionou e por quanto tempo esperou para que encontrasse o seu momento decisivo faz com que os jovens consigam absorver e compreender a importância de realizar uma fotografia desperta, no tempo elaborado pelo fotógrafo para conseguir a sua imagem construída do jeito que ele desejava, além de provocar um despertar para a relação que possuímos com os nossos aparelhos fotográficos hoje e de como por muitas vezes fotografamos para esquecer (SEIXO, 2013). "Tem que estar atento mesmo, muito inserido no lugar e em observação", enfatiza a jovem Melissa ao analisar umas das fotografias de Cartier-Bresson.

Figura 59 - Ativação Palavra-Imagem



Fonte: A autora, 2021.

Penso que a relevância do fotógrafo Cartier-Bresson enquanto um forte nome na história da fotografia, principalmente na fotografia de rua, é por si só um dos principais motivos para que ele seja referenciado como um primeiro guia sobre o olhar fotográfico. Além de ser um nome importante para agregar no repertório visual dos jovens, enquanto bagagem cultural socialmente legitimada, acredito na potência da subversão e em como, principalmente nós, moradores de periferias somos capazes de produzir alquimias de ritmos, cores, sabores e referências mundiais diversas para o nosso bem viver cultural. Então, trazer um fotógrafo tão clássico quanto esse para uma conversa sobre percurso e olho vivo na Baixada Fluminense se torna matéria bruta para que eles possam elaborar, projetar e descentralizar as suas produções fotográficas.

Após conhecer e ler algumas imagens do fotógrafo Henri Cartier-Bresson e juntamente coletarmos palavras-chaves para essas percepções, retomamos para duas perguntas realizadas no encontro anterior: "O que te afeta na cidade?" e "O que é de afeto na cidade?". Diante desse questionamento é que partimos para observarmos os resultados imagéticos realizados por eles, antes das análises de suas produções, os jovens refletiram sobre a palavra afeto.

Melissa aponta para o movimento da cidade, ela percebe que se sente afetada pela janela do ônibus e sente essa circulação a atravessando enquanto indivíduo, Ronald relata que o que mais lhe afeta são as duras policiais que ele acaba sofrendo todas as vezes que vai ao

centro comercial de Duque de Caxias. Para Gisele, o que lhe afeta é o quanto a Baixada enquanto território é esquecida, em seguida, Luís complementa "as mudanças na cidade me afetam". Reafirmo como podemos então, trabalhar essas questões a partir da imagem fotográfica, trazer a fotografia para perto como linguagem de afeto para com a cidade.

Eis que a Flávia, moradora do bairro Cabuçu, em Nova Iguaçu levanta uma questão: "O chão da cidade me afeta, ele é de barro, não tem asfalto e outros espaços da cidade em que o chão é de paralelepípedo também me afeta porque já vi muitas pessoas caindo por causa disso." Ronald, que mora em Duque de Caxias, também afirma passar pela mesma situação: "Desde que o mundo é mundo, a minha rua no Cangulo é de barro e o carro do *Google* nunca apareceu lá." É interessante perceber como essas temáticas fazem parte de diversos pontos e cidades diferentes da Baixada Fluminense, e em como esses pontos de afeto surgem em suas fotografias.

Começamos então as análises das imagens produzidas por eles, a partir da palavra e do contexto afeto. Como cada fotógrafo realizou duas imagens, as fotografias foram apresentadas primeiramente de forma individual, uma em cada slide e em seguida as duas fotos lado a lado, para uma análise das duas imagens enquanto conjunto. O processo de leitura das imagens passa por dois aspectos, o primeiro se dá a partir de uma análise formal feita por mim, apontando para o jogo de composição, observando uma relação estética que se dá entre as duas imagens realizadas pelo mesmo autor, apontando para nuances de luz, sombra, cor, textura, tema, angulação e apresentação formal da imagem, podendo até por vezes apontar para algum direcionamento mais subjetivo do que poderia haver de representativo na cena.

Após essa primeira análise, fica aberto para que os outros jovens possam também contribuir com suas leituras e percepções, até que chegamos no momento de escuta ativa de quem realizou a imagem, relato esse que vem cercado de uma narrativa, que contextualiza a fotografia a partir de uma perspectiva pessoal e por muitas vezes subjetiva. Assim, chegamos ao final da análise fotográfica. Apresentaremos aqui alguns destaques e observações que contribuíram para o debate entre os jovens a partir dos temas, logo, todas as fotografias produzidas por eles estão reunidas em Anexo.

Analisando as fotografias de Flávia, temos um mesmo tema sendo apresentado de formas distintas, na primeira imagem, a galinha se encontra no centro da cena, mas envolta de uma cabana de folhas e galhos que se alinham formando um caracol na fotografia. Na segunda imagem, que possui um toque de estranheza e humor, a galinha vem gigante, ao mesmo tempo que muito evidente, de pelúcia amarrada no teto de um carro, segue saindo de cena e mesmo assim, rouba a atenção para si.

Figura 60 - Coincidências no olhar



Fonte: FLÁVIA, 2021.

Flávia ainda contribuiu com mais uma imagem, ela aponta para uma questão que considera positiva e negativa ao mesmo tempo. A estação de trem em Comendador Soares, Nova Iguaçu, repleta de bicicletas onde a jovem faz um questionamento:

Quando eu vi essa quantidade de bicicletas eu fiquei impressionada. Como positivo, me passa uma certa resistência pensar em todas essas pessoas que estacionaram suas bicicletas ali para ir ao trabalho e só vão pegar elas no fim do dia, e ainda vão ter que voltar e pegar essas bicicletas e pedalar por não sei quantos minutos até chegar em casa, provavelmente percorrer uma rua que não é bem iluminada ou bem asfaltada, depois de ter passado horas no transporte público, e isso é o ponto negativo. (FLÁVIA, 2021)

O registro de Flávia aponta para as questões de deslocamento diário em massa que acontece com grande parte da classe trabalhadora da Baixada Fluminense. Seu olhar atento para o tempo e a forma que esse transitar pela cidade acontece é fruto de sua própria vivência também enquanto usuária desses transportes e moradora de Nova Iguaçu. O que pode ser visto como natural para aqueles que estão imersos repetindo mecanicamente essa realidade, aos olhos da jovem sobressalta o incômodo em perceber o tempo, o custo e o esgotamento físico e mental para se locomover na cidade.

Figura 61 - Sobre se locomover



Fonte: FLÁVIA, 2021.

Rapidamente os jovens já começam a realizarem leituras formais das imagens por si só, a partir da segunda fotografia passo a ser interrompida por um turbilhão de comentários e falas preciosas acerca das imagens, ao ponto onde apenas preciso conduzir os diálogos enquanto eles se desfrutam com o jogo de olhar e analisar as imagens.

Esther, em sua fotografia, aponta seu olhar para o chão e amplia o asfalto na tela como uma pele que se abre na retina, com rachaduras e nervuras-vivas: "Até o solo que a gente pisa é fruto da negligência que a gente sofre na Baixada, não é o mesmo chão que você vai ver na Zona Sul." Aponta a autora da imagem, nos comentários, Ronald complementa: "A amargura do solo rachando" e a jovem Melissa destaca uma impressão sensorial da imagem: "Me passa calor".

Figura 62 - Chão e pele



Fonte: ESTHER, 2021.

Gisele nos apresenta o bairro Pantanal, em Duque de Caxias a partir de uma cena de entardecer da sua janela e destaca que esta imagem é o mais lhe é de afeto:

Eu amo o pôr do sol que faz na minha casa e no meu bairro em específico, porque o nome do meu bairro é Pantanal, e apesar da urbanização é um lugar que ainda tem muito verde. As pessoas falam, ah você mora no fim do mundo, que lugar feio! Mas aqui é cercado de verde e isso para mim é bonito, então eu acho esse entardecer a coisa mais bonita do mundo. (GISELE, 2021)

Esse afeto positivo traça a relação de Gisele com o seu bairro a partir da condição não urbanizada que o mesmo se encontra. Seu lugar de afeto é o seu lugar, saber apreciar e valorizar as condições que o mesmo lhe oferece é estar atento para as singularidades de se

viver na Baixada, que, na maioria das vezes é composta por grandes áreas ainda muito bem arborizadas, principalmente em regiões mais afastadas do centro. Existe uma quase contradição nessa vontade de mundo farto de grandes novidades, mas ao mesmo tempo, ter essa gratidão por viver em uma região mais afastada.

Figura 63 - Lugar de afeto



Fonte: GISELE, 2021.

Quando Gisele vai apontar para as suas questões que lhe afetam na cidade, seus olhos registram uma encosta repleta de lixo. Com uma luz solar na diagonal, o plástico reflete em cor na natureza, fazendo um jogo de composição visual belíssimo que contrasta com a temática infeliz da realidade:

Essa rua não tem coleta seletiva e esse lugar está virando um lixão, inclusive eu já liguei para a prefeitura denunciando o caso, mas nada foi feito. Mas todos os dias que eu passo, me dá muita tristeza porque está cada vez com mais lixo, isso é bem triste para mim. (GISELE, 2021)

Mais uma vez, observando a sua rua, Gisele aponta a câmera para um céu estourando em luz com um universo de lixo em cores no chão. Aqui, podemos perceber como o seu afeto

se dá a partir do não trato com a rua. Essa falta de zelo coletivo atrelada com a falta de iniciativa pública em organizar a coleta seletiva do bairro, promove o que percebemos como as condições negativas de se viver em um contexto mais afastado, repleto de natureza e sossego. Infelizmente, neste caso, esse sossego vem acompanhado de esquecimento e abandono das ruas e dos moradores locais.

Figura 64 - Imagem como denúncia



Fonte: GISELLE, 2021.

Nas duas imagens, Gisele traz um impacto visual primoroso na escolha de como traçar a luz na imagem e também deixa evidente a força da mensagem das duas cenas, seja pela doçura, seja pela denúncia, suas fotografias são brilhosas, iluminadas, compostas por longos fios no céu e um contra luz que dramatiza em suas fotos.

Melissa apresenta suas imagens e por sua vez, podemos perceber graficamente um desejo de trabalhar com molduras naturais na fotografia, e também apresenta um silêncio nas

duas imagens, a partir das linhas e formas limpas, com muita maestria ela enquadra a cena que entrega uma organização muito clara de cada paisagem, seja da sua janela, seja da estação de trem (Figura 61). Nessa sua segunda imagem, Melissa relata o tempo de espera para sair em direção à Piabetá de trem:

Eu estava na estação de Saracuruna, e para quem sabe, o trem de Piabetá é um evento à parte. Eu estava há quase uma hora esperando o trem sair e eu fiquei observando o lado de fora e vi esse trem antigo, inativo e de alguma forma eu achei essa imagem bonita mas ao mesmo tempo ela tem um afeto negativo, ela me remete muito a essa lógica de como a Baixada é esquecida, enfim, falando especificamente de transporte a gente tem muitos problemas, e eu registrei isso, esse espaço de sucateamento e como existe um contraste do céu com a luz, mas a fotografia foi nesse sentido. (MELISSA, 2021)

Melissa fotografou a calma na imagem, uma limpeza no olhar que transmite esse silêncio estético. E Esther enfatizar a maestria de Melissa na fotografia a partir de um relato que destaca:

Quem já pegou o ramal Vila Inhomirim sabe do que eu estou falando, o que menos existe é o silêncio, mesmo quando está vazio, você não tem paz, ele é bastante barulhento, você não consegue ouvir a pessoa que está do seu lado. E é curioso, porque nas fotos, você não vê uma alma penada e tem essa sensação de vazio, e de fato eu vejo muito silêncio na imagem mesmo sabendo que não é nada silencioso, muito doido isso... (ESTHER, 2021)

Figura 65 - Ramal Vila Inhomirim



Fonte: MELISSA, 2021.

É importante perceber que a fotografia é uma construção. Nosso olhar direciona a leitura e a construção da cena. E não é pelo fato da imagem não ter pessoas na cena que a fotografia se faz silenciosa, como podemos perceber comparando com a foto do Luís, que é uma imagem que também não possui gente, mas não transmite essa sensação de incêndio justamente pelo fato de ser uma cena com bastante textura e movimento, nosso olhar percorre diversas informações, jogos de sombra e luz, linhas e formas que fazem com que a imagem se torne de certa forma tumultuada, diferente da limpeza estética e visual que a Melissa atingiu no registro. Ambas as visões possuem o seu valor e destaque na comunicação fotográfica, apenas relaciono os dois trabalhos para ficar evidente que não é pelo fato de não haver representação humana que uma imagem passa a ser silenciosa.

Figura 66 - Imagem de silêncio e som



Fonte: LUÍS, 2021.

Leonardo apresenta duas fotografias repletas de afeto, uma trazendo a presença de sua avó na imagem em frente ao portão de sua casa, sentada na beira da calçada na rua e a outra a ausência de seu avô que faleceu após um atropelamento na rua principal de seu bairro, rua

esta que Leonardo retorna para fotografar o ponto exato da fatalidade, por agora, deixando um espaço vazio na cena.

Figura 67 - Ausência



Fonte: LEONARDO, 2021.

Nas duas imagens, Leonardo faz uso de um jogo de luz e sombra muito preciso entre seus registros, a perspectiva se faz presente para modelar a cena, desenhando no chão em formato de linha, traçando a imagem em três repartições, e isso acontece nas duas fotografias. Destaco aqui, o registro de sua avó, onde seu enquadramento de canto evoca uma mesma perspectiva apontada por Cartier-Bresson, fotografia esta analisada alguns minutos antes durante nosso encontro, retorno então à ela para estabelecer essa relação de construção, luz, sombra e enquadramento em semelhança.

Como podemos observar nas imagens abaixo (Figuras 68 e 69), existe uma proximidade no enquadramento escolhido para a realização de ambas as imagens. Na fotografia de Leonardo, a figura de sua avó sentada à sombra é o ponto principal da imagem, onde o olho percorre imediatamente ao atravessar as linhas da parede desfocada em branco e azul pelo lado esquerdo da imagem. Na fotografia de Bresson, o menino em silhueta também se faz elemento central na imagem, este que também se encontra nas sombras, é guiado pela mesma linha lateral à esquerda. É interessante também perceber como nas duas fotografias

existe uma mesma equação de luz e sombra em cena, essa divisão de ambientações se faz de forma diagonal onde na parte superior à direita podemos observar uma maior área luminosa nas duas imagens fotográficas.

Figura 68 - Família e afeto



Fonte: LEONARDO, 2021.

Figura 69 - Cartier Bresson, Itália, 1933



Fonte: BRESSON, 2018.

Interessante destacar que, assim que comecei a analisar formalmente as primeiras fotografias que eles produziram, os jovens partiram a brincar nos comentários do chat que Cartier-Bresson estaria orgulhoso. Ao longo do encontro, eles foram de "orgulho" à "filhos de Bresson" e até mesmo, em alguns momentos se colocaram como superiores ao fotógrafo, tecendo comentários como "chora Bresson", "Bresson? Nunca ouvi falar", no sentido de enfatizar o orgulho pelo qual eles estavam tendo de si mesmos a partir do resultado fotográfico e de como eles se viam em cada análise das imagens.

Após essa grande conversa sobre cada fotografia, ouvindo cada autor e dialogando sobre possibilidades e questões que permeiam as temáticas, podemos então visualizar todos os trabalhos reunidos em um grande mural que foi subdividido por temáticas aproximadas a partir do visual, como por exemplo, imagens de céu, fios, imagens de lixo, imagens de chão, terra, asfalto, sombra, cenas urbanas, pessoas na rua, estações de trem, calçada, fachadas e casas. Foram esses os pontos de conexão de olhares afetados e afetuosos desses jovens para as suas localidades. Reunimos então, todas as palavras, frases e termos apontados por eles ao longo do encontro para que a nuvem de palavras-imagem se tornassem disparadores da produção fotográfica da semana seguinte.

Iniciamos o terceiro encontro com o *trailer* do Documentário "Todo mapa tem um discurso" (2014), vídeo que aborda um projeto que mapeou a comunidade da Maré de dentro, para além dos mapas da violência e dos estigmas que as favelas sofrem enquanto região relegada pelo Estado. Assim como o vídeo de Ernesto de Carvalho, mais uma vez abordamos a questão do mapeamento dentro de regiões não legitimadas, em um dos trechos do *trailer* há a seguinte narrativa: "Não é fazer um mapa da favela, mas inserir a favela no mapa", pensar nessa lógica de como inserir o nosso lugar no mundo é o ponto principal do terceiro encontro, refletir e entender o ser e estar no mundo e como podemos organizar um sistema engessado que nos repele enquanto moradores da Baixada.

Na sequência, assistimos ao vídeo denominado Transitu (2016), que faz parte de um desdobramento da série fotográfica de mesmo nome, de minha autoria com colaboração do também fotógrafo Bruno Castro, o vídeo é um compilado de cenas que traçamos ao longo de um dia da nossa rotina, ida e volta, saindo de nossas casas até nossas obrigações cotidianas e retornando para as mesmas. O curioso das cenas lado a lado é perceber como um percurso para uma mesma cidade pode ser feito de formas tão distintas, enquanto eu, moradora de Duque de Caxias necessito de diversos transportes coletivos, Bruno realiza seu trajeto de barca e bicicleta. Na sequência, Esther inicia sua reflexão a partir dos vídeos:

Eu estava aqui pensando em como que para quem é da Baixada é difícil se locomover, até mesmo dentro da própria Baixada, a não ser que você tenha um dinheiro. Por exemplo, o Léo é de Nova Iguaçu e veio fazer uma atividade aqui em Jardim Primavera, esses são lugares na prática não é longe, se você vier de carro, é perto. Tem um amigo meu que já veio de carro e demorou 40 minutos, e o Léo já tinha toda uma situação que ele teve que pensar para chegar até aqui.

Eu quando fui para Nova Iguaçu eu tinha que pegar dois transportes, sendo que a gente está falando de cidades próximas dentro da Baixada, nada aqui é conectado. Eu tinha que ir até Caxias, andar, andar, andar, até o ponto que eu conseguisse pegar um ônibus até Nova Iguaçu. Não é longe, só é difícil de chegar porque não foi uma coisa feita para a gente circular. Ou você vai gastar mais passagem e pegar dois ônibus, ou você vai pegar dois trens, o que eu já fiz muitas vezes. Eu não tinha dinheiro para pegar o ônibus, aí eu pegava dois trens para pagar uma passagem só e com isso, demorava duas horas e meia para chegar, é uma situação muito absurda. (ESTHER, 2021)

O relato de Esther é de suma importância para compreendermos melhor como se dá essa não conexão entre as próprias cidades da Baixada Fluminense, como muito bem é elucidado pela jovem enquanto moradora-corpo em deslocamento nos espaços urbanos. Assim como na fotografia de Flávia (Figura 61), podemos perceber a ação do corpo na cidade a partir dos deslocamentos, como é classificado como uma corpografia urbana por Britto e Jacques:

A corpografia urbana seria um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que configura o corpo de quem a experimenta. (BRITTO; JACQUES, 2008)

Logo, seguimos dialogando sobre esses espaços e deslocamentos, e expandindo para além das cidades da baixada, Esther, de 19 anos, relata uma de suas primeiras experiências nesse transitar entre as cidades, principalmente quando o corpo sai das cidades da Baixada para a capital do Rio de Janeiro:

Quando a gente fala de sair da Baixada então, meu Deus do Céu... eu não tenho o hábito de na Zona Sul porque eu não trabalho lá, então, não tenho a necessidade de ir. Só que eu fui em 2019 para a PUC da Gávea e eu fiquei indignada, no total, eu tive que pegar um trem até Gramacho, depois pegar outro trem até a Central, aí lá eu pegava um metrô até a puta que pariu e depois pegava um negócio lá que é metrô na superfície, que não faz sentido nenhum, já que é um ônibus azul e não faz diferença nenhuma e você precisa pagar outra passagem. Então, eu tive que comprar um outro cartão que é um tal de Giro que eu nem sabia para que servia essa merda... que porra é "Giro?", o rapaz disse que é uma gíria de Portugal... e eu falei que eu tô pouco me fudendo pra Portugal, cara. Eu tive que comprar um cartão que não me serve pra nada, então assim, gente, eu peguei e paguei quatro transportes para chegar num lugar que só tem branco rico. (ESTHER, 2021)

Após o relato da Esther, afirmo mais uma vez como esse sistema é fabricado para que nós não possamos chegar lá, é toda uma engenharia que faz com que só aqueles que realmente necessitam, saiam de suas casas cedo o suficiente, na maioria das vezes antes mesmo do sol

nascer, para enfrentar essa lógica desconexa que é circular entre cidades de transporte público no Rio de Janeiro. Ninguém se move para poder facilitar a nossa vida, e Esther mais uma vez toma a palavra:

Isso para mim é muito compreensível porque a gente não tem o rosto da Zona Sul, naquele dia que tive a certeza que eu não venho mais na Zona Sul nem que me pague, o tanto de coisa que eu sofri, sério. As pessoas que eram mais parecidas comigo eram babás e seguranças, sabe? Então, as coisas que eu passei lá e eu contei para a minha mãe e ela disse, "é minha filha, é desse jeito mesmo que é". Então, a nossa cara não está lá e eles não querem mesmo isso. (ESTHER, 2021)

Após os relatos importantes, principalmente levantados pela jovem Esther, desenvolvo para o grupo três perguntas, que são os temas centrais do terceiro encontro: "Até onde meu corpo vai?", "Quais são os espaços que eu ocupo?", "Onde eu me sinto à vontade para circular?" A partir dessas narrativas de como conseguimos ser e estar no mundo, coloco as questões para que haja uma reflexão acerca do tema. Enfatizo também a importância de nós, enquanto jovens moradores da Baixada, mesmo sabendo que estamos cercados de situações que nos impedem de circular com facilidade, colocarmos nossa cara nas ruas, nos eventos, nas exposições de arte, na universidade... Colocar o corpo e enfrentar essa lógica faz com que caminhos sejam ampliados.

A pior coisa que existe é o sentimento de não pertencimento, isso que afasta os corpos de espaços antes mesmo de se cogitar sair de casa. Só no pensamento, já se é treinado a entender que ir em determinado lugar não parece possível e que aquilo não é permitido, sendo que por vezes estamos falando de situações, lugares, eventos e espaços públicos e gratuitos, como uma aula aberta, uma exposição de arte, uma palestra ou um show na praia. É importante frisar que os jovens moradores da Baixada, podem ir. Mas "podem ir" com muitas aspás, de fato, já que podem ir se tiverem o dinheiro da passagem, podem ir se tiverem ônibus disponível para a volta, podem ir se o horário não for muito tarde, se, se, se... são muitas barreiras até que de fato o corpo consiga chegar e caso chegue, ainda pode acontecer o que foi relatado pela Esther, o sentimento de não pertencimento, repelindo a figura dela do espaço urbano.

Tratando sobre essa questão de pertencimento com eles, trago um exemplo prático dessa relação de estar circulando em um espaço "não pertencente a nós", como por exemplo a Zona Sul carioca: Vamos supor que eu estou andando pela Zona Sul para resolver alguma questão e me bate uma fome, eu começo a olhar os estabelecimentos, procurar nas vitrines algo para comer... aonde eu me sinto à vontade para entrar e fazer um lanche?

Esther e Ronald falam ao mesmo tempo duas alternativas, para Esther, o melhor a se fazer é não sentir fome na Zona Sul, já para Ronald, o segredo é parar no primeiro pé sujo e pedir um pão na chapa com suco. O mais curioso desses exemplos é que, de fato, sempre tem um estabelecimento que salva, o famoso pé sujo, o chinês, o tio do biscoito, ou até mesmo as nossas bolsas e mochilas, carregadas de comida para justamente não precisar arcar com nada na rua. A jovem Gisele, de 23 anos, se recorda de uma situação vivida e traz seu relato:

Gente, no próprio Centro do Rio de Janeiro. Não precisa ir para a Zona Sul não... eu acabei gastando a mais na passagem e não estava contando com isso, e comecei a procurar algum lugar barato para comer, já que não queria gastar dez reais em um suco e um salgado. Comecei a procurar um PF de até doze reais e não tinha, aí eu vi um prato executivo mas eram vinte e cinco reais, não tem como! Então eu vi novamente o Salgado com Suco por dez reais mas não acreditei que era isso ou nada. Aí eu andei, andei, andei e vi uma barraquinha de salgado a dois e cinquenta, fiquei com medo de morrer? Fiquei, mas era a opção mais em conta naquele momento e se não fosse essa barraquinha de salgado eu ficaria com fome, saudades do restaurante popular que tinha prato feito por dois reais... (GISELE, 2021)

Fica evidente como situações básicas acabam se tornando grandes acontecimentos e por vezes impedimentos para ser e estar em circulação em diferentes espaços públicos quando se é morador da Baixada Fluminense. Diante dos últimos relatos, iniciando pelas dificuldades de circulação entre cidades vizinhas como Duque de Caxias e Nova Iguaçu, e até mesmo diante de caminhos massificados como uma ida ao centro da cidade do Rio de Janeiro, percebemos como as camadas de barreira são construídas a partir de cada passo dado por esses jovens. Sua cartografia urbana se faz desenho que atravessa e rompe a tela, feito as telas do artista Lucio Fontana, mas diferentemente dele, o que está em jogo não é um conceito artístico, e sim uma existência, uma necessidade e um embate constante. Gisele continua a sua reflexão:

Eu estava pensando nessa questão mesmo da gente ter vários impedimentos para não acessar esses espaços, e fico lembrando de toda classe trabalhadora, de quem acorda às 5 da manhã e só chega em casa tarde da noite, o meu pai era uma dessas pessoas e toda vez ele falava, amanhã eu tenho que descer, e era sempre porque tinha que ir para a Zona Sul ou o Centro da cidade. Mas se eu perguntasse para o meu pai se ele conhecia lugares culturais ou as praias, ele não conhecia nada disso, ele não tinha tempo hábil para isso. Ou seja, ele acessava a cidade só por mão de obra, acessava a cidade pela porta de serviço. Isso é uma questão muito cruel quando a gente pensa no peso desse deslocamento todos os dias e também sobre o preço, o quanto é caro fazer isso, é absurdo. Você não pode acessar porque você não é visto como uma pessoa pertencente dali e você não tem nem tempo para acessar, entendeu? Porque o seu deslocamento é absurdo, você já tem que ir pensando na volta. Quando eu tenho que sair, eu passo umas duas horas do dia anterior fazendo planejamento do dinheiro, do que eu ia comer se eu tivesse que levar alguma coisa de casa para comer, de que horas eu ia chegar, de quanto tempo eu ia ficar lá para voltar e não passar perrengue na rua. Então são muitas variáveis. (GISELE, 2021)

Esther, na sequência emenda na fala:

Eu hoje em dia tenho uma visão igual ao que a Gisele falou e concordo com o que a Myllena trouxe sobre nós ocuparmos os espaços de acordo com as nossas possibilidades e eu acho que mais do que estar presente, devemos ocupar de fato sem ter vergonha de ser da Baixada, que a gente leve o nome da Baixada e que não ter medo de se portar, não podemos mudar para parecer igual à ninguém, se não estamos cedendo à hegemonia. (ESTHER, 2021)

Ronald pede a palavra e enfatiza: "É isso que eles querem mesmo, que a gente continue vivendo nesse micro, essa monocultura tem que acabar. A gente tem que ser policultural, temos que ser eruditos também." e Leonardo finaliza: "A gente não pode deixar que apaguem a nossa identidade." desta forma, se faz importante compreendermos que o nosso corpo é um corpo político, onde a gente chega, carregamos nossa identidade antes mesmo de falar.

Interessante destacar a análise realizada por Georg Simmel (1967) ao tratar da figura humana e o seu comportamento na metrópole. Para o sociólogo, as cidades transformaram a luta humana pela vida em uma grande busca por lucro, e esses espaços centralizados inflam de acordo com as necessidades sociais, tecnológicas, monetárias e de serviços em geral, construindo assim o que Simmel classifica como um "espírito objetivo", dormente às relações interpessoais, uma persona cidadina que vive de forma impessoal como quem move uma engrenagem.

Logo, o choque se faz presente dentro dessa configuração, por mais que existam grandes centros, pólos comerciais e industriais dentro das cidades da Baixada Fluminense, não há como se comparar à uma ambientação urbana dos centros da capital carioca, espaços esses que por vezes são vitrine do Brasil para o mundo. Com isso, Simmel traça essa relação entre as figuras inseridas e adormecidas na metrópole em contrapartida daqueles "espíritos subjetivos" que, assim como os relatos do jovens, se chocam ao romper as camadas das cidades e percebem seus corpos se tornando dissidentes dentro de um mecanismo metropolitano blindado e condicionado para seu próprio funcionamento e bem estar:

É função da metrópole fornecer a arena para este combate e a reconciliação dos combatentes. Pois a metrópole apresenta as condições peculiares que nos são reveladas como as oportunidades e os estímulos para o desenvolvimento de ambas essas maneiras de conferir papéis aos homens. Assim, tais condições adquirem uma posição única, prenes de significados inestimáveis para o desenvolvimento da existência psíquica. A metrópole se revela como uma daquelas grandes formações históricas em que correntes opostas que encerram a vida se desdobram, bem como se juntam às outras igual direito. Entretanto, neste processo, as correntes da vida, quer seus fenômenos individuais nos toquem de forma simpática, quer de forma

antipática, transcendem inteiramente a esfera para a qual é adequada a atitude de juiz. Uma vez que tais forças da vida se estenderam para o interior das raízes e para o cume do todo da vida histórica a que nós, em nossa efêmera existência, como uma célula, só pertencemos como uma parte, não nos cabe acusar ou perdoar, senão compreender. (SIMMEL, 1967)

Pensando ainda sobre espaços da cidade, agora focando para os espaços de arte como museus e centro culturais gratuitos disponíveis na capital do Rio de Janeiro, questiono os jovens sobre o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), espaço de arte que desde 1989 recebe grandes exposições de trabalhos nacionais e internacionais, de acordo com a RioTur é a instituição cultural mais visitada do Brasil. Além da beleza histórica arquitetônica do prédio, destaco aqui sua localização, no centro do Rio de Janeiro, próximo à igreja da candelária, cercado de grandes edifícios comerciais de alta movimentação e comércio variados, o espaço oferece visita às exposições de forma gratuita, incluindo agendamentos em grupo e visitas guiadas com o educativo.

Pergunto se eles conhecem e/ou já visitaram o espaço, Leonardo toma a palavra e relata que possui uma afetividade muito grande com o museu, pelo fato de sua irmã mais velha sempre o levar em exposições durante a sua infância:

Esse espaço para mim é muito familiar, então não sinto nada lá, mas tem outros lugares que me deixa com um olhar diferente, como quando eu fui ao Theatro Municipal em um evento gratuito, mesmo com bastante gente com um perfil diferente dos frequentadores, pelo fato de ser um evento aberto, ainda sim senti um incômodo por estar lá, mas no CCBB eu me sinto muito receptivo em estar lá. (LEONARDO, 2021)

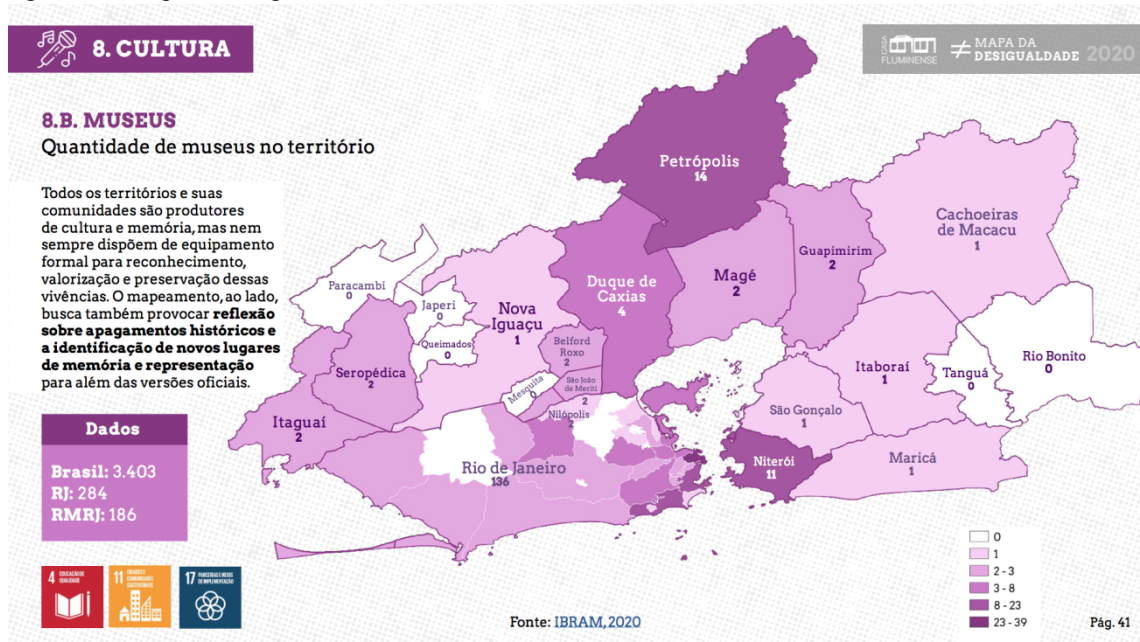
Enquanto isso, o jovem Luís relata a sua primeira visita ao CCBB, onde foi para uma experiência de mediação à uma exposição sobre mitologia grega, na qual Luiz havia visto a divulgação em um evento no Facebook. Chegando lá, no final da tour, o monitor perguntou para Luis e sua amiga de onde eles eram e os mesmos disseram ser de Duque de Caxias. O monitor ficou surpreso e impressionado com a presença dos dois na exposição e perguntou se havia sido muito difícil chegar até o CCBB. De acordo com a narrativa de Luís, no horário seguinte haveria uma outra palestra, desta vez paga, sobre Lima Barreto e o monitor perguntou aos dois se eles gostariam de assistir também, os dois jovens aceitaram ver a palestra e o monitor que ofereceu o evento, pagou os dois ingressos, prontamente também perguntou se eles precisavam de algum dinheiro para o retorno de casa. Segundo Luís, infelizmente ele e sua amiga não conseguiram assistir a palestra até o final, pois estava ficando muito tarde... mesmo assim, Luís conclui que "foi muito bom o CCBB" com um ar saudosista.

O relato dos dois jovens acima, Leonardo e Luís, apresentam pontos interessantes acerca do sentimento de pertencimento no qual por vezes é difícil de se conquistar justamente pelo fato de existirem enormes barreiras físicas e sociais para se apropriar de determinados espaços da cidade. Leonardo expressa uma relação quase que familiar quando cito o CCBB, não à toa que ele foi o primeiro que imediatamente abriu o microfone para expressar suas memórias de infância com o espaço que lhe foi apresentado e estimulado tão cedo. Enquanto Luís, apresenta também uma narrativa super empolgada e saudosista sobre sua primeira experiência no centro cultural, de como ele foi bem recebido e inclusive quase que condecorado pelo funcionário do espaço ao descobrir sua jornada de percurso.

Não sabemos as motivações que levaram ao profissional se compadecer com a narrativa dos jovens à ponto de oferecer dinheiro para a volta e presentear-los com uma palestra, suponho que este também possa ser um morador de fronteiras e barreiras, onde se viu como em um espelho ao perceber a felicidade dos dois jovens ocupando aquele espaço pela primeira vez, ou, na mais infeliz das possibilidades, poderia ser uma figura imersa em privilégios no qual se chocou com aqueles corpos dissidentes conseguindo finalmente realizar uma visita, onde possivelmente comovido por uma compaixão quase assistencial, oferece suporte. Independentemente de qual foi o sentido intrínseco dessa relação entre o trabalhador do museu e o jovem Luís, no final das contas ele e sua amiga ganharam de presente assistir uma palestra. E qual foi o final da história? Não conseguiram assistir a palestra toda. Por qual motivo? Precisavam voltar. Existe uma ida, mas não significa que após esse rompimento, o retorno se faz de forma aveludada, como quem já cavou seu caminho e agora basta circular livremente. É uma programação interna eterna com um sistema de distância que por mais que oportunidades apareçam, o banquete nunca poderá ser completo, temos um tempo contado para sentarmos à mesa.

Quando observamos a distribuição de museus e centros culturais de arte na região metropolitana do Rio de Janeiro, fica evidente a discrepância de instituições dispostas a fomentar possibilidades de narrativas culturais e artísticas para regiões outras para além da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com o Mapa da Desigualdade 2020, produzido pela instituição Casa Fluminense, dentro da cidade do Rio de Janeiro possuem 136 museus, enquanto Duque de Caxias, cidade com mais instituições da Baixada possuem 4 museus. Essa discrepância afeta diretamente a relação de acesso, conhecimento e pertencimento em espaços de cultura e arte.

Figura 70 - Mapa da desigualdade: Cultura



Conectando à ideia de circulação na cidade e também sobre estar em espaços de arte, trago para o debate o trabalho do artista visual e pintor Maxwell Alexandre, artista carioca, jovem, negro, morador da Rocinha, que expôs no Museu de Arte do Rio a mostra Pardo é Papel em 2019. Esse artista contribui de forma intensa para essa relação de corpos dissidentes nas ruas, e quais são as ruas que ele percorre e retrata em sua pintura. Ele trabalha muito com a estética da rua, sobre corpos periféricos circulando ou tentando circular nos espaços urbanos, como por exemplo na tela que possui os transportes públicos e corpos negros sendo reprimidos pela polícia. Além do mais, Maxwell retrata símbolos e ícones que são parte integrante de uma cultura popular periférica carioca, como a piscina de plástico, as marcas de iogurte e alimentos ultraprocessados, os uniformes de escolas públicas, as fardas e as marcas de alcance popular em geral.

Figura 71 - Pintura “Tão saudável quanto um carinho”



Fonte: ALEXANDRE, 2020.

Após assistirem um vídeo sobre a trajetória do Maxwell Alexandre, ouvindo o próprio artista e o curador da exposição falando de suas obras e de seu trabalho enquanto pintor, afirmo também a posição do artista enquanto morador da Rocinha e diferente de quem mora na Baixada, onde as camadas a serem percorridas são aumentadas diante da própria distância física da capital carioca. Logo, ser morador da Baixada e ir até ao Museu ver a exposição do Maxwell se torna um desafio, assim como enfatiza a jovem Esther:

Uma parada que eu costumo sentir, é que é muito diferente o gerenciamento de cultura dentro das periferias. Eu trabalhei com educação popular na Rocinha, e a favela fica do lado de São Conrado, então, ali existe um fetiche muito grande sobre a Rocinha, então é muito fácil, ele consegue ir para a PUC andando. A Rocinha recebe muita verba de projeto, de ONG porque chama a atenção, se tornou um lugar de turistas, quando eu ia lá para dar aula a gente via gringo dando passeio na favela, então existe um fetiche muito grande. Quando a gente fala de periferias que estão próximas à região legitimadas, a atenção é outra e eu não estou falando de violência policial porque nesse caso não muda nada, estou falando só da questão do incentivo cultural, porque aqui na Baixada quem é que vai se interessar em incentivar um projeto seu dentro da Baixada? Aqui não tem São Conrado, não tem turista, não tem praia do lado, não tem ninguém vendo. (ESTHER, 2021)

Diante da colocação de Esther, fica evidente que estamos tratando de camadas distintas de periferias quando pensamos nas favelas da Zona Sul e as cidades da Baixada Fluminense. Importante destacar que essa questão não invalida a luta e o trabalho de Maxwell

Alexandre ao expor sua obra em museus renomados e conseguir entrar no circuito de arte, esse feito é difícil para qualquer artista, e sendo um artista como o Maxwell, um jovem negro, morador da favela da Rocinha, pintando sua realidade de forma crítica, se torna ainda mais raro de se ver. No universo da Arte, ser legitimado é para poucos e geralmente estamos falando de poucos homens brancos selecionados que, ao longo da história, se tornam muitos e por vezes, todos.

Historicamente a instituição museal advém da retenção material, colecionismo fruto de ocupações violentas que dizimaram centenas de culturas e identidades ao redor do mundo, principalmente nas Américas e no continente Africano. Logo, quando estamos visitando um museu, instituição matriz histórica-imperial-colonial, é necessário ter em mente qual história está sendo contada naquele espaço e como essa narrativa ainda é preciosa para a construção do que entendemos hoje enquanto Arte. O museu tem como função guardar coisas, histórias, narrativas e memórias de uma nação e se constituiu a partir de saques, apropriações e uma ideia de superioridade diante da relação com o outro no período das grandes navegações européias.

Antônio Pinto Ribeiro, em seu texto "Podemos descolonizar os museus?" (2016), aborda essa relação entre a instituição histórica museal e o apagamento das culturas que foram apropriadas para tal instituição.

Em todo o caso, o museu era a instituição europeia que, neste tempo, materializava a ocupação colonial e a posse do resto do mundo. O museu era, portanto, também o arquivo ilustrado do poder e, naturalmente, servia como lugar de estabilidade das classificações e das hierarquizações disciplinadas das raças e das espécies e dos cânones artísticos. (RIBEIRO, 2016. p 96)

O autor também propõe a máxima: "Os museus ou são pós-coloniais ou não são nada." Estabelecendo então, uma narrativa que insere a instituição museal em um contexto para além das narrativas pré existentes, apontando formas e modelos pós-coloniais para que se pratique uma outra possibilidade de olhar artístico e curatorial para a instituição a partir do que ele classifica como uma desobediência epistêmica.

Em suma, e para responder à pergunta: pode um museu ser descolonizado? A resposta deste grupo de acadêmicos de Coloniality at Large é: pode, deve e é possível, desde que se «desepisteme» o colonialismo ocidental apresentado nos museus e se reconstrua os mesmos através de uma epistemologia desobediente mas também ainda indecifrada. (RIBEIRO, 2016. p 107)

Pode ser percebido acerca do circuito de Arte nos últimos anos no Brasil é que as instituições estão buscando se reorganizar em suas seleções curatoriais e práticas colonizadoras exercidas até então. Importante salientar que o museu muda a partir de políticas internas que partem de um curador, um chefe, patrocínio, incentivo, compra e catalogação de obras que adotem uma prática socialmente e culturalmente diversa. Mas isso não basta.

Quando aplicamos uma atenção maior para o contexto de arte atual, ainda existe muito do que constitui o cenário anterior. Hoje entendemos que os espaços de Arte, enquanto locais físicos, são múltiplos e por muitas vezes são dispensáveis, mas mesmo assim, a perpetuação de uma hegemonia dentro do circuito e da história das artes visuais ainda se faz presente.

Galerias, curadores, festivais e espaços de Arte Contemporânea continuam a promover e nutrir os seus. O artista e pesquisador Bruno Moreschi, em 2017, realizou uma provocação visual-histórica ao questionar quem são os grandes nomes estudados nas instituições de Artes Visuais no Brasil. De acordo com a pesquisa, foram levantados 2.443 artistas dos 11 livros mais utilizados em cursos de graduação, e o resultado apurado foi uma porcentagem contendo 90% de homens. Quando levantada a questão racial, foi apontado a porcentagem de 0,9% artistas negros e 0,08% são mulheres negras. Importante ressaltar que estamos falando de uma pesquisa realizada no Brasil, com livros estudados em instituições locais, onde mais da metade da população se considera negra, e infelizmente, ainda se faz minoria nas citações e também nas carteiras das universidades.

Figura 72 - A HISTÓRIA DA RTE



Países com nenhuma / nenhum artista citada / citado nos 11 livros pesquisados.

Descrição: Mapa indicando em preto os países que não possuem nenhum artista citado.

Fonte: <http://historyof-rt.org/> (2017)

Quando o artista Paul Klee indicou em sua antologia que "A arte não reproduz o visível, mas torna visível" (KLEE, 1920), o artista refletia apenas com base no próprio sistema de arte que o cercava, dialogando com os seus, dentro do confortável circuito de pensamento do intelectual homem branco, questionando a forma, as cores e os diálogos internos da Arte Moderna. Trazendo essa reflexão para o contexto que nos é caro atualmente, pensar em quantos artistas se fazem invisíveis diante do que a Arte deseja tornar visível é mais uma vez, uma forma de evidenciar essa disparidade entre os que são citados, aclamados e evocados dentro dos museus e galerias e os que se tornam invisíveis.

O espaço ocupado por Maxwell Alexandre e tantos outros hoje no cenário das artes advém de um movimento que cresce dentro do circuito. Perceber como a instituição vem lidando com corpos, trabalhos, curadores e obras decoloniais em suas galerias é importante para entender como o sistema vem absorvendo e se apropriando dessa narrativa. Apropriação essa que é diferente da anterior, fruto de violência, essa consiste em uma retomada performática, visual e conceitual, promovida a partir do diálogo com e para aqueles que não se encaixavam no padrão apontado na pesquisa de Moreschi.

Retomando a fala da jovem Esther, que aponta para as diferentes iniciativas, acessos e possibilidades a partir do ponto de localização das periferias nas cidades, se faz necessário sim entender quais são as camadas, e como o jovem da Baixada está muito mais atrás quando estamos pensando nesse contexto de pertencimento à arte. O jovem periférico da cidade do Rio, dependendo da localidade e da sua favela, está com a sua mão um pouco mais próxima do banquete, diferentemente daqueles que moram mais distantes, onde essas camadas se fazem a partir do transporte público, do preço da passagem, da escassez de ônibus aos finais de semana, e isso estamos falando sobre chegar, ainda não entramos no fato de ocupar algum espaço de fato, desfrutar.

Ronald durante a conversa destaca uma questão interna que ele percebe dentro de sua cidade, Duque de Caxias: "Falando aqui de Caxias, eu acho que essa Cultura chega somente no primeiro distrito, no centro. A galera de lá a cultura é super rica, e eles conseguem isso só pelo CEP. Chegando aqui no Segundo Distrito é triste, a prefeitura só quer saber de pintar calçada, é triste." Esther, também de Duque de Caxias afirma: "Aqui em Saracuruna a gente só tem cultura se a gente mesmo fizer." Interessante eles abordarem esse ponto sobre cultura e também é importante perceber como esse entendimento vem acompanhado de duas variáveis do que pode ser entendido como cultura. O antropólogo Roberto da Matta, em seu artigo "Você tem cultura?" (1981), apresenta essa relação entre a ideia de cultura legitimada enquanto instituição e a cultura produzida a partir dos seus enquanto partilha e bem viver:

No sentido antropológico, portanto, a cultura é um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado. Ela, como os textos teatrais, não pode prever completamente como iremos nos sentir em cada papel que devemos ou temos necessariamente que desempenhar, mas indica maneiras gerais e exemplos de como pessoas que viveram antes de nós os desempenharam. Mas isso não impede, conforme sabemos, emoções. Do mesmo modo que um jogo de futebol com suas regras fixas não impede renovadas emoções em cada jogo. (MATTA,1981)

Para a segunda atividade, dada a partir da nuvem de palavras construída no encontro anterior, tivemos 7 jovens entregando cada um 3 fotografias, totalizando 21 imagens. Essas imagens surgiram a partir de palavras e frases coletadas ao longo do encontro anterior, coube aos jovens a seleção e/ou combinação de palavras para formar as suas fotografias.

Figura 73 - Nuvem de Palavra-Imagem



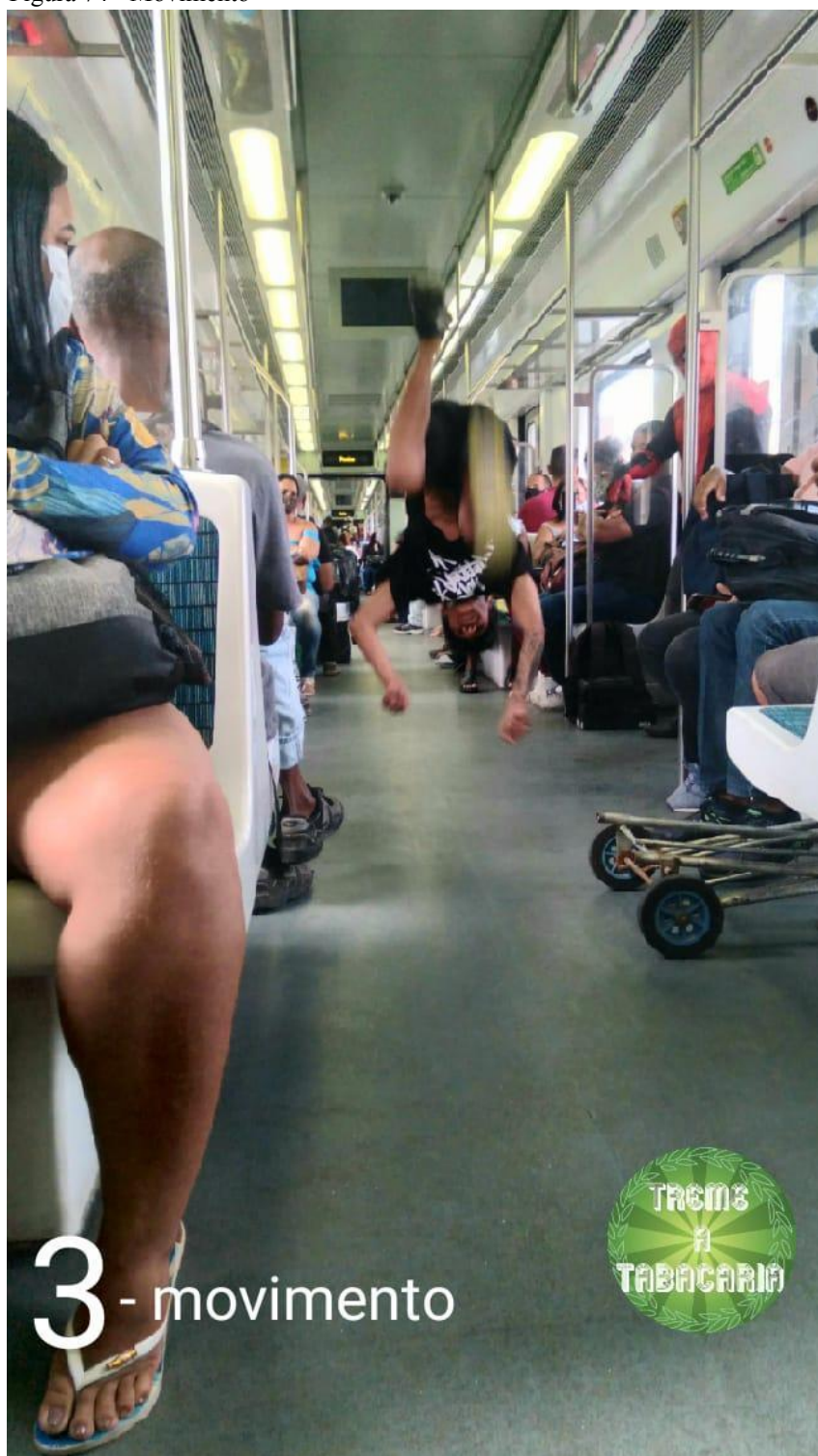
Fonte: A autora, 2021.

Partindo para a atividade proposta, começamos então a observar a nossa nuvem de palavras-imagem que foi o motivador inicial das imagens fotográficas em questão. Cada jovem precisou efetuar três imagens, construindo a partir de uma seleção de palavras cada fotografia. Importante informar que abordaremos algumas imagens em destaque, todo o acervo fotográfico produzido pelos jovens nessa atividade se encontra em Anexo.

Iniciamos a apresentação com as fotografias de Ronald, que decidiu trabalhar com as seguintes palavras: Momentâneo - Registrar momentos - Movimento. Dentre elas, destaco aqui a fotografia que representa a palavra Movimento, onde ele apresenta a imagem do trem

em movimento, acontecendo uma apresentação de dança e discretamente na cena, temos a presença de um homem-aranha acompanhando o movimento. Elogio a forma como ele decidiu posicionar a câmera para registrar o momento do salto, como ele se abaixou para realizar a foto e trazer esse ângulo rente ao chão para a fotografia.

Figura 74 - Movimento



Fonte: RONALD, 2021.

A jovem Flávia elegeu as três palavras: Escrever com a Luz - Arquitetura - Contraste, ela também decidiu registrar um momento seu fazendo uso do trem, se atentando para espaços distintos de observação sob a temática Arquitetura: "Esse é um movimento que eu não faço muito, que é parar para olhar para cima, principalmente na Central do Brasil." Lembro à eles que, nesses ambientes de deslocamento, somos condicionados a olhar somente para frente, com o foco limitado simplesmente ao destino final, sem tempo para maiores contemplações.

Figura 75 - Arquitetura



Fonte: FLÁVIA, 2021.

Diferentemente, no ato fotográfico, devemos estar espertos e despertados para capturar o acaso. Antever a imagem e desenhar o momento mesmo que você não tenha previsto de fato o que aconteceria ao enquadrar e clicar. Quando fotografamos é o único instante em que não enxergamos absolutamente nada, é o momento em que a foto acontece, no instante cego da cena. O jovem Leonardo também se propôs essa atenção maior para a construção de suas

fotografias que foram motivadas a partir de: Vida e Tempo - Contato com o passado e presente - Momentâneo, movimento e imperfeito. Apresentando a sua fotografia de tema "Momentâneo, movimento e imperfeito", Leonardo destacou a importância de ter conhecido o trabalho do fotógrafo Henri Cartier-Bresson para a sua ação fotográfica. Ele parou, esperou e se atentou aos detalhes para efetuar o registro que desejava, na imagem do ciclista o seu foco era a cena do estabelecimento atrás e a poça de água no asfalto, logo ele aguardou e foi registrando situações e pessoas na cena até conseguir de fato registrar o que lhe atingiu por completo enquanto registro, que foi a passagem do ciclista: "Eu gostaria de agradecer, porque eu nunca teria tirado a foto do ciclista se você não tivesse falado de Cartier-Bresson, eu não teria pensado em fazer isso."

Figura 76 - Momentâneo, movimento e imperfeito



Fonte: LEONARDO, 2021.

Larissa, moradora de Mesquita, apresenta suas palavras-imagem: Paisagem, Lembrança, Sentimentos - Olhar, Paisagem, Sentimentos - Moldura, Sentimentos, Lembrança, trazendo cenários de sua vivência onde as três imagens, assim como os três grupos de palavras, conversam muito entre si. Na primeira fotografia, ela apresenta uma sala de aula vazia da Universidade Federal Rural de Nova Iguaçu, onde a mesma cursa Turismo. Na

fotografia, o seu olhar direciona a cena para o que está além do universo de sala de aula, o destaque fica pela linha de janelas que rompe toda a imagem, revelando uma natureza panorâmica, com folhas e um grande monte ao fundo.

Figura 77 - Paisagem, Lembrança, Sentimentos



Fonte: LARISSA, 2021.

Nas duas imagens a seguir, Larissa nos leva para Nilópolis, onde ela retrata dois lugares de afeto. O primeiro é o Parque Gericinó, que se agiganta a partir da maneira pela qual Larissa decide se afastar e centralizar a única figura humana na cena, que se faz mínima diante de uma vastidão de verde e montanhas. Larissa, enfatiza a importância da valorização de espaços turísticos fora do eixo Centro-Zona Sul do Estado do Rio de Janeiro, e enquanto estudante da área, procura valorizar e destacar esses espaços que por vezes são desconhecidos até mesmo dos moradores locais.

Esther, eu e os demais jovens ficamos surpresos com a beleza do parque e almejamos em breve realizar uma visita. Curioso que dois jovens falaram quase que simultaneamente sobre se lembrarem apenas de um presídio com o mesmo nome do Parque Estadual. Esse complexo penitenciário em questão, fica localizado no bairro Gericinó, próximo a Bangu, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Figura 78 - Olhar, Paisagem, Sentimentos



Fonte: LARISSA, 2021.

Mais uma vez, friso a importância de se conhecer mais sobre a Baixada enquanto território vasto e rico, abundante de paisagens e possibilidades de lazer, turismo e cultura. Larissa então destaca: "Aqui em Nilópolis a gente tem o Parque Gericinó e a Beija-Flor, mas não é devidamente explorado e incentivado o turismo na região, porque todo mundo acha que turista só quer conhecer o Pão de Açúcar e o Cristo. Por que não conhecer a Baixada também?" Na terceira imagem, Larissa retrata sua avó no quintal de casa, envolta de árvores em um caminho extenso.

Figura 79 - Moldura, Sentimentos, Lembrança



Fonte: LARISSA, 2021.

Nas três imagens, seu olhar se volta para a natureza de forma exuberante, e mais uma vez, a série evoca um silêncio a partir das formas simples e a limpeza na construção das imagens. Fica também a potência da troca não só de fotografias, mas de conhecimentos sobre

a própria Baixada entre os jovens, já que ninguém conhecia o Parque e ficamos todos entusiasmados em marcar uma saída fotográfica em Gericinó.

Esther elege suas palavras formulando frases: Fotografia é registro de momentos - Memória é autoconhecimento - Memória é afeto, com elas traz uma série repleta de afetividades, são cenas que a atravessam enquanto uma jovem que reflete acerca de seus ideais políticos, sociais e também pessoais.

Na primeira imagem, uma cena de protesto, com crianças brincando com bonecas ensanguentadas, a frase "Parem de nos matar!" engole toda a fotografia. Com um olhar documental, manifestando a partir do registro um acontecimento político, perpetuando assim a história e a narrativa daqueles que ali estavam em protesto, sua frase afirma que fotografar é registrar momentos, afirmação de quem sabe o poder que tem em mãos, o poder simbólico da imagem perpetuada, do momento se tornando documento.

Figura 80 - Fotografia é registro de momentos



Fonte: ESTHER, 2021.

Na segunda imagem, a jovem apresenta sua herança, um retrato de seus avós e uma reflexão sobre identidade e a valorização da fotografia como meio de conhecer os seus antepassados. Para a imagem, a Esther afirma que memória é autoconhecimento, se deparar com os seus na fotografia é poder entender suas raízes e assim se auto afirmar também.

Figura 81 - Memória é autoconhecimento



Fonte: ESTHER, 2021.

Continuando a linha familiar, de frase Memória é afeto, um retrato de seu pai com a mais nova integrante da família, uma cadelinha chamada Flora, que chegou após o falecimento de sua mãe, episódio recente na vida de Esther que se emociona ao falar sobre como a cadelinha vem contribuindo para a alegria da casa e também para com uma troca mais afetuosa com o seu pai, que antes da fatalidade não tinha um laço afetivo bem estabelecido com a jovem.

Figura 82 - Memória é afeto



Fonte: ESTHER, 2021.

Imagens de afeto, dores, história, passado e anseio de um futuro diferente, Esther traça essa narrativa a partir de suas imagens. Desde as primeiras fotografias de Esther, percebo que em suas imagens o toque é algo muito recorrente e de certa forma tema central de suas

fotografias, sempre tem abraço, mãos, toques, sensação de pele... existe uma troca acontecendo em suas cenas, o seu olhar demanda esse lugar do gesto e do corpo na fotografia.

Para a próxima semana, a atividade consiste em registrar a temática a partir do que foi debatido no terceiro encontro, proponho para eles realizarem uma fotografia a partir do questionamento: Onde meu corpo se faz no mundo e o que me representa nele? Após apresentar o tema, os jovens ficaram atônitos, refletindo imediatamente como conseguiriam sintetizar em uma imagem uma pergunta de cunho tão complexo e existencial, após toda a conversa sobre pertencimento e a complexidade que é ser e estar enquanto moradores da Baixada Fluminense.

Leonardo pergunta se pode realizar montagem fotográfica, e, analisando que havíamos conversado sobre as pinturas de Maxwell Alexandre onde suas cenas acontecem de forma simultânea e múltipla em cor e camadas, respondo que sim, afirmando estar aberto para intervenção de cores, colagens, desenhos e sobreposições a partir da fotografia. Esther então aponta que não consegue pensar em apenas uma fotografia, os demais jovens fazem coro pedindo para que eles possam entregar várias imagens para conseguirem captar a resposta de acordo. Combinamos então dividirmos a pergunta em duas imagens: uma fotografia para expressar onde seus corpos se fazem presente e outra fotografia para apresentar o que os representa no mundo.

Iniciamos o quarto e nosso último encontro com uma fala da Flávia, trazendo para o grupo de forma entusiasmada que assistiu uma live do artista Maxwell Alexandre falando sobre a sua produção. A jovem traz detalhes sobre o que ouviu sobre os trabalhos e destaca a influência do Rap nas pinturas do artista:

Ele comentou na live uma coisa que eu nunca tinha pensado, mas como faz sentido, que é como estar nas galerias e museus é desconfortável para nós da periferia porque é algo que não está nos nossos valores. Quando você é rico e já tem o seu iate e seus bens, o que vai diferenciar você de uma outra pessoa rica é se você entende de arte, se você tem uma obra de arte em casa e se sabe conversar sobre aquilo... e eu fiquei, tipo. Caraca! O fato dele usar o Rap como referência é justamente por ser uma poesia da periferia, de pessoas pretas, em contrapartida, na história da arte as pessoas fazem uso da poesia e da filosofia branca. Minha cabeça explodiu. (FLAVIA, 2021)

Entender como a periferia vem sendo inserida no mercado de arte e como os trabalhos de Maxwell Alexandre se fazem importantes para esse processo, principalmente quando pensamos em arte urbana carioca. Importante destacar a importância da aproximação que aconteceu entre a jovem, o artista e a sua produção, e isso se deu a partir das redes sociais, onde Maxwell, de 31 anos, é bastante presente e ativo, promovendo *lives*, interações e

publicações frequentes, é um artista jovem tratando de assuntos e vivências aproximadas à realidade dos participantes do projeto, logo, a arte enquanto meio de interação comunica e faz sentido.

Apresento no último encontro o trabalho da Fotógrafa Vivian Maier, uma mulher que viveu nos Estados Unidos trabalhando formalmente como babá e fotografando compulsivamente ao longo de toda sua vida. Seus retratos foram descobertos e amplamente divulgados após um jovem amante da fotografia adquirir uma caixa de seus negativos. Vivian que havia falecido alguns anos antes, em 2009, não pôde desfrutar da sua ascensão enquanto grande nome da fotografia de rua. Em seu documentário, *Finding Vivian Maier*, fica um mistério sobre o fato dela desejar ou não ter esse reconhecimento, já que sua vida sempre muito solitária e reservada, beirando ao excêntrico, não deixou muitas margens ou grandes relatos sobre o real motivo de sua fotografia. Ao mesmo tempo que Vivian procurou tentar divulgar suas imagens ainda em vida em revistas de fotografia, por vezes fazia uso de pseudônimos, como se não desejasse ser descoberta como a autora de sua produção. De qualquer forma, o que temos hoje em grande ampliação é a forma como Vivian se colocou e esteve no mundo, como seu olhar fotográfico contribuiu para a história da fotografia enquanto mulher e fotógrafa de rua. Os jovens nesse momento de apresentação estavam mais contidos, mesmo provocando algumas interações não obtive muitas falas, apenas apontamentos elogiosos ao trabalho fotográfico de Susan, alguns deles também se sentiram instigados a assistirem o documentário completo após a apresentação do *trailer*.

Iniciando então a apresentação do nosso último exercício, logo percebemos a influência estética do trabalho de Maxwell Alexandre em suas fotografias, já que tivemos nas apresentações algumas montagens, colagens e edições digitais. Essa abertura para edições na imagem aconteceu a partir de uma sugestão feita pelo Leonardo durante a explicação do exercício, logo, acatei a ideia. Entendendo que seria um desdobramento estético coerente já que havíamos acabado de ver grandes murais de pinturas coloridas e sobrepostas com diversas cenas e situações acontecendo de forma simultânea.

Esther na apresentação de suas duas fotografias trouxe o verde enquanto cor principal, com várias camadas de sobreposição foi narrando cada imagem e simbolismo dentro da cena, onde ela retrata seu melhor amigo lendo um jornal que os dois apoiam politicamente, logo, para ela, ser e estar no mundo é se ver no outro e estar também com o outro a partir das relações afetivas, políticas e sociais que ela vai encontrando ao longo de sua trajetória: "É aqui que eu habito, exatamente aqui que meu corpo se faz presente, o que me representa é o meu amigo, um jovem negro, um jovem gay, lendo um jornal extremamente politizado

falando sobre derrotar o fascismo. Não tem outro lugar que eu possa me fazer presente, o Wanderson é o meu lugar." Relata Esther ao apresentar sua fotografia.

Figura 83 - Se ver no outro



Fonte: ESTHER, 2021.

Assim como Esther, Flávia também apresentou uma montagem, mas não em camadas sobrepostas, e sim como uma grande colagem, onde a cena foi elaborada a partir de registros seus anteriores e uma produção sua em bordado. Na imagem apresentada podemos ver como produto principal seu grande mapa bordado, acompanhado de pés percorrendo um caminho e uma mão que se apoia no transporte público, de acordo com Flávia:

Eu bordei esse mapa da Baixada a partir de falas de moradores sobre seu próprio bairro, e essa linha em vermelho é o ramal de Japeri que corta a minha Cidade, a florzinha no mapa é onde fica localizado o bairro Cabuçu em Nova Iguaçu. Onde o meu corpo se faz presente no mundo é onde meus pés passam e onde as minhas mãos passam também, onde eu passo é o que me representa. (FLÁVIA, 2021)

Figura 84 - Ser e Estar



Fonte: FLÁVIA, 2021.

Gisele trouxe para nós uma paisagem ampla, uma panorâmica de seu bairro, em sua fala ela aponta para as observações apresentadas à ela ao longo do projeto e também situa o seu lugar no mundo enquanto moradora do bairro Pantanal em Duque de Caxias:

Você Myllena, chegou a falar em algum encontro que as minhas imagens tem muito céu e eu não tinha reparado nisso até então e realmente faz sentido, e eu trouxe isso mais uma vez. Senti dificuldade de pensar na imagem porque eu não me vejo em algum lugar, eu me vejo sempre muito pro mundo, então eu comecei a retomar para o início, e o início é o meu território, o Pantanal, por isso que eu fiz essa panorâmica da varanda da minha tia, que dá para ver boa parte do bairro em si. E essa foto me lembra muito a minha infância, quando eu não tinha liberdade de ir para outros lugares e eu sempre olhava para essas montanhas do fundo, que são esses barrancos, e era a única coisa que eu conseguia ver para além. Então é muito simbólico e enigmático para mim essas montanhas ao fundo. Quando todo mundo pergunta onde eu moro, e eu falo Pantanal, ou as pessoas falam que não conhecem ou falam que é um fim de mundo que é um lugar feio... e independente do que o Pantanal seja em si, é daqui que eu vim e eu não tenho vergonha e eu estou presente aqui até hoje, é o

meu território. A Baixada é muito do que eu sou e a única coisa que me representaria melhor agora nesse momento é o meu bairro, é o Pantanal. (GISELE, 2021)

Figura 85 - Horizonte finito

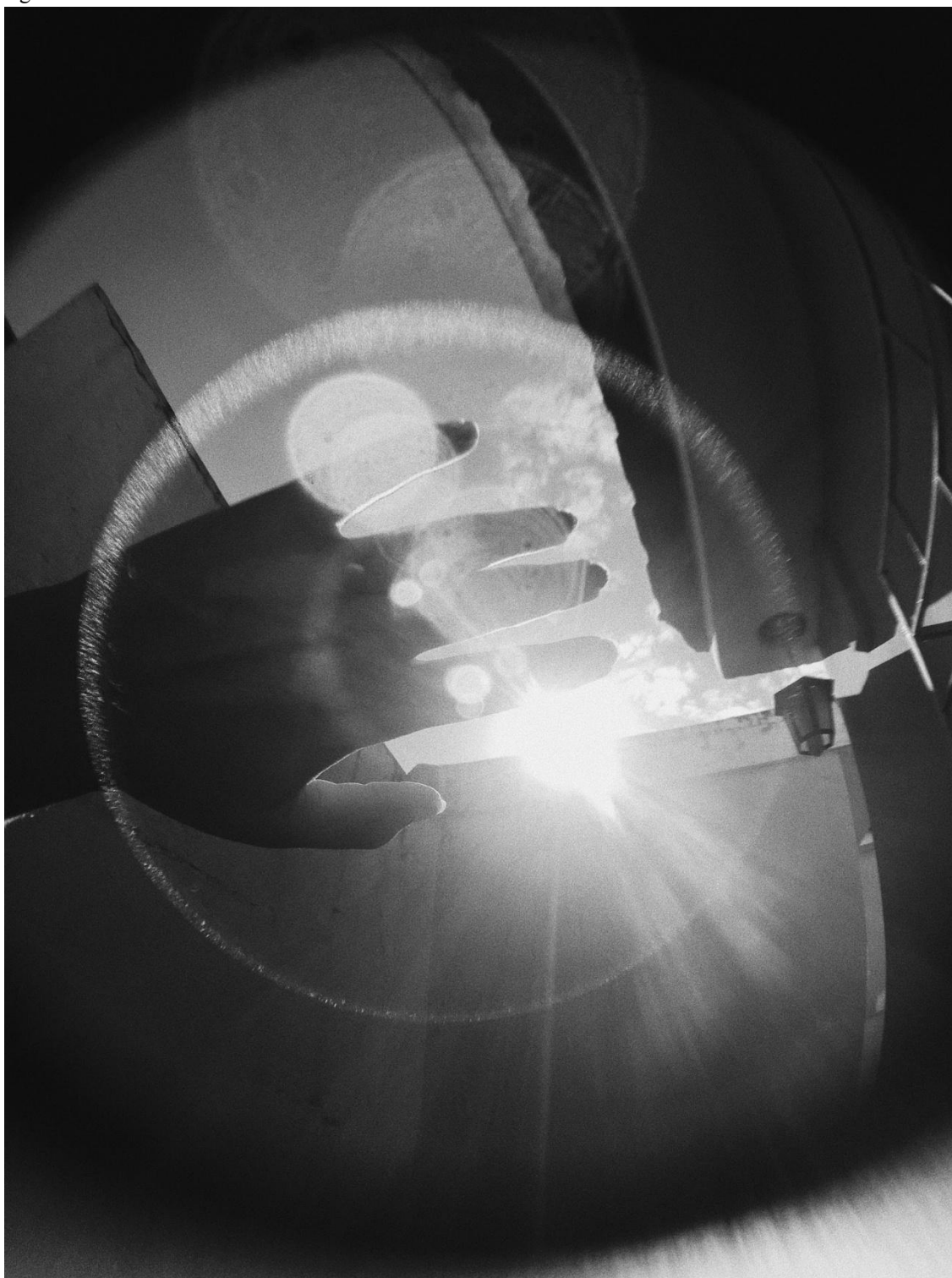


Fonte: GISELE, 2021.

A fotografia da Gisele, por mais que seja simples no sentido formalista da imagem, carrega uma força importantíssima dentro da relação interna que acontece quando se mora em bairros pequenos ou rurais como o dela, que é esse sentimento de amplitude e limitação ao mesmo tempo. Quando Gisele na sua narrativa evoca as montanhas como a coisa mais distante que ela consegue ver, ela aponta diretamente para as possibilidades de mundo que ela, enquanto moradora daquele bairro, precisa projetar e romper para conseguir ver e acessar. Mas ao mesmo tempo que ela tem esse anseio de olhar para fora, não repele sua raiz enquanto abrigo, ninho e retorno, entendendo o quanto ela é impregnada dele em vida.

A dupla fotográfica de Larissa traz uma imagem em preto e branco e a outra com cores intensas de verde, rosa e azul. Em sua narrativa, ela aponta para o uso de uma lente de peixe na câmera do celular para gerar o efeito circular na foto, registrando um halo de luz em sua mão, dentro de casa na pandemia: "Meu lugar no mundo, no momento, está sendo ficar em casa, de me cuidar e cuidar das pessoa que estão em volta. Eu quis mostrar a minha casa se fechando assim e o céu que é esse simbolismo de liberdade."

Figura 86 - Horizonte blindado



Fonte: LARISSA, 2021.

Percebe-se a intensidade de sua narrativa ao elaborar o registro dentro de casa, refletindo o contexto de pandemia no qual ainda estamos absortos. Larissa tem a intenção de torcer as linhas da cena a partir do adaptador óptico em seu celular, uma lente olho de peixe que promove essa angulação curvilínea no registro fotográfico. Importante ressaltar a forma

como ela se posiciona, de baixo para cima, apontando aos céus como uma pequena brecha de contato com o que é externo, além da fotografia estar em preto e branco, a dramaticidade da cena acontece pelo halo luminoso que invade a foto. No registro seguinte, uma invasão de cor e afetuosidade, assim como relata a jovem:

A imagem da flor é o que me representa, eu percebo que ao longo da minha vida eu sempre tirei muita foto de flor, e tem um significado, o apelido da minha mãe era Flor e as pessoas associam muito a mim já que falam que me pareço com ela. (LARISSA, 2021)

Figura 87 - Mãe-Flor



Fonte: LARISSA, 2021.

O dualismo das imagens de Larissa apontam também para a sua narrativa, já que a primeira foto possui a dramaticidade necessária para um corpo que se encontra recluso em casa, desejando esse estar fora, almejando tocar um céu mais amplo, enquanto na segunda

imagem a flor é retratada com uma delicadeza e um afeto da mesma forma que ela faria uma foto de sua mãe.

Assim como a Larissa, Leonardo também se apresenta com duas imagens onde a primeira é preto e branco e a segunda em cor:

O meu corpo se faz presente no momento em que eu transito pelo mundo, eu não sou de algum lugar exatamente... eu sou de Nova Iguaçu, claro, mas eu me movo pelo mundo. Na segunda fotografia, eu pensei em cada objeto da imagem, a mesa é considerada o símbolo da vida, então eu coloco sobre a mesa as coisas que me construíram ou me constroem ainda. Eu tampei o rosto no sentido de pensar se é o meu rosto que me define, ou o meu corpo e a minha imagem como um todo. Eu não mostro o rosto mas eu estou me abrindo muito mais aqui do que se fosse apenas uma fotografia minha, sabe? (LEONARDO, 2021)

Figura 88 - Transitando pelo mundo



Fonte: LEONARDO, 2021.

Figura 89 - Peito aberto



Fonte: LEONARDO, 2021.

Após a apresentação do trabalho da fotógrafa Vivian Maier e as análises das fotografias realizadas por eles, recebemos a participação do fotógrafo de publicidade e professor de fotografia Daniel Marins, que foi convidado para dar uma palestra sobre Mob Fotografia, termo que exprime o mesmo que já realizamos durante o projeto, trata-se do registro fotográfico com o aparelho celular.

Ampliando as possibilidades do registro para além das ruas, Daniel apresentou suas referências estéticas e práticas onde se aplica a fotografia com o celular, como por exemplo o trabalho da fotógrafa brasileira Luisa Dörr, de 31 anos, que estampou em 2017 a revista estadunidense *Time Magazine* realizando doze diferentes capas para uma mesma edição sobre mulheres, dentre as figuras fotografadas por ela estavam Oprah, Hillary Clinton, Selena Gomez dentre outras celebridades, atletas e figuras importantes. O trabalho de Luisa enquanto retratista e fotógrafa de moda é de expressar o seu conhecimento técnico fazendo uso de um telefone celular para realizar as fotos.

Figura 90 - Bastidores mobgrafia



Fonte: DOOR, 2020.

Figura 91 - Capa da revista TIME realizada com o celular



Fonte: TIME, 2020.

Daniel também compartilhou dicas técnicas e práticas para um bom funcionamento do aparelho celular no momento de fazer as fotos, seus conselhos foram desde exemplos de enquadramentos e tipos de cortes na fotografia até a forma de limpeza das lentes dos aparelhos telefônicos. Os jovens ficaram bem entusiasmados com a palestra e participaram de forma ativa durante a apresentação. Importante destacar a figura do fotógrafo Daniel Marins enquanto um profissional na técnica aplicada, e também como um profissional de 32 anos que realiza seu trabalho há 12 anos, esse contato despertou o interesse de alguns jovens em investir na fotografia como possibilidade de trabalho também, o jovem Ronald nos apresentou uma imagem que deseja publicizar com uma intenção mais técnica na fotografia, Daniel incentivou e se disponibilizou a estar orientando eles no contexto da fotografia profissional.

Chegando ao final do último encontro, nos despedimos e agradecemos pela troca mútua, os jovens por sua vez brincam com a não necessidade de encerramento dos encontros, desejando que o projeto não acabasse de fato. Gisele pede a palavra para agradecer:

Eu acho que é muito importante o que você está fazendo aqui, e eu fico muito feliz de você ter entrado em contato com o coletivo. Acho que a gente está no caminho certo, expondo a Baixada para o mundo de verdade e só queria falar que foi muito satisfatório participar de todos os encontros, só gostaria de demonstrar a minha gratidão, muito obrigada. (GISELE, 2021)

O grupo ficou muito satisfeito com seus resultados fotográficos alcançados durante todo o projeto e enfatizaram em diversos momentos o desejo de que os encontros tivessem continuidade. Durante minha fala de agradecimentos, destaco um conselho que fiz à eles, sobre entender esse contexto de isolamento social no qual estamos sendo obrigados a passar por conta da pandemia para viabilizar algumas possibilidades de brechas que são ofertadas no online. Em sua maioria, os cursos de arte e os projetos de incentivo à cultura estão acontecendo de forma remota e gratuita, logo, é importante estar atento para conseguir ocupar espaços que por vezes são limitados justamente pela dificuldade física de ir e vir.

Aproveitar as brechas e as circunstâncias para se fazer presente é uma tática de sobrevivência do morador da Baixada, e como um pacto, afirmo com eles o meu compromisso de repassar informações de cursos e projetos para o coletivo através do grupo de WhatsApp criado para o presente projeto. Logo, a comunicação e a relação entre nós não se encerra aqui, continuaremos juntos em constante movimento, com o olhar atento.

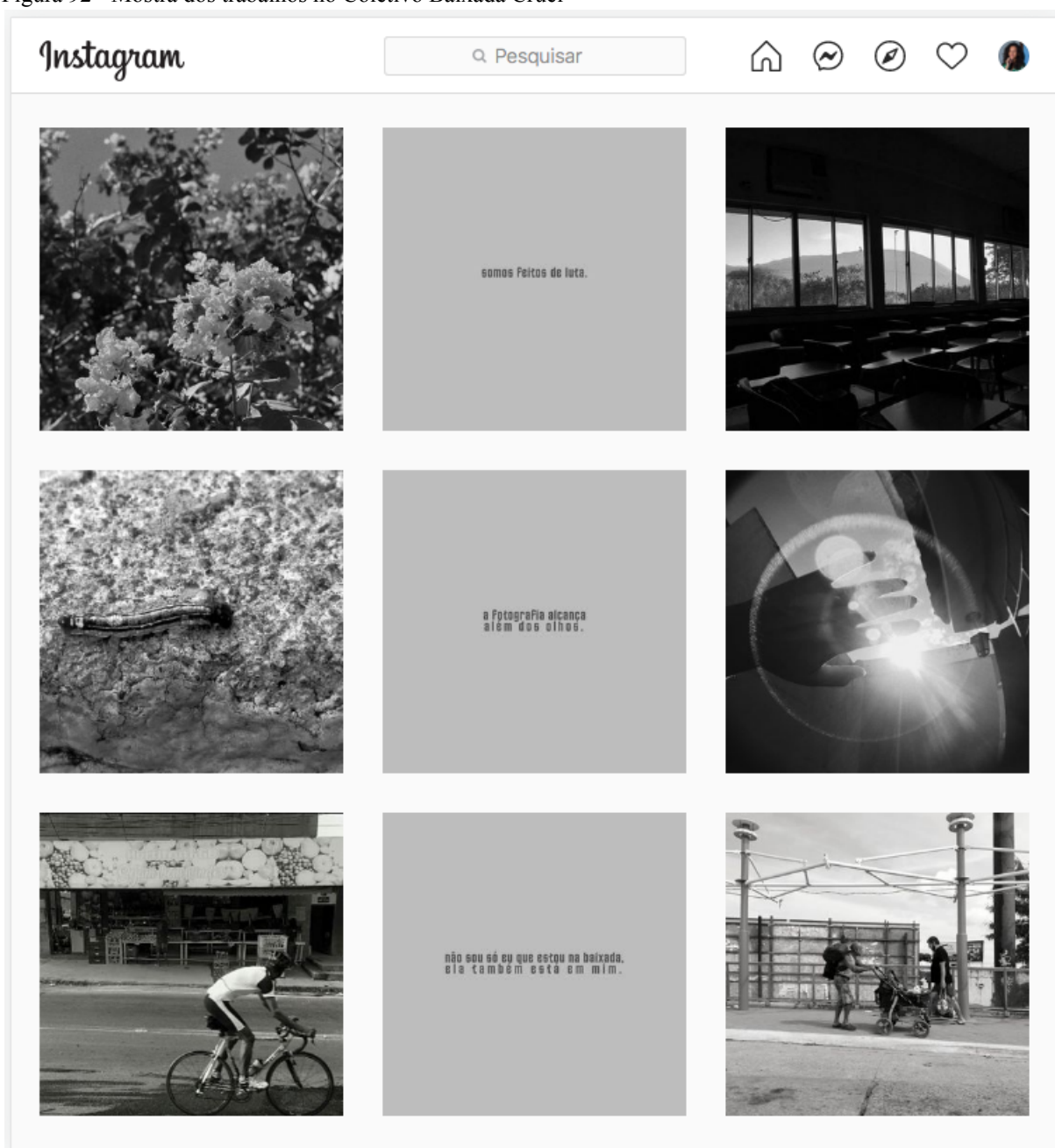
3.2 Desdobramentos

A segunda edição do projeto Entre Mapas e Mundos Virados, como podemos perceber, rendeu maior expressão de adesão e participação. Na primeira edição, houve incentivo da prefeitura municipal de Duque de Caxias, mas não tivemos apoio de instituições parceiras ou divulgação em meios oficiais da prefeitura para uma melhor e maior adesão. Desta vez, a parceria com o coletivo artístico-político Baixada Cruel foi fundamental para dialogar com as figuras de interesse da pesquisa: jovens moradores da baixada fluminense interessados em fotografia e interessados em pensar seus bairros e suas vivências.

Uma observação importante que podemos notar ao analisar a relação entre os inscritos e os participantes é que, dos 39 inscritos, tivemos 11 participantes de ao menos um encontro e o total de 8 jovens presentes em todos os 4 encontros do projeto. Do grupo de jovens participantes, 4 eram membros do coletivo, logo, eles tinham uma relação entre si enquanto amigos e ativistas, essa relação facilitou o apoio mútuo para a participação de todos e abriu para que o grupo todo se tornasse uníssono de forma muito natural, mesmo os que não eram membros do coletivo se sentiram à vontade para falarem sobre suas vivências de forma aberta e amistosa. Durante os quatro encontros, conseguimos reunir o total de 51 fotografias produzidas e apresentadas pelos jovens no projeto, todas as imagens foram apresentadas, lidas, avaliadas e debatidas por eles, essa coletânea completa encontra-se em anexo.

Conforme Esther e Gisele haviam proposto na nossa primeira conversa, elas organizaram uma mostra das fotografias na página oficial do coletivo, no instagram. As jovens realizaram 69 publicações, entre as fotografias fruto das oficinas e textos relacionados às conversas e pensamentos elaborados nos encontros, estes foram produzidos por Esther e Gisele. O coletivo mantém uma estética visual em seu perfil onde toda e qualquer publicação é realizada em preto e branco, logo, toda a produção publicada foi convertida em preto e branco para que as publicações mantivessem o conceito do coletivo.

Figura 92 - Mostra dos trabalhos no Coletivo Baixada Cruel



Fonte: INSTAGRAM. 2021.

Como podemos perceber na imagem, as publicações foram organizadas a partir de uma curadoria temática das próprias jovens, onde se faz presente uma leitura em trios na horizontal, onde no centro, entre as duas fotografias, existe uma imagem com uma frase de chamada para o texto que acompanha a legenda, essa produção textual foi realizada pelas duas jovens idealizadoras do coletivo, Gisele e Esther escreveram diversas reflexões a partir do que foi conversado dentro dos encontros. Dentre as 23 produções textuais realizadas pelas jovens, destaco aqui seis produções que tangem diretamente momentos de fala, troca, análise e escuta desses jovens dentro do projeto. O primeiro texto é de Esther, onde a jovem traz uma reflexão

sobre afeto e como essa palavra pode impactar nosso olhares e vivências enquanto moradores da Baixada Fluminense:

FOTOGRAFAR BAIXADA É SER AFETADA

fotografar baixada é ser afetada. é ser atravessada. é ser tocada pela delicadeza quase cruel e pela crueldade delicada. é alimentar o orí com a mais crua e inspiradora realidade. é perceber que, na verdade, quando se é periférico, é a vida que imita (ou cria) a arte. e quando seus olhos estão treinados pra enxergar estética, textura e emoção no cotidiano, tudo parece inteiro.

fotografar baixada é ter a visão além do alcance. é olhar em volta e ser capaz de ver dor, mas ver também a beleza, a autenticidade e a coletividade. na verdade, fotografar baixada é fotografar o nós mais único, vivo e subjetivo. e encontrar o silêncio no caos que é estar junto.

texto por: @rochakste
(ESTHER, 2021)

Essa produção textual de Esther dialoga diretamente com o que abordamos no primeiro e segundo encontro, ao analisarmos as fotografias de afeto positivo e negativo que eles trouxeram até nós a partir do observar a rua como lugar de atravessamento. Interessante como a jovem aponta para o sentimento de satisfação plena quando indica o olhar para as formas e texturas do cotidiano, durante todos os encontros fizemos esse tipo de análise e movimento, buscando valorizar os registros fotográficos de cada autor e entendendo também o contexto e a narrativa de cada fotografia. A contradição observada por Esther resume o que podemos entender também sobre a palavra afeto e como ela pode significar o belo, o emocional mas também o trauma, a dor e as problemáticas, logo, fotografar a Baixada é ser afetado e ter afeto.

O segundo texto que destaco aqui exprime com muita intensidade a nossa conversa acerca do trabalho do fotógrafo Henri Cartier-Bresson, onde observamos com atenção algumas de suas imagens e percebemos ali o instante decisivo que o renomado fotógrafo de rua classifica e eterniza enquanto conceito básico de seu trabalho e olhar. No segundo encontro, o mesmo que tratamos sobre Cartier-Bresson, conversamos sobre o significado de três palavras e a relação entre elas, as palavras eram Fotografia, Afeto e Memória, a jovem Gisele, evoca essa sua relação com os conceitos de forma a afirmar também a importância do ato fotográfico enquanto registro:

NOSSOS INSTANTES

certos instantes, por mais que se eternizem em fotografias, nunca voltam. mas são lembranças do que já vimos, sentimos, pudemos ser. diferentes versões de mim, de você, do lugar que a gente vive.

esse instante é decisivo. ou seja, mesmo poucos segundos se passando, não existe mais. já foi. aquela visão, aquele momento, aquela foto.

para capturar o instante, é necessário estar atento à sua volta. um pássaro que sobrevoa uma poça e deixa seu reflexo nela, uma criança correndo, um ônibus que passa ou até mesmo um trem. são todos instantes que fazem parte do que você vive.

os olhos de um artista são olhos atentos para a captura. atentos para eternizar as lembranças dos nossos momentos. e mesmo que vejam como momentos banais, são nossos.

texto por: @gi5ele
(GISELE, 2021)

Ainda dentro da elaboração realizada pelas jovens acerca dos dois primeiros encontros, refletindo sobre o ato de fotografia Esther escreve sobre o olhar e a capacidade de cada indivíduo produzir um registro único a partir de sua perspectiva, mesmo que se esteja fotografando um mesmo contexto, o que salta aos olhos é o que será enquadrado e isso parte de uma narrativa e de um contexto único de cada indivíduo e de cada olhar.

O QUE SALTA AOS SEUS OLHOS?

fotografar é escolher. é direcionar. em um mundo com excesso de informação, é se encantar por algo único. é sentir a mente paralisar por alguns instantes em algo que seus olhos escolheram. é gastar tempo em algo.

cada fotografia marca algo que seu coração encontrou. que não passou despercebido. que não se perdeu com o resto. fotos apontam pra uma parte que se destacou do todo, especificamente pra você. exatamente naquele momento. objetivamente nesse lugar. nenhum outro coração foi encontrado do mesmo jeito: apenas o seu.

você escolhe o que brilha em sua frente. direciona a lente pro que prende sua atenção. se encanta por algo que ainda parece ser único pra você, mesmo em meio aos excessos. paralisa a mente por alguns instantes. gasta tempo com isso. você fotografa o que sua alma escolheu.

o que salta aos seus olhos?

texto por: @rochakste
(ESTHER, 2021)

Os desdobramentos construídos pelas duas jovens evocam constantemente momentos, frases, passagens, referências e experiências vividas ao longo dos encontros do projeto. Seus escritos são desdobramentos preciosos para que possamos compreender a forma, os usos e o impacto da troca estabelecida. Esther ao refletir sobre a temática do nosso terceiro encontro,

onde podemos então debater mais sobre pertencimento, deslocamento, ser e estar no mundo enquanto jovens moradores da Baixada Fluminense, Esther aponta para a valorização de suas raízes enquanto território rico e vivo, onde o seu corpo dialoga intensamente, carregando consigo os trajetos, as marcas da caminhada e da sua identidade.

PARA QUEM VEM DE ONDE EU VENHO ESTAR É SER

encontrar meus crias é me encontrar.
é enxergar um pouco mais de mim.
é como limpar uma janela embaçada
e finalmente ser capaz de ver o outro lado.

preciso estar aqui,
porque é onde me encontro.
preciso estar aqui,
porque é onde os meus estão.
pra não me perder de quem sou,
preciso estar aqui
exatamente onde estou.

encontrar a baixada é me encontrar.
pra quem vem de onde eu venho,
estar é ser.

texto por: @rochakste
(ESTHER, 2021)

Seguindo os desdobramentos do terceiro encontro, o texto de Gisele também evoca a intensidade que significa ser e estar, ocupar as cidades e ao mesmo tempo, entender o seu território como terra fértil. Gisele destaca essa relação entre seu corpo, sua história e o seu lugar como narrativa de si.

NÃO SOU SÓ EU QUE ESTOU NA BAIXADA ELA TAMBÉM ESTÁ EM MIM

me perguntava se meu corpo deveria ocupar outros espaços, se realmente pertencia a esse lugar - lugar que não é desejado por outros, nem mesmo para visitação.

muitos como eu começaram a almejar somente o que estaria por vir depois, sonhar com um futuro longe daqui. deixar para trás o que um dia foi nosso berço, nossa raiz.

mas em tempo, uma chave virou. aqui de fato é meu berço, aqui estão minhas raízes. foi aqui que construí e construo quem sou. aqui criei meus laços e, por consequência, companheiros de luta.

nosso povo tem identidade própria, cultura, humor, voz, união. tudo isso nos dá força para continuar a lutar, estabelecer nosso espaço e buscar o melhor de nós.

mesmo que um dia não mais esteja aqui, a baixada vai comigo onde eu for. pois não sou só eu que estou na baixada. ela também está em mim.

texto por: @gi5ele (GISELE, 2021)

A chave que virou em Gisele e Esther é fruto de uma escuta atenta e ativa para com os assuntos abordados nos encontros. Por último, trago o texto poético de Esther, que resume nosso diálogo no quarto encontro e também em todo o projeto, a necessidade de viver, ser e estar enquanto jovem morador da Baixada Fluminense. Como essa relação socioespacial é inteiramente absorvida nos corpos, na vida e na identidade cultural de quem ocupa esses espaços.

TALVEZ A BAIXADA SEJA O MEU MAIOR VENENO

talvez a baixada seja meu maior veneno
e também ela é o único antídoto.
o ar que me mantém viva
é também a dor que mais me sufoca.
escrevendo por essas linhas tortas,
partilho o que somos e o que nos tornamos.
olhando o céu cinza da baixada,
percebo que ele é minha cura e meu fim.
talvez eu viva bebendo do meu próprio veneno
buscando, pouco a pouco, o que vai me transbordar.

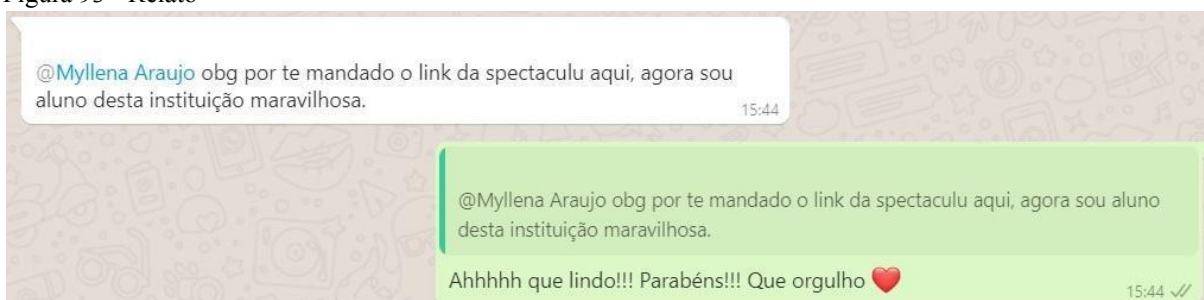
texto por: @rochakste
(ESTHER, 2021)

Os textos possuem uma intensa relação com o que conversamos e avaliamos ao longo do projeto, Esther e Gisele exprimiram em palavras aquilo que observaram, refletiram, apreenderam e questionaram enquanto jovens moradoras da Baixada Fluminense. Assim como afirma a jovem Esther, talvez a Baixada seja mesmo o veneno e o antídoto, a cúpula que limita e por vezes comprime e também a fonte de todo conhecimento, saber viver que se detém enquanto corpo presente e atento. A fotografia como meio de captura foi exposta nas redes sociais juntamente com os textos, a fim de exaltar, afirmar e potencializar a produção artística local. E mais uma vez são eles por eles, a juventude mobilizando, abrindo os caminhos, criando espaço e palco para manifestar sua vivência.

Para além da publicização fotográfica e produção textual do coletivo nas redes sociais, um outro tipo de desdobramento vem acontecendo a partir da continuidade do grupo de participantes do projeto Entre Mapas e Mundos Virados. Como foi citado ao final dos encontros, nos mantemos atentos e conectados para as possibilidades de cursos, projetos, mostras, bolsas e oportunidades para que estes jovens possam continuar estudando e produzindo artisticamente. Com isto, foram encaminhadas algumas inscrições para cursos gratuitos e projetos sociais, além de inscrições em editais de fomento à cultura e projetos que visam a fotografia periférica.

Em uma dessas oportunidades, enviei o link de inscrição para a Escola de Arte e Tecnologia Spectaculu, instituição sem fins lucrativos na qual eu fui aluna em 2011 e 2012 cursando fotografia. Com muita satisfação obtive um retorno positivo de agradecimento, onde o jovem Lucas foi aprovado no processo seletivo da escola, esta que conta com muitas inscrições e vagas acirradas para os cursos. Logo, Lucas está trilhando um caminho de possibilidades e oportunidades no qual eu também trilhei, a partir da indicação de alguém que um dia me contou ser possível. Fazer parte desse ciclo de comunicação interna, de apoio mútuo, agora no papel de mediadora de processos, reflexões e apoio é parte do que a presente pesquisa se propõe enquanto pesquisa ação, participando ativamente da comunidade e promovendo possibilidades de mundos.

Figura 93 - Relato



Fonte: A autora.

3.3 Análise do perfil dos participantes

A partir do formulário de inscrição realizado pelos interessados em participar do projeto, podemos então constatar alguns levantamentos quantitativos para melhor entender o perfil alcançado durante a pesquisa. Em primeiro momento, é necessário enfatizar que a pesquisa percorreu ao longo de três momentos distintos, atravessando o contexto global da pandemia do novo coronavírus. Os dados levantados a seguir foram contabilizados a partir do preenchimento de informações como: idade, cidade, classificação de gênero, classificação étnico-racial e grau de escolaridade. A partir deste levantamento, pode-se então traçar um perfil para entender melhor o público alcançado com a presente pesquisa.

Dentro desse contexto, em 2019, realizamos dois encontros presenciais com um grupo de 5 jovens, com idades entre 16 a 20 anos. O grupo continha 4 participantes do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Sobre seus graus de escolaridade, nenhum deles estavam na graduação, havia um deles cursando o Ensino Fundamental II e uma cursando o Ensino Médio, enquanto o restante eram concluintes do Ensino Médio. Dos 5 jovens, 2 se autodeclararam enquanto pessoas negras, as demais, brancas. Analisando o volume de suas

produções, obtivemos três desenhos de mapas afetivos e um total de 16 imagens fotográficas produzidas a partir da proposta do segundo encontro.

Para a segunda oficina, ofertada em 2020, temos um hiato circunstancial provocado pela pandemia do novo coronavírus. Diante desse contexto, como já elucidado ao longo da pesquisa, foi reformulado a forma de abordagem com os grupos de interesse da pesquisa. Importante salientar que, a partir deste momento, a relação entre a pesquisa e o seu meio se realiza de forma invertida, já que anteriormente, meu corpo enquanto pesquisadora ia até o campo em busca de participantes interessados, conquistando este público pessoalmente a partir de uma troca e interação local, agora, diante do contexto de isolamento social, essa realidade não se fazia possível, logo, o processo de interação se deu a partir do online e isso determinou algumas mudanças na forma de alcançar os jovens para a pesquisa.

Uma distinção que temos a partir da passagem para o contexto virtual é a relação entre os jovens inscritos e os jovens participantes do projeto, isso se dá ao fato de termos recolhido muitas inscrições a partir do preenchimento do formulário, que apontavam para o interesse em participar da proposta, mas, por motivos diversos, como apontado ao longo da pesquisa, somente alguns destes nomes fizeram efetivamente parte dos encontros.

Na primeira edição do projeto Entre Mapas e Mundos Virados 2020, as oficinas foram voltadas exclusivamente para jovens moradores de Jardim Primavera, Duque de Caxias. Essa restrição se deu para manter uma continuidade ao que estávamos desenvolvendo em 2019 de forma presencial com os jovens do bairro de Jardim Primavera, além do fato do projeto ter sido contemplado com um edital de fomento à cultura de Duque de Caxias, restringindo assim, o público para a cidade em questão. Como resultado, tivemos o total de 26 inscritos, todos indicaram ser moradores da Cidade de Duque de Caxias, sendo 15 deles diretamente do bairro de Jardim Primavera. Durante os quatro encontros de 2020 foram produzidos dois desenhos digitais e um total de 14 imagens fotográficas. Na primeira edição do projeto contamos com um público de interesse de 26 pessoas, em sua maioria de pessoas do gênero masculino, entre os 18, pardo, cursando o ensino médio. Deste grupo de jovens interessados em participar do projeto, 7 fizeram parte de ao menos um encontro.

Interessante perceber como o perfil se modificou ao analisarmos quem se inscreveu e quem de fato esteve presente no projeto. Destaco aqui a questão étnico-racial, onde na inscrição, o número de jovens autodeclarados pardos e pretos ultrapassaram os 50% de inscritos e quando de fato percebemos dentre os que estiveram presente, o perfil se altera para uma maioria de jovens brancos participando.

Para a segunda edição do projeto Entre Mapas e Mundos Virados 2021, continuamos trabalhando no contexto virtual, mas desta vez, modificamos alguns pontos na tentativa de alcançar um maior público, o primeiro ponto foi a colaboração com o coletivo artístico-político Baixada Cruel, e esta parceria levou para a alteração do segundo ponto já que por motivos de uma ampla diversidade de membros moradores de outras cidades da Baixada Fluminense, para além de Duque de Caxias, ampliamos também esse ponto de territorialidade. Também foi aumentado a faixa etária do público alvo, passando de 17 a 23 anos para 17 a 26 anos. Com isso, o número de inscritos interessados no projeto em 2021 aumentou de tamanho, passando de 26 interessados na primeira edição para um total de 39 jovens inscritos na segunda edição.

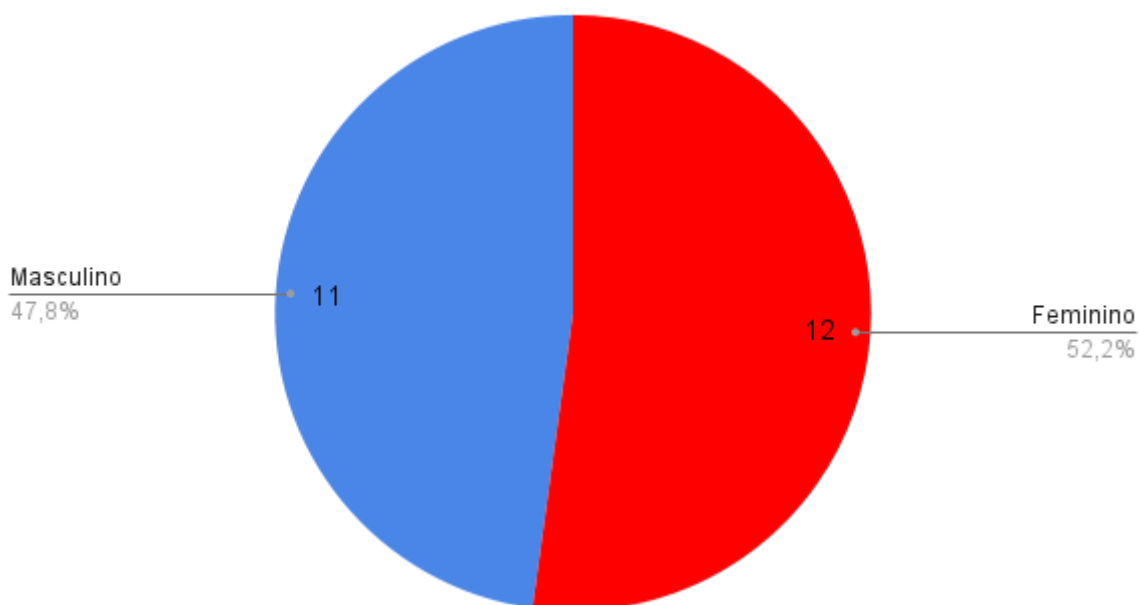
Enquanto participantes, dos 39 inscritos no total, 12 participaram do projeto e produziram ao longo dos encontros um desenho digital e o total de 51 imagens fotográficas. Mais uma vez houve uma mudança na relação entre os inscritos e os participantes, onde a questão étnico-racial se alterou, já que mais de 50% dos inscritos se autodeclararam pretos ou pardos e a partir da análise dos participantes, tivemos uma maioria de pessoas brancas. Outro dado que podemos perceber na relação entre os inscritos e os participantes é a questão de gênero, onde obtivemos mais de 50% de jovens mulheres inscritas e como participantes de fato, tivemos mais jovens do sexo masculino presentes na segunda edição do projeto.

Fazendo uma análise comparativa entre as duas edições do projeto online Entre Mapas e Mundos Virados (2021 - 2021), pode-se perceber que, mesmo com a ampliação da faixa etária, a idade se manteve em sua maioria de número de inscritos em 18 anos de idade. Entre os participantes da segunda edição, as idades se mantiveram na faixa dos vinte anos para mais, esse dado também pode ter influenciado na mudança de escolaridade entre os dois grupos, onde na primeira edição em sua maioria se tratavam de estudantes do Ensino Médio, na segunda edição, estávamos com um grupo de participantes estudantes universitários. Sobre a ampliação de cidades entre as oficinas, podemos perceber que dentro dos participantes, ainda se manteve em sua maioria jovens moradores da cidade de Duque de Caxias, o que não significou a ausência de ricas participações de moradores de cidades como Nova Iguaçu e Nilópolis.

Diante dos levantamentos, podemos traçar também um perfil dos jovens participantes do projeto como um todo, somando as três etapas realizadas, tivemos a participação de 23 jovens. Estes produziram três mapas afetivos, três desenhos digitais e 81 imagens fotográficas, diante do formulário de inscrição, podemos observar os seguintes dados:

Figura 94 - Dados de participação do projeto (continua)

Contagem de Gênero dos participantes do projeto



Contagem de Idade dos participantes do projeto

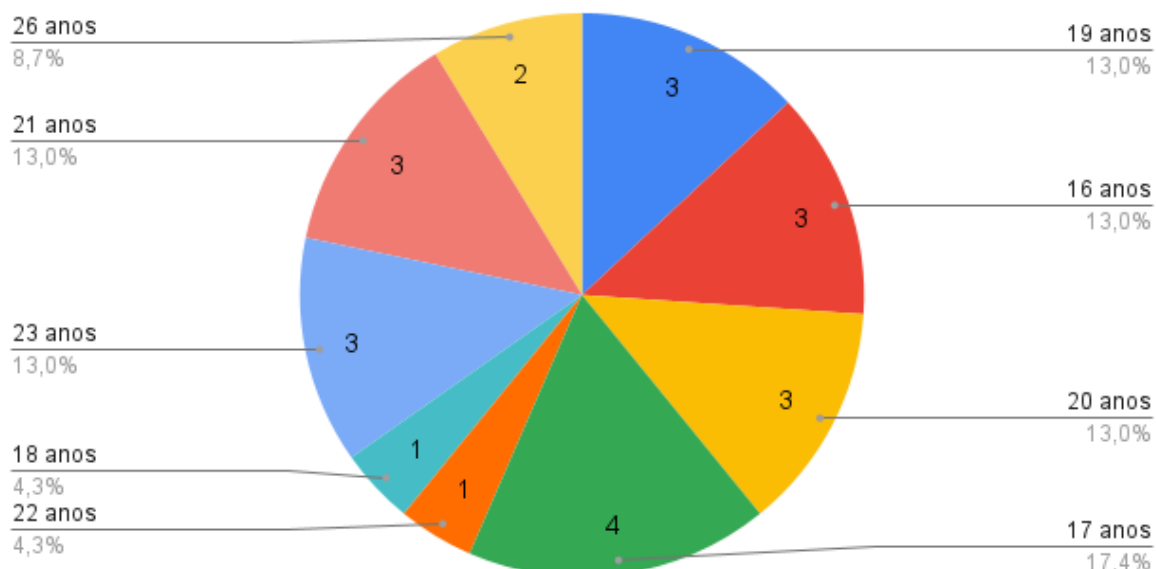
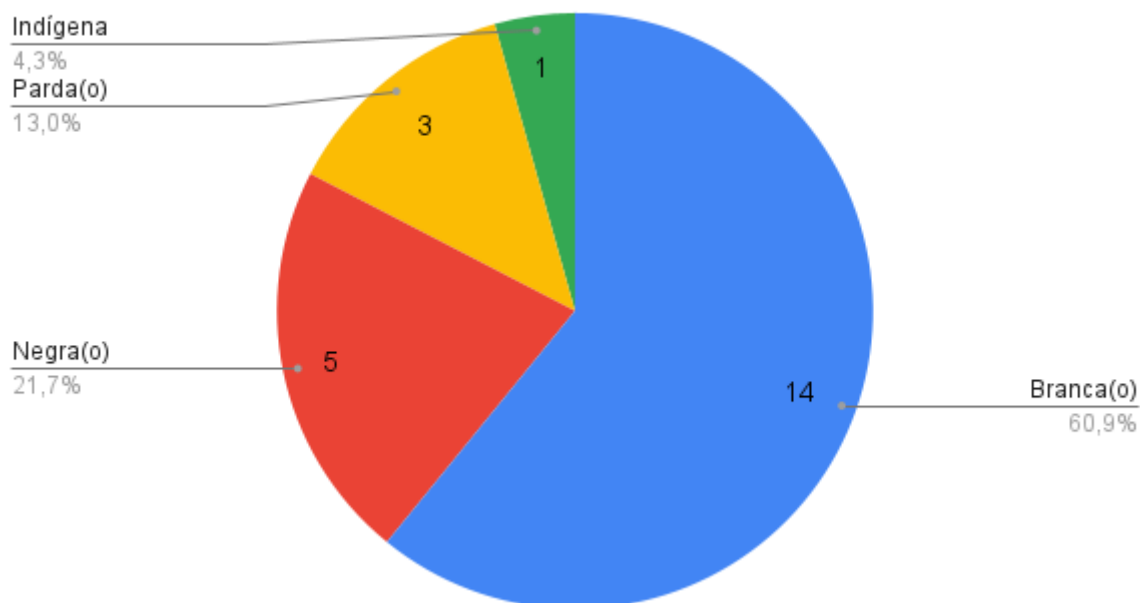


Figura 94 - Dados de participação do projeto (continuação)

Contagem de Cor dos participantes do projeto



Contagem de Cidade dos participantes do projeto

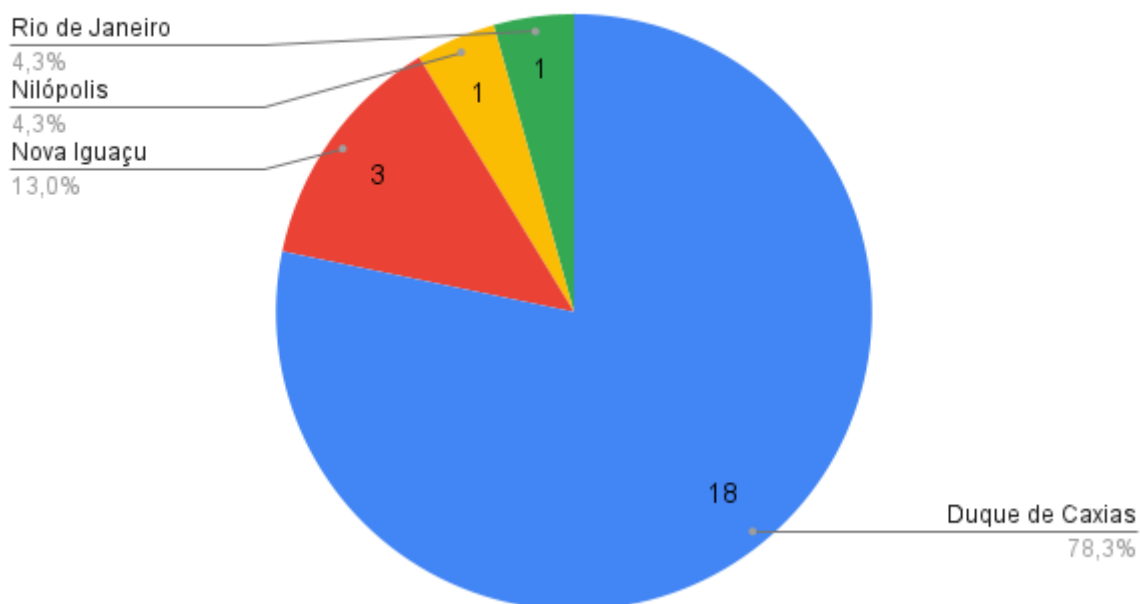


Figura 94 - Dados de participação do projeto (conclusão)



Fonte: A autora, 2021.

Logo, ao reunir os dados de inscrição dos jovens participantes do projeto Entre Mapas e Mundos Virados, podemos perceber que contamos com a participação de pessoas em sua maioria de gênero feminino, com idades entre 16 e 26 anos, em sua maioria de pessoas brancas moradoras da cidade de Duque de Caxias, com escolaridade entre concluindo o ensino médio e cursando uma graduação.

Mesmo que a presente pesquisa não tenha tido como principal referência ou como recorte delimitante as questões étnico-raciais ou de gênero para elencar o grupo de participantes, acredito ser importante destacar essas observações. A partir do levantamento de dados apresentados, é inevitável não salientar que ainda estamos tratando de um grupo de jovens moradores da Baixada Fluminense que, na complexa camada social, possuem algum tipo de privilégio, como o acesso e conexão estável à internet para acompanhar os encontros online e pela porcentagem de 60% de participantes brancos, quando dentro das porcentagens geral dos inscritos, a grande maioria se tratava de pessoas negras. Logo, percebemos que a minoria branca de inscritos se tornou maioria na conclusão do percurso. Mais uma vez ressalto aqui a força dessas barreiras e fronteiras sociais, políticas, econômicas, culturais e raciais na qual são impostas para os grupos atingidos pelo não pertencimento. Mesmo tratando de corpos periféricos enquanto moradores da Baixada Fluminense, essa disparidade étnico-racial, infelizmente dentro da pesquisa, não se apresentou diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da presente pesquisa se fez possível dialogar com a juventude moradora da Baixada Fluminense enquanto corpos que estão no embate para a construção de outras formas de entender, viver, ver e traduzir o seu território para si mesmos e para os outros. Podemos perceber como a temática do pertencimento se faz importante tanto para aqueles que conseguiram estar presentes nos encontros, fotografando, dialogando e se entendendo nos espaços da cidade e das artes, assim como para aqueles que por algum motivo chegaram somente até a inscrição do projeto demonstrando a intenção de fazer parte.

Entender as entrelinhas de ser e estar enquanto corpos dissonantes na cidade é despertar para compreender a força e a potência de ser e viver enquanto morador de realidades descentralizadas. Durante os encontros, compreendi as necessidades de mundo e os desejos de rua desses jovens que de uma forma ou de outra, buscam se locomover ativamente por seus sonhos e realizações pessoais. A fotografia é meio, é passagem e passaporte para registrar o momento e fazer dele coisa séria, feito eterno, história. Nos encontros, podemos absorver essa responsabilidade fotográfica a partir dos recortes realizados pelos jovens, diante dos relatos cheios de afetividades que perpassam desde a forma, a figura, a textura, o fundo, até a profundidade simbólica de uma montanha no final do horizonte.

Significados estes que geramos a partir das narrativas de vidas e da observação, percebendo a riqueza e a precariedade que é ser e estar na Baixada Fluminense, entendendo o que precisa ser valorizado enquanto raiz e identidade e o que precisa ser criticado enquanto problema social e desvalorização pública para com o coletivo e o território. Essa é uma linha tênue que perpassa diariamente a mente, o corpo e os olhos daqueles que vivem e circulam nos espaços das cidades. O projeto Entre Mapas e Mundos Virados abriu a oportunidade de diálogo entre os seus e para os seus, buscando entender e debater as realidades similares, compreendendo maneiras de atravessar de forma mais amena e atenta por um sistema que se faz presente na realidade daqueles que não nasceram em regiões de privilégio.

Ser, estar, acessar e pertencer, se tornaram possibilidades na fotografia, encontrando com o corpo presente no espaço da arte, no espaço da cidade, nas ruas e nos percursos. A fotografia abre o olho e apresenta atalhos, a educação se faz presente no diálogo, nossos corpos, mesmo que de forma remota, puderam então observar, contextualizar e produzir a partir do que foi apresentado e debatido. A arte-educação, a fotografia e a rua se apresentaram enquanto narrativas e meios de entender e perceber as práticas de vida compartilhadas.

REFERÊNCIAS

- ABRE caminhos. **Baco Exu do Blues**. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/cuXZ-hKzpqg>
Acesso em: 11 ago. 2020.
- ALEXANDRE, Maxwell. **Pardo é Papel**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:
https://inclusartiz.org/wp-content/uploads/2020/10/pardoepapel_catalogodigital_.pdf.
Acesso em: 15 out. 2020.
- ALEXANDRE, Maxwell. **Vídeo Institucional - Exposição Pardo É Papel Português**.
Disponível em: https://youtu.be/rghR_bIAMtY. Acesso em: 08 set. 2020.
- BARBOSA, A. M. Arte-educação pós colonialista no Brasil: aprendizagem triangular. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 2, p. 59-64, 1995. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36136>. Acesso em: 22 nov. 2021.
- BATISTTI, T. d. S., Lopes, E. S., Selva, M. R., & Rausch, R. B. (2016). Dialogando com Ana Mae Barbosa sobre Arte. **Atos de Pesquisa em Educação**, Universidade de São Paulo e Universidade Anhembi-Morumbi. Disponível em:
<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/4680/3287>. Acesso em: 22 nov. 2021.
- BASTOS, Flávia. O perturbamento do familiar: uma proposta teórica para a Arte/Educação baseada na comunidade. In: BARBOSA, Ana Mae (org.) **Arte/Educação Contemporânea**. Consonâncias Internacionais. São Paulo: Cortez. p. 227-244, 2010.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO et al. **Teoria da Cultura de massa**. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.
- BRITTO, F.; JACQUES, P. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. In: BRITTO, F.; JACQUES, P. (Orgs.). **Paisagens do Corpo**: Cadernos PPGAU –FAUFBA. Salvador, número especial, Edufba, p. 79-86, 2008.
- CARTIER-BRESSON, Henri. Transcrito de "O Momento Decisivo". **Bloch Comunicação**, nº 6 Bloch Editores, Rio de Janeiro, p. 19- 25, 2016.
<https://conteudos.files.wordpress.com/2016/02/o-momento-decisivo.pdf> Acesso em: 15 jun. 2021.
- COPPOLA, Horacio. **Horacio Coppola**: Visões de Buenos Aires. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2007.
- DAMM, Flávio. **Passageiro do Preto e Branco**. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2013.
- DÖRR, Luisa. **Firsts**. **Times Magazine**, 2017. Disponível em: <https://luisadorr.com/firsts>.
Acesso em: 15 jun. 2021.
- FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **O rapto ideológico da categoria subúrbio**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

FIRMO, Walter. Coleção Walter Firmo - Luz em corpo e alma. **Veja São Paulo**, 2012. <https://www.youtube.com/watch?v=fepXvi5qUnI>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FLUMINENSE, Casa. **Mapa da Desigualdade, Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. 2020. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://casafluminense.org.br/mapa-da-desigualdade/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

FREIRE, Leticia de Luna. **Próximo do saber, longe do progresso**: histórias de uma vila residencial no campus universitário da Ilha do Fundão - RJ. Niterói: Editora da UFF, 2014. - 247p. (Coleção Biblioteca).

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local**: novos ensaios em Antropologia Interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1999.

GOOGLE MAPS. **Site oficial de registro de localização da plataforma Google**. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-22.8674743,-43.5119519,40522m/data=!3m1!1e3>. Acesso em: 15 out. 2019.

GURAN, Milton. **Linguagem Fotográfica e Informação**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 1991. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/357569331/Milton-Guran-Linguagem-Fotografica-e-Informacao>. Acesso em: 16 jun. 2021.

HOCKNEY, David. **O Conhecimento Secreto**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001

IBGE CIDADES - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/japeri/panorama>. Acesso em 19/10/2019

IBGE CIDADES - **Site oficial: Composicao_RMs_RIDEs_AglomUrbanas_2019_06_30**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?> Acesso em: 10 dez. 2019, às 20:25

INÁCIO, Thaís. **Todo mapa tem um discurso**. (05min54s), 2014. Disponível em: <https://todomapatemumdiscurso.wordpress.com/trailer/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

KLEE, Paul. **Teoría del arte moderno**. Buenos Aires: Cactus, 2007, p 35.

LAGRANGE, Vladimir. **Assim Vivíamos... Vladimir Lagrange**. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2014.

MAIER, Vivian. **Site oficial: Vivian Maier**. Disponível em: <http://www.vivianmaier.com/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 35, p. 191-203, 1992. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1992.111360. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111360>. Acesso em: 22 nov. 2020.

MATTA, Roberto da. **Você tem Cultura?** Jornal da Embratel 1981.

MEIRINHO, Daniel. **Olhares em Foco - Fotografia participativa e empoderamento juvenil.** LabCom. Covilhã, 2016.

MELLO, Marco Antonio da Silva; SIMÕES, Soraya Silveira. Onde você mora?: propósitos e implicações do endereço. In: DUARTE, Cristiane; VILLANOVA, Roselyne de (org). **Novos olhares sobre o lugar:** ferramentas e métodos, da Arquitetura à Antropologia. Rio de Janeiro: Contra Capa; FAPERJ, 2013, p. 65-80.

MILLER, Daniel. **Notas sobre a pandemia:** Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. Blog do Sociólogo, 2020. [blogdosociologo.com] Disponível em: file:///Users/user/Downloads/Miller_Como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-convertido.pdf. Acesso em: 12 out. 2020.

MOKARZEL, M. **Navegante da luz:** Miguel Chikaoka e o navegar de uma produção experimental. Belém: Kamara Kó Fotografias, 2014.

MORESCHI, Bruno. **A história da Arte.** São Paulo, 2017. Disponível em: <https://historiadarte.cargo.site/sobre>. Acesso em: 10 dez. 2019

NIEMEYER, Oscar. Site Oficial, **Centro Cultural Duque de Caxias.** 2002. Disponível em: <http://www.niemeyer.org.br/obra/pro526>. Acesso em: 10 nov. 2020.

PAULINO, Rosana. **Diálogos Ausentes, Vozes Presentes.** São Paulo: Itaú Cultural, 2016. Disponível em: http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2016/12/di%C3%A1logosausentes_rosanapaulino-rev.pdf. Acesso em: 12 out. 2020.

PÉTONNET, Colette. Observação Flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. [Tradução de Soraya Silveira Simões]. **Antropolítica:** Revista Contemporânea de Antropologia. Niterói: EDUFF, 2008, p. 99-111.

PINTO RIBEIRO, António.. “Podemos descolonizar os museus?”, In PINTO RIBEIRO, António; RIBEIRO, Margarida Calafate (Orgs.). **"Geometrias da Memória:** Configurações Pós-coloniais". Porto: Afrontamento, 2016. p. 95-111.

ROUILLÉ, André. **Fotografia:** entre documento e arte contemporânea. SP: Ed Senac, 2009.

SETUR, **Cidades Maravilhosas.** Disponível em: <http://www.cidadesmaravilhosas.rj.gov.br/metropolitana.asp> Acesso em: 10 dez. 2019

SEIXO, Fabio. Clicar, em vez de viver, tornou-se norma. **Carta Capital,** 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/clicar-em-vez-de-viver-tornou-se-norma> Acesso em: 18 jun. 2018.

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade**: a formação social negro brasileira. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

SOLANO TRINDADE. **Biblioteca Comunitária Solano Trindade. História Local**. Disponível em: <http://bibliotecasolanotrindade.blogspot.com/p/cangulo.html> Acesso em: 02 nov. 2020.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SUPERVIA, **Site oficial: Saracuruna**. Disponível em: <https://www.supervia.com.br/pt-br/estacao/saracuruna> Acesso em: 10 dez. 2019.

TENREIRO, André. **Duque de Caxias**: a geografia de um espaço desigual. Nova Iguaçu, Rio de Janeiro:Entorno, 2015.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2007.

VAL, Ana Paula do. Cartografias Afetivas. In: BORDAS, Marie Ange (Ed.). **Caderno Sesc_VideoBrasil 09: geografias em movimento**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2013.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978, p. 1–13.

VERGER, Pierre. **Dorminhocos**. Rio de Janeiro: Tisara, 2018.

VIVOS. **BK' part. Baco Exu do Blues e Luccas Carlos (Gigantes)**. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/ahYlmhSQZ3c>. Acesso em: 11 ago. 2020.

ANEXO - Entre mapas e mundos virados

Figura 95 - Fotografias de Eduardo (continua)



Figura 95 - Fotografias de Eduardo (continuação)



Figura 95 - Fotografias de Eduardo (conclusão)



Fonte: EDUARDO, 2019.

Figura 96 - Fotografias de Estefani (continua)

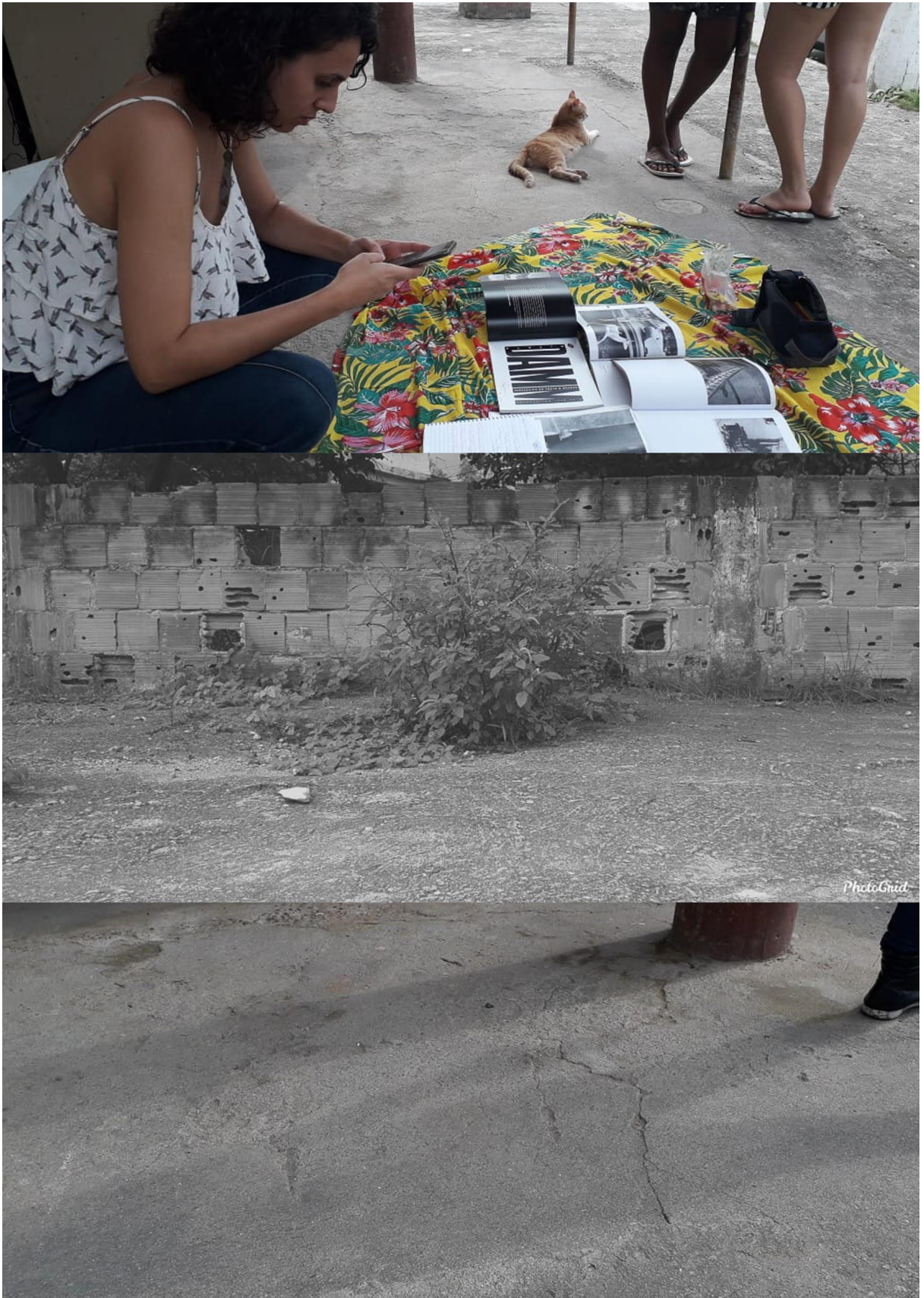


Figura 96 - Fotografias de Estefani (conclusão)



Fonte: ESTEFANI, 2019.

Figura 97 - Fotografias de Gabrielle (continua)



Figura 97 - Fotografias de Gabrielle (continuação)



Figura 97 - Fotografias de Gabrielle (conclusão)



Fonte: GABRIELLE, 2019.

Figura 98 - Fotografias de Raissa (continua)



Figura 98 - Fotografias de Raissa (continuação)



Figura 98 - Fotografias de Raissa (continuação)



Figura 98 - Fotografias de Raissa (conclusão)



Fonte: RAISSA, 2019.

Figura 99 - Fotografias de Emanuelle (continua)



Figura 99 - Fotografias de Emanuelle (continuação)



Figura 99 - Fotografias de Emanuelle (continuação)



Figura 99 - Fotografias de Emanuelle (continuação)

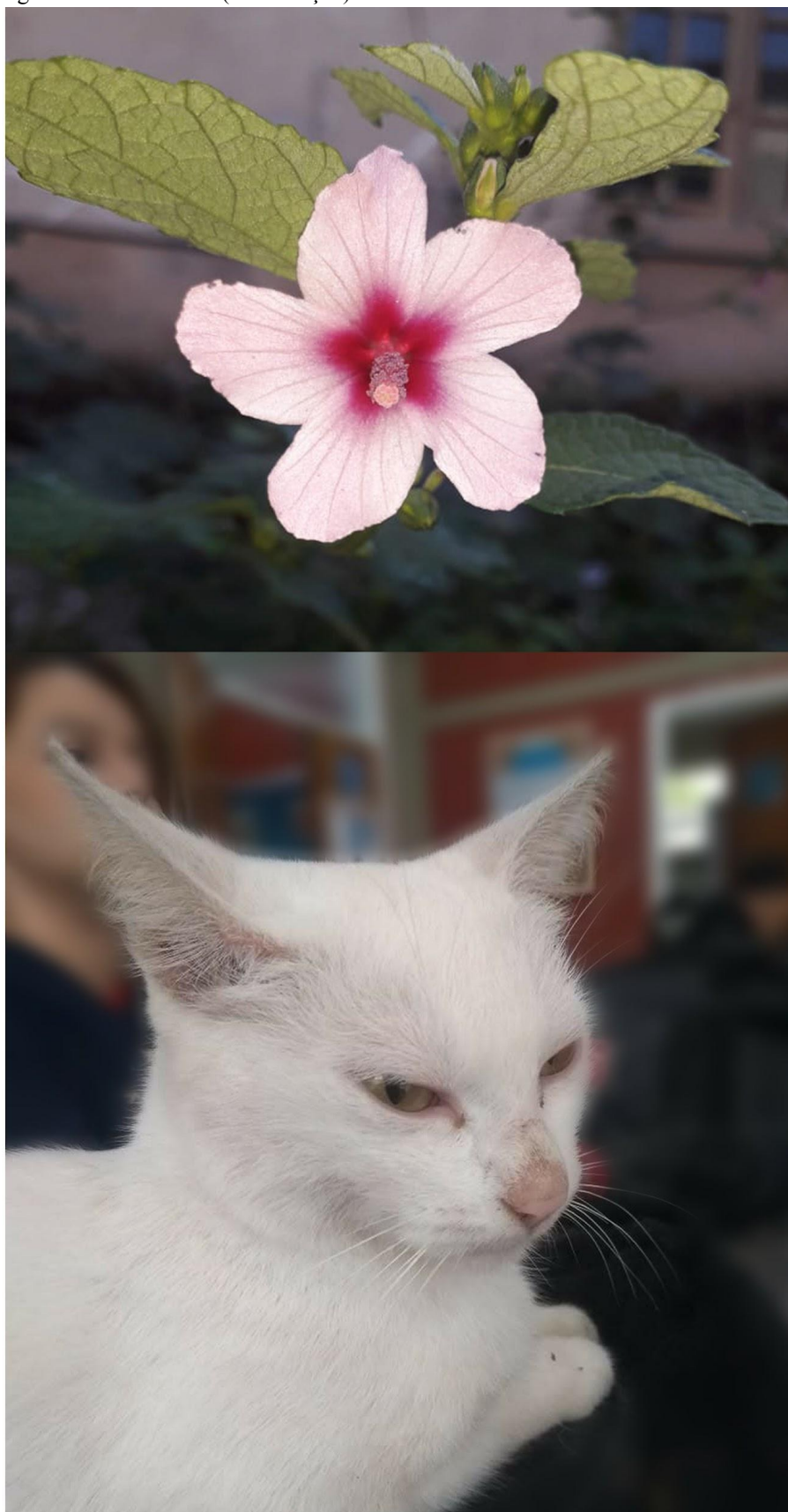


Figura 99 - Fotografias de Emanuelle (continuação)



Figura 99 - Fotografias de Emanuelle (conclusão)



Fonte: EMANUELLE, 2020.

Figura 100 - Fotografias de Davi



Fonte: DAVI, 2021.

Figura 101 - Fotografias de Esther (continua)



Figura 101 - Fotografias de Esther (continuação)



Figura 101 - Fotografias de Esther (continuação)



Figura 101 - Fotografias de Esther (continuação)



Figura 101 - Fotografias de Esther (continuação)



Figura 101 - Fotografias de Esther (continuação)

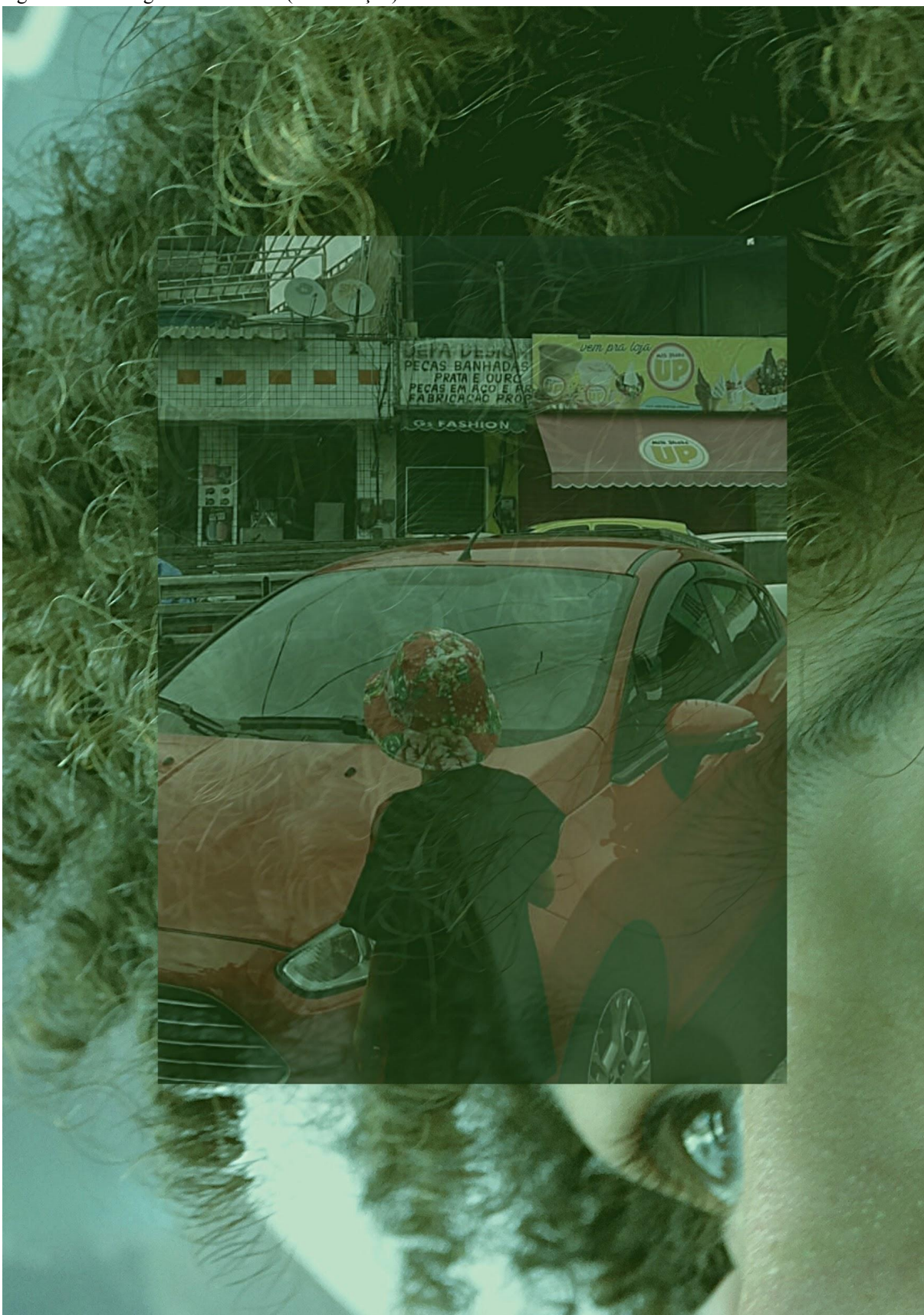


Figura 101 - Fotografias de Esther (conclusão)



Fonte: ESTHER, 2021.

Figura 102 - Fotografias de Flávia (continua)



Figura 102 - Fotografias de Flávia (continuação)



Figura 102 - Fotografias de Flávia (continuação)



Figura 102 - Fotografias de Flávia (continuação)



Figura 102 - Fotografias de Flávia (continuação)



Figura 102 - Fotografias de Flávia (conclusão)



Fonte: FLÁVIA, 2021.

Figura 103 - Fotografias de Gisele (continua)



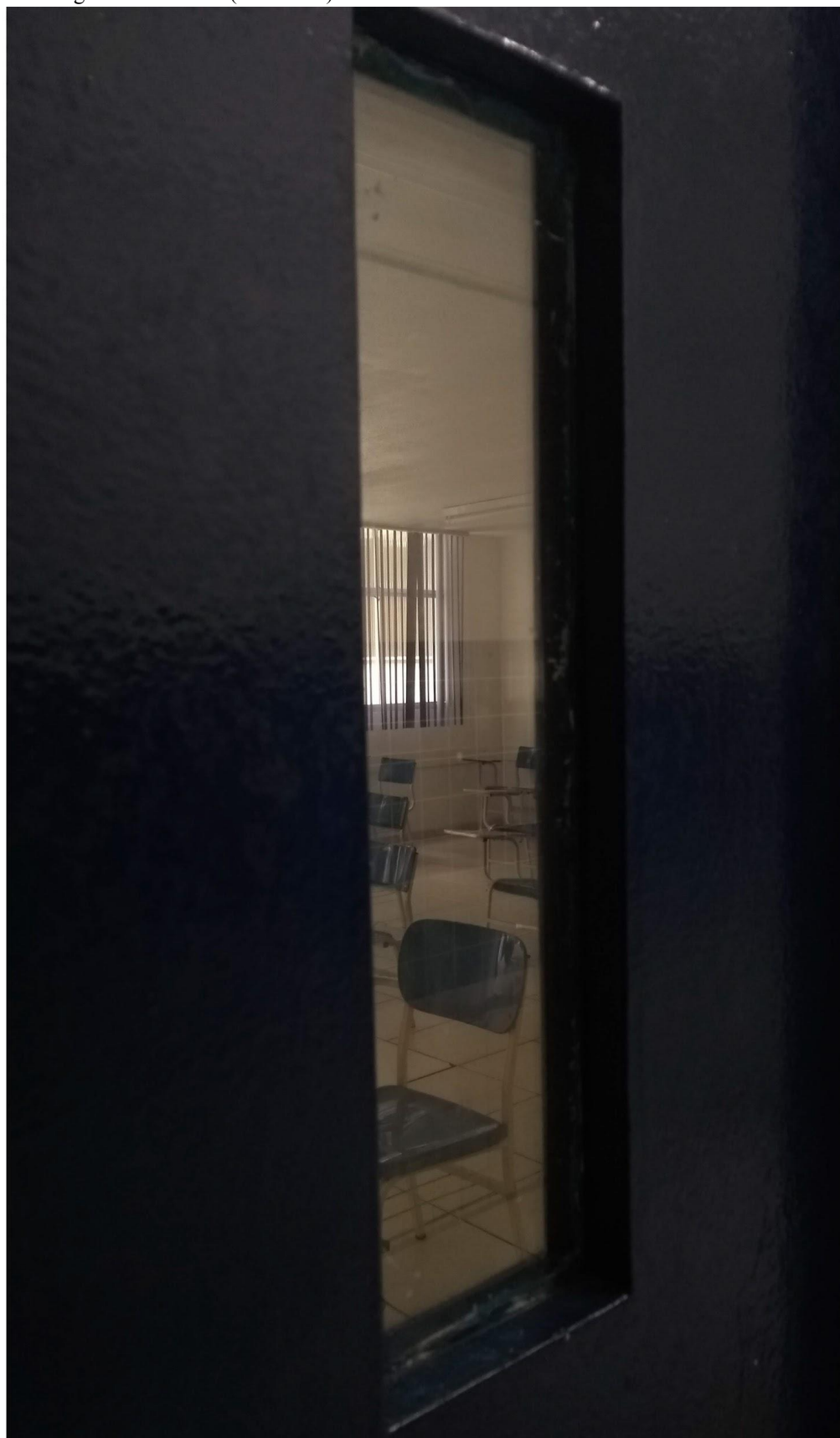
Figura 103 - Fotografias de Gisele (continuação)



Figura 103 - Fotografias de Gisele (continuação)



Figura 103 - Fotografias de Gisele (conclusão)



Fonte: GISELE, 2021.

Figura 104 - Fotografias de Larissa (continua)



Figura 104 - Fotografias de Larissa (continuação)



Figura 104 - Fotografias de Larissa (continuação)



Figura 104 - Fotografias de Larissa (continuação)

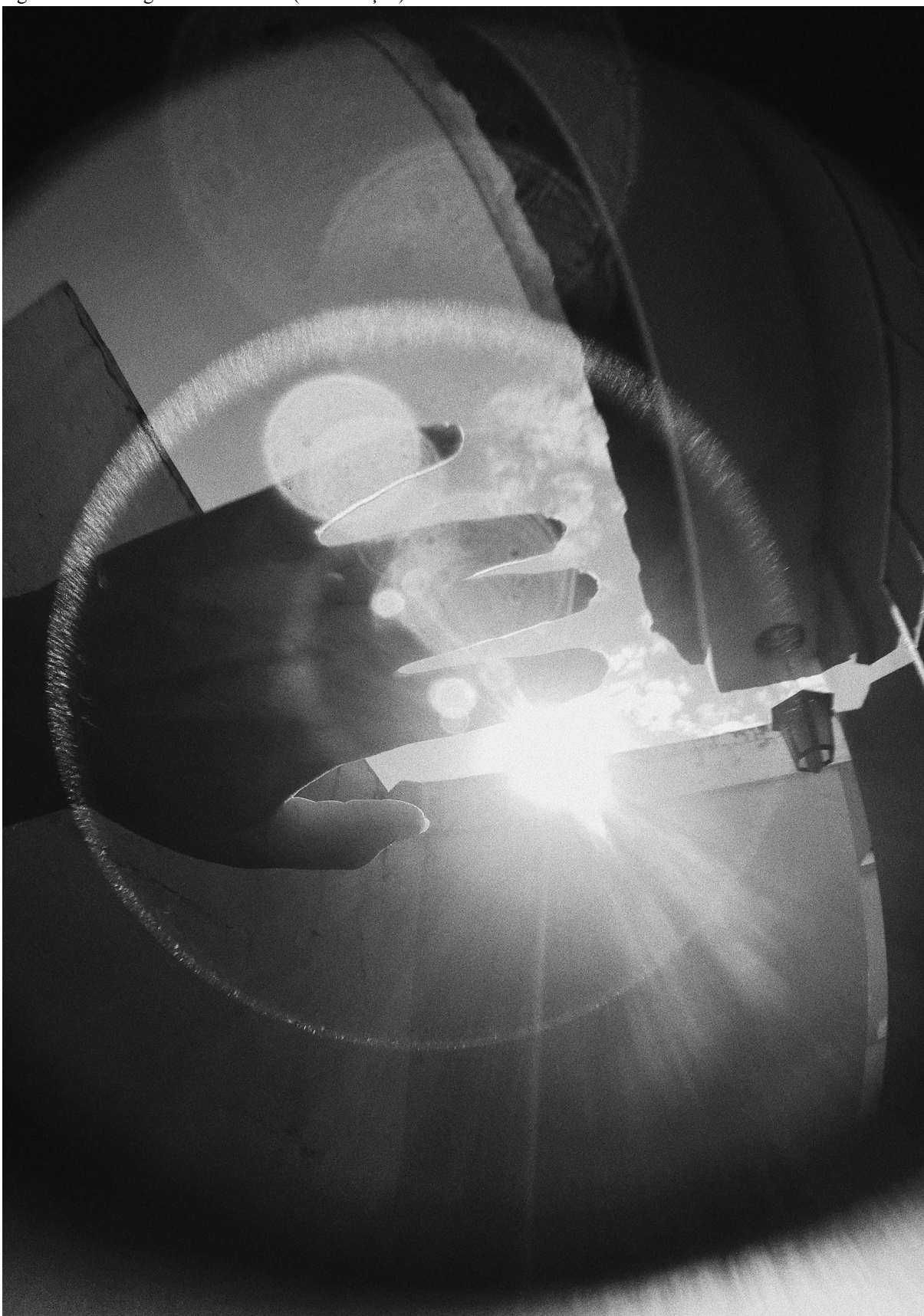


Figura 104 - Fotografias de Larissa (conclusão)



Fonte: LARISSA, 2021.

Figura 105 - Fotografias de Leonardo (continua)



Figura 105 - Fotografias de Leonardo (continuação)



Figura 105 - Fotografias de Leonardo (continuação)



Figura 105 - Fotografias de Leonardo (conclusão)



Fonte: LEONARDO, 2021.

Figura 106 - Fotografias de Luís (continua)



Figura 106 - Fotografias de Luís (continuação)



Figura 106 - Fotografias de Luís (continuação)



Figura 106 - Fotografias de Luís (conclusão)



Fonte: LUÍS, 2021.

Figura 107 - Fotografias de Melissa (continua)



Figura 107 - Fotografias de Melissa (conclusão)



Fonte: MELISSA, 2021.

Figura 108 - Fotografias de Ronald (continua)



Figura 108 - Fotografias de Ronald (continuação)

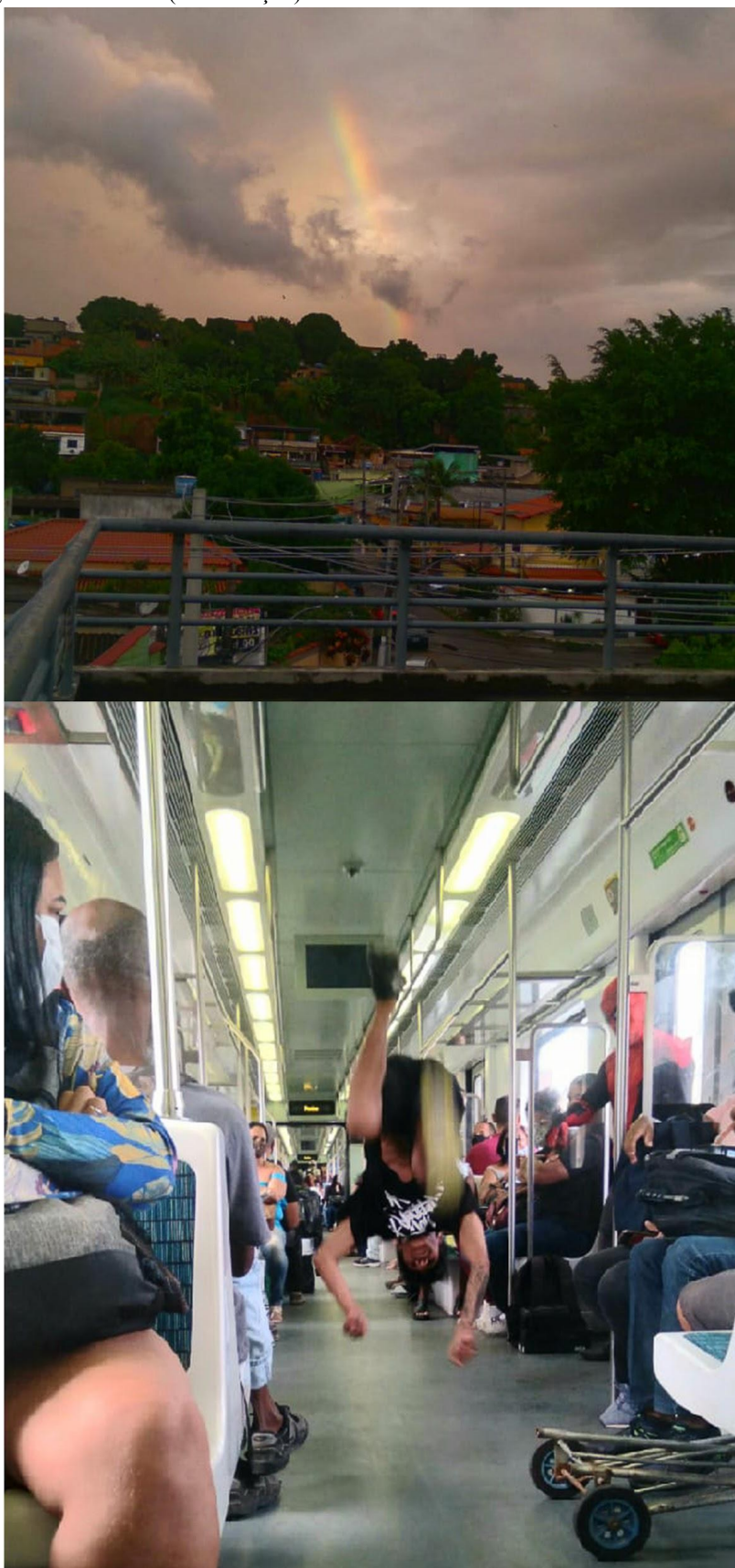


Figura 108 - Fotografias de Ronald (continuação)



Figura 108 - Fotografias de Ronald (continuação)



Figura 108 - Fotografias de Ronald (conclusão)



Fonte: RONALD, 2021.